



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
DOUTORADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**HISTÓRIA AMBIENTAL E ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRAS:  
UM COMPARATIVO EM TERRITÓRIOS NO NORTE ITALIANO E AO  
NORTE DO RIO TAQUARI/RS**

Janaíne Trombini

Lajeado/RS, dezembro de 2020

Janaína Trombini

**HISTÓRIA AMBIENTAL E ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRAS:  
UM COMPARATIVO EM TERRITÓRIOS NO NORTE ITALIANO E AO  
NORTE DO RIO TAQUARI/RS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari, como parte da exigência para obtenção do grau de Doutora em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento, na área de concentração Espaço, Ambiente e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque

Coorientador: Prof. Dr. Luis Fernando Beneduzi

Lajeado/RS, dezembro de 2020

Janaíne Trombini

**HISTÓRIA AMBIENTAL E ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRAS:  
UM COMPARATIVO EM TERRITÓRIOS NO NORTE ITALIANO E AO  
NORTE DO RIO TAQUARI/RS**

A Banca Examinadora abaixo aprova a Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do grau de Doutora em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento, na área de Concentração Espaço, Ambiente e Sociedade:

---

Dr. Luís Fernando da Silva Laroque - Universidade do Vale do Taquari

---

Dr. Luis Fernando Beneduzi – *Università Ca’Foscari, Veneza, Itália.*

---

Dra. Júlia Elisabete Barden - Universidade do Vale do Taquari

---

Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini – Universidade Federal de Santa Maria

---

Dra. Marluza Marques Harres – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Lajeado/RS, dezembro de 2020

## AGRADECIMENTOS

Dedico a todos que tiveram sua parcela e contribuíram para realizar esta pesquisa. No decorrer destes quatro anos vivi coisas inexplicáveis e também difíceis, conheci pessoas que levo comigo por cada momento singular e tive um amadurecimento pessoal e profissional. O ano de 2020 foi um ano diferente dos últimos, da grande Pandemia Covid-19 que atingiu a todos nós. Então, os cuidados foram redobrados e os momentos de escrita da tese foram efetuados em casa. Primeiramente agradeço imensamente ao protetor maior, à Deus - pela proteção, saúde e estar comigo em todos os momentos.

A minha família, minha mãe Leda e meu pai Joares pela educação, amor, cuidado, ajuda e principalmente, por me apoiarem nas escolhas. A meu irmão Leandro e cunhada Daniela que sempre me incentivaram. Meus amados nonos, os maternos Balduino e Tranquila (*in memorian*) que desde o convívio ainda criança me incentivaram a estudar, ler e ser humilde. E os paternos Santo e Dora (agora *in memorian*), os quais pude conviver a maioria do tempo, sempre com suas instigantes histórias ao redor do fogão a lenha e um bom chimarrão, estimulando sempre continuar. Mas a vida prega surpresas e após meu retorno da Itália em poucos meses não estiveram mais comigo. A convivência com vocês será sempre lembrada!

A minha tia Rita, que é minha segunda mãe e tem um dos princípios mais preciosos - a generosidade. Sempre me diz: “Tu vais conseguir, vai dar tudo certo”. E como não lembrar das palavras de carinho das minhas amigas Cuca, Bruna, Joana, Jana e Nice. À minha afilhada Rafaella, que encanta a todos pela sua doçura e por despertar sentimentos de amor, mesmo não estando presente em mais momentos de sua vida. Os anos de convivência da família do

“AP 201” ao Jefferson, Natália, Karla, Tuani e Ana Paula, pelas conversas, jantas e belas lembranças.

E como a vida prega surpresas, também conheci uma pessoa muito especial, meu namorado Fabiano, o “Mano”, tão querido e atencioso. Obrigada por tentar entender meu mundo diverso do seu, estar comigo, escutar, apoiar e compartilhar tantos bons momentos.

Em especial, a Universidade do Vale do Taquari – Univates, pelos últimos seis anos de vivência e ao apoio financiado da bolsa integral – CAPES/PROSUC e Bolsa Doutorado Sanduíche (PDSE). Sem estas duas instituições nada teria acontecido. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, pelas aulas e conhecimentos compartilhados. Aos colegas do curso, pelas discussões e trocas, eventos, momentos de descontração e incentivo.

Ao meu professor e orientador Dr. Luís Fernando da Silva Laroque que estamos juntos nessa caminhada há mais de oito anos, desde o tempo que iniciei com o projeto de extensão com os Kaingang e pela orientação do trabalho de conclusão do Curso de História sobre o Combate do Fão, que ainda hoje possibilita bons resultados. Desde a orientação da dissertação e também na tese, sempre com os puxões de orelha, boas orientações, conselhos, provocações para os “desapaixonamentos”, as conversas e estímulo. Sempre me lembrarei com carinho do senhor, por seu apoio e amizade, além de sua simplicidade, competência e dedicação nas revisões e sugestões.

Concomitante, um dos maiores sonhos e objetivos desta tese foram realizados com a Bolsa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) durante seis meses na Itália com uma experiência maravilhosa. Viver sozinha do outro lado do Atlântico foi perceber emoções jamais sentidas. Itália é linda, histórica e o sentimento de conhecer o ambiente dos antepassados foi algo inexplicável! Por isso, agradeço ao professor e coorientador Luís Fernando Beneduzi que se prontificou a colaborar, coorientar e incentivar esta pesquisa bem como Universidade *Ca’Foscari de Venezia*, Itália, quando pude estudar disciplinas e conhecer pessoas do mundo todo. Aliás viver nesta cidade “particular”, proporcionou conhecer uma história viva, a presença de muitos turistas, conhecida pelo seu carnaval de máscaras, linda por todos os lados e com muitas ilhas. Afinal, *Veneza é più bella!!!*

Assim, não posso deixar de agradecer a todos os italianos e os amigos que fiz, a Bárbara por me acolheu em sua casa e ajudou em diversas situações. Os “parentes” italianos de longe antecedência que abriram suas portas e se dedicaram a compartilhar suas histórias.

Principalmente das pessoas e famílias da região norte da Itália (Vêneto, Trentino Alto-Ádige e Lombardia) que me ajudaram e “contaram” tantas histórias do ambiente e vida dos antepassados. Aos museus, arquivos e biblioteca que pesquisei por agregar ainda mais a pesquisa. Aos autores italianos Grosselli, Franzina e Perco que desde o início vinha lendo e que tive prazer de conhecê-los. Aos novos amigos brasileiros e italianos Denise, Bruneli, Isabelle, Rafaelle, Danila, Agnes, Irene, Gianfranco, Maria Pia pelas aventuras, ajuda e escuta. Todos foram fundamentais.

Ao projeto “Identidades Étnicas em espaços territoriais da bacia hidrográfica Taquari-Antas: história, movimentações e desdobramentos socioambientais”, o qual atuo como voluntária desde 2015. Aos demais colegas e projetos do laboratório que conheci, do chimarrão diário, discussões, sugestões e pelas inúmeras saídas à campo em todos os municípios do Vale do Taquari adquirindo ainda mais entendimento sobre as populações que se encontram no Vale. Agradeço-lhes a partilha de bons momentos, a ajuda e os estímulos nas alturas de desânimo, meu muito obrigado!

Grande parte das informações desta pesquisa não seria possível sem os relatos e acolhimento dos italianos e descendentes de imigrantes italianos, entre alguns que partiram (*in memoriam*) no decorrer da escrita da tese. Agradeço imensamente os interlocutores entrevistados, tanto nos territórios do rio Taquari como no norte da Itália, que compartilharam suas histórias de vida e nos receberam prontamente em suas casas. Assim, gratificar aos demais colaboradores: Associações ítalo-brasileiras – Ismael, Airton e Sônia, acervos, museus, prefeituras, entre outros pela confiança, colaboração e incentivo.

Agradeço muito a professora Maria Eloísa Spadoni, que conheci desde a preparação da língua italiana em 2016, pela ajuda e incentivo com as traduções, proporcionando também encontros únicos. Aos colegas e amigos do curso de italiano pelos cafés e momentos compartilhados.

Aos professores da banca avaliadora professora Júlia Elisabete Barden, professora Maria Catarina Chitolina Zanini e professora Marluza Marques Harres, que prontamente aceitaram avaliar o trabalho e tecer contribuições, sugestões e incentivo.

Conhecer, analisar e propor conexões a partir do contexto histórico-ambiental italiano, das regiões norte italianas e os territórios ao norte do rio Taquari foi uma superação da pesquisadora, uma experiência única. Espero sensibilizar o leitor para que me acompanhe nesta incursão.

Gratidão, gratidão a todos!!! *Grazie mille a tutti!!!*

*Mérica Mérica*

*Dalla Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arriva'.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*E alla Merica noi siamo arrivati  
no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiám dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*“A gratidão é o único tesouro dos humildes.”*

*(William Shakespeare)*

## RESUMO

Os imigrantes italianos e descendentes que ocuparam os territórios ao norte do rio Taquari/RS a partir do final do século XIX são oriundos do norte italiano - Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige, e encontraram no território emigrado um ambiente que apresentava semelhanças e diferenças com a região de origem. Os problemas levantados para investigação foram: Quais semelhanças e diferenças ambientais apresentavam os territórios ítalo-brasileiros? Quais situações e relações sócio-políticas são possíveis observar no decorrer do processo histórico nos territórios ítalo-brasileiros? Que atividades agropecuárias foram desenvolvidas e suas relações com os respectivos ambientes ítalo-brasileiros? A pesquisa investigou a História Ambiental dos italianos, imigrantes italianos e descendentes em espacialidades ítalo-brasileiras e o objetivo consistiu em analisar de forma comparativa o ambiente, questões sócio-políticas e as atividades agropecuárias entre os territórios ao norte da Itália e ao norte do rio Taquari entre os anos de 1860 a meados da década de 1910, apontando semelhanças e diferenças. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e comparativa, recorreu-se a revisão bibliográfica e pesquisa documental em arquivos na Itália e no Rio Grande do Sul. Realizou-se ainda pesquisa de campo com incursões etnográficas gerando diários de campo e a utilização da História Oral, tendo como amostragem vinte e quatro famílias interlocutoras em espacialidades ítalo-brasileiras. Os dados foram analisados como base em aportes teóricos da História Ambiental, espacialidades territoriais e atividades econômicas. Os resultados confirmaram a tese proposta evidenciando que as correlações ambientais nas regiões apresentam características distintas no que se refere ao relevo com altitudes no norte italiano de até 4.000m e ao norte do rio Taquari com apenas 1.000m. Enquanto as semelhanças referem-se à posição territorial geográfica ao “norte”, clima com invernos rigorosos e rios principais como é o caso do Pó e Taquari. Respectivamente ambos territórios possuem espécies da flora em família conífera e da fauna como a lebre (*Lepus*), Serelepe (*Sciurus ingrami*) e o cervo (*Cervidae*). Em situações sócio-políticas identificou-se similaridade em questões fundiárias, agrárias e da Primeira Guerra Mundial. As atividades econômicas possuem afinidades resultantes do desmatamento para as práticas agropecuárias, como a exploração madeireira, vitivinicultura, milho, feijão, trigo, gado e suinocultura, as quais eram voltadas para subsistência e fins comerciais onde o imaginário do homem domesticando a natureza foi bastante operante. Vale salientar que ao analisar questões ambientais ítalo-brasileiras abordou-se aspectos sobre recursos naturais, a biodiversidade e manejo florestal, portanto relacionados às Ciências Ambientais e alinhados a metas e Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Constatou-se, por fim, que investigando a História Ambiental

foi possível acompanhar as ações do grupo étnico em estudo e as modificações que suas atividades socioeconômicas geram no meio ambiente.

**Palavras-chave:** História Ambiental. Territórios Ítalo-brasileiro. Atividades Agropecuárias.

## ABSTRACT

The Italian immigrants and descendants who occupied the territories north of the Taquari River / RS from the end of the 19th century are from northern Italy - Veneto, Lombardia and Trentino Alto-Adige, and found in the emigrated territory an environment that presented similarities and differences with the region of origin. The problems raised for investigation were: What similarities and environmental differences did the Italian-Brazilian territories present? What socio-political situations and relations are possible to observe during the historical process in the Italian-Brazilian territories? What agricultural activities were developed and their relationship with the respective Italian-Brazilian environments? The research investigated the environmental history of Italians, Italian immigrants and descendants in Italian-Brazilian spatialities and the objective consisted of comparatively analyzing the environment, socio-political issues and agricultural activities between the territories in the north of Italy and in the north of the river Taquari between the years 1860 and the mid-1910, pointing out similarities and differences. The research had a qualitative and comparative approach, bibliographic review and documentary research in archives in Italy and Rio Grande do Sul was used. Field research was also carried out with ethnographic incursions generating field diaries and the use of Oral History, sampling twenty-four families interlocutors in Italian-Brazilian spatialities. The data was analyzed based on theoretical contributions of environmental history, territorial spatialities and economic activities. The results confirmed the proposed thesis, showing that the environmental correlations in the regions present different characteristics with regard to the relief with altitudes in the north of Italy up to 4,000m and in the north of the river Taquari with only 1,000m. While the similarities refer to the geographic territorial position to the "north", climate with harsh winters and main rivers such as Pó and Taquari. Respectively both territories have species of flora in a coniferous family and fauna such as the hare (*Lepus*), Serelepe (*Sciurus ingrami*) and the deer (*Cervidae*). In socio-political situations, similarity was identified in land, agrarian and World War I issues. It is worth mentioning that when analyzing Italian-Brazilian environmental issues, aspects of natural resources, biodiversity and forest management were addressed, therefore related to Environmental Sciences and aligned with the goals and Objectives of Sustainable Development. Finally, it was found that by investigating Environmental History it was possible to follow the actions of the ethnic group under study and the changes that their socioeconomic activities generate in the environment.

**Keywords:** Environmental History. Italian-Brazilian territories. Agricultural activities.

## RIASSUNTO

Gli immigranti italiani ed i suoi discendenti che dalla fine del secolo XIX, occuparono i territori al nord del fiume Taquari/RS, furono oriundi dal nord italiano ovvero dal Veneto, dalla Lombardia e dal Trentino Alto Adige. Nel territorio emigrato incontrarono un ambiente che presentava somiglianze e differenze con le regioni d'origine. I problemi per l'investigazione furono: Quali somiglianze e differenze dell'ambiente presentavano i territori Italo-Brasiliani? Quali situazioni e rapporti sociopolitici si potevano osservare nel percorso del processo storico nei territori Italo-Brasiliani? Quali attività agricole ed allevamento di animali furono sviluppati ed i suoi rapporti con i rispettivi ambienti Italo-Brasiliani? L'indagine ha investigato la storia ambientale degli italiani, immigranti italiani e discendenti negli spazi Italo-Brasiliani e l'obiettivo è stato analizzare in forma comparativa gli ambienti, argomenti sociopolitici e le attività agricole ed allevamento di animali tra i territori del nord Italia con il nord del fiume Taquari verso gli anni 1860 e metà del decennio 1910, indicando somiglianze e differenze. La ricerca si è basata sull'approccio qualitativo e comparativo, ci si è rinchiuso a delle revisioni bibliografiche e ricerca documentale ad archivi in Italia e nel Rio Grande do Sul. Ci si sono fatte delle indagini con incursioni etnografiche generando dei diari di visita in loco e l'utilizzo della Storia Orale, tenendo come campioni ventiquattro famiglie interlocutori nelle spazialità Italo-Brasiliane. I dati sono stati analizzati come base nei contributi teorici della storia Ambientale, spazialità territoriali ed attività economiche. I risultati hanno confermato la tesi proposta mostrando che le correlazioni Ambientali nelle regioni presentano caratteristiche differenti riguardo al rilievo con altitudini nel nord italiano da oltre 4.000 metri ed al nord del fiume Taquari con soltanto 1.000 metri. Mentre le somiglianze si ritengono alla posizione territoriale geografica al "nord", clima con dei rigidi inverni ed i fiumi principali com'è il caso del Pò e Taquari. Entrambi i territori rispettivamente hanno specie della flora delle famiglie conifere e della fauna come la lepre (*Lepus*), scoiattolo (*Sciurus ingrami*) ed il cervo (*Cervidae*). Nelle situazioni sociopolitiche si è identificata somiglianza riguardo al territorio, all'agronomia e alla Prima Guerra Mondiale. Le attività economiche hanno affinità risultante dalla deforestazione per le pratiche nell'agricoltura ed allevamento di animali così come la esplorazione del legname, viticoltura, mais, fagioli, frumento, allevamento di bovini e di suini, i cui venivano adoperati per la sussistenza e per il commercio dove operativamente l'immaginazione dell'essere umano addomesticava la natura. Vale risaltare che analizzando fatti Ambientali Italo-Brasiliani si

sono utilizzati gli approcci ed aspetti sulle risorse naturali, sulla biodiversità e gestione forestale, perciò relazionato alle Scenze Ambientali ed allineato a scoppi ed Obbiettivi dello Sviluppo Sostenibile. Alla fine, si è costatato che ricercando la Storia Ambientale è stato possibile acompagnare le azioni del gruppo etnico studiato e le trasformazioni che le attività socioeconomiche hanno suscitato nel ambiente.

**Parole chiave:** Storia Ambientale. Territori Italo-Brasiliiani. Attività agricole ed allevamento di animali

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alpes na província de Beluno .....	90
Figura 2 – Neve ao norte do rio Taquari na década de 1960.....	91
Figura 3 – Mapa relevo da região norte ítala.....	93
Figura 4 – Mapa relevo ao norte do rio Taquari.....	95
Figura 5 – Os rios Pó, Ádige e Piave no norte italiano .....	97
Figura 6 – Rio Taquari e seus afluentes .....	99
Figura 7 e 8 – Espécies de abeto ( <i>Abies</i> ).....	108
Figura 9 – Espécie de faia ( <i>Fagus</i> ).....	109
Figura 10 – Espécie de pioppo ( <i>Populus</i> ).....	109
Figura 11 – Araucária ( <i>Araucaria angustifolia</i> ).....	115
Figura 12 – Erva-mate ( <i>Ilex paraguariensis</i> ) .....	116
Figura 13 – Corça ( <i>Capreolus capreolus</i> ) .....	128
Figura 14 – Cervo ( <i>Cervidae</i> ).....	128
Figura 15 – Lobo ( <i>Canis lupus</i> ).....	129
Figura 16 – Graxaim ( <i>Cerdocyon thous</i> ).....	129
Figura 17 - Lebre ( <i>Lepus europaeus</i> ) .....	129
Figura 18 - Lebre da montanha ( <i>Lepus timidus</i> ) .....	129
Figura 19 – Serelepe ( <i>Sciurus ingrami</i> ).....	130
Figura 20 - Coruja ( <i>Athene noctua</i> ).....	131
Figura 21 – Perdiz ( <i>Alectoris rufa</i> ).....	132
Figura 22 – Jacu ( <i>penelope</i> ) .....	132
Figura 23 – Urso ( <i>Ursus</i> ).....	133
Figura 24 - Marta ( <i>Martes martes</i> ) .....	133
Figura 25 – Raposa ( <i>Vulpes vulpes</i> ) .....	133
Figura 26 – Texugo ( <i>Meles meles</i> ) .....	133
Figura 27 – Jaguaritica ( <i>Felis pardalis</i> ) .....	134
Figura 28 - Quati ( <i>Nasua nasua</i> ) .....	134
Figura 29 - Tatu ( <i>Dasypus</i> ).....	134
Figura 30 -Tamanduá ( <i>Myrmecophaga</i> ).....	134
Figura 31 – Bugio ( <i>Alouatta fusca</i> ) .....	135
Figura 32 - Anta ( <i>Tapirus terrestris</i> ).....	135
Figura 33 – Galo lira ( <i>Lyrurus tetrrix</i> ).....	135
Figura 34 – Perdiz ( <i>R. rufescens</i> ) .....	135

Figura 35 – Nambu ( <i>Crypturellus tataupa</i> ).....	135
Figura 36 – Tucano ( <i>Ramphastidae</i> ) .....	135
Figuras 37 – Caças no norte italiano .....	138
Figura 38 – Caça com cães ao norte do rio Taquari .....	140
Figuras 39 – Armadilhas utilizadas pelos camponeses no norte italiano e ao norte do rio Taquari durante século XIX e início do XX.....	141
Figura 40 - Cornos e cabeças de camurça ( <i>Rupicapra rupicapra</i> ) e corça ( <i>Capreolus capreolus</i> ).....	142
Figura 41 - Formação da Itália logo após a Unificação de 1871 .....	151
Figura 42 – Mapa da região norte italiana estudada.....	155
Figura 43 - Mapa das Companhias Colonizadoras e particulares em territórios à margem direita e norte do rio Taquari .....	159
Figura 44 – Espacialidades das colônias de Encantado e Guaporé .....	164
Figura 45 – 3 ° distrito de Lajeado - Bela Vista do Fão em 1910 .....	169
Figura 46 - Colônia Encantado.....	171
Figura 47 – Planta do Povoado de Nova Bréscia .....	173
Figura 48 – Mapa da colônia Guaporé e seus distritos.....	177
Figura 49 – Inauguração do distrito de General Osório .....	179
Figura 50 – Representação de uma família italiana no porto de Gênova – Líguria .....	204
Figura 51 – Dom João Batista em Encantado em 1904.....	212
Figura 52 – <i>Cascina</i> interna em Cremona, Lombardia .....	219
Figura 53– Carro de cargas para madeiras longas .....	236
Figura 54 – Italianos e o desmatamento .....	239
Figuras 55 e 56 – Serrarias na província de Beluno – região do Vêneto .....	240
Figura 57 – <i>Zattiere</i> no rio Piave.....	242
Figura 58 e 59 – Casas edificadas no início do século XX na colônia Encantado.....	245
Figura 60 e 61 – Instrumentos para o corte das madeiras nos territórios .....	247
Figuras 62 e 63 – Madeiras em territórios ao norte do rio Taquari no início do século XX .....	249
Figura 64 – Balsa sobre o rio Taquari na colônia Guaporé.....	250
Figura 65 – Colheita de erva-mate no barbaquá da família Auler.....	256
Figura 66 – Produção de milho na pré-montanha.....	267
Figura 67 – Preparação da terra e semeadura do trigo .....	271
Figura 68 – Parreiral de vinho no Vêneto .....	275
Figura 69 - Filoxera .....	276
Figura 70 – Máquina de verderame e solfatrice .....	277
Figura 71 – Máquina de sulfatar.....	277
Figuras 72 e 73 – Ciclo do bicho da seda.....	281
Figura 74 - Manguá feito com madeira e couro de animais .....	287
Figura 75 – O estábulo .....	291
Figura 76 – Bois e vacas no auxílio da agricultura.....	292
Figura 77 – Criação de suínos em espaços livre no norte italiano .....	295
Figuras 78 e 79 – Criação de ovinos nos territórios ítalo-brasileiros .....	299
Figura 80 – Tropas de mulas e comércio no distrito de Nova Bréscia – colônia Encantado .....	301
Figura 81 – Pousada dos Tropeiros no distrito de Arvorezinha .....	302
Figura 82 – Tropa de mulas e cavalos .....	303

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Zonas atitudinais e principais espécies de flora.....	107
Quadro 2 – Zonas atitudinais e principais espécies de flora ao norte do rio Taquari.....	113
Quadro 3 - Espécies de fauna no norte italiano .....	122
Quadro 4 – Principais espécies de fauna ao norte do rio Taquari .....	126
Quadro 5 - Ciclo de migração e surgimento de colônias.....	165

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMOINHOS	Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari
ACIRS	Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul
ANPUH	Associação Nacional dos Professores Universitários de História
ASSIBRE	Associação Cultural Ítalo-brasileira de Encantado
BAUM	Biblioteca Area Umanistica
BEC	Biblioteca Area Economica
CODEVAT	Conselho de Desenvolvimento Regional do Vale do Taquari
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
EBSCO	<i>eBook Academic Collectione</i>
EMATER	Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
FEE	Fundação de Economia e Estatística
HALAC	Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABIMHA	Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental
MEM	Memoria e Migrazioni
MUSE	Museo dele Scienze
M9	Museo del 900'
PDSE	Programa De Doutorado Sanduíche No Exterior
PPGAD	Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento
SIE	School for International Education
SOLCHA	Sociedade Latinoamericana e Caribenha de História Ambiental
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNESCO

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a  
Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2 O ESTADO DA ARTE, APORTES TEÓRICOS E MÉTODO.....</b>	<b>31</b>
2.1 Literatura do norte italiano, imigração italiana no Rio Grande do Sul e na porção norte do rio Taquari.....	32
2.2 História Ambiental, espacialidades territoriais e atividades econômicas como aportes teóricos/conceituais.....	44
2.2.1 História Ambiental e o estado da arte .....	44
2.2.2 Espacialidades territoriais .....	54
2.2.3 Atividades econômicas .....	56
2.3 Procedimentos Metodológicos .....	60
2.3.1. Instrumentos de Pesquisa .....	64
2.3.2 Coleta de Dados .....	66
2.3.3 Análise de dados .....	72
2.3.4 Critérios Éticos .....	78
<b>3 HISTÓRIA AMBIENTAL EM ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRA: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NO NORTE ITALIANO E NA PORÇÃO NORTE DO RIO TAQUARI.....</b>	<b>82</b>
3.1 Conhecendo a fisionomia ambiental ítalo-brasileira: a geografização a partir dos elementos naturais .....	82
3.1.1 Clima ítalo-brasileiro: do mediterrâneo ao subtropical .....	86
3.1.2 Relevo ítalo-brasileiro: dos Alpes às planícies .....	92
3.1.3 Hidrografia ítalo-brasileira: dos três principais rios italianos ao rio Taquari.....	96
3.2 <i>Che foresta/ambiente hanno lasciato e poi hanno trovato?</i> .....	100
3.2.1 Ambiente de flora entre norte da Itália e norte do rio Taquari/RS.....	101
3.2.2 Ambiente de fauna entre norte da Itália e norte do rio Taquari/RS .....	119
3.2.2.1 A Caça nos territórios ítalo-brasileiros .....	136
Fonte: Museu Histórico Municipal Padre Luchinio Viero .....	141
<b>4 ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRAS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NA CONFIGURAÇÃO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL.....</b>	<b>144</b>
4.1 A formação territorial ítalo-brasileira: regiões norte da Itália e territórios ao norte do rio Taquari .....	145

4.2 A terra da partida: a formação territorial “norte italiana” a partir da Unificação	147
4.3 Chegada ao sul do Brasil: a formação das colônias.....	156
4.3.1 As colônias ao norte do rio Taquari.....	163
4.3.1.1 Território “mãe”: a colônia Conventos e seus desdobramentos .....	166
4.3.1.2 “Nova Colônia” - Encantado .....	170
4.3.1.3 “Nova Colônia” - Guaporé .....	175
<b>5 QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E ECONÔMICAS NOS TERRITÓRIOS ÍTALO-BRASILEIROS.....</b>	<b>184</b>
5.1 Contexto sociopolítico e histórico entre Itália e Brasil.....	185
5.2 As investigações sociais do ambiente ítalo-brasileiro: <i>Le Inchieste</i> na Itália e os boletins nas colônias italianas no sul do Brasil .....	195
5.3 As fases da (e)migração ítalo-brasileira e “ <i>la cocagna</i> ” .....	200
5.4 <i>Qui siamo mezzadri o fittavoli, in America possiamo essere possidente</i> .....	213
5.4.1 Uma propriedade grande – <i>La Cascina</i> .....	218
5.5 A Primeira Guerra Mundial nos territórios ítalo-brasileiros .....	224
<b>6 COMPARATIVO DAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS E IMPACTOS AMBIENTAIS ENTRE OS TERRITÓRIOS ÍTALO-BRASILEIROS .....</b>	<b>231</b>
6.1 As florestas, os bosques e o mato: um primeiro contato .....	231
6.1.1 A utilização das madeiras e as serrarias.....	239
6.1.2 “ <i>Abbiamo trovato una novità</i> ”: a erva-mate ( <i>Ilex paraguariensis</i> ) e sua produtividade.....	251
6.2 Analogia das atividades agrícolas e suas formas de produção nos territórios ítalo-brasileiros .....	258
6.2.1 O “ <i>mais</i> ” e sua produção nos territórios ítalo-brasileiros .....	266
6.2.2 “ <i>Il frumento</i> ” – outro cereal relevante .....	269
6.2.3 “ <i>Le vite</i> ”: os parreirais e a uva nos territórios ítalo-brasileiros .....	273
6.2.4 <i>Baco da seda</i> e as plantações de “gelso” ( <i>Morus</i> ) .....	280
6.2.5 “ <i>Il Fagiolo</i> ” .....	284
6.3 Atividades pecuaristas nos territórios pesquisados.....	287
6.3.1 <i>Vacum</i> .....	290
6.3.2 <i>Il maiale</i> : os suínos e seus derivados .....	294
6.3.3 Ovelhas e cabras .....	298
6.3.4 Muar e cavalos .....	300
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>307</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>320</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>351</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta tese trata da História Ambiental do grupo regional<sup>1</sup> italiano em territórios do norte italiano e do grupo étnico<sup>2</sup> dos imigrantes italianos e descendentes localizados ao norte do rio Taquari/Rio Grande do Sul, Brasil. Durante o século XIX, os italianos localizados na porção norte da Itália caracterizavam-se como *contadini*<sup>3</sup>, *braccianti*<sup>4</sup>, *fittavoli*<sup>5</sup> ou *mezzadri*<sup>6</sup> (BERGAMASCHI; GIRON, 2004). Nesta mesma época, as transformações que aconteceram no mundo capitalista também atingiram o meio rural italiano e muitos de seus habitantes emigraram para diversos espaços globais em busca de uma vida melhor, movimento que no final do século XIX culminou na chegada destes imigrantes ao Brasil e ao Rio Grande do Sul a partir de 1875 (FRANZINA, 2006). O governo imperial brasileiro fornecia medidas estimulando a imigração europeia como transporte gratuito, concessão de um lote rural, instrumentos de trabalho e ajuda financeira para o processo inicial de ocupação (HERÉDIA; PAVIANI, 2003).

Os dados numéricos sobre o período da grande emigração (1870-1920) são não concensuais por partes dos pesquisadores. Segundo Costa e De Boni (1982) entre os anos de 1870 e 1913 mais de 24 milhões deixaram a Itália. Trento (1988), por sua vez, apresenta informações dos anos de 1875 a 1914 somaram-se cerca de 15 milhões de emigrantes

---

<sup>1</sup> Entende-se grupo regional ou local para os italianos do norte da Itália, pois muitos emigraram diretamente de sua região ou localidade, mantendo dialeto local, costumes e práticas (ZANINI, 2008).

<sup>2</sup> Segundo Barth ([1969]2000), o conceito de grupo étnico pode ser entendido como uma organização social, que possui características de uma população que partilha uma cultura em comum. Desse modo a identidade étnica dos italianos e seus descendentes podem estar vinculados ao pertencimento de seu grupo pelas atividades que desenvolvem desde o tempo dos antepassados. Também se ressalta que a etnicidade se define nas fronteiras. Ou seja, quando há o contato entre grupos distintos, as fronteiras tendem a emergir por meio das diferenças e que o conteúdo, os traços culturais, podem se modificar, todavia os indicativos de pertencimento continuam os mesmos.

<sup>3</sup> Termo em italiano utilizado nesta tese que significa camponeses, colonos.

<sup>4</sup> Trabalhadores braçais.

<sup>5</sup> Inquilinos

<sup>6</sup> Meeiro, arrendatário.

italianos: 3 milhões e 500 mil de vênnetos, trentinos e friulanos, 2 milhões de piemonteses, 1 milhão e 500 mil de lombardos, 1 milhão de emilianos, 1 milhão de toscanos, 1 milhão de abruzzanos, 1 milhão de calabreses, 1,7 milhões de campanos e 1,6 milhões de sicilianos. De toda essa grande emigração, dois terços tinham como destino a América, como Brasil e Argentina. Estendendo-se a 1935, entraram no Brasil cerca de 1,5 milhão de italianos (HERÉDIA, 2004).

Vale ressaltar que mesmo com a Itália Unificada em 1870, do ponto de vista geográfico, econômico, das noções de pertencimento, dialetos e modos de produção diversos, apresentavam características distintas. Para Zanini (2008), durante o processo de emigração ao Brasil, não se sentiam pertencentes ao Estado nacional unificado, mas tinham vinculação maior ao seu *paese*. A partir do processo migratório é que a identificação nacional passou a contingir o “ser italiano” no qual se inseriam em uma terra nova.

Estes italianos migrados estabeleceram-se e fundaram núcleos populacionais pelas Províncias de São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul, atual Rio Grande do Sul (TRENTO, 1988). As áreas destinadas à colonização italiana no Brasil estavam diretamente ligadas às mudanças fundiárias estabelecidas na Lei de Terra de 1850, que determinavam que as terras que não fossem ocupadas nas Províncias deveriam voltar à jurisdição do governo Imperial. As terras não legalizadas, denominadas de devolutas, seriam as áreas destinadas à colonização (MANFROI, 2001).

De acordo com Franzina (2006) e Bertonha (2005), milhares de italianos foram convencidos por propagandas e garantias, e se aventuraram no deslocamento para América acautelando o sonho de se tornar proprietários de terras, fazer fortuna – “*la cuccagna*”<sup>7</sup>, e garantir uma vida com mais conforto para a família. A terra como mercadoria representava para estes agricultores - “posse” e ascensão social, espaços para plantar e colher (BERGAMASCHI, GIRON, 2004). Além da crise, das guerras e das relações capitalistas que avançaram no Continente Europeu, o fator “propriedade” no caso italiano tinha sua aquisição ligada ao significado do trabalho. Sendo assim, a dedicação ao trabalho faz parte da imagem de família do “ethos” de colono e de um processo global de reestruturação econômica, social e política em territórios do Brasil e norte da Itália (TEDESCO, 2000).

O processo imigratório para o Brasil tinha duas interfaces: uma oficial sendo a **colonização**, que visava ocupar e povoar zonas equivocadamente propagandeadas como

---

<sup>7</sup> Lugar ideal, de boa sorte.

“desocupadas” e a outra, chamada de **imigração**, a qual era estimulada pelo governo para a obtenção de braço livre e interesses para a grande lavoura, como uma mão de obra barata (BARROS; LANDO, 1996). Corroborando com a ideia colonizatória, Bergamaschi e Giron (2004) destacam que colonização significa a ação de ocupar a terra, portanto um projeto político iniciado desde o Estado Colonial português visando tornar as terras definidas por eles como “desocupadas” em terras produtivas no Brasil. Tratando-se do conceito de imigração, Sayad (1998) enfatiza estar relacionado com o deslocamento de pessoas para um espaço físico, tendo em vista a sua ocupação; o indivíduo designado como imigrante é uma “força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”, cuja condição é revogável a qualquer tempo.

Torna-se relevante também especificar outros conceitos ou termos utilizados nesta pesquisa como **emigração** e **migração**. Segundo o glossário sobre imigração (2009, p. 24), o termo emigração pode ser caracterizado como o “abandono ou saída de um território com a finalidade de se instalar noutro”. Já o termo migrante, segundo o glossário (2009, p. 43) é complexo e “[...] não existe uma definição universalmente aceita de migrante”. Em consequência, este termo aplica-se às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias.

Na região sul do Brasil, este processo de deslocamento transoceânico pode ser considerado como colonizatório, pois aliado à política de ocupação territorial e lucros econômicos, visava povoar terras ditas como “desabitadas” e consequentemente este ambiente foi transformado pelo surgimento de novas paisagens, em que animais e plantas tiveram habitat e ecossistema impactados (GERHARDT, 2013; TROMBINI, 2016). No caso em análise, pela ocupação dos territórios por indivíduos designados por **imigrantes italianos** – os italianos chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de meados da década de setenta do século XIX até início do século XX com a proposta de trabalhar, principalmente na agricultura.

Nesta pesquisa utiliza-se também o conceito de *colono* italiano por se tratar da questão macro espacial e territorial, a partir de 1860 do século XIX até meados dos anos de 1910 do século XX. Segundo Bergamaschi e Giron (2004, p. 31), colono é “aquele que cultiva o espaço destinado à agricultura e a mão de obra indispensável que faz a terra produzir”. Reforça-se com a ideia de Seyferth (1986) ao destacar que o termo “colonos estrangeiros” era uma categoria destinada para todos os imigrantes que adentraram o Brasil e assim, reassumem uma origem diferenciada, mais precisamente na região sul durante o século XIX e que tinham também sinônimo de “civilizador”. Zanini (2008, p. 141-142), também informa que colonos

“são trabalhadores da terra, assentados na organização do trabalho familiar nas pequenas e médias propriedades que reivindicam uma origem distinta no contexto do Estado nacional brasileiro”.

Gerhardt (2013) ainda enfatiza que o termo colono no contexto da emigração pode ser conceituado como os camponeses livres, imigrantes provenientes da Europa durante grande fluxo populacional iniciado no século XIX. Além do mais, esse processo emigratório perdurou até a década de 1930 e seus descendentes nascidos no Brasil tornaram-se proprietários de pequenos lotes rurais nos quais trabalhavam prioritariamente os membros da família. A designação de colono perdurou até o século XXI, mas a partir de 2006 com a lei 11.326 passou-se à denominação de produtor rural.

Ressalta-se também que se utiliza nesta tese denominações diferentes para tratar dos italianos e descendentes em espacialidades ítalo-brasileiras: **italianos** para os que se localizam no norte da Itália e **imigrante italiano** para os que adentraram no Brasil, Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari. Os **descendentes** de italianos não são imigrantes italianos e entende-se como as várias gerações que continuam mantendo laços de origem. E ainda **ítalo-brasileiro**, uma construção identitária entre os descendentes a partir de um conjunto de bens culturais (BENEDUZI, 2004).

A imigração visava o povoamento e estabelecimento de pequenos agricultores para voltarem-se à produção de alimentos básicos por meio de **atividades agropecuárias**. Assim, destacam-se a partir dos cultivos e produções realizados pelos italianos e imigrantes italianos e seus descendentes nos territórios ítalo-brasileiros a definição também de atividade agropecuária como o processo do trabalho na terra com os cultivos de vegetais e a criação de animais (ROCHA, 1999). Corroborando com esta ideia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as atividades agropecuárias compreendem informações relativas à economia de produção, bens e serviços consumidos, e entre outros aspectos, às atividades específicas da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. Essas atividades produtivas manuseiam elementos naturais como o solo, água, fauna, flora e clima e ainda os fatores negativos, tais como as pragas.

A pesquisa tem como delimitação espacial territórios localizados no norte italiano como as regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige e espacialidade das colônias de Conventos, Encantado e Guaporé ao norte do rio Taquari, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Assim, considerando as relações ambientais, territoriais e das atividades desenvolvidas pelos italianos e imigrantes italianos e seus descendentes nos territórios pesquisados

designou-se nesta tese o campo espacial de **espacialidades ítalo-brasileiras**. O recorte temporal definido para a pesquisa se estende da década de 1860 até meados da década de 1910. Priorizou-se o ano de 1860 pelo fato de anteceder os movimentos de Unificação Italiana e também entender o contexto da situação social, política e econômica da Itália, responsável para que muitos italianos emigrassem ao Brasil em busca de uma vida melhor. Relativo aos anos da década de 1910 entende-se como um período de continuidade do contexto emigratório, marcado também pela Primeira Guerra Mundial e com seu fim, anexação do Trentino Alto-Ádige.

No caso dos territórios ao norte do rio Taquari, a chegada dos italianos e descendentes são decorrentes de migrações internas iniciadas pela demarcação e venda de terras por companhias colonizatórias e particulares. Inicialmente, contextualizou a partir de 1854 as terras pertencentes à colônia Conventos, em 1878, com a fundação da colônia Encantado e, em 1892, com a formação da colônia Guaporé. Além do mais, um estudo comparativo, conforme o proposto, torna-se relevante tendo em vista que os descendentes de italianos ao norte do rio Taquari são oriundos da região norte italiana, o que favorece a compreensão da sua história de vida, atividades econômicas e relações com a natureza em espacialidades ítalo-brasileiras.

Na perspectiva territorial e da geografia, utiliza-se neste estudo dois outros conceitos importantes: **espacialidade** e **território**. O primeiro, espacialidade, entende-se como as formas sociais de apropriação-utilização dos recursos de um determinado espaço geográfico, gerando novas relações de produção; e o segundo território como um conceito complexo e entendido pela construção da atividade humana em determinado espaço e todas as dimensões que caracterizam um determinado recorte socioespacial (HAESBAERT, 2010; SERPA, 2013).

Assim, da mesma forma analisa-se todo o contexto ambiental ítalo-brasileiro no que se refere aos elementos naturais, às relações com o espaço físico e conseqüentemente às formas de transformações ambientais decorrentes do norte da Itália e ao norte do rio Taquari. Por isso, a **História Ambiental**, conforme Worster (1991) e Pádua (2001), é relevante para analisar as relações entre homem e ambiente. A categoria ambiente compreende o conjunto de elementos abióticos (físicos e químicos) e bióticos (flora e fauna), organizados em diferentes ecossistemas naturais e sociais em que se insere o homem, individual e socialmente. O homem fazendo parte deste espaço, estabelece relações diretas com os outros elementos naturais, resultando assim em possíveis degradações ambientais.

Salienta-se por fim, que investigar as relações do grupo étnico italiano nas espacialidades ítalo-brasileiras envolveu as transformações ambientais e as atividades agropecuárias, sejam elas para fins de subsistência ou comercial. Desde o final do século XIX a imigração italiana tem contribuído para o desenvolvimento de **atividades econômicas**, bem como desdobramentos ambientais nos espaços colonizados por eles (BUBLITZ, 2004). Assim, o sistema econômico exerce dupla pressão sobre o meio ambiente, utilizando seus recursos e conseqüentemente proporcionando degradações. Os resultados de todas as ações do homem criam assim a ilusão de que crescendo a economia, tem-se desenvolvimento (FURTADO, 1974).

Considerando o contexto apresentado, tanto os imigrantes italianos como seus descendentes em territórios do Rio Grande do Sul tinham famílias que trabalhavam com atividades agropecuárias e mantinham relações diretas com o ambiente para obtenção de gênero para sobrevivência e atividades econômicas. Assim, torna-se importante conhecer e registrar estas conexões transoceânicas, que tipos de atividades desenvolviam e quais foram os impactos gerados nos territórios ocupados. Considerando de forma comparativa o contexto histórico, as percepções e relações ambientais dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes no período que se estende de 1860 até meados de 1910, as **problematizações** que nortearam a pesquisa são: Quais semelhanças e diferenças ambientais apresentavam os territórios ítalo-brasileiros? Quais situações sócio-políticas são possíveis observar no decorrer do processo histórico e nas relações com os territórios ítalo-brasileiros? Que atividades agropecuárias foram desenvolvidas e quais suas relações com os respectivos ambientes ítalo-brasileiros?

Assim, a **tese** proposta considera que os territórios ítalo-brasileiros - no norte da Itália e ao norte do rio Taquari possuem alguns aspectos ambientais semelhantes mas outros distintos no que se relaciona a características geográficas e ambientais (clima, relevo, hidrografia, fauna e flora) situações sócio-políticas (questões fundiárias e guerra) e atividades agropecuárias (exploração madeireira, vitivinicultura, milho, feijão, trigo, gado, suinocultura e muares), as quais eram voltadas para atividades de subsistência e comerciais, permeadas pelo imaginário do homem domesticando a natureza. As especificidades ambientais em ambos os territórios exigiram também uma negociação do homem com a natureza para sua sobrevivência e com vista a (re)produção das atividades econômicas, muitas vezes utilizando-se de práticas destrutivas dos ecossistemas como, por exemplo, o desmatamento e extinção de espécies.

Assim, o **objetivo** principal do estudo é analisar de forma comparativa o ambiente, questões sócio-políticas e as atividades agropecuárias entre as espacialidades ítalo-brasileiras durante os anos de 1860 até meados da década de 1910, apontando semelhanças e diferenças para compreensão da História Ambiental deste grupo étnico.

Os **objetivos específicos** são:

- a) Contextualizar o ambiente e a geografia ítalo-brasileira a partir da História Ambiental e suas principais semelhanças e diferenças;
- b) Analisar espacialidades ítalo-brasileira e sua formação territorial do norte italiano – Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige e os territórios ao norte do rio Taquari;
- c) Contextualizar do ponto de vista histórico, social e econômico a região norte italiana e os territórios ao norte do rio Taquari no que se refere às questões migratórias e socioeconômicas;
- d) Comparar as atividades agropecuárias e os impactos ambientais nos territórios ítalo-brasileiros.

Neste passo, no comparativo de elementos ambientais, sociais, políticos e econômicos entre os territórios ítalo-brasileiros **justifica-se** como uma investigação na área das Ciências Ambientais, pois é uma tese que aborda as relações e ocupação dos italianos e imigrantes italianos e descendentes com o ambiente no que se refere às atividades agropecuárias atendo-se às atividades ítalas trazidas, às mantidas e àquelas que se modificaram/atualizaram no território no decorrer do processo histórico. Também a opção pelo estudo de migrações transoceânicas decorre sobre a necessidade de aprofundamentos de trabalhos acadêmicos que refletem sobre a perspectiva da História Ambiental comparada, como é o caso entre os territórios do norte italiano e o norte do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. Aliás, entende-se que o mesmo mereceu ser analisado, pois representa conexões ambientais e observa as atividades econômicas em ambos os espaços.

A presente tese se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari – Univates e ao projeto de pesquisa “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas: história, movimentações e desdobramentos socioambientais”. Neste projeto de pesquisa institucional a doutoranda atuou como pesquisadora voluntária durante seis anos, participando em discussões teóricas, pesquisas bibliográficas e documentais, investigação em campo, seja em acervos familiares, seja em registros de diários de campo, em entrevistas com

as informações de acontecimentos e práticas socioambientais contidas na memória dos interlocutores e a suas transcrições.

Enfatiza-se, ainda, que a pesquisa está ligada à Área de Concentração Espaço, Ambiente e Sociedade e à Linha de Pesquisa de Espaços e Problemas Socioambientais. A proposta da linha de pesquisa visa estudar as interações entre sociedade e natureza, ocupações humanas, implicações entre desenvolvimento, organizações produtivas e sociais, políticas públicas, saúde e ambiente, sustentabilidade e práticas culturais. A partir disso, reitera-se o fato de contemplar e comparar dados referentes às relações sócio-históricas, ambientais e às atividades econômicas dos italianos da região norte da Itália e dos imigrantes italianos e seus descendentes ao norte do rio Taquari.

Vale também salientar que a tese consiste na continuidade e avanço da pesquisa de mestrado, cujo título da dissertação é “Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e práticas culturais”, desenvolvida no mesmo programa entre os anos de 2015 e 2016. Durante o mestrado priorizou-se trabalhar especificamente com a Microrregião Oeste do Vale do Taquari, que compreende os municípios de Progresso, Pouso Novo, Marques de Souza e Travesseiro, investigando a História Ambiental e práticas culturais dos imigrantes italianos e seus descendentes.

No decorrer da tese foram analisados os territórios e as características ambientais do norte italiano, a vida dos *contadini*, *fittavoli* e *mezzadri* bem como as atividades agropecuárias para o entendimento de questões comparativas propostas nesta pesquisa. Do mesmo modo, ao norte do rio Taquari o início do processo colonizatório, as percepções ambientais, formas de vida nas colônias e produções desempenhadas. Percebeu-se assim, que existem poucos trabalhos que versam sobre a História Ambiental italiana e precisamente como os imigrantes italianos e seus descendentes viveram ao norte do rio Taquari, contribuindo igualmente para estudos italianos.

São inúmeros trabalhos que envolvem imigração e colonização entre Brasil, Rio Grande do Sul e Itália com diversas temáticas investigativas. No levantamento de tais temáticas observou-se o seguinte: estudos sobre territórios ítalo-brasileiros: 33 dissertações e 7 teses; e Vale do Taquari e italianos: 5 dissertações e 1 tese. As teses e dissertações analisadas versam sobre temáticas e relações culturais como costumes, religiosidade e língua. Este estudo que abrange espacialidades ítalo-brasileiras mostra-se pertinente e será a primeira tese a abordar esta temática bem como a primeira do PPGAD sobre História Ambiental da realidade ítalo-brasileira de forma comparativa.

Ressalta-se que alguns dos municípios formados ao norte do rio Taquari, como Arvorezinha, Ilópolis, Doutor Ricardo, Encantado e Dois Lajeados, possuem um acordo entre cidades irmãs italianas denominado *Gemellaggio*<sup>8</sup>. Este convênio estabelece entre cidades ou países de um mesmo Estado ou de nações diferentes, por vezes, distantes uns dos outros, mas que possuem, em suas histórias ou origens, pontos comuns que se identificam. Essa relação diplomática facilita o acesso a informações, troca de experiências, elaboração de projetos e cooperação política, econômica e cultural (FERRI, 1996). Estes municípios possuem *Gemellaggio* com *paese*<sup>9</sup> do norte da Itália, sendo todos com a região do Vêneto:

- Arvorezinha – Unione Montan’Alpago, província de Beluno;
- Ilópolis – Auronzo di Cadore província de Beluno;
- Doutor Ricardo – Lentiai província de Beluno;
- Encantado – Valdástico, província de Vicenza;
- Dois Lajeados – Trichiana, província de Beluno.

O vínculo, uma vez sendo histórico e étnico, acontece também por interesses políticos, econômicos e educacionais. Com a necessidade de exploração desta temática a doutoranda se aproximou a estes vínculos e associações italianas, explicando os objetivos da pesquisa e buscando apoio e informações. Em consequência disso, a doutoranda realizou viagem de intercâmbio para a Itália no final de janeiro até início de fevereiro/2018 juntamente com os estudantes e professores que fazem parte do projeto “Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari (AAMoinhos)” e visitou cidades que possuem *Gemellaggio* com o Vale do Taquari. No mesmo ano, participou e foi fundamental a realização do Doutorado Sanduíche Exterior (PSDE nº 47/2017) durante seis meses (novembro de 2018 a abril de 2019) na *Università Ca’Foscari*, em Veneza, região do Vêneto, Itália, contando com a supervisão do professor Dr. Luis Fernando Beneduzi. Esta aproximação contribuiu com o projeto de internacionalização da Univates que visa a interação entre pessoas e pesquisas científicas com Universidade da Europa.

Por fim, ressalta-se que esta pesquisa é de relevância científica por tratar da (e)imigração italiana, das relações diretas com o ambiente pelos ítalo-brasileiros e das atividades agropecuárias desenvolvidas por este grupo étnico. Os resultados da investigação demonstraram que este grupo étnico não foi somente “desbravador” em territórios de

---

<sup>8</sup> Em italiano geminação.

<sup>9</sup> Termologia utilizada também para designar cidade.

colonização em um ambiente caracterizado equivocadamente como de “mata virgem”, mas construíram relações de exploração econômica passando a produzir nas áreas em que se instalaram determinados tipos de agricultura e pecuária.

Os resultados da pesquisa da tese foram organizados em seis capítulos, que contemplam os objetivos propostos. Inicialmente tem-se a introdução, a qual se apresenta um breve histórico da temática explicitando alguns termos, conceitos e categorias que perpassam a pesquisa; o problema, a tese levantada, objetivos, justificativa e uma breve apresentação dos capítulos.

O segundo capítulo intitulado “O estado da arte, aportes teóricos e método” apresenta alguns dos trabalhos versando sobre questões sociais, políticas, ambientais e atividades econômicas dos italianos no norte da Itália e dos imigrantes italianos e seus descendentes no sul do Brasil. Em seguida, apresenta-se a História Ambiental como abordagem investigativa, espacialidades e território e atividades econômicas entre os territórios ítalo-brasileiros. E por último, tem-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, bem como os passos e escolhas realizadas para a seleção das fontes, a pesquisa de campo com as famílias italianas e de descendentes de imigrantes italianos, os procedimentos éticos adotados e a análise dos conteúdos.

No capítulo três denominado “História Ambiental em espacialidades ítalo-brasileiras: diferenças e semelhanças no norte italiano e na porção norte do rio Taquari”, analisa as características dos elementos naturais de forma comparativa referenciados em subitens como: clima, relevo, hidrografia e vegetação. Na primeira parte apresenta-se a fisionomia ambiental ítalo-brasileira pela geografização dos elementos naturais e suas informações comuns e diferentes entre ambos ambientes. Em seguida aborda-se na vegetação dados da flora e fauna identificando as principais espécies semelhantes e díspares do ambiente emigrado e o encontrado. Assim, em todo o capítulo confronta-se as coletas e análises com base na História Ambiental, isto é, as relações e percepções da natureza e o homem.

Em seguida, o capítulo quatro intitulado “Espacialidades ítalo-brasileiras: diferenças e semelhanças do norte italiano e na porção norte do rio Taquari” analisa-se a configuração territorial ítalo-brasileira em três momentos. Inicialmente, explica-se as proximidades e características das espacialidades estudadas em porções geográficas. Logo após, explana-se a partir do movimento de Unificação da Itália (1860-1870) até a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) as regiões formadas no norte italiano. E por último destaca-se as espacialidades encontradas pelos italianos e descendentes nas primeiras colônias na Província

de São Pedro do Rio Grande do Sul, e as migrações internas em direção ao norte do rio Taquari com os territórios das colônias de Conventos, Encantado e Guaporé.

O capítulo cinco “Questões históricas, sociais e econômicas em territórios ítalo-brasileiros” enfatiza as conjunturas propostas para o capítulo distribuídas em cinco subitens. O primeiro deles apresenta o contexto italiano e brasileiro desde aspectos que envolvem fatores sociais, políticos e econômicos que levaram muitos italianos a emigrarem para diversas regiões do mundo, inclusive para o sul do Brasil. Na segunda parte com base em documentos históricos “*Le Inchieste*” e “nos boletins da emigração”, retrata-se o âmbito social em que se encontravam os italianos e imigrantes italianos e descendentes. O terceiro subitem discorre sobre os tipos e fases da (e)migração ítala bem como o paraíso mitológico – “*la cuccagna*”, que muitos italianos esperavam encontrar em terras brasileiras. Em seguida aborda-se a questão social e política referente às terras nos territórios ítalo-brasileiros. E por último, como a Primeira Guerra Mundial ocorreu em ambas espacialidades, influenciando também movimentos migratórios.

O capítulo seis “Comparativo das atividades agropecuárias e impactos ambientais entre os territórios ítalo-brasileiros” demonstra-se em três eixos principais das atividades agropecuárias: extrativismo, agricultura e pecuária e como estas práticas direcionadas para subsistência e o mercado regional também impactaram o ambiente. Inicialmente identifica-se semelhanças e diferenças das florestas, os bosques e o mato, as percepções ambientais, bem como a utilização da madeira e o destaque para uma nova espécie encontrada pelos imigrantes italianos e descendentes – a erva-mate. Em seguida as atividades econômicas agropecuárias, onde analisa-se primeiramente a agricultura com os principais produtos e ações antrópicas que ocasionaram impactos, quer sejam semelhantes ou distintos como desmatamento, queimadas e rotação de terras. E por último, os tipos das atividades da pecuária, suas proximidades e fins, contribuindo para a economia dos territórios pesquisados.

E por último tem-se as considerações finais, que especifica a síntese e argumentos finais desta tese e logo após as fontes documentais, bibliográficas e os apêndices.

## **2 O ESTADO DA ARTE, APORTES TEÓRICOS E MÉTODO**

No levantamento do estado da arte encontrou-se muitos materiais sobre a temática em questão, algumas destas utilizadas neste capítulo. Inicialmente apresenta-se obras consideradas pertinentes sobre a história, ambiente, território e atividades econômicas e suas relações com a natureza e as atividades agropecuárias. Recorreu-se ainda no levantamento de trabalhos que compreendem a região norte da Itália, como Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige, bem como dos imigrantes italianos e seus descendentes nas áreas ao norte do rio Taquari.

Por tratar-se de uma pesquisa interdisciplinar, são apresentadas em seguida as fundamentações teóricas utilizadas na tese sobre História Ambiental, meio ambiente, território e atividades econômicas, relevantes à compreensão de conexões existentes entre as espacialidades ítalo-brasileiras. Por derradeiro, são aportes teóricos que sustentam a pesquisa e para o alcance dos objetivos propostos.

E por último, apresenta-se o percurso e desenvolvimento da investigação desde o tipo de pesquisa, os procedimentos metodológicos, instrumentos de pesquisa, coleta e análise de dados, os procedimentos éticos adotados e sobre a análise do conteúdo.

## 2.1 Literatura do norte italiano, imigração italiana no Rio Grande do Sul e na porção norte do rio Taquari

Para realizar este estudo comparativo buscou-se, além de obras já mencionadas na dissertação de 2016<sup>10</sup>, avançar outros trabalhos que contemplassem o entendimento das emigrações transoceânicas, bem como informações sobre os territórios ítalo-brasileiros no que se refere à ambiente, questões históricas e socioeconômicas. O objetivo não é esgotar as obras utilizadas, mas apresentar ao leitor um breve panorama de trabalhos com os quais a pesquisa em História Ambiental dialogou no comparativo entre ambientes italianos e de imigração de italianos no sul do Brasil.

Primeiramente elencou-se obras que tratassem sobre características geográficas, ambientais, socioeconômicas e políticas que abrangem o norte italiano. Essas leituras foram traduzidas cuidadosamente, pois grande parte delas são em língua italiana. Vale ressaltar que muitas das obras mencionadas também foram obtidas em acervos, bibliotecas e encontros com alguns autores italianos durante a estada da doutoranda na Itália.

Tratando do ambiente e geografia da Itália, foram fundamentais obras que abordam informações ambientais do norte italiano, como “Descrizione dell’Italia” (1846) de Francesco Costantino Marmocchi e “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II” (1949 [2016]) de Fernand Braudel. O primeiro livro elenca diversos dados sobre questões geográficas e ambientais italianas, favorecendo a análise do capítulo três desta tese. Corroborando, os dois volumes de Braudel apresentam narrativas sobre o Mediterrâneo na época de Felipe II, quando os elementos geográficos foram importantes instrumentos que permitiram estudar as atividades humanas em transursos diferentes de tempo. Assim, a história humana e demais informações facilitam compreender que sua construção está relacionada a partir do ambiente.

Também outras referências do historiador e sociólogo Renzo Maria Grosselli são básicas para esta pesquisa e proporcionadas pelo encontro com o autor no período do doutorado sanduíche. A obra “Dove cresce l’araucaria dal Primiero a Novo Tyrol: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane” (1989) e “Atti del convegno: Trentamila Tirolesi in Brasile – Storia, cultura, cooperazione allo sviluppo” (2005) são bibliografias que

---

<sup>10</sup> Dissertação “Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e práticas culturais” - Universidade do Vale do Taquari – Univates. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/1599>.

expõem contextos sobre a região de Trento, no Trentino Alto-Ádige no que se refere ao território e florestas, clima, fauna, flora, economia, as estruturas da propriedade fundiária, produção agropecuária, propriedades fundiárias e a imigração. Assim como conta os motivos da emigração íta do Trentino, bem como as trinta mil pessoas que se deslocaram ao sul do Brasil. Na última obra, tem-se uma coleção de artigos dos quais utilizou-se o de Roselys Izabel Corrêa dos Santos, que apresenta informações sobre a emigração italiana, enfatizando questões do imaginário e do paraíso que esperavam encontrar no Brasil – *a cocanha*.

Neste passo tem-se também os livros de Antônio Maresio Bazolle “Il possidente Bellunese, Volume 1 (1986) e Volume II (1987), organizados pela antropóloga Daniela Perco, que abordam elementos do proprietário belunese – Antônio Maresio Bazolle, na província de Beluno, Vêneto. São duas obras riquíssimas de dados que versam sobre o território belunese de 1868 a 1890, desde questões que envolvem a propriedade – *possessione*, geográficas, ambientais, econômicas e agropecuárias. Estas duas obras foram muito utilizadas no decorrer da tese.

Também sobre o ambiente, florestas, flora e fauna nas regiões norte ítalas tem-se trabalhos de Antonio Lazzarini (1999), Pietro Brandmayr (2002), Melissa Nicolini (2005), David Celetti (2008) e Giacomo Bonan (2018), que tratam questões sobre o ambiente no que diz respeito às florestas, espécies e contato com ambiente. Os trabalhos elencam muitas espécies de fauna e flora que estavam e continuam presentes nas florestas do norte italiano e sua exploração, facilitando entender como procedeu-se o contato do homem com o ambiente. Os bosques sob propriedade do Estado Italiano eram utilizados para extração da madeira, construção naval, carvão, condução para os animais nas pastagens e recolher folhas, ervas e ramos para a forragem. O Estado passou a exigir ações da silvicultura, tanto no que diz respeito à natureza da silvicultura, como à relação floresta-território, tendo em vista a defesa da estrutura hidrogeológica.

Para tratar de questões políticas e territoriais utilizou-se obras como “A Unificação da Itália” (1991) de John Gooch, que apresenta como procedeu-se historicamente no século XIX a Unificação Italiana (1860-1870) e as correntes políticas que vão desencadear o processo da unificação do território italiano. São diversos aspectos que compreendem a parte social, política e econômica da história da Itália no século XIX e entender como o *risorgimento* – movimento pela unificação da Itália, tornou-se também parte do processo que intensificou a luta pela unificação. Por questões referentes às investigações sociais elencadas como as

“*Inchieste*” tem o trabalho Giovanni Paoloni e Stefania Ricci (1998), que tratam particularmente do processo da Inchiesta Jacini e demais informações.

O Trentino Alto-Ádige passou a fazer parte da Itália depois do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Buscando entender tais questões tem-se obras de Battisti (2012) e de Corrêa (2018). São dados relevantes do século XVIII, XIX e XX e informações sobre a população, formação geográfica e seus elementos, historicidade da região, usos e costumes, tipos de economia e comércio. Também a emigração e o processo de identidade de italianos na região norte da Itália e dos imigrantes italianos e descendentes na região sul do Brasil.

O historiador e pesquisador João Fábio Bertonha possui obras (1999; 2005) que apresentam a história e geografia do território italiano antes e após a Unificação da Itália. Salienta muitos dados relevantes sobre aspectos do povoamento da Itália, geografia, identidade nacional, condições econômicas entre os séculos XIX e XX, emigração, economia nos últimos 150 anos, política externa e organização territorial, cultura e modo de vida dos italianos.

Referente às razões do êxodo italiano outras obras foram utilizadas, como a de Deliso Villa (1993) destacando a situação política, econômica e social nos séculos XVIII, XIX e XX. Se refere ao ambiente, política e economia que fizeram os italianos migrarem para diversos lugares do mundo e a propaganda feita da América, as situações da viagem e da chegada aos territórios e as primeiras dificuldades. Conjuntamente outra obra fundamental para esta pesquisa é o livro “A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil” com edição de 2006, de Emilio Franzina. Este autor é uma das grandes referências sobre imigração italiana do Brasil e nesta obra destaca os motivos que levaram os italianos, em particular da região do Vêneto, a migrarem para o Brasil nas últimas décadas do século XIX. Reconstrói a relação da emigração com as questões econômicas e políticas durante o século XIX, bem como apresenta as emigrações temporárias e permanentes. São reflexões que permeiam itens referentes à economia, sociedade rural, êxodo dos camponeses, desenvolvimento e política, os quais enfatizam assuntos importantes para entender a situação que ocorria no Vêneto e os motivos que levaram à emigração para a América.

Outro trabalho que analisa aspectos históricos e culturais do Vêneto é a tese “Mal di paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’Eu (1884-1925)” (2004) de Luís Fernando Beneduzi. O autor explana informações pertinentes sobre a história, ambiente e economia da região do Vêneto antes da emigração e também o imaginário entre os imigrantes italianos na região serrana do Rio Grande do Sul e as práticas culturais vênetas

trazidas como o filó, religião, canções, provérbios e fábulas como elementos de vivências entre os italianos e seus descendentes. Esta tese contribui para este estudo por conter muitas informações de um dos territórios pesquisados – o Vêneto, como a formação histórica deste território na Itália, fatores sobre a imigração para o Brasil, situação social e econômica dos *contadini* e dados sobre a colônia Conde d’Eu.

Algumas analogias foram feitas a partir do mundo imaginário também do personagem Nanetto Pipetta, uma obra clássica escrita pelo padre Aquiles Bernardi (2009) com 1ª edição em 1937. Originalmente as histórias de Nanetto Pipetta foram lançadas semanalmente no jornal *Stafetta Riograndense*, de Garibaldi nos anos de 1924 e 1925. A história é escrita na língua *talian* e narra desde o nascimento de Nanetto, a viagem para a América, percepções do ambiente e momentos da vida nas antigas colônias bem como os insucessos enfrentados. As diversas passagens da aventura do personagem apresentam situações de fome e novos alimentos encontrados, de fazer riqueza em terras brasileiras, ou seja, o país da *cocanha*.

Tratando-se da parte do desenvolvimento econômico bem como suas atividades nos territórios do norte italiano recorreu-se a trabalhos que abrangiam as atividades desempenhadas pelos *contadini* ou *mezzadri* durante a temporalidade pesquisada. Obras de Alessandro Volpi (2002) e de Bernardino Farolfi e Massimo Fornasari (2011) versam sobre a agricultura, desenvolvimento econômico e transformações na Itália entre os séculos XVIII e XX. Proporcionam entendimento sobre a questão econômica e política, o trabalho no campo pelos pequenos agricultores e arrendatários e o desenvolvimento econômico da Itália. Entre os séculos XVIII e XIX a produção agrícola italiana cresceu mediante as técnicas de lavrar, recuperação, desmatamento, produção de milho, arroz, batata, intensificação da criação do bicho da seda, irrigação, rotação de cultura, introdução da forragem e criação de gado. Os autores destacam também que no decorrer do século XX com a Primeira Guerra e o Fascismo, houve perdas, investimentos e inovações na questão econômica do país sempre repensada no modelo do desenvolvimento capitalista.

Outra obra italiana é “*Tutti i mestieri del mondo: un secolo di emigrazione bellunese*” (2016), de Romeo Pignat e que conta a história de um século da emigração bellunese em todo o mundo retratando as várias profissões que estes italianos foram desempenhando nos países que migraram. Este estudo traz características geográficas, ambientais e econômicas da província de Beluno durante os séculos XVIII e XIX, dados sobre movimentos migratórios, profissões exercidas em Beluno e também muitas fotos e cartas referentes aos trabalhos desempenhados pelos italianos.

No decorrer da pesquisa encontrou-se volumes das obras italianas “Paul Scheuermeier” (2001, 2002 e 2011) sobre os camponeses do Vêneto e Lombardia durante os anos de 1920-1932. Os autores abordam nestes livros a chegada deste linguista suíço em territórios do Vêneto e Lombardia e sua percepção sobre as paisagens e modo de viver dos *contadini*. Este trabalho elenca elementos e fatos sobre as atividades econômicas e agropecuárias, utensílios utilizados nas lavouras como arado, machado, foice, pá, restel, carretas e diversas paisagens sobre o início do século XX que contemplam informações do modo de vida. Ressalta-se também que as obras possuem muitas imagens, que foram utilizadas no decorrer da tese.

Outras obras apresentadas do encontro com o autor de Lois Bernard (2016, 2017 e 2018) trazem muitas informações sobre a região do Vêneto e também no dialeto belunese. Todas as três bibliografias versam sobre o ambiente e vida das famílias camponesas do século XIX: a agropecuária, preparação do feno e a terra, trabalho com o leite, utensílios, a casa *contadina* e principais produtos como os cereais, frutas, uva e bicho-da-seda. Ressalta-se também a preocupação do autor em exemplificar cada item com a utilização de imagens.

Concomitante outra coleção de livros encontradas no acervo da biblioteca “Belunese nel Mondo” foram fundamentais. Organizados por Gal Prealpi e Dolomiti e intituladas “Uno sguardo alle tradizioni rurali del Feltrino e della Val Belluna” (2008) trazem informações sobre o desenvolvimento das produções e sua origem na região do Vêneto, bem como todo o processo de adaptação, formação e desenvolvimento econômico. São diferentes produtos como maçã, castanha, feijão, nozes, milho, queijo e produção leiteira, uva, abóbora, batata e exploração madeireira.

Habitados a sistemas de parceria, os camponeses e *mezzadri* davam parte de suas produções ao proprietário de terras, os italianos viviam situações difíceis, não eram “donos” de suas terras. Para o entendimento das propriedades e tais sistemas, além das obras de Bazolle (1986; 1987) encontrou-se uma forma diferente na região da Lombardia: a *cascina*, tratada no capítulo 5. Para tais questões foram essenciais obras de Giuliana Biagioli (2002) e Sandro Rogari (2017), que abordam os contratos agrários de locação de terras pela *mezzadria* durante o século XIX e início do XX. A *cascina* é uma grande propriedade de até 100 hectares de terras, situada em planícies nas quais moravam muitas famílias.

Feito todo esse aparato histórico, sociopolítico e econômico da Itália em seguida são analisadas bibliografias sobre a chegada dos imigrantes italianos nas antigas colônias e em seguida, ao norte do rio Taquari. Para contemplar a comparação do objeto do estudo,

encontram-se semelhanças e diferenças para análise dos dados (BARROS, 2007).

Para complementar estudos das primeiras colônias fundadas no noroeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e a chegada dos imigrantes italianos, foram essenciais outras leituras e análises para aperfeiçoamento de questões objetivadas. Obras clássicas sobre colonização e imigração italiana de Azevedo (1975), Frozi e Mioranza (1975), De Boni e Costa (1982), Battistel e Costa (1982;1983), Costa (1986), Iotti (2001), Herédia, Giron e Bergamaschi (2004) e Giron e Herédia (2007) continuaram a ser utilizadas desde a dissertação da autora, que foi defendida em 2016, portanto não serão mencionadas neste item. São conjuntos de obras que contemplam elementos ambientais, territoriais e econômicos.

São diversas informações sobre a emigração da Itália para o sul do Brasil. Ângelo Trento (1998) destaca em sua obra os principais motivos que levaram os imigrantes a virem ao Brasil, tais como as leis de transporte gratuito, prêmios aos agentes de imigração, o aumento populacional, propaganda do Brasil na Europa, entre outros. Muitas foram as dificuldades passadas pelos imigrantes durante o percurso dos navios até chegarem ao Brasil, como a higiene e alimentação. São informados os locais da Itália de onde vieram os imigrantes e tabelas com o local da chegada no sul do Brasil, sobretudo o Rio Grande do Sul, bem como o tamanho das propriedades.

A maioria destes emigrantes eram considerados colonos estrangeiros, categoria destacada por Giralda Seyferth (1986) para todos os imigrantes que adentraram o Brasil e precisamente a região sul, durante o século XIX. Segundo esta autora, a imigração visava o povoamento e estabelecimento de pequenos agricultores e o desenvolvimento de alimentos básicos. A colonização italiana em terras brasileiras constituiu colônias homogêneas em áreas territoriais com lotes de terras de 20 a 50 hectares com a finalidade de cultivá-los num regime de policultura e trabalho familiar. A opção governamental pela colonização com os europeus é consequência das preocupações com a composição da população brasileira e o desenvolvimento do país como nação branca, principalmente em relação à Europa. Além do mais, o interesse pela imigração europeia cresceu com a abolição e mudança do regime político, que privilegiava a imigração europeia – branca, e o “futuro” do Brasil como nação ocidental.

Outra obra analisada foi “A cocanha” (2000), de José Clemente Pozenato que em sua narrativa apresenta a utopia de famílias que emigram para o sul do Brasil em busca de uma terra de “paraísos”. De forma romantizada, são elencadas passagens do imaginário social do contexto da imigração italiana desde a saída da Itália, viagem de navio e perspectivas sobre o

Brasil. O fenômeno migratório do século XIX ocorre pelos italianos que partem de suas “aldeias” e cidades em busca de uma vida de fartura na América. São camponeses pobres, oriundos do norte da Itália, região mais atingida durante a pós-unificação e industrialização. Assim, quando chegam ao Brasil, Pozenato (2000) apresenta a (re)construção da identidade desses imigrantes italianos no novo espaço, a necessidade de manterem seus laços e símbolos identitários, bem como de adaptá-los ou, até mesmo, de abandoná-los para criar outros.

Outra pesquisadora sobre estudos da imigração italiana é Maíra Ines Vendrame (2016, 2017 e 2018) que aborda questões políticas, sociais e de imigração dos italianos e descendentes em ambos territórios. Os emigrados italianos vênets e suas redes familiares continuam com suas práticas quando chegam ao Rio Grande do Sul no final do século XIX. Buscam também o “paraíso terrestre” pelas propagandas feitas e registradas pelas cartas dos imigrantes.

Neste viés utilizou-se também a obra de Marcelo Armellini Corrêa (2018) que enfatiza questões dos italianos da região do Trentino Alto-Ádige, bem como aspectos da chegada na serra gaúcha. De toda a grande emigração foram 7% os trentinos que vieram ao Brasil entre 1875-1918, registrados como austríacos. Esta região pertencia na época ao Império Austro-Húngaro, em que a população da porção sul tinha língua italiana. Assim, quando chegaram nas colônias italianas, identificavam-se como austríacos, mantinham casamentos dentro do grupo regional trentino e tinham relações de atritos com os demais italianos. São diversos conflitos entre os dois grupos nas colônias Caxias, Conde d’Eu e Dona Isabel, localizadas na serra nordeste do Rio Grande do Sul.

Para descrever as características ambientais e geográficas baseou-se no livro “A fisionomia do Rio Grande do Sul” (1994) de Balduino Rambo, que descreve no decorrer do livro muitas informações que abrangem aspectos geográficos, de hidrografia, vegetação, paisagem, solo, muitas espécies de flora e de fauna de todo o Rio Grande do Sul. Elenca dados referentes às diferentes colonizações durante os séculos XVIII e XIX e à economia produzida pelos colonizadores. Cabe assinalar que, provavelmente, se trata da primeira obra nacional em que um autor registra preocupação com a preservação ambiental e aspectos da fisionomia dos biomas sulinos.

Dentro deste contexto elencou-se e caracterizou-se espécies principais da flora do Rio Grande do Sul bem como ao norte do Taquari. As condições ambientais desta época estão entre as razões da imigração para o sul do Brasil oferecidas pela grande biodiversidade. Sobre a espécie de erva-mate (*Ilex paraguenses*) abordou-se obras de Marcos Gerhardt (2013;

2014) e Cristiano Christillino (2015), ambas se referem à história da erva-mate, sua extração no século XIX e XX, comércio e consumo. Pela perspectiva da História Ambiental, enfatizam mudanças ocorridas nas paisagens e que a erva-mate tem grande importância ecológica, social e econômica, pois integrou complexos de ecossistemas florestais, ajudou a sustentar famílias de indígenas, de caboclos extrativistas e de colonos. Neste sentido, a exploração dos colonos com esta espécie contribuiu decisivamente para mover a economia de diversas províncias e municípios dos territórios do Rio Grande do Sul. Entre esses territórios encontram-se passagens de exploração da espécie ao norte do rio Taquari, como uma atividade principal até hoje produzida.

Por isto, ao analisar a História Ambiental, outros trabalhos são considerados pertinentes. A obra “Terra de Promissão: uma introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul” (2006), dos autores Sílvio Marcus de Souza Correa e Juliana Bublitz, que trata sobre a História Ambiental no Rio Grande do Sul. Os autores contemplam, além dos imigrantes italianos, os açorianos, alemães, judeus e os impactos ambientais acarretados por cada um destes grupos no Rio Grande do Sul. O artigo “A Eco-História da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul” (2004) bem como sua tese “Forasteiros na floresta subtropical: uma História Ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul” (2010), Juliana Bublitz destacou análises da colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul, suas contribuições para o desenvolvimento econômico, bem como a degradação nos espaços colonizados por estes imigrantes. A relevância de sua tese contribuiu significativamente para o presente estudo, sobretudo referente ao imaginário em que a floresta era vista pelos colonos como uma *fronteira verde* aberta e inesgotável, foi mais do que simples “palco dos acontecimentos”, condicionando o tipo de sistema produtivo e as formas de organização social adotadas na nova terra.

É o que também analisou Eduardo Relly (2019) na tese de um estudo comparativo entre áreas agrícolas e florestais da Alemanha e o sul do Brasil – colônia Santa Cruz, através da emigração alemã no período de 1849-1880. Todo o processo de transferências de conhecimentos e práticas agrícolas e florestais foram apresentados pela ótica botânica, ecológica e agrária de grande complexidade. Os migrantes alemães se tornaram no Brasil, principalmente no meio rural, colonizadores de florestas, desenvolvendo formas específicas de agricultura e pecuária que dependeram vivamente dos recursos florestais disponíveis. De certa forma, este estudo está relacionado com esta tese não só por aproximações ambientais e

emigratórias, mas por situações semelhantes dos imigrantes italianos e descendentes situados próximos ao rio Taquari.

Beneduzi e Vecchi (2010) reflete a partir da história brasileira, a exclusão da natureza e do indígena como uma ameaça para definir conceitualmente a estruturação de soberania e poder, ou seja, o crescimento e a riqueza. No decorrer do artigo os autores trazem as relações presentes entre diferentes fenômenos históricos-sociais que fundam e (re)fundam o ambiente brasileiro. Assim, o processo de apropriação da natureza se constitui em uma dinâmica de expansão do capitalismo que percebe os “espaços vazios” para ser conquistados, tornando-os capital natural. O Estado Português Colonial, o Império e a República constituíram um processo de eliminar tudo o que se encontrava fora do “programa” ideal e dos interesses de desenvolvimento do território, buscando desta forma, os imigrantes europeus. Ademais, o trabalho discorre sobre o projeto colonizatório e as relações com o ambiente, apontando informações sobre a reflexão da exclusão de elementos naturais e demais grupos que faziam parte deste ambiente antes e após a chegada dos imigrantes italianos.

A trajetória de um imigrante também foi fundamental nesta investigação, relacionando com nossos entrevistados todas as formas de contato e vivência pelos percursos percorridos. Gil Karlos Ferri (2016) no seu artigo aborda a trajetória de vida de um imigrante, Giuseppe Luigi Ferri e a sua interação com o meio ambiente desde que saiu de Bérgamo na Itália e ocupou terras em Treviso e Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil. Desta forma, aparecem o contexto dos locais explorados por este colono e os aspectos socioambientais da colonização italiana no processo histórico. As transformações ambientais ocorreram dentro de um sistema capitalista desenvolvido na Itália e após ressignificado em territórios do Brasil, produzidos através da agricultura e do comércio.

Além de obras já referidas, no âmbito das atividades econômicas com a chegada dos imigrantes italianos abordou-se obras de Zarth (1997, 2002, 2012) sobre sua ocupação e apropriação da terra durante metade do século XIX e os anos de 1920. Nesse grande território, os primeiros camponeses que se depararam com milhares de hectares de terras, equivocadamente chamadas de “virgens”, em regiões de planalto com espécies de erva-mate e pinheiros. A economia era voltada ao mercado interno e formação de grandes propriedades pastoris. Os camponeses brasileiros (caboclos) e os imigrantes europeus no processo de ocupação da terra, mantiveram relações de trabalho e o desenvolvimento econômico para o Rio Grande do Sul, com atividades principais da agricultura e pecuária.

Assim, no passo de informações dos estudos da imigração e colonização na região sul do Brasil, outras obras apresentam especificamente os territórios ao norte do rio Taquari. Por sua proximidade com as antigas colônias e procura por novas terras, conseqüentemente teve-se a *migração interna* para espacialidades das colônias de Conventos, Encantado e Guaporé. Ressalta-se que muitas destas bibliografias foram escritas por uma ótica simplista e muitas vezes intelectual, evidenciando a falta de fontes nos seus trabalhos. Outras, foram escritas contando a história do município pelo italiano “desbravador”, que construiu uma economia local.

O principal rio que abrange os territórios de colonização italiana é o Taquari. “Taquari” é uma palavra de origem indígena, vem de tacuara – taquara – e y - água, rio, ou seja, “o rio das taquaras”, em alusão à existência abundante de taquareira nas margens do rio, chamadas pelos índios de tibiuary (KREUTZ, 2008; WOLF, 2016). Todo o processo de expansão e colonização é iniciado por indígenas Guarani e Kaingang, seguidos da imigração portuguesa, açoriana, alemã, francesa e italiana (TONET, 2019).

Para caracterizações do comércio de terras para a formação das colônias o estudo de Janaíne Trombini, Luís Fernando da Silva Laroque e Ana Paula Castoldi (2017) abordam a influência de companhias colonizadoras no processo de instalação dos imigrantes italianos e seus descendentes em territórios ao norte do rio Taquari. As principais companhias do comércio de terras evidenciadas no processo de colonização, principalmente dos imigrantes italianos, foram Bastos & Companhia, Cia Colonizadora Rio-Grandense e Tchener e Cia, as quais existiram desde o final do século XIX até meados da década de 1920 e comercializavam terras aos colonos italianos e seus descendentes vindos das antigas colônias italianas situadas na porção noroeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Por tratar dos imigrantes italianos e descendentes procurou-se obras para o entendimento de questões da chegada e dos primeiros imigrantes, formação territorial, o ambiente e atividades econômicas desenvolvidas. Por isto, utilizou-se a obra “Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado” (1997), organizada por Rovílio Costa, Stella Borges, Mário Gardellin e Paulo Bortolazzo, que trata dos imigrantes italianos que ocuparam os territórios e elementos da vida espiritual que abrangem as colônias de Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado.

No que tange a colônia Encantado, foi possível observar a fundação da colônia em 1882 e a chegada das primeiras famílias em seu território, com dados históricos e geográficos. Registros e considerações sobre o contato com o ambiente e as dificuldades quando estes

imigrantes chegaram a suas terras. Também sobre esta colônia buscou-se aspectos nas obras de memorialistas regionais como Lauro Néelson Fornari Thomé (1967) e diversas de Gino Ferri (1985; 1988; 1991; 1996). São descrições de Encantado desde a ocupação indígena e após a chegada dos imigrantes italianos, sua emancipação (1915) e os municípios criados a partir do grande território. São elencados muitos dados sobre a fauna e flora, produção para subsistência e economia da região, a importância do rio Taquari, aspectos políticos, demográficos, geográficos, educacional, da agricultura e do comércio.

Aparecem nomes dos primeiros imigrantes italianos vindos diretamente de Valdástico, região do Vêneto na Itália e dos núcleos da região noroeste a partir de 1882 como as famílias Lucca, Bratti, Fontana, Secchi, Bertozzi, entre outros. Também é pertinente falar sobre a aproximação e *gemellaggio* entre a localidade de San Pietro Valdástico localizado na região do Vêneto, na Itália, e o município de Encantado. Isto ocorre por situações de origem dos descendentes de San Pietro Valdástico e também pelo acordo firmado que possibilita um intercâmbio cultural, comercial e turístico entre as localidades irmãs. Além do mais, encontraram-se características geográficas, históricas e econômicas de Valdástico, contribuindo para esta tese.

Assim como obras de outros memorialistas como Airton Francisco Gomes (2004), André Bozzeto Júnior (2004), Rodrigo Andrade e Ironi Gozzi de Andrade (2006) que tratam de distritos de Encantado ainda como colônia. São diversas características da “mata virgem”, fauna, flora, a migração interna dos primeiros imigrantes que chegaram aos lotes coloniais e sua origem, o contato com o ambiente bem como a derrubada das matas, abertura de estradas. Cultivavam em suas terras produtos como milho, feijão, soja, erva-mate e uva e na pecuária tinham como principal produção a suinocultura, assim gerando o sustento familiar e o comércio.

Referente à colônia Guaporé, sua colonização e imigração tem-se estudos de Elaine Maria Consoli Karam (1992), Tedesco (2000), Balbinot (2014) e Balbinot e Tedesco (2015; 2020). A colônia Guaporé foi fundada em 1892 e, desde sua demarcação, teve um rápido crescimento populacional bem como seu desenvolvimento, pelos núcleos de Boa Esperança, General Osório e Deodorópolis. O contato ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes ocorreu principalmente com a exploração madeireira das araucárias. Além do mais, outras práticas econômicas foram desencadeadas, o transporte dos produtos pelos carreteiros, comércios na região e também um porto principal de ligação: Porto de Muçum. São expressivas obras especificamente sobre a configuração territorial e política a partir de

sua fundação em 1892, bem como toda sua expansão e desenvolvimento econômico pela agroindústria da banha e couro.

Outras obras já referidas e que sinalizam aspectos das atividades econômicas desenvolvidas pelo grupo étnico em estudo são: Ahlert e Gedoz (2001), os quais salientam o processo de desenvolvimento socioeconômico da região no período de 1822 até 1930. Os autores contextualizam a ocupação do território feita pelos primeiros colonizadores, imigrantes alemães e italianos, e a importância socioeconômica das propriedades coloniais. O desenvolvimento na região inicia-se com a produção de subsistência com a lavoura e a criação, e seus excedentes destinados a pagar as dívidas da compra de terras.

Os territórios ao norte do rio Taquari no início do século XX eram caracterizados por dois sistemas agrários distintos: um no vale e outro nas encostas, os quais são geograficamente localizados em torno do rio Taquari e historicamente ocupados por populações como indígenas Guarani, caboclos, alemães e italianos. Diversas técnicas agrícolas para o plantio foram desencadeadas com o desmatamento para o plantio de seus produtos como o milho e feijão, e na metade do século XX com a modernização da agricultura (BEROLDT; GRISEL; SCHMITZ, 2007).

E por tratarem de recentes estudos sobre a História Ambiental e os imigrantes italianos e descendentes tem-se a monografia de Castoldi (2016) e a dissertação de Trombini (2016), ambas analisam o processo histórico de ocupação dos imigrantes italianos e seus descendentes em regiões do Vale do Taquari no que se refere às relações com a natureza desde a ocupação inicial até os dias atuais. Os imigrantes e descendentes de italianos foram responsáveis por impactos ambientais, tais como o desmatamento, as queimadas e a utilização de agrotóxicos nas atividades agropecuárias. Além disso, é possível perceber continuidades da agropecuária, como o milho, a uva, o feijão, além das criações como porcos, galinhas e gado. Mas também de mudanças e atualização de práticas culturais dos descendentes de imigrantes italianos, como a plantação de eucaliptos, a utilização de agrotóxicos e de novos equipamentos como o trator, fatores estes responsáveis por desdobramentos de maior ou menor impacto ao meio ambiente. Também são abordadas características culturais dos imigrantes italianos como a gastronomia, festividades, religiosidade e lazer.

A partir dos autores e demais informações pode-se compreender diversos elementos sobre os territórios da região norte da Itália e ao norte do rio Taquari durante o século XIX e XX, tornando-se possível analisar os dados de forma comparativa.

## 2.2 História Ambiental, espacialidades territoriais e atividades econômicas como aportes teóricos/conceituais

Na sequência apresenta-se os aportes teóricos utilizados na fundamentação das análises para os objetivos propostos, bem como um estado da arte que contempla autores que há anos pesquisam sobre História Ambiental. São estudos pertinentes sobre a História Ambiental como abordagem analítica das relações entre a natureza/homem, estabelecendo assim correlações dos italianos e dos imigrantes italianos e seus descendentes com o ambiente nos territórios pesquisados. Nesse âmbito também se apresentam obras que dissertam de conceitos ou categorias sobre território e o ambiente, que permeiam a formação territorial e espacialidades onde viveram os italianos e imigrantes italianos e seus descendentes. E por último destacam-se aportes sobre atividades econômicas em relação às práticas agropecuárias que acarretaram diversos impactos no ambiente numa perspectiva desenvolvimentista difundida pelo Estado Nacional Brasileiro.

### 2.2.1 História Ambiental e o estado da arte

Por tratar-se de uma tese sobre a História Ambiental, torna-se essencial abordar literaturas que se utilizam desta abordagem, contemplando assim um estado da arte da História Ambiental. No contexto apresentado, tanto os italianos da região norte da Itália como os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari, tiveram relações com o meio ambiente, sejam elas pelas suas convivências, primeiros contatos ou conexões. Anteriormente, apresentou-se alguns estudos que remetem questões sobre o ambiente nos territórios ítalo-brasileiros, mas é relevante utilizar autores da História Ambiental que sustentam as análises entre os sujeitos que ocuparam e viveram em ambos territórios pesquisados. Tratando-se dos estudos que envolvem territórios ao norte do rio Taquari, conforme referido tem-se uma monografia, uma dissertação e alguns artigos publicados<sup>11</sup>. Portanto, a tese é relevante e inovadora por abordar espacialidades ítalo-

---

11 TROMBINI, Janaíne; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Produtores rurais descendentes de italianos na região Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Margenes**, Spacio, Arte e Sociedad, Valparaíso, Chile, v. 13, n. 18, p. 47-54, 2016 Disponível em: <https://micologia.uv.cl/index.php/margenes/article/view/1027>. TROMBINI, Janaíne, LAROQUE, Luís Fernando da Silva. História Ambiental Dos Imigrantes Italianos E Seus Descendentes Na Região De Colonização Italiana No Vale Do Taquari/RS. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**. Anápolis, v. 8, n.3, 135-56, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2778>.

brasileiras, principalmente na Área das Ciências Ambientais, em que o Programa de Pós-Graduação em Ambiente Desenvolvimento da Univates se insere.

Para tanto, os movimentos migratórios e vínculos com a natureza acarretaram uma série de impactos à terra, água, fauna e flora, que foram somente pensados na segunda metade do século XX como degradação ambiental, tendo em conta que a pesquisa envolveu um espaço temporal de cinquenta anos, no processo de transição do século XIX para o XX relevante de ser investigado. Para a realização desta análise, destacam-se obras sobre a História Ambiental no cenário internacional, nacional e regional relacionadas com aspectos abordados nesta tese e opções metodológicas pertinentes para análises sobre a História Ambiental. Além dos teóricos utilizados nesta tese, buscou-se apresentar um panorama sobre o estado da arte atendo-se ao contexto da História Ambiental.

As pesquisas em História Ambiental aumentaram significativamente nas últimas décadas, motivo pelo qual selecionou-se alguns autores e obras, a exemplo de Donald Worster (1991), José Augusto Drummond (1991), Warren Dean (1996), Regina Horta Duarte (2005), Paulo Henrique Martinez (2006; 2011), José Augusto Pádua (2010; 2015), Diogo Cabral (2012; 2014), Alfred Crosby (2011) e Haruf. Salmen Espindola (2012), mas também existem vários outros. Apesar de existir muitos estudos que tratam sobre a natureza, somente no século XX que a historiografia passou a considerar em sua dimensão, os fatores ambientais e as conexões com a história humana, abordagem que passou a ser denominada de História Ambiental. É neste âmbito que na década de 1970 surge/nasce nos Estados Unidos a História Ambiental, decorrente de conferências sobre a temática da crise global e discussões acerca de um tema que continua em destaque até a atualidade. Neste contexto também surgiram muitos movimentos ambientalistas engajados, sobretudo nos Estados Unidos, com a National Environment Policy na Europa, como a Conferência de Estocolmo na Suécia e Fourneux na Suíça.

Em 2004, em Cuba, um grupo de historiadores latino-americanos fundou a Sociedade Latinoamericana e Caribenha de História Ambiental (SOLCHA), organizando congressos, discussões e publicação (DUARTE, 2005). Esta sociedade passou a ser de fundamental importância para difusão dos estudos da historiografia ambiental, cujos eventos e reuniões decorrentes têm possibilitado trocas e difusão de investigações entre os pesquisadores na América Latina. Além do mais, a SOLCHA possui a revista HALAC (Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña), cuja primeira editora foi Regina Horta Duarte e posteriormente

Jó Klanovitz, atual editor. A primeira edição da HALAC foi lançada em 2011 e tem recebido e publicado artigos em Espanhol, Inglês e Português.

No Brasil, vale salientar que desde o final do século XX pesquisadores e acadêmicos de diversas áreas de conhecimento passaram a contribuir com a História Ambiental tratando de diferentes temas. Um relevante estudo neste sentido é do historiador ambiental americano Donald Worster (1991), com o artigo “Para fazer História Ambiental”, em que destaca a História Ambiental e sua preocupação com o meio ambiente, embora, segundo o autor, esta preocupação foi tardia, somente discutida a partir da metade do século XX. Segundo ele, a História Ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana, quando existem três níveis de estudo ambiental: a natureza propriamente dita (aspectos orgânicos e inorgânicos), o domínio socioeconômico quando se interage com o meio ambiente e a interação humana com indivíduos ou natureza.

Estes três níveis de estudos constituem todo o ambiente - natureza, sociedade e economia entre o passado e presente. Por isto, o historiador ambiental no decorrer da pesquisa precisa demonstrar que os humanos desde seu surgimento nunca foram inocentes, e demonstrar as interfaces da produção na modelagem da natureza e impactos acarretados no ambiente. Autores como Martinez (2006) e Cabral (2012) enfatizam que os historiadores ambientais precisam recorrer a abordagens interdisciplinares e discutir criticamente e de forma autorreflexiva as questões ambientais. Sendo assim, quando se descreve nesta tese os territórios ítalo-brasileiros e os contatos com o ambiente, pensa-se também as mudanças e impactos que foram surgindo por este grupo étnico, e quais foram as leis e preocupações maiores com o meio ambiente.

A questão ambiental se apresenta como um novo campo interdisciplinar de atuação, estudo, ensino e pesquisa para os profissionais não só da História, mas do diálogo entre as ciências naturais e outras áreas, como destaca Drummond (1991). Além do mais, José Augusto Drummond em seu artigo “História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa” (1991) enfatiza as variáveis ambientais aos estudos da sociedade humana, destacando o tempo como o condutor das mudanças e continuidades que aconteceram com a natureza. Com o surgimento da História Ambiental, algumas análises da cultura humana agem sobre o meio físico material, propiciando significados e usos de seus elementos.

O ponto forte do artigo de Drummond é a metodologia da História Ambiental elencada em cinco itens: 1) tendo uma região para ser estudada; 2) a interdisciplinaridade; 3) interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis; 4) variedade de fontes ao estudo das

relações entre sociedade e meio e 5) o trabalho de campo e as possibilidades de aprimorar os conhecimentos. A partir do objeto de estudo e com as diversas possibilidades metodológicas é possível entender as interações ambientais, bem como a natureza histórica.

A História Ambiental já é conhecida e tem como ponto de referência o diálogo com outras áreas de conhecimento e saberes da Geografia, Sociologia, Antropologia, Biologia, Ecologia, Química, Engenharia Ambiental, Agronomia, por exemplo, e a diversidade de fontes. Espindola (2012) e Duarte (2005) também concordam que a interdisciplinaridade traz novas possibilidades para análise e conhecimento dos elementos naturais bem como as relações sociedade-natureza. Assim, a História Ambiental constrói narrativas para ordenar o passado humano/natureza e a relação sociedade/natureza, que, em si, são realidades misturadas e desordenadas, ou seja, sem unidade e sentido.

O Brasil é um país configurado com diversos biomas<sup>12</sup> e historicamente marcado pela intensa atividade mercantil de produtos agrícolas e de extração. No Brasil a partir do final do século XX e início do XXI, muitos estudos e grupos movimentaram-se em pesquisas em História Ambiental com novos questionamentos e temáticas, bem como novas metodologias. Regina Horta Duarte em sua obra “História e Natureza” (2005) apresenta que o tema natureza marcou análises de estudiosos do Brasil e outros países. Três autores brasileiros vinham desde as primeiras décadas do século XX analisando aspectos da sociedade e natureza brasileira: o cearense João Capistrano de Abreu e os paulistas Caio Padro Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. São trabalhos sobre a história do Brasil colonial e como suas respectivas análises e metodologias têm contribuído para a ampliação da História Ambiental.

Segundo Martinez (2006), a História Ambiental no Brasil surgiu das relações das áreas de história, história econômica, história regional, geografia, estudos da etnografia e análises do materialismo histórico. A relação sociedade e natureza traz aproximações sobre temáticas desde a ocupação portuguesa, quando se iniciou a exploração e uso dos recursos. Em outro estudo, Martinez (2011) também enfatiza que estudar os ecossistemas e biomas brasileiros porta aproximações com o meio ambiente e diálogo com outras disciplinas.

Assim, uma obra em destaque para o estudo da História Ambiental é o livro “A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira” (1996) de Warren Dean, que apresenta o desenvolvimento histórico do Brasil a partir de relações entre sociedade e

---

<sup>12</sup> Segundo o Manual Técnico da Vegetação Brasileira (1991) os biomas brasileiros são: Bioma Amazônia, Bioma Mata Atlântica, Bioma Caatinga, Bioma Cerrado, Bioma Pantanal, Bioma Pampa e o Bioma Marinho-Costeiro.

ambiente, economia, a grande floresta da Mata Atlântica e sua destruição. Segundo o autor, a biodiversidade das florestas foi tomada equivocadamente como símbolo de atraso, subdesenvolvimento e exploração econômica. A responsabilidade de tudo isso é da grande sociedade representada por camponeses, madeireiros, pecuaristas, cafeicultores, industriais e estado-nação.

Esta obra é de fundamental importância para a analogia da história e impactos que foram causados antes da chegada e ocupação dos portugueses no Brasil, principalmente por suas atividades econômicas. Uma das premissas da História Ambiental é entender que o planeta terra é uma realidade antiga e diversificada, que já sofreu gigantescas transformações biofísicas ao longo de sua trajetória. Tratando-se dos movimentos migratórios para o Brasil nos últimos séculos, em particular a região sul é marcada pela presença de populações europeias que modificaram fortemente o bioma Mata Atlântica, conforme a análise de Dean (1996).

E é aí que pode-se vincular o estudo de Alfred Crosby (2011) em sua versão mais recente quando trata da expansão europeia em todo o mundo a partir das relações com o ambiente em novas terras que ele chama de “biota portátil”, o conjunto de animais, vegetais e doenças que embarcaram com os europeus e acabaram por expulsar ou liquidar a flora, fauna e habitantes nativos de várias regiões do mundo. Em sua obra “Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900”, o autor também descreve como os europeus espalharam-se pelo mundo no decorrer do tempo e devastaram grande parte do ambiente.

Em sua análise ambiental, o meio ambiente colonial foi europeizado, ou seja, ocupado e explorado pelos imigrantes europeus. Os imigrantes europeus foram atraídos para as terras além-mar de acordo com três-fatores: as terras tinham um clima temperado, o país precisava produzir ou mostrar potencial de produção e emigrar era uma questão pessoal e visceral pela falta de comida. Dessarte articula-se o ambiente italiano e do sul do Brasil, onde a ocupação destes territórios pelos imigrantes italianos e seus descendentes foram palco de relações transoceânicas e conseqüentemente de produções e degradações ambientais.

Porém, podemos observar que em qualquer época ou sociedade as relações ambientais já estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período. Considerando que a questão ambiental só apareceu em um momento bastante recente da trajetória humana, devemos evitar um discurso de ajuizamento nas observações dos fatos passados e com a História Ambiental ter uma crítica histórica.

Outro pesquisador brasileiro que se tornou expoente na História Ambiental é José Augusto Pádua. De acordo com Pádua (2010), três mudanças no entendimento do mundo natural pelos seres humanos são relevantes, sendo: a noção de que o homem produz sérios impactos no mundo e pode causar sua degradação; a ampliação dos marcos cronológicos da terra para bilhões de anos; e a percepção da natureza como um agente histórico, em sucessivos processos de construção e reconstrução ao longo do tempo. Este autor é considerado um dos maiores pesquisadores brasileiros da História Ambiental e tem diversos estudos divulgados. Utiliza-se nesta tese o artigo “As bases teóricas da História Ambiental”, o qual o autor enfatiza que História Ambiental é uma ciência dentro do contexto histórico e cultural, uma investigação aberta e não reducionista das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais ao longo do tempo.

Também tratando-se dos biomas e ações humanas na natureza, Pádua analisa no artigo “A Mata Atlântica e a Floresta Amazônica na construção do território brasileiro: estabelecendo um marco de análise” (2015) dois dos biomas brasileiros, o Bioma Mata Atlântica e o Bioma Amazônia. Fica claro a importância da presença da natureza em anunciar os biomas e ecossistemas para explicar também a formação histórica do Brasil. Quando se analisa dois complexos florestais como parte de uma só história se observa especificidades no processo de ocupação, ritmo e desflorestamento. É o que ele chama de “espaços cheios e coloridos por uma variedade de ecossistemas” (PÁDUA, 2015, p. 238).

São essas discussões relevantes sobre os territórios e ambiente que elencam a História Ambiental, pois o mundo natural existe em permanente transformação. Territórios que sempre estiveram ocupados por elementos naturais - biomas, ecossistemas, fitogeografias, fauna, flora, entre outros, e também da presença humana, como os indígenas, caboclos, bandeirantes, europeus, entre outros.

Outro pesquisador que vem se destacando e investigando sobre História Ambiental e em particular a Mata Atlântica no período colonial é Diogo de Carvalho Cabral. Segundo ele, é impossível entender a formação do território e a Socioeconomia do Brasil sem conhecer primeiro a Mata Atlântica. Desde o período colonial, no Brasil havia uma confusão taxonômica da floresta Mata Atlântica com suas classificações e discussões que na maioria das vezes, partia da ideia de natureza completamente exterior aos humanos. Por isso, é necessário entender por intermédio da História Ambiental o conteúdo do território, e neste caso a floresta, trazendo a natureza não humana para dentro da história (CABRAL, 2012).

Foi a floresta Mata Atlântica o palco de grandes experiências sociais e culturais, que segundo Cabral (2012) é uma realidade biofísica, cultural e política em movimento e em interação. Por isso a História Ambiental não negligencia as complexidades internas, fisionomias vegetais e a presença humana. A história da fase colonial brasileira continuava a contar com a presença de populações indígenas e que compunham diferentes grupos de ocupação. A partir da colonização portuguesa foram muitas as interações com o ambiente, seja pela sua devastação ou apropriação da Mata Atlântica. Em vista disto Cabral (2012, p. 217) enfatiza que a história da Mata Atlântica é uma “história construída no entrelaçamento de muitas histórias que envolvem aspectos naturais, sociais e políticos”.

No artigo “No mutirão da vida: pensando como um historiador ambiental” (2014), Cabral analisa a contribuição que os historiadores ambientais podem oferecer, ampliando as informações sobre as relações com o mundo natural. Todos os estudos que têm foco no mundo físico em mudança podem estar vinculados à História Ambiental. Assim, é imprescindível para fazer História Ambiental entender que não somos separados do ambiente e estamos *todos* envolvidos no ambiente, quando as múltiplas agências são indissociáveis.

Os historiadores ambientais têm demonstrado nas análises que todas as sociedades nunca são inteiramente humanas e toda a “domesticação” já era praticada antes do surgimento do *Homo sapiens*. Isto porque as relações são envolvidas, tanto por espécies humanas como não humanas. Destarte, a História Ambiental escrita não somente por historiadores ambientais, explanam estudos de narrativas históricas, oferecendo campos científicos e culturais mais amplos.

Frente ao exposto, destaca-se que em âmbito nacional tem-se obras pertinentes sobre História Ambiental bem como um número significativo de pesquisadores. Também é interessante ressaltar que existem muitos grupos de pesquisa no Brasil sobre a História Ambiental, tais como: Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) do PPGH-UFSC; Laboratório de História Ambiental e Gênero (PPGH-DEHISUNICENTRO); Laboratório História e Ecologia (PPGH-UFRJ); Laboratório de História e Meio Ambiente da UNESP; o Grupo de Pesquisa em História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI/FURB/SC) e o LabGeo Baixada Fluminense, sediado na UERJ/FEBF. Também, desde 2007, se encontra a Rede Brasileira de História Ambiental (RBHA), que divulga a História Ambiental brasileira centralizando informações por meio digital e contribuindo para a formação de um banco de dados na temática em questão (RBHA, 2020).

Percebe-se a contribuição de diferentes grupos e áreas pelo Brasil para o desenvolvimento da História Ambiental. Martinez (2011) destaca que um dos campos metodológicos da História Ambiental é a história da colonização. Isto porque ela pode apresentar diversos temas investigativos como a transferência de plantas e animais, impactos coloniais, relações sociais, experiência humana da colonização de diferentes espaços e ambientes. Entre os temas mais discutidos da História Ambiental está direcionado sobre as “migrações históricas e alterações espaciais” envolvendo diferentes grupos étnicos e as migrações de plantas, animais e manejos. A região sul do Brasil, por ser palco de grandes movimentações migratórias e conflitos, possui um expressivo número de investigações em História Ambiental do Brasil.

Mesmo assim, pode-se dizer que a História Ambiental que está sendo construída na região sul é recente. No estado do Paraná existe o Laboratório de História Ambiental e Gênero da UNICENTRO, que engloba diversos grupos de pesquisa. Em Santa Catarina, destaque-se o núcleo de pesquisa em História Ambiental, o Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA), da Universidade Federal de Santa Catarina, que envolve pesquisadores, graduandos, mestrandos, doutorandos, doutores, pós-doutores e professores. Dentre as atividades tem-se os principais encontros nacionais sobre História Ambiental, como o Simpósio Bidual Internacional de História Ambiental e Migrações, com a participação de estrangeiros e brasileiros (LABIMHA, 2020, texto digital).

Tratando-se do Rio Grande do Sul, a História Ambiental foi engajada por pesquisadores que iniciaram investigando temáticas como cidades e rios, florestas, migrações, viajantes, ruralidades, arqueologia, povos indígenas, entre outros. O primeiro livro publicado foi “História Ambiental do Rio Grande do Sul”, organizado por Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadro Rückert e Neli Galarce Machado. Contribuíram assim para a compreensão das interações entre humanos e o ambiente natural do Rio Grande do Sul. Com o passar dos anos, em 2013 foi criado o “GT História Ambiental da ANPUH/RS” e desde então, foram vinculados pesquisadores e estudantes que abordam ou desejam abordar a História Ambiental, o qual também faço parte e integro a coordenação nos últimos anos.

Com destaque a aspectos importantes sobre o território, a imigração italiana e História Ambiental do estado do Rio Grande do Sul, conta-se com pesquisadores e também obras articuladas nesta tese autores como Correa e Bublitz (2006); Bublitz (2004; 2010); Gerhardt (2005; 2013; 2014). De modo geral, todos apresentam análises da colonização no Rio Grande do Sul e também italiana, informações sobre o ambiente, contribuições das atividades

econômicas, bem como a degradação nos espaços colonizados por estes imigrantes. Correa e Bublitz (2006) refletem as relações envolvendo natureza e imigrantes italianos, os açorianos, alemães, judeus e os impactos ambientais acarretados por cada um destes grupos no Rio Grande do Sul.

Juliana Bublitz (2004; 2010) contribui com estudos sobre colonização alemã e italiana no século XIX a partir da perspectiva da História Ambiental. Além de examinar a degradação do espaço vivido na floresta subtropical, vista pelos colonos como uma *fronteira verde* e inesgotável, também aborda o sistema produtivo e as formas de organização social na nova terra. Referente à colonização italiana na região de planalto do Rio Grande do Sul, o domínio da floresta das Araucárias e sua relação com o meio ambiente reúne informações relevantes no que diz respeito à História Ambiental, as quais foram significativas para este trabalho.

Outro autor que vem pesquisando sobre colonização e a erva-mate é Marcos Gerhardt (2005; 2013; 2014). Inicialmente o pesquisador abordou a colônia Ijuí, no planalto do Rio Grande do Sul durante o século XIX e XX e a devastação da paisagem gerada pelo imigrante nas atividades agropecuárias. O mato era considerado pelos imigrantes como intocável e um empecilho para a agricultura, o que levou a introduzirem instrumentos para o desmatamento. Muitas transformações ambientais foram geradas por famílias de imigrantes nos séculos XIX e XX (GERHARDT, 2014). O contato com a espécie *Ilex paraguariensis* no século XIX e XX era direcionado para extrativismo, comércio e consumo. Pela perspectiva da História Ambiental, enfatiza que ocorreram mudanças nas paisagens e que a erva-mate teve grande importância ecológica, social e econômica, pois integrou complexos de ecossistemas florestais, ajudou a sustentar famílias de indígenas, de caboclos extrativistas e de colonos, entre eles o italiano.

No âmbito regional do Vale do Taquari/RS tem-se estudos que envolvem a temática das populações indígenas, trabalho de escravizados e imigrações europeias bem como os elementos naturais, como exemplos Kreutz (2008; 2016); Pires (2016); Cristo (2018); Castoldi (2016), Trombini (2016), Relly (2014; 2019) e Diedrich (2020). O Vale do Taquari, que por sua vez possuía uma formação bastante diversificada do ponto de vista étnico, tradicionalmente tratava-se de território indígena Guarani e Kaingang, passou a ser colonizado por sesmaria e fazendas de lusos que trouxeram os negros escravizados, seguiram-se os imigrantes açorianos em fins do século XVIII, os imigrantes alemães a partir de meados do século XIX e nas últimas décadas do século XIX, os imigrantes italianos.

Estudos de Kreutz (2008; 2016) e de Cristo (2018) apontam informações sobre a ocupação indígena Guarani e História Ambiental. Segundo Kreutz (2008) a região do Vale do Taquari apresenta contexto ambiental de bioma Mata Atlântica com Floresta Ombrófila Mista. A ocupação Guarani nos territórios da bacia hidrográfica do rio Taquari iniciou-se por volta do século XIII colonizando as planícies ao longo dos rios e arroios da bacia, promovendo deslocamentos comuns à sua cultura. A partir da década de 1630 passaram a sofrer pressões externas, em função da vinda de jesuítas espanhóis, de bandeirantes paulistas e, mais tarde, de imigrantes europeus e seus descendentes (KREUTZ, 2016). Além do mais, os territórios do Rio Grande do Sul também foram durante o século XVII palco de negociações territoriais entre os Guarani e a Companhia de Jesus, ambos fundamentados em lógicas culturais distintas e que tiveram fortes relações (CRISTO, 2018).

Em seguida, entre os anos de 1857-1890, tem-se também a intensificação da presença do trabalho escravizado nas fazendas dos portugueses nos municípios de Taquari e Estrela, ambos localizados próximos ao rio Taquari. Segundo Pires (2016), a maioria das atividades desempenhadas pelos escravizados eram no meio rural como tarefas de campeiro, lavrador, agricultor, roceiro, falquejador, carpinteiro, ferreiro, serrador, cavaleiro e jornaleiro. Este estudo torna-se relevante, pois destaca a existência da escravidão no Vale do Taquari e a identificação dos sujeitos que possuíram a mão de obra escravizada bem como aqueles que foram escravizados, além do envolvimento de um jornal local - O Taquaryense, com a causa abolicionista.

Relativo à imigração europeia e História Ambiental tem-se os trabalhos de Relly (2014; 2019) sobre os imigrantes alemães e Castoldi (2016) e Trombini (2016) sobre os imigrantes italianos. Tanto na dissertação como na tese Relly apresenta o ambiente e as relações dos imigrantes teuto-brasileiros em territórios da Alemanha, a colônia Santa Cruz e o Vale do Taquari. São análises e reflexões ambientais que permeiam também assuntos econômicos e culturais, desde a saída da Alemanha e o contato com a biodiversidade do Rio Grande do Sul. Já com os italianos, Castoldi e Trombini (2016), apresentam que os imigrantes italianos e seus descendentes, tanto em territórios do Rio Grande do Sul quanto nas Microrregiões Norte, Leste e Oeste do Vale do Taquari desde a ocupação inicial em 1875, estabeleceram relações de maior ou menor impacto com o ambiente como é o caso do desmatamento, queimadas, rotação de terras e o uso de agrotóxicos para as atividades agropecuárias. Portanto, mantiveram e atualizaram elementos culturais italianos relacionados à agricultura, pecuária, alimentação, festividades, religiosidade e lazer.

Recentemente, o estudo de Melissa Heberle Diedrich “Topônimos e História Ambiental no Rio Grande do Sul” (2020) contemplou toponímicos das bacias hidrográficas do Rio Taquari-Antas e do Rio Pardo. A autora apresentou uma diversidade de nomes baseados em estudos ambientais, geográficos e históricos, desde a origem, motivação e alteração de nomes de cursos d’água. Torna-se muito relevante conhecer esses toponímicos sob um enfoque histórico-ambiental.

A discussão ambiental se tornou ao mesmo tempo criadora e criatura do processo de globalização ao longo dos anos. Sendo assim, podemos relacionar a História Ambiental aos imigrantes italianos (como atores sociais) com o meio ambiente (os sistemas naturais) desde a chegada em suas terras e os aprimoramentos, o qual utiliza-se uma investigação aberta para analisar a relação destes imigrantes italianos com a terra, água, animais e plantas, o necessário para sua sobrevivência.

Portanto, os autores apresentados que abordam esta temática facilitam a compreensão das relações entre homem e o ambiente, da vida deste grupo étnico e a análise contextual dos territórios explorados por este imigrante, tanto na Itália como ao norte do rio Taquari. Desta maneira, a História Ambiental é de fundamental importância para a investigação histórica, possibilitando compreender que toda ação humana interfere no meio ambiente de modo intrínseco; ou seja, as sociedades humanas organizam e reorganizam seus modos de vida de acordo com o ambiente físico e alteram-no conforme suas necessidades e ganâncias, processos apresentados nesta tese.

### **2.2.2 Espacialidades territoriais**

No decorrer da análise dos territórios ítalo-brasileiros transpassaram diversos conceitos e denominações como território, espaço, lugar, região, *paese* e colônia entre outros, que mantêm ligação com as espacialidades territoriais. Assim, os territórios pesquisados passaram por modificações no decorrer dos séculos XIX e XX, tornando-se imprescindível buscar o entendimento destes conceitos. De outro lado, estes territórios ocupados e explorados permaneceram relações direta ou indiretamente com os elementos naturais, principalmente para produções. Por isso apresenta-se autores que sustentam teoricamente estes principais conceitos referentes a espacialidades territoriais como Werther Holzer (1997), Ávila Aguiar Coimbra (2002), Luiz Otávio Cabral (2007), Rogério Haesbert (2010) e Angelo Serpa (2013).

Estudos fundamentais que abordam diferentes conceitos são de Holzer (1997) e Cabral (2007). Inicialmente compreendem categorias de paisagem e o lugar enquanto gêneros espaciais, e de seu relacionamento com território e meio ambiente. Por isso, a importância de estudar o sujeito – homem, e o objeto – ambiente, com suas conexões desenvolvidas. Relevante também é entender os conceitos geográficos sobre uma perspectiva geográfica, característica também da História Ambiental aliada a outra área que auxilia na análise dos conceitos e elementos que constituem toda a representação geográfica.

Definir cada um dos conceitos foi fundamental para esta tese, pois o espaço está em movimento e foi relacionado com a linha de pesquisa ou objeto de estudo. Segundo Cabral (2007, p. 145) espaço, sob uma perspectiva geográfica, é um conjunto de objetos e ações, o qual só existe em relação aos usos e significados. Assim, todos os desdobramentos conceituais elencados nesta tese são elementos do espaço. Primeiramente, pode-se entender que *lugar* pode ser a área que contém alguma coisa, construído historicamente e socialmente constituindo funções do mundo e suas possibilidades. Primeiramente o lugar era visto como um lugar de vivência, partindo de onde viemos e partimos. O **território** como o lugar em que o ser humano realiza ações e concretizações destas no espaço.

Já o conceito de **paisagem** é determinado como um suporte físico que contém características naturais e o ambiente de tudo o que está a nossa volta. Também pode ser a realidade objetiva, dos elementos físicos, biológicos e humanos e do ponto cultural como a mediadora entre o subjetivo e o real, mediando assim a relação entre ambos. Da convivência do homem com o ambiente, tem-se a **territorialidade** como a expressão dos comportamentos vividos do mundo pessoal e intersubjetivo, englobando a relação do território com o espaço estrangeiro. É a ideia de posse e da consequente defesa do território conquistado pelo homem.

Outra questão muito significativa nesta tese é o conceito de **região**, por tratar-se de espacialidades transoceânicas. É o que o geógrafo gaúcho Rogério Haesbert (2010) destaca na importância contributiva da geografia na construção renovadora do espaço e os conceitos de região, regionalização e regionalidade. Ao regionalizar um espaço podemos fazer um recorte para melhor situar-se e também orientar-se dentro dele, cabendo assim determiná-lo através dos processos globalizantes ou por situações sociais. Região é a entidade geográfica concreta e a regionalização a diferenciação ou recorte do espaço em parcelas coesas ou articuladas. Uma região comporta vários estados e estes são dotados de amplitudes, com diversidades populacionais, ambientes distintos e toda uma construção territorial. O que define uma região não são os aspectos naturais e sim as construções sociais.

Corroborando com esta ideia, Angelo Serpa (2013) aborda as perspectivas e a discussão teórico-metodológica para a geografia humana a partir de diversos conceitos, como o de região. Quando apresenta este conceito de região se tem ideia de como a interligação dos fatos econômicos com os sistemas de valor, tradições e organização social podem ser vinculados em qualquer recorte. Assim, a região integraria espaços sociais e vividos, consolidada na percepção dos habitantes.

Nessas designações os conceitos territoriais sofreram alterações sociais e políticas em espacialidades ítalo-brasileiras nas quais viveram os imigrantes italianos e seus descendentes. Da mesma forma, pelo convívio com o ambiente diversas foram as atribuições feitas, e neste caso pelas atividades agropecuárias. Por isto Coimbra (2002) aborda ideias ambientalistas e atrás em seus capítulos as relações e a qualidade de vida do homem ao utilizar o ambiente. Segundo ele, o ambiente e o homem são inseparáveis, pois o ambiente tem ligação direta com suas ideias, sentimentos e ações humanas.

Como o homem está diretamente associado ao meio tem o compromisso de refletir sobre uso e os impactos que vem causando. São reflexões que condizem com a História Ambiental e ao mesmo tempo por fazerem parte do ambiente. Tanto na Itália como ao norte do rio Taquari, os italianos mantiveram e desenvolveram atividades culminadas pelo desenvolvimento familiar e econômico, gerando degradações ao ambiente de maior ou menor impacto.

A utilização dos conceitos mencionados neste estudo está relacionada aos lugares vividos durante o século XIX e XX dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes, os quais passaram por modificações ambientais principalmente por serem espaços de produções e atividades econômicas. Vale ressaltar também que estes conceitos contribuem para o entendimento dos desmembramentos e novos espaços territoriais ocasionados pela movimentos migratórios e emancipações políticas.

### **2.2.3 Atividades econômicas**

Para refletir sobre as relações entre ambiente e as atividades econômicas em espacialidades ítalo-brasileiras durante o século XIX e XX, fundamentalmente aprimorou-se articular aportes teóricos que sustentassem refletir conceitos como da economia e as atividades desenvolvidas. Portanto, a partir das principais atividades agropecuárias deste

grupo étnico que estavam ligadas diretamente à produção de subsistência e econômica, muitas vezes não se levava em conta que tais atuações e a utilização dos recursos naturais existentes acarretavam diferentes impactos ambientais. Então, para o entendimento destas questões se utilizou teóricos como Celso Furtado (1974; 1979), Caio Prado Júnior (1976), Maria Yedda Linhares (1997), Wayne Nafziger (2006) e Daniel Caixeta Andrade (2008).

As atividades econômicas humanas passaram historicamente por uma sequência de fases: a caça, criação, agricultura, comércio e indústria. Com a acumulação destas atividades, tem-se o “capital” que tem origem na coletividade humana que cria excedentes, isto é, produzir mais do que o necessário para a sobrevivência de seus membros possibilitando a diversificação da produtividade.

Verificando a história econômica do Brasil, percebe-se a diversidade de atividades que já foram desenvolvidas desde a extração do pau-brasil, o início da agricultura com o açúcar e tabaco e momentos de industrialização em massa (PRADO JÚNIOR, 1976). A economia brasileira tem dois setores de exportação: os grandes produtos de exportação e as atividades da economia de subsistência. Quanto aos produtos de subsistência grande parte tem relação com os cultivos indígenas, tais como, da mandioca, milho, arroz e feijão e da abundância da flora nativa do Brasil. No decorrer de todo esse processo econômico, a ideia base sócio-política e econômica era de desenvolvimento, elencados na imagem de “crescimento” mundial.

Muitas discussões percorrem o conceito de *desenvolvimento*. Obras de Celso Furtado como o livro “O mito do desenvolvimento” (1974) e “Teoria e política do desenvolvimento econômico” (1979) trazem tais discussões pertinentes. A ideia do desenvolvimento como mito, algo que não pode ser alcançado nas estruturas de um sistema que destrói recursos naturais, agrava disparidades de renda e tende ainda a produzir uma homogeneização cultural. De certa forma é interessante pensar como os impactos econômicos afetam o meio físico, as dimensões culturais do desenvolvimento, a análise do progresso nos seus aspectos econômicos, mas também nos sociais, culturais e políticos.

Segundo Furtado (1974), as relações entre economia e ecologia assinalam uma originalidade que não deve ser esquecida, pois o sistema econômico exerce dupla pressão sobre o meio ambiente, utilizando seus recursos e conseqüentemente degradando por ações do homem. Pensar em desenvolvimento econômico é de fato, associado à ideia de que o modelo da economia em expansão destrói e degrada em larga escala o meio ambiente, além de criar a ilusão de que crescendo a economia gera desenvolvimento. Tratando dos impactos da

economia no meio físico, são questões que se referem aos limites do crescimento, como o desperdício de recursos e a destruição ambiental.

Também pensar em desenvolvimento significa explicar numa perspectiva macroeconômica as causas do aumento da produtividade com o trabalho. Por isso, não se deve confundir aumento de produtividade com desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento compreende a ideia de crescimento, um crescimento de um conjunto de estrutura complexa. Assim, a produção dos meios de subsistência é um fator social do qual decorrem relações de produção determinadas e necessárias a partir das forças produtivas.

Corroborando com tais ideias, o professor economista E. Wayne Nafziger (2006) destaca o desenvolvimento econômico nos continentes enfatizando os temas da pobreza, desigualdade, desemprego, meio ambiente e deficiências das pessoas em países menos desenvolvidos. Segundo ele, os termos desenvolvimento ou crescimento econômico não são idênticos. O crescimento pode ser necessário, mas não suficiente para o desenvolvimento. Quando se fala em crescimento econômico se refere a aumentos na produção ou renda de um país per capita, em que a produção é geralmente medida pelo produto nacional bruto (PNB) ou renda nacional bruta (RNB), usada alternadamente, a produção total de uma economia de bens e serviços. Todo esse crescimento consiste no acompanhamento por uma alteração na produção e na estrutura econômica do país.

O desenvolvimento econômico refere-se ao crescimento econômico acompanhado por mudanças na distribuição da produção e na estrutura econômica. Essas mudanças incluem bem-estar material, agricultura, indústria, educação, entre outros. Ou seja, um conjunto de fatores que envolvem todos os indícios do ambiente. Enfatiza também que a ecologia e a biologia, especialmente características distintivas do clima, meio ambiente e plantas e animais selvagens auxiliam no destinos das sociedades humanas e seu desenvolvimento.

No decorrer do século XIX, tem-se o renascimento da agricultura brasileira que desencadeava um viés quantitativo do que qualitativo, com processos bárbaros, destrutivos e com efeitos devastadores como o desmatamento e as queimadas. A segunda metade do século XIX assinala o momento de maior transformação econômica na história do Brasil nas indústrias, comércio e, sobretudo na agricultura. Durante a República Velha (1889-1930) os principais produtos eram o café e o leite, por isto também denominada Café-com-leite. Foi neste mesmo período que a emigração italiana veio para o Brasil, quando se almejava uma produção extensiva e em larga escala, a qual favorecia a produção diversificada de caráter camponês com a pequena propriedade (PRADO JÚNIOR, 1976).

Nesse patamar muitos estudos foram articulados com o pressuposto de explicar as mudanças pela ação do homem e suas relações com o meio físico. No entanto, conforme destaca Maria Yedda Linhares (1997), durante a maior parte do tempo as atividades agropecuárias foram a principal atividade que congregou homens e mulheres constituindo-se na principal fonte de vida e trabalho. Pensar na agricultura envolve técnicas, trabalho agrícola resultante das colheitas e os agricultores com suas maneiras próprias de viver.

Mas, sobretudo a agricultura expressa três tipos de abordagem: 1) história das ciências e das técnicas que recai sobre o ambiente, superfície cultivada, tecnologia agrícola e população; 2) modalidade da história social e da agricultura com formas de apropriação e uso do solo e 3) concordância das duas modalidades anteriores tendo como referência a teoria econômica dos sistemas. Deste modo, as atividades agropecuárias englobam a terra (meio ambiente natural), os homens (a população) e as técnicas (forças produtivas). A partir desses três componentes acredita-se que as atividades econômicas dos italianos, imigrantes italianos e descendentes nos territórios pesquisados contemplam os elementos dissociados como o sistema socioeconômico em questão, as condições de acesso à terra, o meio geográfico e o perfil do grupo étnico.

Por isto, torna-se interessante investigar questões ambientais e interações das ciências sociais e naturais para uma análise das relações entre economia e meio ambiente. Para Andrade (2008), é partindo do princípio de que a atividade econômica, a qualidade de vida e a coesão das sociedades humanas são dependentes de serviços providos do meio ambiente, onde é fundamental que a teoria econômica considere as interconexões entre as atividades e seu meio externo, pois foi procurado compreender a dinâmica subjacente aos processos naturais de suporte à vida e os impactos que as atividades humanas têm sobre os sistemas naturais.

Os teóricos utilizados para articular as atividades econômicas dos ítalo-brasileiros a partir de seus primeiros contatos e suas produções abrangem a perspectiva do ambiente explorado e suas formas de utilização que nem sempre foram pensadas. Assim, com base nos autores apresentados entende-se que as atividades econômicas desenvolvidas por este grupo estão diretamente associadas ao ambiente, bem como provocaram transformações na paisagem.

Dessa forma, após a apresentação dos aportes teóricos, verifica-se que a análise de temas que versam sobre ambiente, História Ambiental, espacialidades territoriais e atividades econômicas contemplam satisfatoriamente o suporte para a compreensão da temática em estudo. Contribuíram assim, como abordagem analítica e também metodológica de principais

conceitos e discussões envolvendo o meio ambiente, território e ações nos territórios ítalo-brasileiros.

### **2.3 Procedimentos Metodológicos**

Vale salientar que a metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa. Significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Os procedimentos metodológicos contêm as informações relativas à realização da pesquisa. Isto é, lista-se os instrumentos para a coleta de dados, bem como técnicas que foram utilizadas na análise das informações e os critérios éticos para a realização da investigação. Neste sentido, a pesquisa desta tese é de natureza qualitativa e no que se refere ao objetivo geral ela é de cunho exploratório. Com base em procedimentos técnicos a pesquisa é classificada como: bibliográfica, documental e pesquisa de campo utilizando-se de incursões etnográficas registradas em diários de campo, registros fotográficos e produção de fontes orais por meio de entrevistas semiestruturadas.

As etapas dos procedimentos técnicos foram realizadas nos territórios ítalo-brasileiros em várias etapas e no período de três anos, sempre procurando explorar as informações para análise. Para um melhor entendimento desta emigração transoceânica ítalo-brasileira buscou-se metodologicamente diversas fontes, desde bibliografias, fotografias, documentos, mapas e pesquisa de campo. Ressalta-se que praticamente todas as etapas já haviam sido realizadas antes da pandemia da Covid-19 iniciada no Brasil em março de 2020, não encontrando assim dificuldades no que se referiu à coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada nos territórios ítalo-brasileiros por meio da pesquisa documental e de campo durante os anos de 2017 a 2019. A pesquisa documental ocorreu em arquivos e museus que serão posteriormente apresentados em ambos territórios. Já a pesquisa de campo foi realizada com registros em diários de campo e entrevistas. Inicialmente a pesquisa havia sido feita e acompanhada em alguns territórios ao norte do rio Taquari durante o mestrado (2015-2016) e foi ampliada nos demais territórios ao norte do rio Taquari durante a pesquisa para a tese. Assim são vinculadas espacialidades desde as montanhas até as planícies do referido rio, compreendendo atualmente municípios que durante a temporalidade estudada pertenciam a:

- Colônia de Conventos: Sério, Progresso, Pouso Novo e Travesseiro;
- Colônia Encantado: Encantado, Muçum, Arvorezinha, Ilópolis, Anta Gorda, Nova Brésia e Coqueiro Baixo;
- Colônias Guaporé: Dois Lajeados e Muçum.

Já nas regiões do norte italiano, a pesquisa de campo foi realizada no intercâmbio durante 21 dias entre janeiro e fevereiro de 2018 e também no doutorado sanduíche de seis meses entre novembro 2018 e abril de 2019, supervisionada pelo professor Luís Fernando Beneduzi da Università Ca'Foscari de Veneza, Itália. Por tratar-se de diferentes fisionomias geográficas, entre os Alpes Dolomiti e planícies, prioriza-se apresentar as informações encontradas especificamente pela coleta de dados nas três regiões ítalas pesquisadas conforme segue:

- Na região do Vêneto, particularmente na província de Beluno as cidades de Mel, Trichiana, Auronzo di Cadore e Lentiai;
- Na região da Lombardia, na província de Cremona – a cidade de Cremona, província de Varese a cidade de Fagnano Olano e na província de Brescia a cidade de Borno.
- Na região do Trentino Alto Ádige, a província de Trento com as cidades de Rumo, Canal San Bovo, Caldonazzo e Pressano di Lavis.

Os interlocutores – italianos, imigrantes italianos e seus descendentes, contribuíram com informações relacionadas às problematizações propostas similares ou díspares referentes às questões ambientais, situações sócio-políticas e atividades agropecuárias nos territórios ítalo-brasileiros. Desta forma foram incluídas na pesquisa, famílias de duas ou três gerações do norte italiano bem como uma imigrante e descendentes dos imigrantes italianos ao norte do rio Taquari que contribuíram relevantemente para este estudo.

A escolha dos entrevistados nos territórios selecionados para a análise ocorreu pela disponibilidade das famílias a partir de buscas em associações italianas, prefeituras e de pessoas conhecidas ao norte do rio Taquari. Já no caso dos territórios no norte italiano o contato com os entrevistados foi pela aproximação intermediada das associações italianas localizadas ao norte do rio Taquari, pelas famílias entrevistadas que possuem relações de parentesco, buscas nos acervos, museus e da indicação pela Università Ca'Foscari antes e durante a permanência do doutorado sanduíche.

O perfil principal dos entrevistados compreendeu o fato de viverem ou terem trabalho com atividades agropecuárias, tanto no norte da Itália como no Brasil e por apresentarem conexão com o principal objetivo desta investigação. Assim, contribuíram com suas diferentes histórias de vida e relações familiares com o ambiente na temporalidade pesquisada, sendo entrevistados homens e mulheres com uma idade média de 80 anos. Ressalta-se a importância que no decorrer da pesquisa encontrou-se com uma “saúde de ferro” uma entrevistada ao norte do rio Taquari que emigrou da Itália na década de 1910, considerada como a única emigrante viva encontrada para o recorte temporal proposto da pesquisa e que possui uma lúcida memória, fornecendo dados de fundamental relevância que foram utilizados nesta tese. Portanto é preciso novamente agradecer a todos participantes e também os que já partiram (*in memoriam*) durante o processo de produção deste trabalho, os quais carinhosamente acolheram os pesquisadores em suas casas, contribuindo com informações e histórias de vida singulares.

A pesquisa de campo compreendeu a incursão nas residências de famílias ítalas e de descendentes de imigrantes italianos nos territórios em estudo, de modo que estas foram iniciadas, conforme referido, ainda no ano de 2015. Dessa forma, foram selecionadas vinte e quatro pesquisas de campo com as famílias dos interlocutores, algumas das quais ocorreram por mais de uma vez em territórios ítalo-brasileiros durante toda a tese separadas em dois momentos:

- doze em territórios ao norte do rio Taquari durante o mestrado e o doutorado, identificadas como E1 a E12;
- doze na região norte italiana - três durante o mês de janeiro de 2018 durante um curto intercâmbio (21 dias) e outras nove durante o doutorado sanduíche (novembro de 2018 a abril de 2019, indicadas como E13 a E24).

No levantamento de campo recorreu-se ao método da história oral que proporcionou, conforme Alessandro Portelli (2010, p. 213), “[...] um diálogo entre e além das diferenças [...] Temos tudo a ganhar com os ouvidos abertos”. A utilização desta abordagem permitiu a obtenção de diversas informações por intermédio dos diários de campo e entrevistas coletadas pelos interlocutores na pesquisa de campo que se somaram com outros dados coletados. Por isso, também é relevante a discussão sobre a história oral e memória, pois os relatos dos italianos, imigrantes italianos e descendentes contemplam dados desta tese.

As discussões sobre história e memória são complexas e se articulam, quando a maioria dos autores destacam que são elementos diferentes. A relevância da fonte oral com a memória e oralidade facilitam o entendimento das lembranças coletivas ou individuais (PORTELLI, 2010; TEDESCO, 2014). A fonte oral é importante no esclarecimento das trajetórias individuais e coletivas e da orientação dada aos fatos históricos, permitindo articular o passado no presente, desenvolvendo a arte dialógica entre entrevistado e entrevistador.

Pollak (1992) enfatiza que a memória é seletiva e herdada com articulação aos momentos vividos e Nora (1993) diz que a memória é um sistema de sinais e símbolos com caráter construtivo que as lembranças têm. Sabe-se que narrações históricas são reconstruções baseadas na memória, porém ligadas às condições de interpretação, de parcialidade e de identidade (TEDESCO, 2014). Um dos grandes desafios da história oral é reconhecer os dados da pesquisa histórica e social nas narrações e trazer ao leitor uma análise crítica e de interpretações.

Assim, no decorrer da pesquisa foram anotadas informações discursivas, situações, vivências, entre outros elementos transformados em diários de campo. Segundo Weber (2009), diários de campo são observações e construções do ofício etnográfico. É uma técnica na qual o observador registra os comportamentos e discursos de um grupo social e também os elementos ao seu redor. Tratando-se das entrevistas coletadas, elas são capazes de transmitir narrativas também relevantes com diversas temáticas. É o que enfatiza Alberti (2004, p. 26) quando destaca que: “o entrevistado delas se lembra: histórias, canções, poemas, provérbios, modos de falar, de um grupo, reminiscências sobre antepassados e sobre territórios, informações transmitidas de geração em geração”.

Tanto as entrevistas como os diários de campo se complementam e contribuem a partir de uma relação dialógica, em uma via dupla entre o pesquisador e o interlocutor. Para Santos (2016), estar em campo e expressar o que foi evidenciado a partir das narrativas orais faz parte da história oral e do campo etnográfico. Deste modo, evidencia-se a partir das entrevistas e diários de campo a possibilidade de entender as experiências dos italianos, imigrantes italianos e descendentes para comparar a partir das observações e relatos informações no que se refere as suas histórias de vida, sociais e econômicas.

E por último destaca-se a importância das fotografias registradas e manuseadas, tanto nos arquivos, acervos e museus como com as famílias nos territórios ítalo-brasileiros. O uso da fotografia na história possibilita ser um instrumento de apoio à pesquisa, trazendo ao

registro fotográfico informações e expressões que nem sempre são encontradas nas fontes documentais e bibliográficas. Segundo Kossoy (2001, p.28) a fotografia “é um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”. Permite assim, uma investigação da história gravada no documento visual, proporcionando autoconhecimento, recordações, criação artística, cenários, personagens, eventos e transformações.

Peter Burke (2004) enfatiza que existem diferentes tipos de imagens: pinturas, estátuas, gravuras e fotografias. Todos esses objetos podem demonstrar o valor das imagens como evidência histórica, as quais compartilham experiências não verbais ou conhecimento de culturas passadas. Destarte, o historiador deve utilizá-las e devem ser contextualizadas dentro do seu loco político e social, pois constituem fonte histórica. Assim, é possível abrir novas abordagens, sempre lembrando dos perigos que se corre no uso das imagens.

Ao utilizar as fotografias registradas desta tese, teve-se o cuidado de relacioná-las ao objeto de estudo contemplando a pesquisa, análise e interpretação tanto do ambiente, territórios e vidas dos italianos, imigrantes italianos e descendentes. Por isto, todas foram identificadas e contemplaram informações pertinentes como fonte metodológica.

### **2.3.1. Instrumentos de Pesquisa**

Na realização deste estudo a abordagem metodológica foi qualitativa. A metodologia enquadra-se em uma pesquisa de cunho qualitativo e tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, favorecendo também aprofundamentos da compreensão de um determinado grupo social (NEVES, 1996). Assim como a pesquisa experimental, os estudos de campo guiam-se por um modelo de pesquisa em que o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. Nesta perspectiva, foi necessário e relevante utilizar instrumentos como o caso de entrevistas para serem analisadas com vistas à apresentação de resultados (DELFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008).

Na realização desta pesquisa recorreu-se ao comparativo, que segundo Schneider e Schimitt (1998), é um método aplicado geralmente nas ciências humanas que consiste na busca de explicar as semelhanças e diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga

por meios sociais distintos. Tais meios sociais podem ser sociedades distantes no tempo e no espaço, mas que possuem um ou mais pontos de origem em comum. Por isso, o que se apresenta nesta tese foi a relação de algo comparado a outro com aspectos e características.

Corroborando com esta ideia trabalha-se também na perspectiva da história comparada, defendida por Marc Bloch (1928;1998) no campo historiográfico como um método específico a partir da observação, o “método histórico-comparativo”. Nesse patamar Barros (2009) também enfatiza que é um campo historiográfico específico e quando comparamos algo se abre para o diálogo e torna-se complexo. Quando se estabelece um recorte e se trabalha com a diversidade das fontes tem-se uma observação melhor dos fatos, conseguindo atingir respostas originais. Por isso a história comparada tem o intuito de apresentar a partir da análise do objeto de estudo e suas finalidades as familiaridades e distinções de qualquer situação.

Na aplicação do método qualitativo-comparativo no ponto de vista dos procedimentos técnicos utiliza-se a história oral, com roteiro de entrevista com perguntas que envolvem a história familiar, vivência e relações dos ambientes ítalo-brasileiros e os critérios para observação participante, proporcionando assim estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes, principalmente aquele “emigrado” e o “encontrado”. Para Alberti (2004) a História Oral enquanto método enfatiza a importância de se partir do local em que o entrevistado ocupa no grupo e do significado de sua experiência. Tal método de pesquisa defende que pessoas que participaram, vivenciaram, presenciaram fatos ou situações ligadas ao assunto em estudo, podem fornecer depoimentos e informações relevantes, importantes, significativas para a questão.

Conforme Godoy (1995, p. 21) é de suma importância que o pesquisador “vá a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno”. A técnica da entrevista semiestruturada possibilita a utilização de um roteiro com questões previamente definidas, e acréscimo de novas perguntas na medida da necessidade. Assim, pode-se esclarecer o que ficou duvidoso ou auxiliar na recondução dos objetivos, caso o entrevistado tenha “fugido” do assunto em pauta ou esteja com dificuldades (BONI; QUARESMA, 2005). Assim, o sujeito a ser pesquisado terá liberdade para descrever realidades referentes ao seu cotidiano, bem como explicá-lo situando-o dentro do contexto relacionado ao tema da pesquisa.

Concomitante, durante as saídas de campo foram realizados registros fotográficos com as famílias entrevistadas, acervos e museus nos territórios ítalo-brasileiros. Para Chemin (2020, p. 87) durante a pesquisa de campo é possível também “agregar outros procedimentos, como análise de documentos, filmagem, fotografias, além de utilizar técnicas de observação e de entrevistas com informantes para obter suas explicações e captar interpretações do que ocorre no grupo”. As fotografias possibilitam entender a natureza e o homem bem como suas representações, bem como enfatiza Burke (2004, p. 17) “é um guia de representações que auxilia a história”. Também é possível refletir a partir das fotografias sobre as transformações e o desenvolvimento que caracterizavam determinada época (COSTA; SILVA, 1995). Assim, tornou-se relevante a utilização das fotografias nesta tese como instrumento de análise do ambiente e sociedade.

A obtenção de dados descritivos envolve assuntos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes no estudo. Por isso, analisou-se referências bibliográficas de autores que contemplam a história, formação territorial, política e atividades agropecuárias da Itália durante o século XIX, da colonização italiana no Rio Grande do Sul e nos territórios ao norte do rio Taquari com aspectos históricos e socioeconômicos a partir das relações dos italianos e seus descendentes com o meio ambiente. A pesquisa bibliográfica e documental, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 182), “abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

A pesquisa da tese priorizou estudos que tratam da história, ambiente, sociedade e atividades econômicas envolvendo italianos, imigrantes italianos e seus descendentes. Portanto, neste estudo utilizou-se o método qualitativo-comparativo buscando explicar as relações entre ambiente e práticas agropecuárias, focando-se na compreensão das dinâmicas das relações sociais sempre com o viés da História Ambiental.

### **2.3.2 Coleta de Dados**

Para realizar a coleta de dados a pesquisa exploratória seguiu os objetivos propostos, os quais proporcionaram maior familiaridade com o problema com vista a torná-lo explícito

ou construir hipóteses. Por esse motivo, envolve levantamento bibliográfico, documental e entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática e análise de exemplos de compreensão (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Este trabalho também enfatiza a diversidade de fontes e coleta de dados diversos que envolvem livros, documentos e história oral sobre os italianos, imigrantes italianos e seus descendentes.

O primeiro grupo de fontes foi coletado em acervos digitais, arquivos e bibliotecas. Contudo, também foram feitas buscas na internet e coletados dados sobre assuntos que tratam dos territórios pesquisados em acervos digitais, arquivos, bibliotecas, etc., ou seja, encontrou-se variados trabalhos em língua portuguesa como também em língua italiana. Desta forma, desde o ano de 2015 foram realizadas aulas de língua italiana pela ACIRS na cidade de Lajeado, para aprimorar conhecimento de uma nova língua, pois no decorrer dos passos metodológicos encontrou-se bibliografias, documentos e diálogos em italiano. Também durante o doutorado sanduíche estudou-se o curso avançado (C1) de língua italiana na SIE (School for International Education) da Univesità Ca'Foscari – Veneza/Itália, durante três meses com duração de 70 horas. Conhecer, ouvir e falar uma nova língua foi intenso e significativo pessoalmente e para esta pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base na compilação de livros, publicações periódicas, em especial em revistas científicas e materiais encontrados em meios eletrônicos e digitais. Também foi relevante para a investigação o acompanhamento e levantamento de dados do acervo do projeto denominado “Projeto de Pesquisa Desenvolvimento econômico e sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS: determinantes, dinâmicas e implicações” no período de 2012-2016 coordenado pela professor Júlia Elizabete Barden, e de outro projeto designado “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS”, iniciado em 2016, coordenado pelo professor Dr. Luís Fernando da Silva Laroque. Em ambos projetos a doutoranda atua como voluntária desde 2015.

A coleta de dados em livros realizou-se em bibliotecas públicas dos territórios pesquisados, os artigos científicos foram buscados nas principais bases de dados como o Portal de Periódicos da Capes, EBSCO e Scielo. As teses, dissertações e monografias foram coletas a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Destaca-se que no levantamento de dados por temas, resultou-se da seguinte maneira: estudos ítalo-brasileiros: 31 dissertações e 6 teses; ambiente ítalo-brasileiro: 2 dissertações e 1 tese; História Ambiental

e italianos apresenta 144 dissertações e 63 teses e Vale do Taquari e italianos 5 dissertações e 1 tese.

Foi realizado levantamento de bibliografias em acervos e bibliotecas nos territórios ítalo-brasileiros, primeiramente na biblioteca da Univates, mas também em outras bibliotecas do Rio Grande do Sul, proporcionando uma quantidade expressiva de trabalhos. Inicialmente, buscou-se a biblioteca da UCS - Universidade Caxias do Sul, por este município ser uma das primeiras colônias oficiais italianas de colonização no final do século XIX e possuir projetos e diversos trabalhos referentes à colonização e imigração italiana em língua portuguesa e italiana. Também se encontrou em outras bibliotecas da UNISINOS – Universidade do Vale do rio dos Sinos, UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

Durante o período de doutorado sanduíche também foi oportunizado pesquisar em algumas bibliotecas no norte italiano. Inicialmente na Università Ca’Foscari de Veneza, momentos de pesquisa e leitura principalmente na BAUM - Biblioteca Area Umanistica e BEC - Biblioteca Area Economica. Na *Associazione Belunese nel Mondo*, na cidade de Beluno pesquisou-se na “Biblioteca delle migrazioni “Dino Buzzati” e também na biblioteca da “Associazione Trentini nel Mondo” com diversos livros sobre imigração e afins. Além do material xerocado e fotografado, foram presenteados diferentes livros que enriqueceram esta tese.

Em todas bibliotecas foi possível encontrar, manusear e reproduzir vários livros que versam sobre a temática proposta nesta pesquisa desde a história, ambiente e economia da Itália e do Rio Grande do Sul. Além do mais, foi possível ter uma aproximação com projetos de pesquisa com relação à imigração italiana no Rio Grande do Sul bem como estudos com a Itália. Relevante foi também o encontro com diversos pesquisadores e suas contribuições, durante o doutorado sanduíche como Renzo Maria Grosselli, Daniela Perco, Emílio Franzina e Lois Bernard.

A coleta de dados documentais aconteceu de forma seletiva e organizada em arquivos ítalo-brasileiros, de modo a se recorrer a uma observação criteriosa em relação às fontes documentais. As informações coletadas foram separadas por assunto de interesse e posteriormente tabuladas. No decorrer da pesquisa para a apreciação dos documentos oficiais, realizou-se uma leitura aprofundada dos mesmos, separação das unidades de análise, categorização, organização dos dados e, por conseguinte sua interpretação e uso nos capítulos desta tese.

E ainda na execução da investigação a metodologia de trabalho consistiu em pesquisa de campo com as famílias italianas em territórios da região norte italiana, como Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige e também com famílias de imigrantes italianos e descendentes em territórios ao norte do rio Taquari que atuaram ou continuam atuando com agropecuária. A pesquisa de campo foi realizada de forma coletiva com outros professores, pesquisadores e bolsistas, em que o acervo de dados se insere nos projetos de pesquisa “Desenvolvimento econômico e sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS: determinantes, dinâmicas e implicações” e “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS da Univates.

A pesquisa de campo foi realizada em três etapas: na primeira conheceu-se as famílias, fez-se a explanação do projeto, aplicação do roteiro de questões semiestruturadas, concordância com a pesquisa e por fim, elaboração de diário de campo; a segunda etapa consistiu no retorno às famílias para gravação da entrevista e registro fotográfico; e numa última etapa retornou-se até os interlocutores para entrega do material coletado organizado em um DVD com todas as informações. Vale ressaltar que durante a pesquisa no norte italiano não foram realizadas completamente as três etapas, devido ao curto tempo e distância que se localizavam os interlocutores. Portanto, já na primeira etapa foram registradas as entrevistas e informações. Assim, não se encontram nesta tese diários de campo correspondentes ao norte italiano.

Todos os momentos realizados nos territórios ítalo-brasileiros mostraram-se pertinentes tanto pelo acolhimento, importância da pesquisa como pela participação das famílias. Para realização das entrevistas foi utilizado o recurso de gravador de voz, e após a gravação todas as entrevistas foram transcritas na íntegra em português e italiano. Isto é, a transcrição obedeceu a linguagem pessoal de cada entrevistado, sendo preservados, inclusive, seus vícios de locução e dialetos.

Na realização das entrevistas, tendo por base a história oral, que segundo Alberti (2004) designa que nela existe uma vivacidade, um tom especial da experiência do sujeito quando a ênfase dada à narrativa é permeada de emoções e observações de um passado revivido naquele momento. A entrevista é como um filme com cortes, edições, mudanças de cenário, que juntos revelam pedaços do passado, um sentido que a sensação parece estar presente.

Conforme Godoy (1995, p. 58) “as expressões ‘pesquisa de campo’ e ‘pesquisa naturalística’ podem ser vistas como sinônimos de ‘pesquisa qualitativa’”. Torna-se assim

uma ênfase maior cotidiana para compreender como este grupo étnico em estudo viveu nos anos de 1860 do século XIX ao final da década de 1910 do XX por intermédio dos relatos. Não obstante, as pesquisas de campo foram acompanhadas de aportes documentais e bibliográficos. A pesquisa durante o período do doutorado foi realizada desde março de 2017 e se estendeu até meados de março de 2020, de modo que se realizaram satisfatoriamente as doze saídas de campo selecionadas em cada território ítalo-brasileiro. Conforme referido, de outubro de 2018 até abril de 2019 a doutoranda participou do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) para o aprimoramento de informações no território italiano nas regiões do norte como Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige.

Nas pesquisas de campo foram utilizadas questões semiestruturadas, em que o entrevistador seguiu um roteiro previamente estabelecido (MARCONI; LAKATOS, 2003) para obter informações, bem como o método da História Oral para o registro de depoimentos e elaboração de diários de campo resultantes das conversas com famílias nas espacialidades pesquisadas. Priorizou-se famílias que atuaram com atividades agropecuárias por algumas gerações e que possuíram diretamente ou não vínculo com seus antecedentes italianos. Destaca-se que grande parte dos entrevistados descendentes ao norte do rio Taquari possuem contato com italianos ou sabem a história dos antepassados. Por parte dos italianos também se encontrou dados referentes às emigrações ao Brasil.

As entrevistas foram baseadas em um roteiro semiestruturado e aconteceram nas propriedades das famílias (APÊNDICE 1 e 2) que atuaram ou ainda atuam com atividades agropecuárias, tais como, avicultura, silvicultura, suinocultura e agricultura. O roteiro foi semiestruturado e aberto, sendo possível incluir novas perguntas durante a coleta de dados para o aprofundamento dos temas pesquisados. Consequentemente outros assuntos foram elencados, como por exemplo passagens sobre a “Segunda Guerra Mundial” e “transformações tecnológicas”.

Tratando-se da coleta de dados em territórios do norte italiano, conforme mencionado, a doutoranda já havia realizado uma viagem de intercâmbio para a Itália no final de janeiro até início de fevereiro/2018 juntamente com os estudantes e professores que fazem parte do projeto “Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari (AAMoinhos)” e conheceu e interagiu com pessoas dos municípios que possuem *Gemellaggio*<sup>13</sup> com o Vale do Taquari. O intercâmbio 2017-2018 foi realizado por esta Associação formada pelos municípios de Anta Gorda, Arvorezinha, Doutor Ricardo, Ilópolis e Putinga, todos localizados ao norte do

---

<sup>13</sup> Gemellaggio em italiano significa cidade irmã.

rio Taquari. O projeto do *Gemellaggio* visa a aproximação entre as línguas italiana e portuguesa por meio de intercâmbio de 15 dias, quando os participantes são acolhidos pelas famílias e têm a oportunidade de presenciar a cultura e prática da língua. Inicialmente o grupo italiano estava ao norte do rio Taquari em novembro de 2017 e no ano seguinte realizou-se o intercâmbio, o qual a doutoranda esteve presente em diferentes atividades. A experiência foi extremamente relevante para a pesquisa da doutoranda no sentido de oportunizar vivências interculturais e ampliar as aproximações com famílias do norte da Itália, e conhecer questões ambientais, econômicas e culturais.

Alguns dos municípios existentes atualmente ao norte do rio Taquari, como Arvorezinha, Ilópolis, Doutor Ricardo, Encantado e Dois Lajeados, possuem um acordo entre cidades irmãs italianas denominado *Gemellaggio*, estabelecido entre cidades ou países de um mesmo Estado ou de nações diferentes, por vezes, distantes uns dos outros, mas que possuem, em suas histórias ou origens, pontos comuns que se identificam. Esse acordo facilita o acesso a informações, troca de experiências, elaboração de projetos e cooperação política, econômica e cultural (FERRI, 1996). Estes municípios mencionados acima possuem *Gemellaggio* com cidades ao norte da Itália, na região do Vêneto, como é o caso de Arvorezinha – *Unione Montan'Alpago*, Ilópolis – Auronzo di Cadore, Doutor Ricardo – *Lentiai*, Encantado – *Valdástico* e Dois Lajeados – *Trichiana*.

As investigações que foram realizadas na Itália procedem de uma aproximação por Associações Italianas presentes nos territórios de colonização italiana ao norte do rio Taquari como “Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari (AAMoinhos)”, *Associazione Italiana Di Cuore* (Arvorezinha), *Associazione Piccolo Paradiso* (Dois Lajeados) e Associação Cultural Ítalo-brasileira de Encantado ASSIBRE, de Encantado. Inicialmente realizou-se um contato e após um agendamento de uma visita da doutoranda às associações para apresentar os objetivos desta investigação destacando a importância em pesquisar assuntos referentes à Itália e territórios ao norte do rio Taquari. Assim, destacou-se o envolvimento também social e histórico da doutoranda nestas entidades.

No que tange a pesquisa de campo ao norte do rio Taquari foi realizada em conjunto com outros pesquisadores e bolsistas da Univates, as investigações foram agendadas conforme a disponibilidade das famílias descendentes de imigrantes italianos e respeitando sua rotina, ficando assim à vontade durante a pesquisa. Os descendentes de italianos que participaram das entrevistas deste trabalho seguiram o critério de disponibilidade em

contribuir para o trabalho, também por conhecê-los através das associações italianas, familiares, amigos e também buscas realizadas em prefeituras municipais e EMATER.

### **2.3.3 Análise de dados**

Segundo Félix (2004), o início dos trabalhos com análise de dados envolve duas atividades que são concomitantes e complementares: uma é atividade de contato com a produção teórica e historiográfica referente ao tema geral da pesquisa e outra consiste em pesquisa documental como os acervos documentais. Com a reflexão de ambas se contemplou os objetivos propostos. Conforme mencionado anteriormente a análise da literatura teórica e historiográfica foi realizada a partir de materiais como livros, artigos científicos, teses, dissertações e monografias. As leituras analisadas em ambas as línguas foram organizadas com resumos e fichamentos para a utilização a partir de uma realização crítica e reflexiva.

O uso de documentos na pesquisa é muito importante, deve ser apreciado e valorizado, possibilitando um entendimento dos objetos de estudo para contextualizar aspectos históricos e socioculturais permitindo assim acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Segundo Le Goff (2003), o documento é um material de memória disponível ao historiador para usá-lo cientificamente. O documento é um testemunho escrito que compreende um texto, o qual auxilia no entendimento das relações na sociedade.

Neste contexto, foram consultados documentos em arquivos públicos tanto no Rio Grande do Sul e propriamente em territórios ao norte do rio Taquari, como na região norte da Itália. Por isso, inicialmente as buscas e análises ocorreram no Rio Grande do Sul com os seguintes arquivos e museus: o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, o Arquivo Público de Porto Alegre, o Arquivo Histórico de Lajeado, o Arquivo Histórico de Guaporé, Biblioteca de Encantado, Casa de cultura Padre Lucchino Vieiro de Muçum e outros museus municipais da região de colonização italiana como Arvorezinha, Ilópolis e Nova Bréscia.

No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Arquivo Público de Porto Alegre foram pesquisados documentos relacionados à imigração italiana a partir de sua chegada ao Rio Grande do Sul em 1875, bem como em territórios ao norte do rio Taquari, os quais consistem em pareceres de medições de terras, mapa dos movimentos de imigrantes no Rio Grande do Sul de 1884 a década de 1910. Salienta-se também a existência de mapas que envolvem territórios

próximos e ao norte do rio Taquari, facilitando a compreensão dos movimentos migratórios internos bem como a presença de elementos naturais.

No Arquivo Histórico de Lajeado foram buscados documentos desde a emancipação de Lajeado em 1891, considerando que grande parte do território ao norte do rio Taquari pertenciam a Lajeado e até os anos de 1915 a colônia de Encantado. Os mais variados documentos deste arquivo consistem de códices de dívida ativa, relatórios de intendência, alistamento eleitoral, receita de impostos de produtos agrícolas, ofícios de criação de distritos, entre outros. Além do acervo documental existe um acervo iconográfico com mapas referentes a Lajeado do século XIX e XX. O acervo do Arquivo Histórico de Lajeado também possui muitas fotografias referentes às famílias, territórios e instituições e seus municípios, dentre estas fotografias muitas sobre os territórios de colonização ao norte do rio Taquari.

Por tratar-se de territórios ao sul da colônia Guaporé, o Museu e o Arquivo Histórico Municipal de Guaporé contém objetos da colonização italiana referentes à indumentária, ferramentas épicas, mobiliário, objetos de cozinha, artesanato, documentos pessoais e fotografias. Também possui um rico acervo de documentos sobre a compra e venda de terras, plantas sobre a colônia Guaporé, dados sobre os territórios de Linha Esperança e Linha General Osório, livro de contribuintes de lotes nos anos de 1903-1904, Lançamento de Imposto pessoal de 1909 e relatórios de intendência de Guaporé.

A “Casa de Cultura Dr. Pedro José Lahude” de Encantado identifica-se um grande acervo de fotos sobre Encantado dos séculos XIX e XX, rio Taquari, antigos distritos, acervos de jornais, correspondência de intendentes, livro diário de caixa rural de Encantado, utensílios e instrumentos expostos para o desmatamento e produção econômica. Encontra-se também o quadro geográfico, econômico e estatístico de Encantado na década de 1920. Também sobre Encantado encontra-se no prédio municipal o acervo da biblioteca “Cantuccio Letterario Italiano” da Associação Cultural Ítalo-brasileira de Encantado (ASSIBRE), que possui 1.300 livros no idioma italiano sobre diversos assuntos, dentre eles história, literatura e cultura.

Na “Casa de Cultura Padre Lucchino Vieiro” de Muçum se encontram muitos materiais sobre a colonização italiana do referido município que na época pesquisada era designado como Linha General Osório e dados sobre o porto de Muçum, importante elemento para o transporte de mercadorias produzidas pelos italianos e seus descendentes da região. Outro dado importante deste acervo é a exposição dos variados utensílios na preparação da terra, desmatamento e produção econômica. Dispõe também de muitas fotografias que relatam

sobre o final do século XIX e XX como paisagens, o rio Taquari, famílias, etc. e muitos mapas. Possui muitos livros de registros, escritura de terras e navegação de Muçum.

Outros museus e arquivos da região de colonização italiana dos municípios de Arvorezinha, Ilópolis e Nova Bréscia apresentam acervos com exposições de fotografias sobre paisagens, serrarias, colheita de erva-mate, utensílios usados do contato com o ambiente como serrotes, machados, cunha, foices, facão, etc. e de produção econômica. Existem muitos documentos, mapas das plantas de povoado, cartas de imigrantes relatando sobre a situação no Brasil e livros sobre a história do município.

Na Itália a pesquisa ocorreu em arquivos durante o intercâmbio e doutorado sanduíche 2018/2019 principalmente nas regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige. Além destas regiões, encontrou-se informações pertinentes no “Galata – Museo del Mar, na cidade de Gênova, região da Ligúria. Por isso, listam-se os arquivos e museus visitados nos territórios do norte italiano com suas informações e aspectos elencados nesta pesquisa.

A “Associazione Bellunesi nel Mondo” está localizada na cidade de Beluno, província de Beluno – região do Vêneto. Juntamente com a associação tem-se o acervo de documentos e biblioteca sobre a imigração *belunese* em todo o mundo. Além disso, a Associação possui a biblioteca de migração específica, a Biblioteca de Migração “Dino Buzzati” e um museu multimídia interativo da migração que são particularmente de Vêneto. Atualmente, a biblioteca possui cerca de 4.000 volumes e está incluída no sistema de biblioteca da província, garantindo assim o serviço de tradução e empréstimo de livros. Nesta biblioteca pesquisou-se e fotografou-se muitos livros referente à emigração, modo de vida dos *contadini*, política e territórios beluneses. O museu é organizado em formato multimídia, com painéis explicativos, fotografias, filmes e inúmeras entrevistas em vídeo com os protagonistas dos eventos relacionados à emigração ou imigração.

O “Museu Etnográfico da Província de Beluno e do Parque Nacional das Dolomitas de Beluno – Seravella” está localizado na cidade de Cesamaggiore, província de Beluno e é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, por ter uma estrutura de museus etnográficos, especialmente nas atividades de pesquisa e catalogação de Beluno. Este museu possui dezoito seções temáticas sobre a cultura popular de Beluno, as estratégias de adaptação de assentamentos e habitações à natureza particular do solo, as modalidades de exploração das encostas e a especialização técnica, documentos sobre o trabalho, a mobilidade da população seja por mudanças sazonais, transumância, emigração temporária e êxodo transoceânico. A pesquisa neste acervo foi relevante, pois apresentou informações

sobre o ambiente, modo de vida, instrumentos das atividades agropecuárias, fotografias, entre outros onde o espaço permanente para exposições está estruturado em três andares no edifício principal, o espaço temporário para exposições fica no anexo rústico do Museu, o Centro de Documentação inclui a Biblioteca, o Arquivo de Som e o arquivo fotográfico e de filme e os espaços ao ar livre.

E por último na região do Vêneto foi visitado o “M9 – Museo del 900”, localizado na cidade de Mestre, e é um acervo moderno e interativo que apresenta muitas informações em oito seções referentes ao século XIX e XX e suas mudanças como: demografia e estrutura social na Itália, emigração, doenças endêmicas, produção agropecuária, economia e produção, transformações a partir da revolução industrial, estilo de vida, paisagem italiana, política e identidade. Conta a história do século XX de uma maneira interativa, com fotografias, painéis e exposições, foi visitado e fotografado para um melhor entendimento da história da Itália através das pequenas e grandes transformações do século: da vida cotidiana às principais mudanças sociais, econômicas, ambientais e culturais. Assim, com as tecnologias avançadas e instalações imersivas a narrativa torna o passado conhecido, entende-se o presente e imaginando o futuro.

Na região da Lombardia foram visitados três acervos. Primeiramente na cidade de Cremona visitou-se “Museo della Civiltà Contadina – Cascina: Il Cambonino Vecchio”, que apresenta de forma íntegra a vida rural em uma *Cascina*. A *Cascina* é um elemento particular do Vale do rio Pó e é uma estrutura agrícola típica com um tamanho médio de 40 a 100 hectares nos quais trabalhavam até 20 famílias para o seu proprietário. Este museu é propriamente dentro de uma fazenda italiana com uma única estrutura que abrange várias partes de uma *Cascina*: o antigo estábulo destinado à criação de animais, a “bugadera” – sala da lavanderia, estábulo dos cavalos, casa dos agricultores, casa do fazendeiro, sala da pesca e a casa principal. No manuseio deste acervo “vivo” foi pertinente ver de perto a estrutura de uma *cascina*, como era a vida rural dos *contadini* e as semelhanças de partes, utensílios, instrumentos e a cultura da Lombardia e com o norte do rio Taquari.

Outro acervo em Cremona foi o “Museo Civico de Storia Naturale” também na cidade de Cremona, que consiste na apresentação do ambiente natural desta região e várias espécies de fauna e flora. O principal representante foi Giuseppe Sigismondo (1761-1842), que era colecionador, naturalista e trainer. As salas deste museu mostram a mineralogia, paleontologia e zoologia do território lombardo. O ambiente natural e também o ambiente urbano permitem conhecer e refletir sobre a conservação da biodiversidade e como o homem usa os recursos de

seu próprio território, relacionado ao tema da relação rio Pó e a cidade que caracterizou a história de várias cidades próximas a ele. Foram fotografadas todas as partes deste acervo e em particular a biodiversidade das espécies expostas que fazem parte do ambiente da região da Lombardia bem como do rio Pó como mamíferos, aves e peixes.

Na província de Brescia foi visitado a “Torre Medievale, na cidade de Cividate Camuno, que é um edifício medieval do século XII construído pela família Federici. O interior do castelo possui um rico acervo com materiais e instrumentos expostos que falam dos tipos de produção agropecuária no Val Camonica como bicho-da-seda, produção leiteira, uva, milho, trigo, orzo, instrumentos para o corte de madeira e fotografias expostas. Também no decorrer do castelo aparece a estrutura de uma família medieval e também da vida camponesa.

Na região do Trentino Alto-Ádige encontrou-se também ricos acervos sobre o ambiente e modo de vida dos italianos. Primeiramente visitou-se o “Museo degli Usi e Costumi della gente Trentina” na cidade de San Michele all'Adige, província de Trento. Este museu tem muitas informações e exposições que elencam os usos e costumes da população trentina, e é dividido em cinco partes. Primeiro visitou-se a parte térrea, o qual encontram-se elementos sobre a agricultura, ferraria e moinho. Em seguida, tem-se o primeiro andar onde reúnem-se dados sobre a flora e serrarias, apicultura, meios de transporte para os trabalhos com a roça e bicho-da-seda e tecidos. Na terceira parte, tem-se o segundo andar com informações sobre cozinha, rescaldamento e cerâmica. No terceiro andar tem-se dados sobre costumes, música e banda, vida religiosa, social e caça. E por último destaca-se a adega com salas sobre a vinicultura, com destaque as plantações e tipos de uva, vinho e grappa. Todo o acervo foi fotografado e é considerado de suma importância por apresentar com grandes informações para esta tese.

O “MUSE – Museo delle Scienze”, localizado na cidade de Trento é um museu moderno que se destaca por apresentar um acervo de coleções científicas coletadas no século XIX da região do Trentino. O museu possui cinco andares com exposições temporárias, catálogos e inventário dos anos de 1858-1974. No térreo encontra-se a história da vida e a evolução nos últimos 5 milhões de anos. No primeiro andar tem-se os primeiros homens dos Alpes e o mundo da Pré-história: a presença do homem neandertal nos maciços alpinos do sul durante as fases mais quentes do último período glacial no Paleolítico médio. O segundo andar apresenta geologia, minas e risco ambiental. No terceiro andar destaca-se a natureza Alpina com diversas espécies de fauna e flora povoados por espécies animais e vegetais

perfeitamente adaptadas e, portanto, único. E por último tem-se os picos altos, nos quais as informações geológicas e biológicas do ambiente alpino apresentam objetos dos "mais altos" espaços de exposição do museu. A pesquisa realizada neste museu foi relevante por apresentar elementos geográficos e naturais, como espécies da fauna e flora do século XIX e XX, contribuindo para esta pesquisa.

Na cidade de Rumo, província de Trento, foi visitado também o “Museo Etnografico di Rumo” que é um acervo particular da família “Bruno Caracristi” que tem como interesse preservar diversos materiais, utensílios e dados sobre a vida contadina desde o final do século XIX na cidade de Rumo e arredores. Todos os materiais deste acervo são expostos e identificados no dialeto e também na língua italiana. Além do mais tem-se muitas fotografias e instrumentos sobre o corte de madeira, formas de plantio e vida rural. Todo o acervo foi fotografado e contribuiu para análise de dados dos materiais nesta tese.

E por último pesquisou-se na “Galata – Museo del Mare e da Imigrazione” na cidade de Gênova, que apresenta a história marítima do Mediterrâneo, as primeiras navegações, viagens de Cristóvão Colombo e também sobre a imigração. O museu possui três andares que mostra a evolução das navegações, os diferentes tipos de instrumentos e embarcações, partes interativas e a imigração, pois Gênova foi um dos principais portos dos emigrantes. No último andar encontra-se a seção chamada de “MEM - Memoria e Migrazioni”, em que são relatadas a emigração italiana por via marítima e a recente imigração para a Itália. Com 1200 metros quadrados e mais de 40 estações multimídia, muitas das quais são interativas, a rota mostra dentro de uma réplica naval como era a vida dos imigrantes antes, durante e depois da viagem, enfatizando como as migrações marcaram a sociedade italiana. Nesta parte do acervo tem-se muitas fotografias, cartas, documentos, estrutura de um navio com seus móveis e utensílios. Na visita do navio montado no acervo, testemunhou-se com emoção todo o percurso como se estivesse “fazendo um retorno ao passado”, associando a viagem dos emigrantes ao Brasil.

Como se apresentou, os arquivos ítalo-brasileiros possuem acervos de fotografias. Estas são consideradas como técnica e objeto de estudo em pesquisa qualitativa tornando-se relevantes, pois as fotografias são gravações detalhadas de fatos, além de proporcionarem uma apresentação mais abrangente e holística de estilos e condições de vida. As fotografias representam o espaço visual de uma sociedade, estilos de vida e situações que devem ser interpretadas. Ao mesmo tempo é um recorte da realidade, um corte que promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade,

através do ângulo, do enquadramento e dos efeitos escolhidos para tratar do tema fotografado (RIOS; COSTA; MENDES, 2016).

Neste sentido, as fotografias podem ser percebidas como documentos, fonte de vestígios do passado e matérias-primas passíveis de leitura para o historiador (CARDOSO; MAUAD, 1997). Kossoy (2001) também destaca que a fotografia como instrumento de pesquisa é um meio de informação, de preservação da memória visual. O uso de fotografias nesta tese são representações e seleções do real, da experiência de vida e interpretações do contexto em que estavam inseridas. Assim, foram articuladas informações e elementos históricos que por sua análise colaboraram com uma riqueza de detalhes dos territórios ítalo-brasileiros.

Toda a coleta e análise de dados nos arquivos e museus ítalo-brasileiros foram imprescindíveis nessa tese por contribuírem com dados precisos sobre o ambiente, territórios e atividades econômicas.

#### **2.3.4 Critérios Éticos**

Os critérios para participação desta pesquisa e das entrevistas foram realizados com vinte e quatro famílias nas espacialidades ítalo-brasileiras que atuaram ou ainda continuam atuando com atividades agropecuárias, concordando participar da pesquisa. Estas famílias são formadas por pessoas de duas ou até quatro gerações, as quais são bisavós, avós, pais e filhos sendo todos maiores de dezoito anos.

As famílias foram informadas dos objetivos da tese e com prévia autorização dos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) tanto no norte da Itália (APÊNDICE 3) como nos territórios ao norte do rio Taquari (APÊNDICE 4). Todos os participantes da pesquisa assinaram duas vias do TCLE, ficando uma com o pesquisado e outra com o pesquisador. As identidades dos pesquisados foram preservadas, sendo utilizados em lugar dos nomes códigos: para os diários de campo como D1, D2, D3, D4, D5, etc. e para as entrevistas como E1, E2, E3, E4, E5 etc.

No momento da primeira pesquisa foi explicado às famílias o projeto da tese, o intermédio da indicação da família e que a concordância da participação no trabalho consiste de um ato voluntário, deixando-o ciente de que a pesquisa não trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa. Também foi esmiuçado que as informações contidas nas entrevistas e os

resultados deste estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade, bem como se pode retirar seus consentimentos de participação em qualquer momento do levantamento de dados.

Os dados coletados durante as entrevistas foram efetuados na maioria dos casos de forma compartilhada com outros pesquisadores, degravados e posteriormente feita a análise das informações coletadas para o auxílio dos objetivos propostos. Também foram utilizados os diários de campos e entrevistas dos projetos mencionados anteriormente: “Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS: determinantes, dinâmicas e implicações” e do projeto “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS” para o aprofundamento de questões relacionadas aos descendentes de imigrantes italianos ao norte do rio Taquari.

Informa-se ainda que como procedimento metodológico, a história oral busca registrar vivências de pessoas que tenham interesse de compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido. Segundo Le Goff (2003), a memória como propriedade de conservar certas informações remete-se e pode atualizar impressões ou informações passadas. Ao mesmo tempo a memória ajuda a contribuir na história, salvando o passado para servir ao presente e ao futuro. Sendo assim, quando foi realizada a pesquisa de campo e conversas com os ítalo-brasileiros foram relevantes as contribuições de suas histórias bem como memórias no que tange seus aspectos e perspectivas ambientais e sociais, principalmente relacionadas ao ambiente, à família, trabalho, subsistência e economia, ancoradas no vivido, na experiência histórica.

Conforme Thompson (1992), a História Oral pode dar grande contribuição para a revitalização da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas, como é o caso proposto nesta investigação. É de suma importância salientar que neste grupo étnico as características e atividades são transmitidas de gerações em geração, situação presente nos territórios ítalo-brasileiros. Portanto, é possível constatar que a história oral é de suma importância e traz novas possibilidades ao pesquisador no sentido de articular informações da memória com a dos documentos.

A partir dos métodos e procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, produziu-se um estudo comparativo sobre as questões relacionadas sobre a História Ambiental, território e atividades agropecuárias em territórios ítalo-brasileiros. Assim, trilhou-se na pesquisa bibliográfica as fundamentações da pesquisa, bem como as informações

qualitativas-comparativas. A pesquisa documental e de campo foi contemplada pela coleta de dados em arquivos, museus e famílias em ambos territórios.

Registra-se ainda que durante a realização da pesquisa foram encontradas algumas dificuldades. Inicialmente por tratar de um estudo entre dois países, a língua italiana necessitou dedicação e atenção na interpretação das frases e textos, das mais variadas fontes utilizadas. Também foi fundamental conhecer essa língua para realizar o curto intercâmbio e após o doutorado sanduíche, adaptação de viver em um país diferente, tanto na comunicação, universidade e pesquisa de campo. Durante a pesquisa no norte ítalo, a língua foi relevante na aproximação em arquivos e principalmente nas famílias, conforme apresentado na metodologia.

No processo de manuseio, análise e confronto dos dados, enfrentou-se alguns impasses nas conexões e cruzamento das informações ambientais, geográficas e econômicas, entre os territórios ítalo-brasileiros. A complexidade de assuntos foi contemplada com a abordagem metodológica comparativa, mas foi necessária interpretação, horas exaustivas de leitura, isolamento e convívio em ambos territórios. E não menos, o contexto da pandemia Covid-19 que atingiu o mundo inteiro e impactou no que foi escrito da tese no ano de 2020, principalmente no aspecto psicológico.

Por fim, compreende-se que este capítulo contemplou questões pertinentes para a escrita desta tese. Primeiramente o cruzamento das diversas obras encontradas sobre o ambiente, imigração e atividades agropecuárias nos territórios ítalo-brasileiros foram fundamentais para a analogia entre as espacialidades. Assim construiu-se informações sobre as familiaridades e estranhamentos a partir de uma abordagem histórica, ambiental, social, política e econômica.

Considera-se pertinentes os aportes teóricos triais desta tese: História Ambiental, espacialidades territoriais e atividades econômicas agropecuárias. Estes principais conceitos contribuíram para uma discussão, análise e conhecimento do ambiente, território e ações dos italianos, imigrantes italianos e descendentes voltados para o desenvolvimento familiar e economia.

Relevante também foram todos os passos metodológicos das etapas bibliográfica, documental, arquivos, acervos, museus e as fontes orais geradas nos territórios pesquisados. A pesquisa qualitativa-comparativa do conjunto desses tipos de metodologia contemplou dados

selecionados e fundamentais para articular as etapas desta investigação, bem como ofereceu um estudo inovador sobre a História Ambiental em espacialidades ítalo-brasileiras.

Em síntese, acredita-se ter superado satisfatoriamente os obstáculos de uma pesquisa científica e fundamentado essa tese. Foi preciso coragem, fé e fôlego em realizar um estudo comparativo que em diversos aspectos se assemelham e ao mesmo tempo possuem distinções.

### **3 HISTÓRIA AMBIENTAL EM ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRA: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NO NORTE ITALIANO E NA PORÇÃO NORTE DO RIO TAQUARI**

*[...] todas as análises focalizam uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural: um território árido, o vale de um rio, uma ilha, um trecho de terras florestadas, um litoral, a área de ocorrência natural de uma árvore de alto valor comercial e assim por diante. Isso revela um parentesco com a história natural, que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos (DRUMMOND, p. 182).*

Neste capítulo optou-se por descrever as características ambientais para o conhecimento da complexidade dos ambientes do norte italiano e ao norte do rio Taquari. Assim, analisa-se as características dos elementos ambientais entre ambos territórios pesquisados como o clima, relevo, hidrografia e vegetação, as quais proporcionaram um entendimento sobre as similaridades e distinções dos ambientes vividos pelos italianos, os imigrantes e seus descendentes.

#### **3.1 Conhecendo a fisionomia ambiental ítalo-brasileira: a geografização a partir dos elementos naturais**

Inicialmente procurou-se construir de forma comparativa a geografização entre o norte italiano e o norte do rio Taquari, apresentando os elementos naturais do ambiente “emigrado” e o “encontrado” pelos imigrantes italianos e seus descendentes a partir de 1870 até meados da década de 1910. Quando se fala em geografização do espaço, entendemos por isso, a

constituição do espaço a partir principalmente da geografia, área de conhecimento a que se atribui tal função. Não é à toa que podemos perceber que a partir do século XIX ela vai preceder qualquer projeto de colonização. Segundo Salomon (2002), a geografação está vinculada a todo o espaço aberto e delimitado, onde tem-se a possibilidade de analisar as relações de seus habitantes com o território e seus elementos, as quais serão melhor descritas no decorrer do capítulo.

Neste patamar, analisar o contexto ambiental comparando Itália e Brasil é desafiador e instigante. Primeiramente porque não existem trabalhos que discorrem diretamente sobre História Ambiental comparada entre espacialidades do norte italiano e do norte do rio Taquari/Rio Grande do Sul/Brasil. Outra questão interessante é que o viés ambiental<sup>14</sup> na historiografia italiana é recente, com assuntos relacionados à agricultura e economia, quando a natureza foi ganhando espaço em análises das paisagens e uso dos recursos naturais. Então o que se pretende trazer inicialmente é introduzir uma discussão sobre temas que elencam a História Ambiental entre os territórios ítalo-brasileiros.

No momento da escrita deste capítulo recorreu-se ao uso da história comparada, considerada principalmente por Bloch (1998) e Barros (2007; 2009) como um campo historiográfico complexo, aberto e interdisciplinar bem estabelecido em que a observação dos fatos e das fontes proporciona respostas originais com uma reflexão atenta às diferenças e semelhanças do objeto de estudo. Segundo Bloch (1998, p. 114), praticar o método comparativo é “procurar, para explicar, as semelhanças e diferenças patenteadas por séries de natureza análogas, tiradas de meios sociais diferentes”. Assim, uma das perguntas mais pontuais da história comparada é: o que observar? Talvez seja esta que nos responda o problema desta tese sobre compreender a sociedade (italianos, imigrantes italianos e seus descendentes) no tempo pesquisado em relação à História Ambiental, identificando diferenças e semelhanças entre duas realidades. Campos (2011) identifica a história comparada como um instrumento metodológico que enriquece e amplia as pesquisas históricas com observações e análises do âmbito social em diferentes tempos. É uma metodologia aplicada que busca entender com reflexões a elaboração de um estudo interdisciplinar e em equipe entre as sociedades.

---

<sup>14</sup>Ferri e Radin (2018) afirmam que a História Ambiental na Itália partiu de historiadores envolvidos com a agricultura e economia. A partir de 1950 que iniciaram temáticas da História Agrícola e econômica com caráter ambiental. Algumas produções no campo histórico-ambiental italiano acenam assuntos ambientais com relação à história agrícola, geográfica, energética, história econômica, uso dos recursos naturais, ecologia histórica, natureza e catolicismo.

Para tanto, assim como a história comparada, é imprescindível entender o conceito de História Ambiental. A História Ambiental é um campo do conhecimento que vem sendo construído há cerca de trinta anos, ligando a história natural à história social. A proposta básica dos criadores da História Ambiental é tornar possível a construção de uma história interessada em tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana (WORSTER, 1991). Ou ainda, uma investigação aberta e não reducionista das interações entre sistemas sociais e naturais ao longo do tempo. O ambiente e os elementos naturais que o compõe não são estáticos, estão sempre em construção e reconstrução (PÁDUA, 2010; CABRAL, 2012). No entanto, esta abertura é imprescindível neste trabalho, pois a interdisciplinaridade de dialogar com outras áreas como a geografia, a história, a biologia, a botânica, entre outras está fortemente ligada à autodenominação da História Ambiental e aos diferentes campos de atuação (DUARTE, 2005).

Com a abordagem da História Ambiental é possível analisar a fundo e ampliar estudos históricos em relação aos elementos naturais e humanos. Por isso, o historiador ambiental contribui na investigação crítica e construtiva dessas inter-relações, pois como afirma Cabral (2012, p. 148): “um ambiente de um organismo, inclui outros organismos”. Na amplitude de temáticas da História Ambiental, o historiador ambiental com base em suas pesquisas e reflexões contribui à área científica e cultural.

Neste capítulo apresentam-se os elementos que compõem a natureza, que é muito anterior à presença humana. O historiador americano Donald Worster (1991), designa como o primeiro nível da História Ambiental: o entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado, tanto os aspectos orgânicos quanto inorgânicos do espaço ambiental, inclusive o organismo humano, que tem sido um elo nas cadeias alimentares da natureza. Por isso, não se ignora totalmente a presença humana, pois as informações e análises elencadas nesta tese partiram de conhecimentos sobre a natureza de biólogos, viajantes, cônsules, e demais pessoas que registravam informações sobre os territórios ítalo-brasileiros durante o século XIX e início do XX. Deve-se levar em conta, por exemplo, que muitos dados escritos pelos agentes do governo representavam as colônias italianas e suas descrições a partir do seu ponto de vista.

Quando mencionados conceitos como natureza e meio ambiente, temos a sensação de estarmos nos referindo ao campo geográfico, mas essa mera impressão se desfaz ao notarmos que as ações humanas no tempo estão constantemente alterando o ambiente e modificando a natureza. Também Freitas (2007) enfatiza que a natureza e o ambiente interferem nas ações

humanas. Longe de um “determinismo ambiental”, a História Ambiental é uma história que inclui a natureza como objeto, mas também como resultante de processos engendrados pelo homem e pela evolução natural da área, ou seja, a paisagem (WORSTER, 1991).

Ao se defrontar com uma História Ambiental italiana, ainda na pesquisa iniciada em 2017, percebeu-se que o conceito História Ambiental na Itália era designado de outra forma, com abordagens relacionadas à geografia e à história agrícola. A experiência vivida durante o período do doutorado sanduíche confirmou que pensar História Ambiental em outro país requer assim como fazer História Ambiental, observar e analisar as diversas fontes e interdisciplinaridade com outras áreas, melhorando o entendimento para assim “construir” esse campo investigativo científico.

Em estudo encontrado sobre História Ambiental italiana escrito pelos brasileiros Ferri e Radin (2018), foi possível observar que ela está articulada aos principais campos da geografia das paisagens, história agrícola e história econômica. Segundo os autores, a história ambiental na Itália visa estudos relacionados às questões socioambientais e que envolvem esses três campos. A Itália em relação a outros países Europeus de língua inglesa teve uma História Ambiental integrada com certo atraso, pois a historiografia italiana foi marcada até o início do século XX por duas heranças: o marxismo e idealismo. Estas duas correntes tinham como análise assuntos relacionados ao trabalho, capital e estruturas sociais. A Itália é considerada pelos autores como um país marcado pelo ideal progressista e com industrialização ainda em curso no final do século XX.

Do mesmo modo, construir uma ponte entre a História Ambiental ítalo-brasileira está associado ao tema emigração e colonização, pois buscou-se conhecer o ambiente entre ambas espacialidades, as relações entre natureza e homem, a partir da história agrária e econômica. Na Itália tinha-se um ambiente que já estava sendo modificado principalmente pelo ideal progressista e a industrialização. Os temas ambientais partiram de historiadores envolvidos com agricultura e economia somente em 1950 e 1960 quando as pesquisas associaram história agrícola às questões ambientais. Uma das iniciativas na Itália foi a criação do Clube de Roma (1966) que teve como objetivo debater diversos temas ligados à política, economia, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Algumas produções no campo histórico-ambiental têm relações e se apresentam como história agrícola, geográfica e econômica. Dentro da academia italiana a História Ambiental é recente, podendo ser encontrada nas pesquisas de caráter histórico juntamente com análise

ambiental. O principal autor e historiador que aborda temáticas ligadas aos recursos naturais é Piero Bevilacqua<sup>15</sup>. Suas obras trouxeram significativas contribuições para o entendimento da “possível” formação histórica ambiental italiana. Segundo Bevilacqua (1996, p. 9-10), o ambiente e seus recursos naturais é o conjunto de dados como:

[...] água e clima, solo e plantas, ar e animal, radiação solar e energia. Na forma de planícies e colinas, de rios e córregos, de plantações e de bosques, de manchas e agriculturas, tais recursos aparecem, no entanto, a um tempo como talvez natural e produtos históricos, resultados do trabalho milenar das ações humanas que dobrou o mundo físico aos próprios desejos (tradução nossa)<sup>16</sup>.

Com base neste fragmento do autor italiano juntamente com obras de pesquisadores como Worster (1991), Drummond (1991) e Pádua (2010) procurou-se abordar aspectos ambientais dos territórios ítalo-brasileiros visando estabelecer uma História Ambiental comparativa observando aspectos como o clima, hidrografia, relevo e vegetação. A vegetação que abrange os biomas, fauna e flora será abordado em item específico do capítulo.

Com vista a estabelecer interesses e temas comuns, poderíamos reforçar a tese de que, a princípio, os três níveis de questões apontadas pela História Ambiental por Worster (1991) têm relação direta com os objetos das ciências naturais e sociais em geral e seus temas mais recorrentes - o entendimento da natureza propriamente dita; o domínio socioeconômico, que dá origem às técnicas, às ferramentas de trabalho, aos modos de produção, às relações sociais, às instituições e às decisões ambientais; e à percepção, ideologia, memória, valores e ideias que as pessoas têm da natureza e de seu território.

### **3.1.1 Clima ítalo-brasileiro: do mediterrâneo ao subtropical**

Um primeiro aspecto na abordagem da História Ambiental comparada ítalo-brasileira refere-se ao clima, pois segundo Grosselli (1989), Franzina (2006) e Braudel (2016) as migrações temporárias e permanentes no norte italiano aconteciam durante o inverno. Por sua localização geográfica e elementos como o relevo, altitude e proximidades com os mares, os territórios ítalo-brasileiros apresentam proximidades e diferenças.

---

<sup>15</sup> Historiador italiano.

<sup>16</sup> [...] *acqua e clima, suolo e piante, aria e animale, irradiazione solare ad energia. Sotto forme di pianure e colline, di fiume e torrenti, di piantagioni e di Boschi, di macchie e agricolture, tali risorsi si presentano tuttavia a un tempo come forze naturali e prodotti storici, resultati del lavoro millenario dell'azioni umana che ha piegato il mondo fisico ai proprio bisogni.*

A Itália tem um clima variado e sua divisão territorial condiz com a sua história natural, pois dependendo os tipos de relevo possuem temperaturas que oscilam. Os territórios italianos pesquisados possuem características de altitudes que chegam de 300 a 4.000 metros onde o clima é mediterrâneo, com invernos rigorosos de dezembro a fevereiro e verões quentes de julho a agosto. Assim, a altitude influencia fortemente o clima e as temperaturas médias. As principais épocas de chuva são na primavera, entre os meses de maio e junho, e no outono, de outubro a novembro (MARMOCCHI, 1846; BERTONHA, 2005).

O inverno bem rigoroso atingia principalmente a vida do campo, quando o camponês era forçado a repousar e, na maioria das vezes, emigrava para outros territórios. As baixas temperaturas, a neve e as chuvas dificultam as atividades, os rebanhos de ovelhas destinados à montanha são abandonados e nas terras baixas há muitas inundações, onde também as navegações ficam ociosas. Os dados da obra de Braudel (2016) estimularam reflexões de base ambiental. Segundo ele, quando passa o inverno a vida fica agitada: as árvores florescem rápido, os últimos trabalhos de preparação no campo se concluem, acontecem o abastecimento de celeiros e casas e os mercados de trocas.

Uma estratégia para sobreviver ao frio no norte italiano no século XIX e início do XX era a permanência das pessoas em estrebaria, junto com os animais. Durante o inverno é o momento de maior convívio da família campesina, pois mantém a convivência mais tempo junto ao calor das estrebarias (BENEDUZI, 2004). Conforme o entrevistado E24, em Cremona, região da Lombardia, relata sobre a questão do inverno o seguinte:

*A – Certo! Era a única fonte de calor contínua e...como se diz...também quem não tinha as vacas se transferia em certas zonas na estrebaria com os animais.*

*J – Humm...porque era muito frio?*

*A – Frio, frio.*

*J – E também aqui é típico a neve? Quantos meses?*

*A – Três meses que é frio (tradução nossa, E24, 23/03/19, p. 6).<sup>17</sup>*

Na região dos Alpes que é muito montanhosa, o inverno torna-se mais rigoroso tornando muito difícil realizar os trabalhos no campo. O entrevistado E15, da província de Beluno, região do Vêneto, comenta sobre como viviam durante o inverno:

*A – Aqui tinha o trabalho no boque e no inverno tinha pouco trabalho porque os trabalhos de bosque de inverno são um pouco recusável e também não tinham meios como se tem hoje que poderiam trabalhar nos bosques.*

*P – E os trabalhos mais grossos eram no verão?*

*A – Sim no verão, de primavera e verão.*

---

<sup>17</sup> *A – Certo! Era la unica fonte di calore continua e...come si dice...anche chi non aveva le mucche si trasferiva in certe zone la stalla con gli animale. J – Humm...perché era troppo freddo? A – Freddo, freddo. J – E anche qua è tipico la neve? Quanti mesi? A – Tre mesi che è freddo.*

*P – E então no inverno que coisa fazia?*

*A – Ah no inverno se repousava (tradução nossa, E15, 30/01/18, p. 5).<sup>18</sup>*

As passagens mencionadas acima pelos interlocutores apresentam relações entre o ambiente e as famílias italianas durante o inverno. Corroboram com o que enfatiza Espíndola (2012) sobre a História Ambiental, quando constrói narrativas da presença dos envolvidos, trazendo para análise histórica dos fatos. O norte italiano tem temperaturas muito baixas durante o inverno principalmente por apresentar altitudes elevadas e tornava a época de inverno de descanso para as famílias. As regiões de *pianura* e pré-alpes no norte italiano possuem a predominância de geadas e nas planícies as temperaturas são acima de 2°C.

Já na região ao norte do rio do Taquari o clima pode ser considerado subtropical úmido, onde o clima é úmido com verões quentes e ocorrência de chuvas durante todo o ano. Nos meses de inverno que são de junho a setembro, a temperatura é relativamente baixa, se aproximando dos 0° graus e no verão dos meses de dezembro a março apresentam grande amplitude térmica passando os 40° graus (FERRI; TOGNI, 2012). Importante ressaltar que dois fatores geológicos exercem funções modificadoras: a altitude que na Depressão Central oscila em torno de 20 graus e a outra é os acidentes do relevo em que os terrenos mais abertos sofrem com os ventos fortes (RAMBO, 1994).

Schneider (2019) também destaca que durante o inverno as temperaturas se mantêm baixas pelo efeito de frentes polares que trazem chuvas e fazem as temperaturas declinarem a 0°C. As geadas severas são apenas em torno de 10 a 25 dias. Nas zonas baixas próximas aos rios Guaporé e Taquari o inverno é suave e o verão quente. Nas zonas altas o inverno é rigoroso e o verão ameno (GIRON; HERÉDIA, 2007).

No Boletim do Ministério de Relações Exteriores, o conde Pietro Antonelli destacava que o clima no alto da serra das antigas colônias como Caxias, Dona Isabel e Conde d'Eu encontrava-se menos elevado e muito mais baixo nas terras situadas sobre os montes (BOLETIM DO MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES, 1899, p. 226). Os territórios adquiridos pelos imigrantes italianos entre as zonas altas e dos vales possuem diferença de clima e de produção econômica. Nas regiões mais altas, o inverno é rigoroso e o verão ameno com a produção de uvas, milho e trigo. Tratando-se das zonas baixas como os vales dos rios

---

<sup>18</sup> *A – Ma qui c'erano la lavorazione nel bosco e nel inverno c'erano poco lavoro -o perché la lavorazione del boschi di inverno è po' recruza e allora non c'erano mezzi come ci sono oggi che possano lavorare nel bosco e allora era tutto baconalli (non ho capito). P –Ee di lavoro più grosso era di state? A – Sì di state, di primavera e state. P – E quindi gente di inverno cosa faceva? A – Ah di inverno riposava!*

Guaporé e Taquari, o inverno pode ser considerado suave e o verão quente, com plantações de banana, cana-de-açúcar e plantas tropicais (BERGAMASCHI; GIRON, 2004).

Uma percepção interessante entre os territórios pesquisados é a disparidade das estações do ano, quando, por exemplo, na Itália é inverno, no Brasil é verão. Quase sempre as pessoas emigravam do frio dos Alpes italianos e chegavam no Brasil com o calor em pleno verão. Sobre essa passagem transoceânica, Grosselli (2005) destaca:

E quase sempre era o de pessoas que saíam dos Alpes com a altura do frio, em pleno do inverno, e chegavam ao Brasil no auge do calor, em pleno verão. O clima inadequado e os hábitos de higiene iniciaram entre essas pessoas algumas epidemias que o aumento em barracas cortou entre suas fileiras: havia dezenas, centenas de mortes por febre amarela, disenteria tropical. Depois doenças de pele, olhos, malária (tradução nossa, GROSSELI, 2005, p. 43).<sup>19</sup>

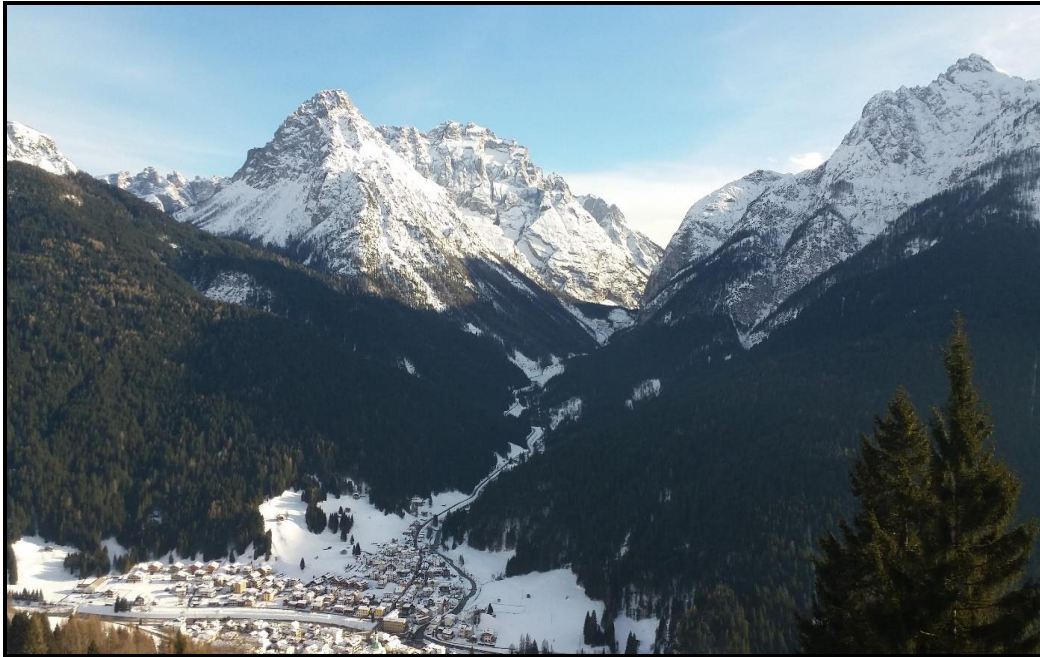
Atesta-se que o clima entre os territórios ítalo-brasileiros é diferente: o norte da Itália apresenta o clima mediterrâneo e ao norte do rio Taquari é subtropical úmido. Mesmo assim, o clima subtropical úmido lembra alguns aspectos do clima mediterrâneo principalmente por ter frios severos e verões quentes. Acredita-se que a adaptação dos italianos e seus descendentes ao norte do rio Taquari não foi difícil, no entanto, o inverno era menos frio e os verões quentes (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Outra questão interessante é a presença da neve durante o inverno no norte da Itália. Por possuir um território montanhoso, os alpes são considerados os mais altos da Europa e ficam cobertos de neve (Figura 1) praticamente cinco meses, conforme Marmocchi (1846).

---

<sup>19</sup> *E si trattava quase sempre di gente partita dalle Alpi com il massimo del freddo, in pieno inverno, e giunta in Brasile al culmine del caldo, in piena state. Il clima e le abitudini igieniche non adatte partarono tra quelle gente qualche epidemia che l'ammassamento in baracconi apargagliò tra le loro fila: si ebbero decine, centianaia di morti per febre gialla, dissenterie tropicali. Poi malattie dela pelle, agli occhi, malaria.*

Figura 1 – Alpes na província de Beluno



Fonte: Da autora, 2018.

Já nos territórios ao norte do rio Taquari não é comum a presença da neve durante o inverno, mas da geada durante os meses de julho, agosto e setembro onde as temperaturas são baixas, sendo frequentes. O único registro encontrado nesta porção territorial sobre a neve remete-se a década de 1960, conforme a figura abaixo representa a passagem:

Figura 2 – Neve ao norte do rio Taquari na década de 1960



Fonte: Acervo Museu Memórias Ilopolenses - Ilópolis/RS

Muitos dos entrevistados relataram este evento como algo surpreendente e nunca visto nos territórios ao norte do rio Taquari, principalmente na colônia Encantado. A neve durou uma semana e quebrava árvores, casas e telhados (D8, 01/09/17). Concomitante o entrevistado E1 destaca:

*J – Esse ano em 1965 o senhor disse que caiu uma neve grande?*

*A – É, 1965.*

*J – O meu vô ele morava, não sei se o senhor conhece ali, Barra do Coqueiro em Relvado? Ele se lembra também. Ele me falava que nesse ano tinha nevado lá também.*

*A – É, foi em agosto de 1965. Foi uma surpresa, até porque a gente... amanheceu, né? Amanheceu nevando e logo a temperatura aumentou um pouquinho, aí começou a chover torrencial, mas foi uma surpresa porque abrimos a janela tudo branco (E1, 20/01/14, p. 23-24)*

De fato, encontra-se pelas fontes citadas um registro ambiental diverso e não frequente ao norte do rio Taquari. É o que se correlaciona com o estudo de Worster (1991) e Pádua (2010) que a vida humana não ocorre sem a presença de fatos ambientais e que fatos como esse sempre podem acontecer. Importante ressaltar que a altitude é presente entre ambos territórios pesquisados sobre a permanência da neve, geada ou altas temperaturas. São fatos

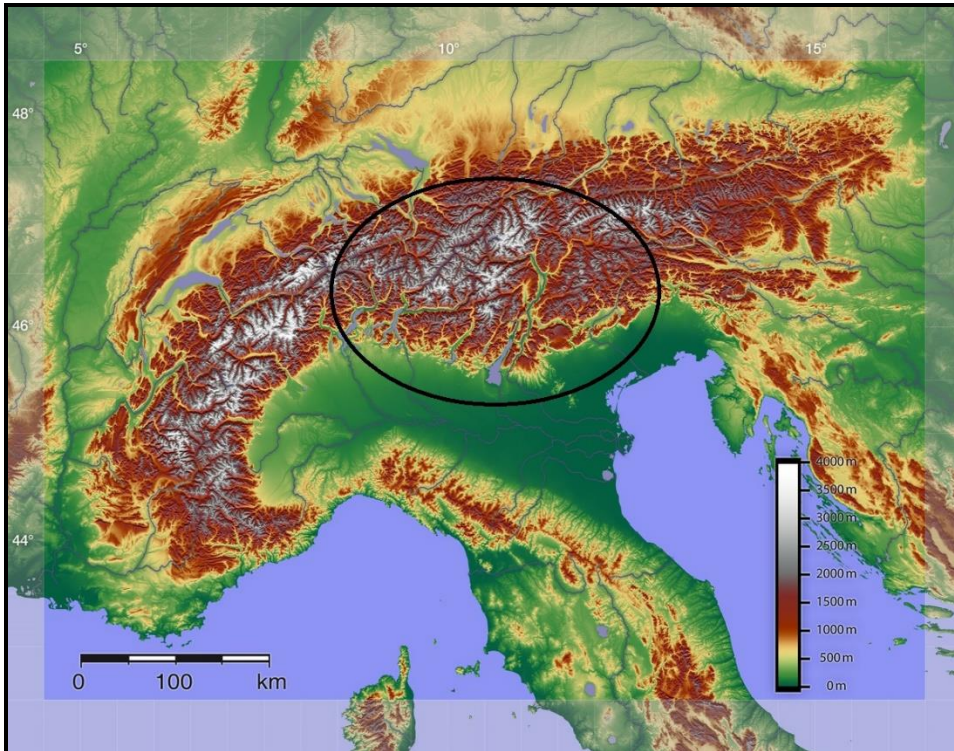
recorrentes e vivenciados pelos italianos, imigrantes italianos e descendentes nos territórios ítalo-brasileiros.

Enquanto do lado italiano tem-se um clima mais rigoroso ao frio, ao norte do rio Taquari encontra-se um clima subtropical úmido, que despertará aos imigrantes italianos e seus descendentes principais diferenças e consequentemente adaptações ao meio em que viveram, como se verá em outras partes desta tese.

### **3.1.2 Relevo ítalo-brasileiro: dos Alpes às planícies**

O território norte italiano – Vêneto, Trentino e Lombardia – áreas em que viviam os italianos que migraram ao Brasil e para territórios ao norte do rio Taquari/RS, em fins do século XIX, é caracterizado pela presença de altas montanhas e planícies (Figura 3). O relevo italiano é dividido em Alpes, Apeninos e planícies. As montanhas do norte italiano pesquisado possuem altitudes de até 4.000 metros chamadas de Alpes, pré-alpes e zona subalpina. Já nas planícies a altitude é em torno de 300m e são extensas, caracterizadas pela designação de “*padano-veneta*”, as quais são próximas dos principais rios destacados nesta pesquisa como Ádige, Pó e Piave (MARMOCCHI, 1846; BERTONHA, 2005).

Figura 3 – Mapa relevo da região norte ítala



Fonte: Adaptado a partir do google maps.

Com ênfase destacam-se os Alpes que vão de dois a quatro mil metros com características de duas formas de interpretação: uma geográfica e outra ecológica. Na característica geográfica refere-se aos Alpes como uma vasta área terrestre de naturalidade, quando tem-se um grande número de espécies vegetais e animais, uma diversidade de habitat, ecossistema e paisagem. Na perspectiva ecológica, segundo Chemini e Taglianti (2002), refere-se à faixa altitudinal e com vegetação de pradaria.

Braudel (2016) destaca que as montanhas do mediterrâneo são consideradas altas, largas e intermináveis, com vales pouco acessíveis. Os invernos são surpreendentes e a neve cai em abundância. Conforme o autor, uma das vantagens do relevo montanhoso mediterrâneo é oferecer recursos diversos, desde a oliveira, laranjeiras e amoreiras até as verdadeiras florestas e pastagens de montanhas. Corroborando com essa ideia, Marmocchi (1846) indica que nos Alpes onde o clima mediterrâneo é presente tem-se uma vegetação que modifica-se em sete etapas: a primeira prospera a uva, oliveira e os cítricos, o segundo os cereais, no terceiro recolhem as nozes, brnhas, cerejas, batata, castanha, feno e canapa; quarto com o frio desenvolvem-se as faias e os pinus, o quinto inverno de oito meses abetos e larices, o sexto as padarias ficam verdes nos meses de verão e o último tem a predominância clima de

neve eterna. Como analisa-se no item 3.2, o relevo influencia fortemente no tipo de vegetação e conseqüentemente na flora e fauna.

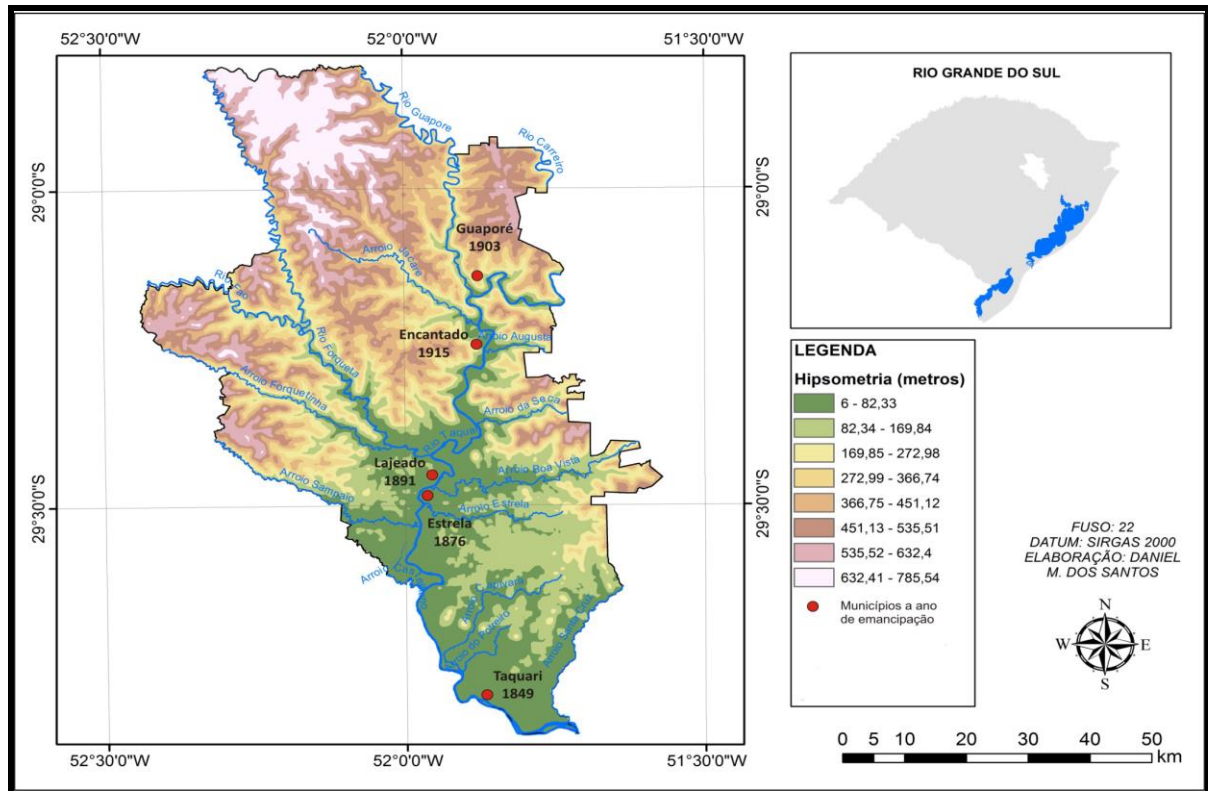
Com destaque para a principal planície do país e que faz parte da região pesquisada, a planície Lombarda ou “*Padana*” é a região de vales profundos e de altas montanhas (MARMOCCHI, 1846). Interessante também que o relevo é presente nas características da propriedade familiar. Segundo Franzina (2006), nas regiões montanhosas da região do Vêneto prevalecia a pequena propriedade e a pequena e média locação, o qual acontecia a parceria; nas outras províncias que tinham planícies, como é o caso de Pádua, Verona e Veneza, a grande propriedade e a cultura extensiva.

Assim, encontra-se uma diversa fisionomia do relevo norte italiano caracterizado principalmente desde as grandes montanhas - Alpes e suas subdivisões (pré-alpe e subalpina) que vão de 1500 a 4000 mil metros e uma vasta planície chamada de *Padana* com altitudes em torno de 300 metros. Como apresentou-se na questão geográfica no subitem anterior, principalmente em questões mais montanhosas o clima influenciava o esquema migratório, quando a vida era difícil com invernos rigorosos (FROSI; MIORANZA, 1975).

Situação similar encontra-se ao norte do rio Taquari com características de relevo montanhoso e com planícies. Um dos primeiros registros documentais em que foram registradas informações sobre o relevo ao norte do rio Taquari foi registrado pelo conde italiano Pietro Antonelli com a passagem “do outro lado do rio das Antas o terreno é montanhoso”. Esse dado torna-se relevante, pois já apresenta uma familiaridade com os territórios emigrados (BOLETIM DO MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES, 1899, p.5).

Segundo Kreutz (2008) e Schneider (2019), o relevo ao norte do rio Taquari possui terras altas com características do bioma Mata Atlântica, onde encontram-se as fisionomias diferentes designadas como Depressão Central e Planalto das Araucárias com vegetação de Floresta Estacional Decidual e região de Floresta Ombrófila Mista. Na Depressão Central as formas de relevo predominantes são colinas e morros com pequenos aprofundamentos dos vales fluviais e altitudes com no máximo de 180 metros. Já o Planalto das Araucárias possui vales aprofundados com muitos topos de morros angulares e estreitos com altitudes de 180 a 800m (FIGURA 4).

Figura 4 – Mapa relevo ao norte do rio Taquari



Fonte: Organização e elaboração por Trombini; Kreutz (2018).

No mapa, percebe-se que os territórios ao norte do rio Taquari, que englobam as colônias de Guaporé, Encantado e Conventos com as cores em tons mais fracos, apresentam até 800 metros. Frente ao exposto já inicialmente identificamos um relevo por ora semelhante e com características diferentes do norte italiano. Um fato é que a região norte de onde emigraram os italianos é uma região montanhosa em que os Alpes tomam destaque e tem-se uma principal planície designada como *padana*. A fisionomia diversa encontrada ao norte do rio Taquari é montanhosa, porém sem muitas altitudes. Essa diferença visível entre o relevo dos territórios pesquisados é a altitude: ao norte do rio Taquari com até 800 metros e no norte italiano até 4 mil metros.

Observando aproximações da História Ambiental ítalo-brasileira, o estudo de Franzina (2006) e Herédia e Romanato (2016) informam que as zonas de proveniência dos emigrantes são marcadas por características geográficas distintas, como a localização, o clima e o acesso à água. É o caso dos que partiram de Vicenza, Treviso, Belluno e Udine, cujas terras localizam-se em “planície não irrigada, de colina, de alta colina e de montanha”, enquanto as

de “Verona, Rovigo, Pádua e Veneza são de planície do Rio Pó, áreas onde já havia obras de drenagem e de modernização hidráulica” (FRANZINA, 2006). São territórios com características geograficamente distintas, mas que podem apresentar algumas semelhanças e influenciaram na vida dos italianos e seus descendentes.

Outro dado notável é que assim como no norte italiano, na região das colônias italianas do Vale do Taquari o relevo impedia a navegação fluvial e, ao mesmo tempo, dificultava o transporte terrestre. Mas, tanto no norte italiano como ao norte do rio Taquari os rios tiveram uma extrema importância para a alimentação e o transporte de madeiras, como se observará a seguir.

### **3.1.3 Hidrografia ítalo-brasileira: dos três principais rios italianos ao rio Taquari**

Como apresentou-se no item anterior, o norte da Itália é caracterizado por montanhoso e conseqüentemente nascem muitos rios, os quais não possuem grandes cursos. O território pesquisado nesta tese apresenta três principais rios em destaque que são o rio Pó, Ádige e Piave (Figura 5) que somam aproximadamente 1.281km de extensão.

Considerado um dos maiores rios em extensão da Europa e o principal da Itália tem-se o rio Pó, navegável em quase todo seu trajeto e possui muitos afluentes: Ticino, Adda, Oglio, Tanaro, Taro, Mincio e Tebba. Este rio está localizado entre os Alpes e os Apeninos onde tem-se um vale que percorre 652km. Seu percurso faz fronteira com a França até o Mar Adriático (MARMOCCHI, 1846). Inicialmente ele era denominado como “Pado”, o qual também origina sua planície denominada como “*Valle Padano*”.

Também outro rio importante é o rio Ádige que tem 409km de extensão e possui diversos afluentes, entre eles o rio Rom, Passirio, Isarco, Noce, Avisio, Fersina e Leno. O rio Ádige nasce da união de três lagos na divisa com a Alemanha e tem seu curso final no mar Adriático. É navegável a partir da cidade de Trento, mas é considerado perigoso (MARMOCCHI, 1846; BERTONHA, 2005). Também tinha como função econômica significativa, constituindo uma infraestrutura primária de importância do tráfico comercial, contribuindo ao Tirol uma das áreas chaves para o intercâmbio entre a Europa centro-setentrional e o espaço do Mediterrâneo (BONOLDI, 2016).

E, por último, destaca-se o rio Piave que nasce na cidade de Sappada, Província de Beluno, possui 220km de extensão e é o quinto maior rio da Itália. Seus principais afluentes são os rios Ansiei, Boite, Cordevole, Maè, Soligo, Sonna e Tesa. Em sua nascente tem como característica ser um riacho e quando recebe outros afluentes já próximos da planície recebe fisionomia de um rio maior. Perpassa por regiões de Alpes, pré-alpes e planície e tem sua foz no Mar Adriático. Segundo Magno (2010) o rio Piave era considerado uma autoestrada, pois tinha um sistema de transporte de madeira e também de passageiros e mercadorias.

Figura 5 – Os rios Pó, Ádige e Piave no norte italiano



Fonte: Adaptado a partir de [https://d-maps.com/pays.php?num\\_pay=305&lang=pt](https://d-maps.com/pays.php?num_pay=305&lang=pt)

Além dos principais rios no norte italiano, encontra-se na hidrografia da região a presença de muitos lagos, sendo os principais o Como - região da Lombardia, e o Garda – regiões Lombardia, Trentino Alto-Ádige e Vêneto (MARMOCCHI, 1846).

Referente à pesca, o rio Pó toma destaque, pois no passado era muito rico de biodiversidade e de peixes. Os peixes eram uma fonte de alimento às classes mais pobres e

também era uma atividade dos pescadores profissionais que pescavam com suas redes e vendiam na cidade de Cremona (BONFADINI; CALTAGIRONO, SORDI, 2001). O interlocutor italiano E24 destaca que em Cremona, na região da Lombardia era muito comum esta atividade: *“Mas na minha cidade a pesca praticamente era profissional, faziam trabalhos mas a atividade principal era pescar, os peixes para venda, as famílias, etc. etc.”*<sup>20</sup> (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 5). Nas épocas de grandes chuvas, o recolhimento das madeiras abandonadas após as cheias do rio Pó davam importante contribuição à economia da cidade, pois era um ótimo combustível para o aquecimento e a cozinha (MUSEO CAMBONINO).

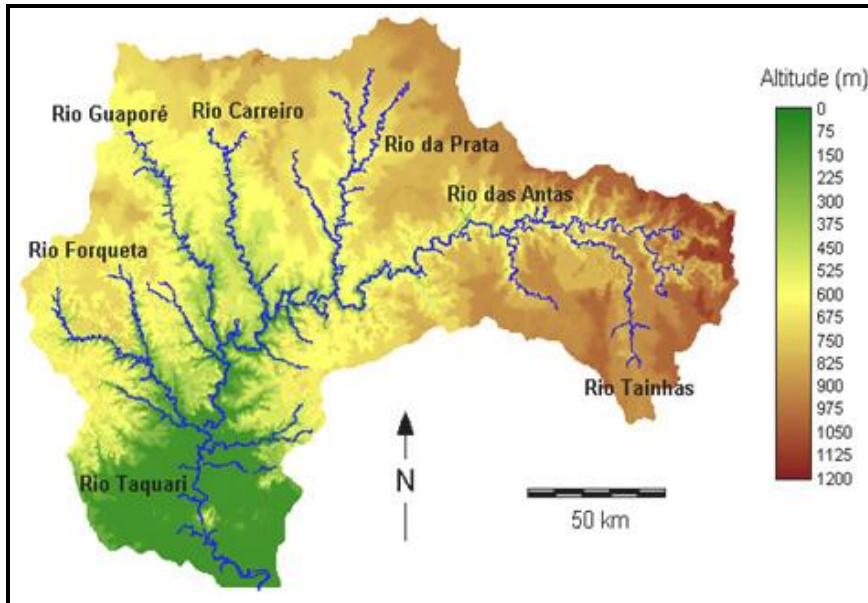
Interessante analisar que esses três principais rios da região norte ítala também tiveram um importante papel para o desenvolvimento e transporte das zonas de corte da madeira aos pontos de venda. A bacia do rio Piave, por exemplo, compreende quase inteiramente o território cadorino nos Alpes da província de Beluno, na região do Vêneto, e uma das principais vias de tráfico os compressores florestais alpinos aos centros urbanos da planície (BONAN, 2018). As planícies do rio Ádige e Pó são fortemente ligadas ao desenvolvimento capitalista e aos sistemas de irrigação (FRANZINA, 2006).

Já nos territórios de colonização italiana ao norte do rio Taquari, o principal rio como já mencionado é o Taquari e tem sua nascente no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais no município de São José dos Ausentes, com a denominação de rio das Antas. Após percorrer 390km, recebe o afluente rio Carreiro e passa a chamar-se Taquari percorrendo 140km em direção norte-sul até desembocar no rio Jacuí, na cidade de Triunfo (FERRI; TOGNI, 2012). Seus principais afluentes são o rio Guaporé, Forqueta, Taquari-Mirim, Boa Vista, Estrela, Jacarezinho e Fão (FIGURA 6) (KREUTZ, 2008; TROMBINI, 2016). Entre outros rios e arroios tem-se Forquetinha, Sampaio, Castelhana, Potreiro, Santa Cruz, Seca e Augusta (Diedrich, 2020).

---

<sup>20</sup>[...]Ma in mio paese con la pesca praticamente erano professionisti, facevano lavoreti però loro la attività principale era pescare le pesce di osteria, le famiglie, ecc., ecc.

Figura 6 – Rio Taquari e seus afluentes



Fonte: <http://www.aguaesolo.com/Cases/CERAN> acesso em 21/01/20.

Ressalta-se também nomes relacionados as toponímias identificadas recentemente por Diedrich (2020) com origem indígena: Taquari (Rio das Taquaras) e Muçum (espécie de peixe). Nos primeiros boletins consulares italianos o rio Taquari foi destacado como um rio superior e navegável até a vila de Taquari e por vapor até a cidade de Porto Alegre. O cônsul Enrico Perrod registrou sua importância para o transporte de madeiras em jangadas (BOLETIM CONSULAR, 1883, V.XIX, Parte I). O rio Taquari desempenhou grande papel na história socioeconômica da região a todos os grupos étnicos que utilizaram esse bem natural para a construção destas sociedades seja para moradia e produção em suas planícies, alimentação e transporte (PINSETTA, 2010).

Durante a colonização a necessidade de transporte foi crescente em vista da expansão dos excedentes gerados na agropecuária e o surgimento de novas companhias de navegação (AHLERT; GEDOZ, 2001). Diedrich (2020) informa que os cursos de água geralmente são fundamentais para o desenvolvimento de uma região, quando o rio Taquari propiciou o surgimento de muitos municípios bem como mantém o nome da região atualmente – Vale do Taquari. Além do mais, o rio Taquari tinha importância na canalização da produção colonial no escoamento dos portos de Muçum e Estrela.

No contexto hidroviário, o rio Taquari por suas razões e condições geográficas, possibilitou o desenvolvimento de grande atividade portuária, como o porto de Muçum.

Tornou-se uma grande via de acesso de pessoas e produtos da colônia à capital sulina e foi muito importante por suas características econômicas. Também foi desencadeada a construção de estradas que ligassem Campo do Meio, atualmente Passo Fundo, até as margens do rio Taquari, processo que mais tarde influenciou na fundação da colônia Guaporé (BALBINOT; TEDESCO, 2015).

Uma das principais semelhanças ítalo-brasileiras referentes à hidrografia é de apresentar um rio principal que se articula seja por sua natureza, extensão e importância no escoamento das atividades econômicas. Por tratar-se de um território maior, a região norte italiana estudada possui uma quantidade de rios principais e também de afluentes – Pó, Ádige e Piave, enquanto na região de colonização italiana o principal rio é o Taquari e poucos afluentes. Por serem territórios com características montanhosas e próximos dos rios nem todos são completamente navegáveis.

Os rios ítalo-brasileiros foram considerados muito importantes para as atividades econômicas nos territórios pesquisados, seja na alimentação pela pesca ou para o transporte do comércio das madeiras, como veremos no item 3.2. Desta forma ambos territórios possuíram portos próximo aos rios principais, como no caso italiano o de Veneza e ao norte do rio Taquari o porto de Muçum.

### ***3.2 Che foresta/ambiente hanno lasciato e poi hanno trovato?*<sup>21</sup>**

Muitas das principais percepções dos italianos e seus descendentes sobre o ambiente e elementos naturais destacam-se em elementos da flora e fauna. Tratando-se da História Ambiental elenca-se neste item aspectos relativos à vivência e registros deste grupo étnico com os elementos naturais, isto é, sua relação com o meio ambiente e suas principais observações e constatações das espécies. A partir destas informações analisa-se como era o contato dos italianos na região norte italiana pesquisada antes e depois da emigração e que ambiente encontraram quando chegaram ao norte do rio Taquari.

Neste subitem continua-se discutindo sobre a História Ambiental e as características do ambiente pelos movimentos migratórios dos italianos e seus descendentes em espacialidades ítalo-brasileiras. Tanto Worster (1991) como Dean (1996) enfatizam ser

---

<sup>21</sup> Que ambiente conheciam e depois encontraram?

relevante incluir a natureza na história das sociedades. Continuando com esta perspectiva, Pádua (2010) elenca que a natureza se apresenta cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo. Com o movimento emigratório transoceânico dos italianos e suas relações com o ambiente, esta situação também se evidencia, possibilitando observar diversos dados sobre a vegetação, fauna e flora conhecendo assim como eram os ambientes ítalo-brasileiros.

### **3.2.1 Ambiente de flora entre norte da Itália e norte do rio Taquari/RS**

*Sem o conhecimento ecológico da vegetação, a história ambiental perde os alicerces, a sua coerência, o seu primeiro passo (WORSTER, 1991, p. 203).*

Baseado neste fragmento de Worster (1991) é relevante tratar especificamente de um item sobre a vegetação/flora em territórios ítalo-brasileiros. Quando abordada a vegetação torna-se relevante conhecer os biomas para uma melhor compreensão das espécies que o compõem. É o que evidencia Pádua (2015, p.236) que “para realizar uma análise em escala regional é necessário focalizar de maneira mais detalhada as características dos ecossistemas locais e suas combinações”. Entende-se como bioma um espaço geográfico que ocorre em áreas que vão desde algumas dezenas de milhares até alguns milhões de km<sup>2</sup>, caracterizando-se pela uniformidade de seu clima, condições relacionadas ao solo e de fitofisionomia (COUTINHO, 2016). Por isso, trataremos de conhecer os biomas e sua composição da vegetação nos territórios ítalo-brasileiros.

Inicialmente apresenta-se a composição da flora italiana, a qual é dividida em seis partes: alpina, padana, apenina, pugliese, secula e sarda. Nesta tese caracteriza-se a parte alpina e padana, que são referentes ao tipo de relevo da região norte italiana (RUFFO, TAGLIANI, 2002). Segundo Brandmayr (2002), a Itália é o país europeu que tem no seu território o maior número de biomas devido a singular configuração geográfica: ao norte os Alpes com altitudes que chegam a 4000 metros e o centro-sul com uma vasta península mediterrânea. A diversificação, conforme a geografia do país, apresenta muitos biomas como: floresta mediterrânea, alto-montanha ou pradaria alpina, savana e florestas temperadas.

O bioma alto-montanha apresenta devido as suas altitudes, uma vida vegetal e animal diversa, pois o rigor climático do frio é muito forte caracterizado por temperaturas inferiores a 2C° e uma estação de verão de dois ou três meses. As espécies de decíduas temperadas fazem

parte da planície do norte ou pré-alpes com temperaturas entre 6 e 13 graus. Esta faixa de vegetação é caracterizada por muitas madeiras e espécies de “*fagete*” (gênero caducifólio), abete branco (*Abies alba*) e faias (*Fagus*). Com altitudes menores, a planície *padana* apresenta florestas de “*querce*” (carvalho) e grande parte dos terrenos é destinada à agricultura (BRANDMAYR, 2002).

Na faixa montanhosa tem-se a predominância das espécies de faia (*Fagus*) e abete branco (*Abies alba*), onde as temperaturas são em torno de 6C°. Na região subalpina são predominantes os bosques de conífera como o abete vermelho (*Picea abies*), o lariço (*Larix decidua*), o pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*), pino cembro (*Pinus cembra*) o amieiro preto (*Frangula alnus Mill*) e branco (*Alnus glutinosa*), vários tipos de salgueiros (*Salix*), o freixo (*Fraxinus excelsior*), a carpa (*Copaifera langsdorffii*), quando as temperaturas são em torno de 4C° (GROSSELLI, 1989; PERCO, 1987). Outro dado interessante é que nos territórios municipais, as florestas são designadas em florestas negras – as coníferas, e de florestas brancas – as decíduas. Nas florestas negras, a madeira era destinada principalmente para as construções e as florestas brancas para lenha de queima e utensílios dos *contadini* (MUSEO DE USOS E COSTUMES DE GENTE TRENTINA).

Na parte de *pianura* tem-se floresta decídua sub-montanha com espécies de bosques mistos e castanheiros e algumas poucas espécies decíduas de montanha como faia (*Fagus*) e abete (*Abies*). Os bosques mais comuns e artificiosos no decorrer do Vale do rio Pó apresentam espécies diferentes como o Pioppo (*Populus*), situados próximos dos rios. Outras espécies de pioppo existem como o Pioppo bianco (*Populus alba*) e Pioppo nero (*Populus nigra*). Também as espécies de Robinia (*Robinea pseudacacia*), na alta *pianura* muitas faias (*Fagius*) e nas colinas presença de castanha (*Castanea sativa*).

A flora do ambiente italiano na segunda metade do século XIX onde habitavam os emigrantes que partiram para o Brasil contava com poucas florestas e bosques. Isto porque muitas atividades econômicas devido à Revolução Industrial haviam aumentado o consumo de madeiras para as principais indústrias e os bosques das planícies foram praticamente todos destruídos para o desenvolvimento da agricultura.

Ressalta-se que durante o século XIX a Itália era constituída em um reino e cada estado tinha seu próprio ordenamento, diferentes situações econômicas e realidades sociais. Neste sentido, a origem da administração florestal italiana ocorreu em 1822 e o reino Lombardo-Vêneto tinha um campo vasto de liberdade do uso das florestas e muito

significativo do ponto de vista econômico. A legislação de 1822 era baseada na preservação do solo, água e defender os habitantes dos deslizamentos, enchentes e avalanches, colocando assim restrições e uso dos terrenos expostos. Também foram regulamentados os melhoramentos das florestas, estradas de acesso e o comércio das madeiras (GRECO, 2012).

Muitas florestas foram abandonadas e desmatavam intensivamente. Com o Estado italiano e os movimentos de Unificação (1861-1871), foi necessária uma reorganização do estatuto priorizando a preservação das florestas. Por isso foi criada a Primeira Normativa Florestal Italiana, em 20 de julho de 1877, com cinco títulos: terras vinculadas a florestas, reflorestamento, disposições penais e política florestal, administração florestal e direitos de uso. Uma característica marcante é que as florestas eram municipais e privadas. O interlocutor E21 da região do Trentino Alto-Ádige destaca que não tinham grandes proprietários de florestas, as maiores eram sob o poder municipal:

*B – Grande proprietario non tinha nada, non tinham. Tinha qualquer coisa de bosque maior, mas bosque grande era de prefeitura, non era de privados.*

*J – De família tinham?*

*B – Nem de família tinham pedaços que se cultivavam madeiras assim<sup>22</sup> (tradução nossa, E21, 09/02/19, p. 2).*

Segundo Villa (1993), as madeiras que ficavam sobre a proteção do Estado eram exploradas economicamente para a construção naval e como matéria-prima (carvão), sendo que a maioria das florestas foram praticamente destruídas. O controle sob os recursos florestais era considerado um tema estratégico em âmbito governativo e sua relevância para o processo de centralização do poder estatal durante o século XIX (BONAN, 2018).

No entanto, percebe-se que as florestas tinham uma importância muito grande para a vida dos italianos, como a passagem encontrada no “Museu de usos e costumes da população Trentina”, na cidade de San Micheli all’Adige na província de Trento, na região do Trentino Alto-Ádige:

O bosque e os diferentes usos que faziam foram o principal recurso e receberam uma importância vital para a população, que a partir dessas atividades obteve ativos fundamentais para lidar com as dificuldades crônicas de abastecimento alimentar que caracterizavam a região<sup>23</sup> (tradução nossa, MUSEO DEGLI USI E COSTUMI DELLA GENTE TARENTINA, S/D).

<sup>22</sup> *B – grande proprietario non c’era niente, non c’erano. C’era qualcosa di bosco più grande ma il bosco più grande era di comune, non era di privati. J – di famiglia c’erano? B – ne anche di famiglia avevano pezzi che si coltivavo legno così*

<sup>23</sup> *Il bosco e i diversi utilizzi che se ne facevano erano la risorsa principale e assumevano un’importanza vitale per la popolazione, che da queste attività otteneva cespiti fondamentali per far fronte alla cronica difficoltà di approvvigionamento alimentare che caratterizzava la regione.*

Além do mais, na região norte da Itália o frio é muito rigoroso e longo e a madeira era utilizada para construção e manutenção de um elevado número de estábulos como cabanas, celeiros e estalas. Segundo Braudel (2016), ainda no século XVIII, o ambiente do mediterrâneo tinha florestas mais densas, com muitos bosques e suas populações de “feras”, ursos (*Ursus*) e gatos selvagens (*Felis silvestres*). Ao mesmo tempo também habitava uma população de lenhadores e comerciantes de madeiras, com atividades frequentes de exploração com o uso de machado e enxada para ampliar terras boas para plantio.

Toda essa representação significativa de tais recursos naturais utilizados é o que destaca Belivacqua (1994), quando apresenta que o ambiente é um dos sujeitos protagonistas dos processos sociais de produção da riqueza. Mesmo assim, tais recursos se apresentam como recursos históricos, resultado do trabalho milenário das ações humanas que têm transformado o mundo físico conforme suas necessidades. Desta forma, a natureza pode ser considerada um produto histórico no que diz respeito às ações dos indivíduos, considerada um segundo sujeito junto ao trabalho humano no processo de produção, também como matéria-prima e o centro da vida produtiva.

As florestas da região do Cadore, nos alpes da província de Beluno, na região do Vêneto, por exemplo, foram importante na época pré-industrial pelos seguintes fatores: a necessária presença florestal como os abetes e lariços para a construção e as faias como fonte energética; a proximidade aos centros urbanos como Veneza a 100km e, sobretudo, devido à morfologia do território (BONAN, 2018). Para os beluneses, conforme Pignat (2016), a silvicultura é tradicionalmente um recurso da economia primária e no período de máximo esplendor da *Serenissima* essa era a principal atividade industrial.

A utilização do patrimônio florestal representava no Cadore a principal fonte de renda. A maior parte das madeiras eram transportadas pelos rios e depois do melhoramento das estradas eram transportadas por carros de bois e cavalos. Assim, no norte da Itália uma série de trabalhadores especializados providenciaram grande quantidade de madeira desde o corte, transferência para o rio, flutuação, serragem e transporte em jangadas para Veneza. Estes eram os *boscaioli*<sup>24</sup>, as *menadas*<sup>25</sup>, os *seganti*<sup>26</sup> e os *zattieri*<sup>27</sup>. Ainda, em 1860, as madeiras cadorinas tinha um mercado muito bom, principalmente porque o produto era de boa qualidade, preço baixo e pouco competitivo. Conforme Bonan (2018), a partir da Unificação

---

<sup>24</sup> Lenhadores.

<sup>25</sup> Jangadeiros especializados na flutuação das lenhas.

<sup>26</sup> Serradores.

<sup>27</sup> Jangadeiros.

Italiana (1871) o modelo economicamente cadorino entrou em crise e com a utilização intensiva das florestas não forneciam mais madeiras suficientes.

Grosselli (1989) também destaca que durante séculos as florestas eram o único sustento da comunidade. Porém aconteciam inúmeras contestações judiciais entre senhores e comunidade local, pois tornava-se um meio competitivo. Somente na metade do século XIX a comunidade pode usufruir dos recursos. A partir de 1849 a novidade legislativa deu direito de grandes porções de floresta em propriedade absoluta. Como exemplo, na região do Trentino Alto-Ádige a área florestal de propriedade governativa existente tinha 62% do total no distrito de Primiero (BATTISTI, 1912). Considera-se dois aspectos sobre as florestas municipais: as prefeituras arrecadavam um imposto fundiário muito grande sob este recurso natural e a renda das vendas de madeira garantia aos privados e prefeituras uma superioridade perante os demais. Mesmo assim, as florestas ofereciam a população a quantidade necessária para a construção das habitações e abrigos para a criação dos animais e principalmente para o aquecimento das habitações.

As madeiras eram transportadas pelos principais rios referidos no item anterior. O mercado de venda era principalmente no Vêneto, o qual as madeiras serviam para alimentar fábricas, armazéns e empresas. Muitos *contadini* além dos trabalhos no campo e criação de animais se ocupavam na produção de madeira. Os maiores protagonistas das atividades de transporte de madeiras flutuantes sejam elas soltas ou amarradas, eram os *zattieri* e *menadas*, como analisa-se no capítulo 6. As madeiras eram conduzidas dos bosques alpinos e pré-alpinos até o mar Adriático, a fornecer sobretudo o grande arsenal veneziano.

Durante as pesquisas de campo com as famílias norte ítalas nas províncias de Beluno, Trento, Cremona e Brescia, encontrou-se nas narrativas várias informações a respeito de suas vivências com o ambiente e conhecimento da riqueza das espécies de flora. Neste sentido tem-se dados importantes nas entrevistas E16, E13, E20 e E24 da região norte italiana:

*J – E essa madeira, que tipos de árvores e da flora que era conhecida?*

*I – A faia, capino branco e negro, nozeira, um pouco de tudo a parte.*

*J – E um pouco dessa madeira é bom para fazer....*

*I – Isto é bom para fazer fogo e esquentar para aquecimento<sup>28</sup> (tradução e grifo nosso, E16, 11/12/18, p.2)*

*P – Que tipo de árvores tinham primeiro?*

---

<sup>28</sup> *J – e questa legna, che tipi di alberi e la flora qua era conosciuta? I – il faggio, capino bianco e nero, nocciolo, po' di tutto insoma la parte. J – e un po' di questo legno è buono per fare... I – questo è buono di fare fuoco e scaldare per scaldamento.*

A – Ah sempre este **abeto, abeto branco, abeto vermelho, lariço e pinus**<sup>29</sup> (tradução e grifo nosso, E13, 30/01/18, p.2).

J – Sim, sim. E te recordas alguma coisa de como era uma vez ou agora as principais árvores do ambiente aqui de Caldonazzo? Sabes algum nome?

M – Mas de árvores tinha naquele tempo de cultura do bicho-da-seda as árvores eram plantadas em campanha era **a amoreira** porque davam suas folhas para a alimentação do bicho-da-seda e depois digamos que qualquer planta seguramente tinha alguma planta **de maçã e de pera**, mas não era um grosso desenvolvimento.

J – E alguma espécie de **abeto**?

M – **Abeto** sim, os bosques eram sim obviamente. Agora os bosques dizemos em torno da cidade eram praticamente cultivados a **castanha**.

J – Ah sim.

M – E depois são plantas nativas, as plantas dos alpes, **plantas nativas são os abetos, faia, lariço**<sup>30</sup> (tradução e grifo nosso, E20, 11/01/19, p. 3)

J – E alguma espécie principal de bosques, da floresta?

A – Mas bosque eram...tinha sim **o pioppo, a amoreira** que servia ao bicho-da-seda, as folhas sim da amoreira, pioppo e depois tinha um pouco de tudo, não sei, não sou muito esperto nisso. Só que o pioppo porque dizia que não era nativo, vinha do Canadá, chamavam de canadense e depois as lenhas não era presente do pioppo eh, tinha o **plátano, salsa, tinham vários tipos**.

J – Sim. E para fazer principalmente os instrumentos se utilizava madeira...

B – O pioppo era muito doce, mas sobretudo tinha campestre, rovele, nozeiras...

A – É isto mesmo.

B – O pioppo era muito jovem.

A – É seja para fazer o contraplacado.

B – O pioppo em dez anos já era maduro. É uma madeira muito leve, muito<sup>31</sup> (tradução e grifo nosso, E24, 25/03/19, p.5).

Todos os dados relatados nas entrevistas remetem-se a espécies que faziam parte das florestas do norte italiano, mas também se tornam significativas para a utilização e fornecimento para os utensílios, para as casas e aquecimento do frio. Interessante analisar que a espécie amoreira citada pelos interlocutores tinha uma importância também econômica, pois era destinada para a alimentação do bicho-da-seda. Esta prática era muito forte no norte italiano e se falará no capítulo que se remete às atividades econômicas.

<sup>29</sup>P – che tipo di alberi c'erano prima? A - ah sempre questo abeto, abeto bianco, abeto rosso, laraci e pinu.

<sup>30</sup>J – sì, sì. E ti ricordi qualcosa di com'era una epoca od adesso principale arberi e del'ambiente qua di Caldonazzo? Sai qualcuno nome? M – ma d'alberi c'era nel tempo di coltivazione del baco da seta l'alberi che veniva piantato in campagna era il' cielso perché davano da mangiare suoi fogli al baco da seta ecco e dopo diciamo che qualchè pianta sicuramente c'era qualcuna pianta di mele e di pere ma non c'era una grossa sviluppo. J – e qualcuna specie di abeto? M – abeto sì, i boschi sì ovviamente. Allora i boschi diciamo in torno al paese erano prevalentemente coltivati a castagno. J – ah, sì. M - e dopo sono piante autocno le piante delle alpi insoma, piante autocno sono abeti, faggio, larice.

<sup>31</sup>J – e qualcuna specie principale di bosco, della foresta? A – ma bosco erano...c'era sì in posto il pioppo, il gelsio che serviva per baco da seta, le foglie ecco gelsio, pioppie e poi c'era un po' di tutto, non so, non so sperte in questo. Solo che il pioppo perché dicevo che non erano autotono venivano da Canada, chiamavano di canadese e poi le legname non era presente de piopio eh, c'era platano, salse, c'erano varie tipi. J - sì. E per fare principalmente le strumenti si utilizzava un legno... B – il piopio era molto dolce, ma soprattutto c'era cerano campestre, la rovele, i nocce... A – è proprio lì. B – il pioppo era troppo giovani. A – eh sia per fare il compensato. B – il pioppo in dieci anni è già matturo. È un legno troppo leggero, tropp.

Para melhor entendimento das informações encontradas sobre a flora ítala, apresenta-se no quadro (QUADRO 1) dados referentes ao tipo de relevo e identificação das espécies.

Quadro 1 – Zonas atitudinais e principais espécies de flora

Localização/Zonas atitudinais da Vegetação	Piano Culinale (Alto e Médio Alpe – 2000 a 4000m)	Piano Montano (Baixo Alpe ou pé de montanha – 1000 a 2000m)	Piano Basale (Planície padana – 0 a 1000m)
Principais Espécies	Abeto branco ( <i>Abies alba</i> ) e rosso ( <i>Picea abies</i> )	Faia ( <i>Fagus</i> )	Pioppo ( <i>Populus</i> )
	Larice ( <i>Larix decidua</i> )	Abeto ( <i>Abies</i> )	Castanheira ( <i>Castanea sativa</i> )
	Pino Cembro ( <i>Pinus cembra</i> )	Larice ( <i>Larix decidua</i> )	Leccio ( <i>Quercus ilex</i> )
	Pino Montano ( <i>Pinus mugo</i> )	Amoreira ( <i>Morus Alba</i> )	Robinia ( <i>Robinea pseudacacia</i> ).
	Amieiro preto ( <i>Frangula alnus Mill</i> ) e branco ( <i>Alnus glutinosa</i> )		
	Carpa ( <i>Copaiifera langsdorffii</i> )		
	Salgueiros ( <i>Salix</i> )		
	Freixo ( <i>Fraxinus excelsior</i> )		

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados bibliográfico, documentais e orais.

Com base nos dados pesquisados apresenta-se algumas características de três espécies principais encontradas com o fim de conhecê-las: abeto (*Abies*), a faia (*Fagus*) e pioppo (*Populus*). No *piano culminale*<sup>32</sup> a predominância de espécies é da família das coníferas, principalmente com a riqueza de espécies de abeto (*Abies*) – abeto vermelho e branco

<sup>32</sup> São os pontos de maior altitude, onde se encontram os Alpes e com clima muito rígido (NICOLINI, 2005).

(FIGURAS 7 e 8). Esta espécie prolifera melhor em terrenos profundos e não tão úmidos (PERCO, 1987).

Figura 7 e 8 – Espécies de abeto (*Abies*)



Fonte: Da autora (2018).



Fonte: <http://www.dolomitipark.it/it/page.php?id=44> , acesso em 21/01/20.

No *piano montano*<sup>33</sup> com altitudes até dois mil metros encontra-se como principal espécie a faia (*Fagus*) (FIGURA 9). As faias (*Fagus*) são uma espécie de bosque e praticamente não se encontra nas planícies. Suas características principais são seus troncos grossos e madeira resistente. A principal representação e utilidade é a abundância de lenha para queima e quando jovem é utilizada para fazer cercas e de adulto para ferramentas rurais (PERCO, 1987).

---

<sup>33</sup> Territórios de planalto até 2 mil metros (COTTINI; ROTTOLI, 2005).

Figura 9 – Espécie de faia (*Fagus*)



Fonte: <http://www.dolomitipark.it/it/page.php?id=44>, acesso em 21/01/20.

Em territórios do *piano basale*<sup>34</sup> de até mil metros de altitude, a espécie em abundância é o pioppo (*Populus*) (FIGURA 10), com características de altura que pode atingir até 30 metros, presencialmente em territórios argilosos e não áridos e suas folhas caem no outono. Segundo Perco (1987) é uma espécie que possui utilidades sendo “viva ou morta”. Estas expressões revelam que quando “viva” suas folhas servem para nutrir aos animais bovinos e ovinos no inverno e quando cortam as árvores (morta), sua madeira é utilizada para construção das casas.

Figura 10 – Espécie de pioppo (*Populus*)



Fonte: <http://www.altovastese.it/flora-2/la-neve-dei-pioppi-le-4-specie-presenti-in-italia/> acessado em 20/01/20.

<sup>34</sup> Territórios de planalto até mil metros (COTTINI; ROTTOLI, 2005).

Como vimos, estas florestas principalmente nas regiões de Trentino, Lombardia e Vêneto apresentam características de principais espécies da família conífera - o abeto, os lariços (*Picea abies*) e as faias (*Fagius*) (LAZZARINI, 1999; NICOLINI, 2005). Ressalta-se ainda que na época da imigração, o desmatamento da península itálica já estava muito avançado, e as “matas selvagens eram desconhecidas no norte da Itália” (MAESTRI, 2000, p.38).

Referindo-se ao ambiente encontrado pelos italianos e seus descendentes, os territórios que foram ocupados ao norte do rio Taquari possuem aspectos caracterizados pelo bioma Mata Atlântica. Vale ressaltar que a história da Mata Atlântica sempre fez parte da colonização europeia como processo de ocupação e invenção territorial (PÁDUA, 2015). No momento da chegada dos europeus na época colonial, a Mata Atlântica tinha em torno de 1,3 milhões de quilômetros quadrados e partir deste período foi sendo desmatada com certa amplitude e intensificada no século XX. É o que o autor destaca, que os espaços da Terra nunca são vazios, sempre há uma variedade de ecossistemas.

Wolf (2016) aborda que antes das imigrações do século XIX o ambiente com altas altitudes e extensos bosques apresenta características comuns às áreas ocupadas pelas populações Jê Meridionais, da Floresta Ombrófila Mista, com abundância de *Araucaria angustifolia*. Junto a este contexto geomorfológico desenvolveu-se vegetação caracterizada pelo encontro de áreas florestadas e campestres, apresentando três regiões fitogeográficas associadas à Mata Atlântica: a Floresta Ombrófila Mista, a Floresta Estacional Decidual e as Savanas (Campos). A região fitogeográfica que abrange esta tese é a Floresta Ombrófila Mista que conforme apresentam Eckardt et al. (2007), é predominante na região mais alta do rio Taquari e tem como elemento principal a araucária (*Araucaria angustifolia*), com altitudes a partir de 600 a 800m de elevação.

Vale salientar que por intermédio das fontes documentais, como os boletins consulares, tem-se a importância destes registros sobre a chegada dos italianos no “novo” ambiente. É o que Drummond (1991) enfatiza na metodologia da História Ambiental, quando são analisadas as informações abundantes sobre os conceitos, usos, valores e atribuições dos recursos naturais. Os relatórios do Boletim Consular Italiano apresentam fortemente a presença e também o interesse dos recursos naturais encontrados pelos cônsules em território sulino. Um dos primeiros escritos foi pelo cônsul Enrico Perrod sobre as principais plantas e vegetais registrados nas florestas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Segundo

ele “*O solo é muito rico. São em abundância árvores de salsaparilla, de prina, de cicuta, de assenzio, de sálvia, de bettonia, de cedro e de pinheiros, bem como de sabugueiro*”<sup>35</sup> (tradução nossa, BOLETIM CONSULAR 1883, Volume XIX. Parte I, p. 125):

No ano seguinte outro relatório do cônsul italiano Pascale Corte de 1884 abrange dados sobre aspectos referentes à flora e suas observações a partir de seu encargo político. Estas observações tinham como objetivo apresentar dados na exposição de Turim de 1902, região de Piemonte na Itália, elementos da vida do italiano no Rio Grande do Sul. A flora é relatada como variadíssima e repleta de árvores com “benefícios” principalmente para construções, resinas, essências e extratos medicinais. O interesse em registrar espécies que não eram vistas na Itália abrange uma imensa riqueza:

Para animar os nossos inteligentes especuladores a virem enriquecer em poucos anos, envio a exposição de Turim cem amostras de madeiras diversas, aptas aos mais diversos usos. Devidamente classificadas, ou menos designando-as com nomes vulgares, pelos quais aqui são conhecidas, achei oportuno enumerá-las, dando, de cada uma, os principais caracteres, usos e propriedades (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 31).

Os relatos do cônsul Corte apresentados na obra de Battistel e Costa (1982) enumeram oitenta e cinco espécies cujas medidas são mencionadas pelas variedades florestais que possuíam usos específicos nas colônias, variedades úteis pela madeira, frutas e sementes. Espécies de pinheiro (*Araucaria angustifolia*), guabiroba (*Campomanesia guaviroba*) e tarumã (*Vitex megapotamica*) e outras variedades desconhecidas que despertaram interesse e curiosidade, são exemplos neste sentido. A particularidade da espécie *Araucaria angustifolia* chama atenção deste cônsul por ser uma “árvore majestosa” da família das coníferas. Corte descreve com as seguintes informações (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 31):

[...] tem folhas escamosas, ásperas. O tronco tem, frequentemente, mais de 50 metros de altura e 2 de diâmetro. Os frutos são pinhas mais grossas que a cabeça de um homem que se dividem em muitas pinhazinhas oblongas, alternativamente cheias e vazias. Estas pinhazinhas (pinhões) substituem em nossas colônias as castanhas e se as comem fervedas ou torradas. [...] A madeira é branca, não muito dura, mas dócil às construções e a certas obras navais. A resina mesclada com cera, dá velas excelentes. Dos pinhões se extrai uma fécula semelhante à mandioca.

Logo após o Brasil tornar-se República em 1889, um decreto serviu como base para os contratos de emigração entre Itália e Brasil, onde era necessária uma melhor descrição do ambiente. O decreto diz o seguinte: “As propriedades deverão ser divididas em lotes, convenientemente providos de água, e **de alguma matta** para os misteres domesticos” (grifo

<sup>35</sup> *Il suolo é pure assai ricco. Vi sono in abbondanza alberi di salsaparilla, di prina, di cicuta, di assenzio, di sálvia, di bettonica, di cedro e di pini, nonchè di sambuco.*

nosso, DECRETO nº 528, ART 23, 28/06/1890). Destaca-se que a descrição do ambiente físico é notada como elemento fundamental para a organização de empreendimentos colonizatórios entre os países. As viagens eram proporcionadas pelo governador do estado nas colônias e tinham também como objetivo impulsionar a emigração.

Depois disto, encontram-se várias passagens nos boletins que apontavam características ambientais, como por exemplo um escrito pelo Conde Pietro Antonelli que destacava que a região “*é mais montanhosa e recoberta de grandes matas*” (BOLETIM DO MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES, 1899, p. 16). Caracterizada em diversos boletins consulares, a espécie que toma mais destaque é a araucária (*Araucaria angustifolia*) e representava para os colonos italianos uma grande utilização, seja na alimentação com seu fruto ou com as madeiras para construção das casas e utensílios. Humberto Ancarini destaca a rica presença desta espécie conforme segue: “*com o verde escuro dos altos dos pinheiros em forma de sombrinha e que se sucedem a perder de vista em linhas ondeadas que sobem e descem os flancos dos montes*” (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, n,19, p. 27).

Na obra de Aquiles Bernardi (2009), o personagem Nanetto Pipetta se surpreende com a araucária quando destaca: “*a pouca distância se enxerga uma planta grande, mas grande! E alta como o campanário de São Marcos de Veneza, e grossa. Sem muitos ramos e tem um grande guarda-chuvas feitos de ramos, longos que não saberia como*”<sup>36</sup> (Tradução nossa, 2009, p.51).

Em outro episódio Pipetta também se surpreende ao avistar a desconhecida espécie de bananeira (*Musa*):

*Estava caminhando para lá e vê algo parecido com uma penca de salames ao redor de um ramo, que não sabia dizer o peso.  
- Uma árvore salameira! Como não deverão ser boas essas frutas! Tinham de verdes e amarelas, de grandes e pequenas (tradução nossa, BERNARDI, 2009, p. 89-90)*<sup>37</sup>.

Não somente as espécies citadas, mas outras que fazem parte do bioma Mata Atlântica são exemplos dos territórios de colonização italiana estudados ao norte do rio Taquari como a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), a cabriúva (*Myrocarpus frondosus*), cedro (*Cedrus*), louro

<sup>36</sup> *E tò che a poca distansa el vede on pianton grando, ma grando; el sirà come il campanil de San Marco de Venèssia. E grosso che mai pi. Sensa rami fin insima, e là sul el gaveva na ombrelona fata de rami loghi che no savaria come.*

<sup>37</sup> *El ze andato live, el vede come dei salami picadi tuto intorno a on ramo, che no el ghin poteva pi dal peso. – Orpo, na pianta de salami! Che boni che no i ga da èssare?!Ghenera de verdi e de dai, de grandi e de piccoli.*

(*Laurus nobilis*), canela (*Cinnamomum zeylanicum Blume*) jaboticabeiras (*Plinia cauliflora*), guáiacos (*Guaiacum*), angico (*Anadenanthera sp*), timbaúva (*Enterolobium contorstisiliquum*) (FERRI, 1985, 1996; GOMES, 2004; BOZZETTO JÚNIOR, 2004; ANDRADE; ANDRADE, 2006). São riquíssimas as espécies que fazem parte deste bioma e acredita-se que muitas delas como mencionado, chamaram a atenção dos italianos e seus descendentes.

Também por intermédio dos descendentes de italianos ao norte do rio Taquari, encontrou-se informações referentes às espécies de flora, destacadas a seguir nos relatos E11 e E12:

*J: E que madeira que usava?*

*E4: Mais ou menos o **cedro, cabriúva, canjerana, pinheiro** (grifo nosso, E11, 14/09/18, p.20)*

*N: Eu trabalhei também. Se serrava **gabriúva, cedro, pinheiros...***

*J: Pinheiros não? Porque na época podia então?*

*N: Podia, se podia. **Loro, canjerana.***

*J: Só as madeiras boas?*

*N: Só madeiras nobres isso. Aí até na época que ele faleceu ele começo a desce aí pra Novo Hamburgo ali pra acha aquelas madeira pra faze o salto de calçado, tinha lá pros Estados Unidos, tu nunca ouviu fala?*

*J: Não.*

*N: É, então isso era serrado a **canela-tambor, a canela-tapiá.***

*J: Espécies de canela?*

*N: Isso, isso. **Corticeira, coisa....figueira do mato** (grifo nosso, E12, 14/09/18, p.4)*

Segundo as informações mencionadas era rica a biodiversidade que encontravam ao norte do rio Taquari. Assim como no norte italiano a atividade madeireira era presente nos territórios ao norte do rio Taquari e as espécies eram retiradas do local e na maioria das vezes, empregadas em construções. Eram madeiras do tipo cedro (*Cedrus*), louro (*Laurus nobilis*) ou grápia (*Apuleia leiocarpa*) (D3b, 11/09/19, p.1).

Com base na pesquisa documental, bibliográfica e fontes orais se elaborou o quadro (QUADRO 2) semelhante à região norte ítala, apresentando as zonas atitudinais e a flora com suas principais espécies:

Quadro 2 – Zonas atitudinais e principais espécies de flora ao norte do rio Taquari

Localização/Zonas atitudinais da Vegetação	Planície (0 a 500 m)	Montanha (500 a 800m)
	timbaúva ( <i>Enterolobium</i> )	Pinheiros ( <i>Araucaria</i> )

<b>Espécies</b>		<i>angustifolia</i>
	Cedro ( <i>Cedrela fissilis</i> )	Erva-mate ( <i>Ilex paraguariensis</i> )
	Louro ( <i>Laurus nobilis</i> )	Cabriúva ( <i>Myrocarpus frondosus</i> )
	Canela ( <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume) - canela-tambor, a canela-tapiá ( <i>Alchornea triplinervia</i> )	Cedro ( <i>Cedrela fissilis</i> )
		Guabiroba ( <i>Campomanesia guaviroba</i> )
	Canjerana ( <i>Cabralea canjerana</i> )	Louro ( <i>Laurus nobilis</i> )
	Angico ( <i>Anadenanthera sp</i> )	Angico ( <i>Anadenanthera sp</i> )
	Corticeira ( <i>Erythrina crista-galli</i> )	Grápia ( <i>Apuleia leiocarpa</i> )
	Figueira do mato ( <i>Ficus citrifolia</i> )	Tarumã ( <i>Vitex megapotamica</i> )

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados bibliográfico, documentais e orais.

Os italianos e seus descendentes quando chegaram ao norte do rio Taquari deparam-se com diversas espécies diferentes do mundo natural onde viviam. Chama a atenção duas espécies principais: a araucária (*Araucaria angustifolia*) e a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Trata-se de duas espécies que tiveram um relativo valor simbólico de subsistência e após economicamente desde a chegada, principalmente para a alimentação, construção de casas e venda das madeiras e folhas. Poderíamos descrever todas as diferentes espécies, mas optou-se nestas duas buscando assim conhecer a própria natureza antes da ação do homem (WORSTER, 1991). No capítulo 6, ao ser abordadas as atividades econômicas volta-se a abordar estas duas espécies.

A araucária (*Araucaria angustifolia*) também conhecida popularmente como pinheiro ocorre em regiões de altitude acima de 900m quando formam-se as chamadas “matas de pinhais”. Pode ter de 20 a 50 metros de altura e de 90 a 180cm de diâmetro com uma forma piramidal (FIGURA 11). Segundo Rambo (1994), o pinheiro é uma árvore exclusiva do planalto e a descreve como (p. 265): “todo o organismo do pinheiro é rigidamente esquemático: toda árvore tem a forma de gigantesca umbrela”. Também o cônsul italiano Pascale Corte (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 31) descreve que era: “destacada presença nas colônias italianas e é uma árvore majestosa da família das coníferas”. E ainda segue (p. 32): “como o clima é mais ou menos semelhante ao dos nossos montes da Itália Meridional, creio que se poderia introduzir”.

Figura 11 – Araucária (*Araucaria angustifolia*)



Fonte: Acervo projeto Identidades Étnicas (2018).

A semente desta espécie chama-se pinhão, é comestível e apreciada no sul do Brasil, as quais também são muito consumidas por aves, entre elas a gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*) (LORENZI, 2014). Nas obras de Battistel e Costa (1982; 1983), destacam que o pinhão era uma fruta do mato e utilizada de diversas maneiras pelos imigrantes italianos: alimentação, festejos, engorda de porcos, etc. O pinhão foi uma fonte de alimento e as primeiras safras demoravam para serem colhidas, fazendo com que estes imigrantes recorressem a outros elementos da fauna e flora (CORREA; BUBLITZ, 2006). O cônsul Corte (BATTISTEL; COSTA, 1982) também chama a atenção sobre o pinhão possuir similaridade do sabor com as castanhas que tinham na Itália.

Muitas espécies de araucárias foram derrubadas inicialmente pelos imigrantes italianos para início das roças, revestimento das casas e móveis. Após foram destinadas às serrarias para o comércio e matéria-prima. Assim, como afirma Bublitz (2010), a destruição das

florestas das araucárias foi intensificada com a chegada dos italianos na segunda metade do século XIX e a formação de diversas serrarias na serra gaúcha.

Outra espécie é a erva-mate, a qual faz parte da complexa vegetação do sul do Brasil e da família *Aquifoliaceae*, com o gênero *Ilex* e pode atingir até 10m de altura. Ela floresce no mês de outubro e frutifica entre janeiro e março. A erva-mate é uma das espécies particularmente frequentes na mata de pinhais nos três estados sulinos com até 800m de altitude (LORENZI, 2014). Diversos pássaros interagem com esta espécie, entre eles o jacu (*Penelope superciliaris*) que se alimenta dos frutos da erva-mate (GERHARDT, 2013).

Durante o século XIX e início do XX muitos viajantes, cronistas e cônsules já registravam a presença desta espécie. No Boletim da Emigração de 1913 (n.10, p. 10), o cônsul Beverini destacava em seus registros que a erva-mate crescia espontaneamente nas florestas dos estados do sul do Brasil e fazia parte da economia florestal.

Figura 12 – Erva-mate (*Ilex paraguariensis*)



Fonte: Projeto Identidades Étnicas (2018).

Segundo Zarth (2012), a erva-mate é uma espécie que cresce em formas de manchas esparsas no interior das florestas, designada de ervais. O manejo do erval foi passado pelos

povos indígenas para os camponeses ervateiros pelo contato entre as culturas. Os primeiros italianos que chegaram na região noroeste do Rio Grande do Sul tiveram o conhecimento desta espécie a partir do contato com os luso-brasileiros. Battistel e Costa (1983) destacam que o tempo de colher a erva-mate era o mês de julho até agosto e toda a preparação envolvia a família. Na região norte do rio Taquari esta espécie fazia parte do cotidiano das famílias e intensificou-se na vida econômica, como se observará no capítulo 6.

Com a abundância das duas espécies mencionadas, conseqüentemente o povoamento da região ao norte do rio Taquari intensificou-se pelo comércio de madeiras e a formação das serrarias. Além do mais, a erva-mate e o pinhão geraram boas fontes de comércio e a fama de boas terras férteis atraiu muitas famílias das antigas colônias e desempenharam outras profissões como ferreiros, marceneiros, moinheiros, etc. (KARAM, 1992).

Percebe-se, assim, que a vinda desses imigrantes italianos tinha como interesse a busca pela vegetação existente como a madeira, a erva-mate e o pinhão e, conseqüentemente, sua exploração. Os comerciantes de madeira e terras tinham, definitivamente, objetivos específicos de lucratividade, pois depois de retirar da mata as árvores, vendiam as terras, loteando as superfícies menores. Como afirma Dean (1994) a história das florestas e no que se remete também a Mata Atlântica é de exploração e destruição.

Outras análises também são interessantes apontar, sobre a possibilidade da abordagem da História Ambiental, como a comparação dos biomas entre ambos territórios. Martinez (2011, p.31) enfatiza que “O estudo da presença humana nos diferentes ecossistemas e biomas é outra oportunidade de aproximação do conhecimento histórico com o meio ambiente”. Do lado italiano o bioma alto-montanha e ao norte do rio Taquari bioma Mata Atlântica. Apesar da diversidade transoceânica dos biomas encontrou-se algumas espécies pertencentes à família das coníferas da ordem Pinaceae como o abeto (*Abies*) e a araucária (*Araucaria angustifolia*). O cônsul Beverini já destacava a espécie araucária “como um pinus” e sua importância para a construção na indústria florestal (BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1913, n.10, p.12). Esta aproximação está associada na visão do cônsul italiano como uma espécie semelhante do norte italiano, como o abeto.

Alguns exemplos podem ser apresentados entre as espécies mais representativas em ambos territórios. Todas as fontes apresentadas destacam as espécies de abeto, faia, pioppo, araucária, cedro e erva-mate por seu uso, em especial em construções e elaboração de artefatos, utensílios e demarcação territorial. Ou seja, a importância de um ambiente

vegetativo era um atrativo e passou a fazer parte da vida dos italianos e seus descendentes. O ambiente rico encontrado ao norte do rio Taquari foi destacado em um dos últimos boletins pelo cônsul Beverini salientando que: “Estas favoráveis condições naturais são tais de assegurar ao colono uma vida boa e recursos naturais abundantes. [...] eu vi, de fato, colônias fertilíssimas, boas, irrigadas, como por exemplo, Guaporé [...]”<sup>38</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1913, n.10, p.4).

Outro dado interessante é a fisionomia de florestas entre os territórios. Como vimos, a flora italiana possui diversos biomas dependendo o relevo, que pode ser considerada com maior ênfase nas províncias alpinas e *padana*, com bioma alto-montanha, enquanto a riqueza encontrada na porção ao norte do rio Taquari é Mata Atlântica. A visão do imigrante italiano que chegou no Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari encontrou um ambiente rico em fauna e flora, muitas vezes registrado pela historiografia local como um local de “floresta virgem”, uma floresta densa, desconhecida, abundante e desprotegida juridicamente. Importante ressaltar baseando-se na História Ambiental as formações da natureza não estiveram isentas da ação humana (PÁDUA, 2010) e que a terminologia utilizada como floresta virgem é etnocêntrica e não existiu.

Os ricos recursos naturais expostos pelos documentos geravam um atrativo para os colonos. A atividade inicial dos imigrantes italianos e seus descendentes era a exploração madeireira e que conseqüentemente desmatou grande parte da cobertura vegetal. Assim, as matas eram vistas como empecilho tanto para a ocupação da terra quanto à produção dos italianos e seus descendentes (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Portanto, neste item apresentou-se sobre a vegetação existente nos territórios e com base no entendimento do mundo natural e da natureza em construção e reconstrução. Também as análises que incorporam fatores biofísicos na análise histórica (PÁDUA, 2010) que ajudaram na compreensão da História Ambiental entre um ambiente emigrado muitas vezes “diverso” e próximo do “encontrado” que também sofreu ações “neoeuropeias” (CROSBY, 2011) pelos imigrantes italianos e seus descendentes. É nessa trilha que o trópico a seguir irá discorrer sobre a flora do ambiente juntamente da fauna entre os territórios ítalo-brasileiros.

---

<sup>38</sup> *Questi favorevoli condizioni dela natura sono tali da assicurare al colono una vita sana e raccolti abbondanti. [...] Io vidi, infatti, colonie fertilissime, sane, irrigue, come ad es., quella del Guaporé [...]*

### 3.2.2 Ambiente de fauna entre norte da Itália e norte do rio Taquari/RS

No item anterior identificou-se aspectos referentes à flora ítalo-brasileira e segundo Brandmayr (2002) não é possível entender a fauna sem conhecer o ambiente em que ela vive, pois é um conjunto de elementos naturais que se complementam. A fauna no norte italiano apresenta espécies principalmente em duas faixas de relevo e biomas italiano – províncias alpinas com bioma alto-montanha e províncias *padana* com bioma temperado. Já ao norte do rio Taquari são faixas de planície e montanhas até 800 metros com bioma Mata Atlântica.

A fauna italiana é uma das mais ricas entre os países europeus e destaca-se em duas fisionomias diferentes: nas províncias alpinas e províncias *padana*. Nas províncias alpinas predominam espécies que se adaptam ao frio; já na planície padana, território de transição entre o alpino e Apeninos muitas das espécies da rica fauna que predominava não existe mais devido à cultura agrária que se intensificou (RUFFO; TAGLIANTI, 2002).

Nas províncias alpinas há predominância das espécies de salamandra preta (*Salamandra atra* e *S. lanzai*), da família das aves, são quatro espécies de tetraz (*Tetraoninae*), pica-pau tridáctilo (*Picoides tridactylus*) e quebra-nozes (*Nucifraga caryocatactes*), mamíferos como arminho (*Mustela erminea*), lebre da montanha (*Lepus timidus*), o ibex (*Cappra ibex*) e o camurça alpino (*Rupicapra rupicapra*). Na Província Padana, por ter muitos rios, tem-se muitas espécies de peixes, grandes mamíferos como cervo (*Cervidae*) e javali (*Sus scrofa*).

O historiador italiano Grosselli (1989) apresenta a rica fauna entre as planícies e montanhas do norte italiano, conforme segue:

[...]Entre os mamíferos se conhecem o camurça (*Rupicapra*), o cervo (*Cervidae*), alguns tipos de lebre (*Lepus*), a marmota (*Marmota marmota*), a raposa (*Vulpes vulpes*), o furão (*Mustela erminea*), o texugo (*Meles meles*); entre as aves o galo silvestre (*Centrocercus urophasianus*), o galo lira (*Lyrurus tetrrix*), o lagópode-branco (*Lagopus muta*), o perdiz avelã (*Bonasa bonasia*), a perdiz negra (*Alectoris graeca*), o corvo comum (*Corvus corax*). Vários tipos de peixes são presentes nos ribeiros, riachos e lagos da zona como igualmente qualquer tipo de anfíbios. Entre os répteis, o único venenoso é a Víbora-áspide (*Vipera aspis*) (tradução nossa, GROSSELLI, 1989, p. 26)<sup>39</sup>.

---

39 [...] tra i mammiferi si conoscono il camoscio, il capriolo, alcuni tipi di lepore, la marmotta, la volpe rossa, l'ermellino ed il tasso; tra gli uccelli, il gallo cedrone, il gallo forcello, la pernice bianca, il francolino di monte, la coturnice, il corvo imperiale. Vari tipi di pesci sono presenti nei torrenti, ruselli e laghetti della zona come pure qualche tipo di anfibi. Tra i rettili, l'único velenoso è la vipera aspide (*Vipera aspis*).

As principais espécies na faixa montanhosa e subalpina são os mamíferos das espécies como o camurça (*Rupicapra*), cervo (*Cervidae*), corça (*Capreolus capreolus*), javali (*Sus scrofa*), lobo (*Canis lupus*), urso (*Ursidae*), raposa (*Vulpes vulpes*), texugo (*Meles meles*), marmota (*Marmota monax*), esquilo (*Sciurus vulgaris*), fuinha (*Martes foina*), arminho (*Mustela erminea*). Das aves são inúmeras espécies, como exemplos tem-se águia (*Buteo buteo*), gavião da Europa (*Accipiter nisus*), açor (*Accipiter gentilis*), cuco-canoro (*Cuculus canorus*) e coruja (*Athene noctua*). A espécie de urso (*Ursus*) é predominante na região do Tretino Alto-Ádige (CHEMINI; TAGLIANTI, 2002).

Referente às espécies aquáticas, a pesca no norte italiano não era uma atividade muito forte. Na Província de Beluno, região do Vêneto, a pesca acontecia precisamente no rio Piave, nos pequenos afluentes e no lago de Santa Croce. No rio Piave encontravam-se espécies com peso de até cinco quilos e outras como enguias (*Anguilla anguilla*) e em seus afluentes era muito comum camarão e pequenos peixes. Nos lagos vivem diversas espécies como truta (*Oncorhynchus mykiss*), enguia (*Anguilla anguilla*) e barbo (*Barbus barbus*) e outros pequenos peixes. No verão e outono encontram-se muitas rãs (*Ranidae*) (PERCO, 1987).

Assim, entende-se que o mundo natural na vida humana (DRUMMOND, 1991) enfatiza também uma análise mais ampla e difusa e pode apresentar-se como um fio condutor das mudanças e continuidades ao objeto de estudo. Desta forma, a vivência dos italianos com o ambiente apresenta uma série de informações referentes à diversidade de espécies encontradas nas entrevistas E14, E17, E18, E19, E23 e E24 das três regiões:

A – **Sim, a corça, lebres, esquilos.**

P – **Cervos tinham também?**

A – **Agora sim, primeiro não, uma vez<sup>40</sup> (tradução e grifo nosso, E14, 30/01/19, p. 2).**

J – **E algum animal de bosque?**

A – **Animal era lebre, perdiz e corça é visto depois e javali, cervos agora depois. Penso que era só a lebre e perdiz<sup>41</sup> (tradução e grifo nosso, E17, 12/12/19, p. 4).**

J – **E a fauna também sabes alguma espécie principal?**

S – **A fauna é também um problema porque temos a corça, o cervo, que são danosas, tem-se também a raposa, tem as martas<sup>42</sup> (*Martes martes Linnaeus*) (tradução e grifo nosso, E18, 08/01/19, p. 2).**

<sup>40</sup> A – Sì, il capriolo, lepri, scoiatolli. P – Cervi c'erano anche? A – Allora sì, prima no, una volta no.

<sup>41</sup> J – E qualcuno animale di bosco? A – Animali g'nè era lepre e pernice e capriolo è stato dopo e cinghiale, cervi adesso dopo ancora. Lora g'nè era solo lepre e pernice.

<sup>42</sup> J – E la fauna anche sai qualcuna specie principale? S – La fauna è anche un problema perché abbiamo il capriolo, il cervo, ci sono delle donolle, ci sono le volpe, ci sono le martore.

*J – E como eram os animais de bosque? Te recordas alguma animal de bosque que tinha na época?*

*C – Tinha **a lebre, o javali**...não me recordo muitos nomes que se chamava.*

*J – Sem problemas...mas **a lebre** se via muito?*

*C – Não é que se via próprio, mas diziam que tinham. Mas eu não a via mais na verdade.*

*J – E cervos?*

*C – Os **cervos e as corças, camurça**, sim, sim, sim. E tinham também os caçadores<sup>43</sup> (tradução e grifo nosso, E19, 10/01/19, p.3).*

*J – E para esta vegetação e também a flora que animais de bosque se conhece?*

*A – A **lebre!***

*J – Só esta?*

*A – Depois tinha os **pássaros**, na paisagem de outono e primavera.*

*B – **Esquilo**.*

*J – Esquilo também e se caçava também?*

*A – Aqui tinha os que caçavam, era uma prática que rendia pouco porquê...*

*J – Tinha pouco animal de bosque?*

*A – Pouco<sup>44</sup> (tradução e grifo nosso, E13, 23/03/19, p. 3).*

*A – Certo, certo. E depois andavam a caçar que era uma prática muita difusa, eu tenha uma foto muito bonita, tem aquele livro do meu nono? De fuzil...*

*J – Mas caçavam o que?*

*A – Caçavam **lebre**, no amanhecer que chegavam do norte, tinham também tinham os barris, se colocavam nos barris....como se chama....em grupo assim, tem um nome para dizer...mas se colocava, e assim dispararam na lebre, tinham diversos **pássaros, peixe** era uma prática na minha cidade muito difusa, todos iam pescar. Tu não sabe que tinham muitos **corvos**, os matavam os corvos porque tiravam a pele que era muito dura e servia para fazer o risoto <sup>45</sup> (tradução e grifo nosso, E24, 25/03/19, p. 12).*

Os relatos dos italianos acrescentam e corroboram com informações sobre o ambiente das três regiões norte pesquisadas. A história oral aqui como método, “fornece oportunidade de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva e, também, pelo fato de as fontes orais dizerem respeito à memória” (TEDESCO, 2014, p.123). A experiência de vida é expressa em narrações, na interpretação e nos significados trazidos

<sup>43</sup> *J – E come erano l'animale di bosco? Ti ricordi qualcuno animale di bosco che aveva l'epoca? C – C'era la lepre, c'era i cinghiale...non mi ricordo più nome che si chiamava.. J – Senza problemi... ma la lepre che si vedeva tanto? C – Non è che si vedeva proprio ma dicevano che c'erano. Ma io non lo mai visto la verità. J – E i cervi? C – I cervi sì e i caprioli, camoscio sì, sì, sì. E c'erano anche i cacciatori.*

<sup>44</sup> *J – E per questa vegetazione e anche la flora che animale di bosco si conosce? A – La lepre! J – Solo questo? A – Poi c'era gli uccelli, nel passaggio di autunno e primavera. B – Scoiatolli. J – Scoiatolli anche e si cacciava anche? A -Chi aveva l' icelti cacciava, era una pratica ma rendeva poco perché... J – Aveva poco animale di bosco? A – Poco.*

<sup>45</sup> *A – Certo, certo. E poi andavano a caccia che era una pratica molto difusa, io ho una fotografia bellissima, c'è quello libro là di mio nonno? Di fusile... J – Ma cacciavano che? A – Cacciavano lepre, alba selvatiche che arrivavano dal nord, avevano anche delle botti, si mettevano in botti...come si chiama... in gruppo insoma, c'è un nome per dire...ma si posavano sulla... da richiamo e poi disparavano lepre, hanno...uccelli varie, pesce era una pratica in meo paese molto difusa, tutto andavano a pescare. Tu non sai che da noi era presati corvi, gli uccidevano i corvi perché lo toglievano le pele che era molto dura e serviva per fare il risotto.*

pelos entrevistados. Os fatos históricos vividos possibilitam uma análise dos acontecimentos, articulando o passado e presente.

Com base nos dados pesquisados nas fontes bibliográficas, documentais e orais foi possível identificar diversas ordens faunísticas. Além do mais, várias das espécies mencionadas pelos interlocutores são direcionadas pela atividade da caça, a qual retorna-se com ênfase em outro subitem. Este conjunto de dados sobre as espécies de fauna no norte italiano pode ser observado no quadro (QUADRO 3), conforme as ordens:

Quadro 3 - Espécies de fauna no norte italiano

<b>Espécies</b>	<b>Mamíferos</b>	<b>Aves</b>	<b>Peixes</b>
	Camurça ( <i>Rupicapra rupicapra</i> )	Falcão ( <i>Falco</i> )	Perca ( <i>Perca fluviatilis</i> )
	Lebre ( <i>Lepus europaeus</i> ) lebre da montanha ( <i>Lepus timidus</i> )	Corvo ( <i>Corvidae</i> )	Zander ( <i>Lucioperca Sandra</i> )
	Esquilo ( <i>Sciurus vulgaris</i> )	Cornacchia ( <i>Corvus corone cornix</i> )	Peixe lobo ( <i>Labra lupus</i> )
	Urso ( <i>Ursus</i> )	Perdiz ( <i>Alectoris rufa</i> )	Tainha ( <i>Mugil cephalus</i> )
	Lobo ( <i>Canis lupus</i> )	Tetraz-grande ( <i>Tetrao urogallus</i> )	Carpa-comum ( <i>Cyprinus carpio</i> )
	Raposa ( <i>Vulpes vulpes</i> )	Cuco canoro ( <i>Cuculus canorus</i> )	Truta ( <i>Oncorhynchus mykiis</i> )
	Texugo europeu ( <i>Meles meles</i> )	Galo lira ( <i>Tetrao o Lyrurus tetrrix L</i> )	Enguia ( <i>Anguilla anguilla</i> )
	Martora ( <i>Martes martes</i> )	Francolino ( <i>Bonasa bonasia</i> )	Barbo ( <i>Barbus barbus</i> )
	Arminho ( <i>Mustela erminea</i> )	Coruja ( <i>Athene noctua</i> )	
	Camoscio ( <i>Rupicapra</i> )		
	Cervo ( <i>Cervidae</i> )		
Ibex ( <i>Capra ibex</i> )			
Corça ( <i>Capreolus capreolus</i> )			
Javali ( <i>Sus scrofa</i> )			
Fuinha ( <i>Martes foina</i> )			

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados bibliográficos e entrevistas.

O norte italiano apresenta uma biodiversidade na fauna com diversas espécies das três principais ordens dos mamíferos, aves e peixes, sendo que as espécies predominantes são da ordem dos mamíferos. As principais espécies são o urso, lebre, corça, raposa e cervo. Das aves encontra-se a perdiz e o corvo.

Do outro lado do Atlântico, quando os imigrantes italianos e seus descendentes chegaram às colônias na província de São Pedro do Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari encontraram como vimos uma rica biodiversidade de flora e conseqüentemente também de fauna. Segundo Duarte (2005, p. 49) “uma das características mais notórias das matas tropicais é a incrível variedade de espécies: milhares de insetos, répteis, pássaros, mamíferos, orquídeas etc.”. A presença de animais na Mata Atlântica despertava medo e curiosidade. Os “diferentes” animais mencionados nos registros dos cônsules, literaturas e na memória dos imigrantes italianos e descendentes muitas vezes eram considerados perigosos e descritos de diversas formas, como se verá a seguir.

As primeiras informações remetem-se aos dados do cônsul Pascale Corte em 1884 relatadas na obra de Battistel e Costa (1982), que revela a riqueza da fauna nas colônias italianas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Este é um dos relatórios no qual constam maiores informações referentes à fauna do Bioma Mata Atlântica. Semelhante ao que ocorreu na parte da flora, acontece na questão da fauna, tendo em vista ter enviado para a Exposição de Turim ocorrida em 1902, em torno de 50 peles de diversos animais e em torno de 70 pássaros caçados por ele, mas em grande parte não identificados. Nestes registros sobre a fauna constam diversas espécies de mamíferos, pássaros, peixes, répteis e insetos.

Como exemplos de mamíferos destacam-se espécies tais como a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), ariranha-comum (*Pteronura brasiliensis*), onça (*Panthera onca*), tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), porco-do-mato (*Cercolabes prehensilis*), cutia (*Dasyprocta*), anta (*Tapirus*), coati (*Nasua*), gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*), veado-do-campo (*Ozotoceros bezoarticus*), veado-pardo (*Mazama americana*), bugio (*Alouatta*), macaco (de barba longa e face preta), ratão (*Myocastor coypus*), entre outras.

Em relação às aves, o cônsul registra no boletim trinta e quatro espécies, sendo as mais destacadas quero-quero (*Vanellus chilensis*), maçarico (*Limosa*), saracura (*Aramides*), sabiá (*Turdus*) e beija-flor (*Trochilidae*). Outras chamam sua atenção pelo porte de carne e considera-as “raras e não existentes” na Itália: o nambu (*Crypturellus tataupa*), jacu

(*Penelope*), jacutinga (*Aburria jacutinga*) e o ferreiro (*Procnias nudicollis*). Dos peixes destaca duas espécies – o dourado (*Salminus brasiliensis*) e bagre (*Aspistor luniscutis*). E dos répteis, as tartarugas (*Testudines*) e jararacas (*Bothrops jararaca*).

Muitas outras obras regionais destacam a presença de uma rica fauna ao norte do rio Taquari como onças (*Panthera onca*), graxaim (*Lycalopex gymnocercus*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), quati (*Nasua*), tamanduás (*Myrmecophaga tridactyla*), macacos (*Primates*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), anta (*Tapirus*), lebre (*Lepus*), e aves como saracura (*Aramides saracura*), tucano (*Ramphastidae*), periquito (*Melopsittacus undulatus*), sabiá (*Turdus*) e peixes como dourado (*Salminus brasiliensis*), bagre (*Siluriformes*), curimatá (*Grumatã Prochilodus lineatus*) (THOMÉ, 1967; FERRI, 1985; GOMES, 2004; BOZZETTO JÚNIOR, 2004; ANDRADE; ANDRADE, 2006).

Interessante correlacionar a obra de Bernardi (2009) quando Nanetto Pipetta em sua trajetória ao final do século XIX no Rio Grande do Sul depara-se com vários elementos que lhe causaram surpresa: a floresta brasileira e seus animais - tigres, macacos e papagaios. Aquiles Bernardi (2009) revela a surpresa levada pelo contato com o bando de papagaios:

No clarear do dia uma grande tropa de papagaios passava por lá. O Pipetta não conheceu ainda estes pássaros, achou serem águias americanas.  
- Santo Antônio que perigo, que perigo! Meu Deus, eu vos recomendo a alma e minha pele! Nossa Senhora, ocultai-me e fazei essas perigosas águias não me enxergarem, a fim de que eu possa retornar e rever minha mãe (tradução nossa, BERNARDI, 2009, p. 53).<sup>46</sup>

Uma das interlocutoras desta pesquisa, E7, sendo uma das únicas imigrantes italianas vivas ao norte do rio Taquari que encontramos, revela que no final da década de 1910, quando sua família chegou, os principais animais que encontraram eram muitos macacos, os bugios (*Alouatta caraya*) que ainda hoje continuam comendo milho e por algum descuido, eles pegavam seus pertences. Ainda na fauna destaca o gato de mató (*Leopardus tigrinus*), o graxaim (*Lycalopex gymnocercus*), cobras, tatu (*Dasypodidae*) e o porco do mató (*Pecari tajacu*) (D7, 20/07/2017, p. 5). Também outro interlocutor apresenta ao norte do rio Taquari espécies como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), quati (*Nasua*), macaco preto (*Alouatta caraya*) e tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*) (D9, 01/09/17, p. 4).

<sup>46</sup> *In sul far del giorno na gran trupa de papagai passava par delà via. El Pipetta non gaveva gnacora prática de ste bèstie. El pensava che le fusse àquile mericane. - Santantoni che pericolo, che pericolo! Signore, ve ricomando l'ànema e la me pele! Maria Vèrgine, scondime che no le me eda ste brute àquile ca possa tornare dala mama!*

Há outros relatos dos descendentes de italianos ao norte do rio Taquari, que discorreram sobre a fauna conhecida pelas famílias nas entrevistas E3, E8, E11 e E12:

*LT – Talvez ele se perdeu, né?*

*DM – E, mataram, por isso que se chama o nome de tigrinho, por causa que mataram esse **filhote de tigre**. Eles contavam, contam, tem até a história a igreja tem até um quadro que fala tudo sobre isso (grifo nosso, E3, 08/05/15, p. 35).*

*J – É de animal de mato assim?*

*S – Olha, mal e mal apenas o nono, meu pai se lembra do **porco do mato**.*

*J – Porco do mato?*

*C – Porco do mato nós esses dias tava assistindo tv viu os **esquilos** e disse que **esquilos** existiam aqui também [...]*

*C – Sim, **mico, micos** tinha, mas também o **porco do mato** que o pai falava, esses **graxaim**.*

*S – **Jaguaririca** falava.*

*C – É **jaguaririca**, eu vi agora já. O pai nunca viu aqui?*

*S – Sim, diz que era grande assim (mostra o tamanho), que era grande que nem um gato.*

*J – E **macacos** assim ou o **bugiu preto** já ouviram falar? (grifo nosso, E8, 09/11/17, p. 7).*

*J: E animais assim do mato que mais tinha antigamente?*

*E4: Ah tinha **paca**, tinha **cutia** que era outro bichinho, **tatu** também bastante. Tantos que eu matei pra comer. (grifo nosso, E11, 01/09/17, p.11)*

*M: Que espécies de peixes vocês pegavam?*

*N: Tinha a **traíra**, o **jundiá**, o mais era a traíra e o jundiá por exemplo assim na espera né.*

*J: Que eram peixes maiores?*

*N: Maiores eh. E o **casculo** que hoje é um peixe muito apreciado na época eles não davam valor, eu acho que era por causa da casca dele sei lá. [...]*

*J: E o senhor sabe alguma história assim de algum animal do mato que eles conheciam? Que tipos de animais conheciam quando chegaram aqui?*

*N: Ah sim, tipo tinha a **onça**, **tinha tigre** ah...que era os bicho mais perigoso.*

*M: Bastante?*

*J: Ou que eles viram?*

*N: Sim isso eles viram. O tanto é que na família da nona aconteceu uma história que o meu tio me conto que um dia ele foi larga os animais do potreiro pra estrebaria, que hoje eles chamam de estábulo né, ele foi larga os animais e lá no meio dos animais tinha um leão. Ele se deu conta depois com os animais que ele tava lá no meio, ele se deu conta porque quando os animais saíram do potreiro pra entrar i pra estrebaria o leão saiu pela porteira também e foi embora pro mato depois né.*

*J: Fugiu?*

*N: É, é.*

*J: E porco do mato, tamanduá, essas coisas?*

*N: Ah sim, **porco do mato**, **tamanduá**, **o veado**...*

*J: Macaco?*

*N: **Macaco**.*

*J: Qual espécie, o preto?*

*N: **O bugio aquele e aquele preto** também, segundo eles contavam né.*

*J: O senhor nunca viu assim?*

*N: Sim, ainda hoje existe aqui.*

*J: E tinha algum animal assim também que eles caçavam pra come? Pra se alimentar algum pássaro ou animal?*

N: Ah pássaro tinha muito né, tinha o **jacu** que era um passarinho meio grande, e tinha o **nambu** dois tipo de nambu, tinha **pomba de mato**, tinha a tal da **pomba carijó** que falam e os passarinho de origem italiana tu sabe que ... (grifo nosso, E12, 14/09/18, p. 10-11).

É presente na memória destas famílias a biodiversidade e riqueza da fauna nos territórios ao norte do rio Taquari. Neste sentido, a pluralidade de informações elencadas é articulada aos acontecimentos vividos pessoalmente e de seus familiares, são histórias de vida individuais e coletivas (POLLAK, 1992). Assim, os dados orais complementam outras fontes, contribuindo para novas interpretações e histórias em reconstrução. A memória dos interlocutores “também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressada” (POLLAK, 1992, p.11).

Chama a atenção que por diversas vezes os descendentes de italianos remetem-se à espécie “tigres” ou outras espécies desconhecidas que despertavam medo. Esta espécie diferente do seu ambiente de origem faz parte de um imaginário e a representação associada a espécies semelhantes ao que ocorreu com a fauna do bioma Mata Atlântica, tais como onças (*Panthera onca*) e a jaguatirica (*Leopardus pardalis*). Uma das estratégias para espantar de suas propriedades esses animais era fazer fogo (BATTISTEL; COSTA, 1982).

Com base nos dados pesquisados as principais ordens encontradas ao norte do rio Taquari, conforme quadro 4, são:

Quadro 4 – Principais espécies de fauna ao norte do rio Taquari

	<b>Mamíferos</b>	<b>Aves</b>	<b>Peixes</b>
<b>Espécies</b>	Onças ( <i>Panthera onca</i> )	Saracura ( <i>Aramides saracura</i> )	Dourado ( <i>Salminus brasiliensis</i> )
	Graxaim ( <i>Cerdocyon thous</i> )	Tucano ( <i>Ramphastidae</i> )	Bagre ( <i>Siuriformes</i> ),
	Gato de mato ( <i>Leopardus sp.</i> )	Periquito ( <i>Melopsittacus undulatus</i> )	Curimbatá ( <i>Grumatã Prochilodus lineatus</i> )
	Veado ( <i>Cervidae</i> )	Sabiá ( <i>Turdus</i> )	Lambari ( <i>Astyanax</i> )
	Jaguatirica ( <i>Leopardus pardalis</i> )	Tucano ( <i>Ramphastidae</i> )	
	Paca ( <i>Cuniculus paca</i> )	Jacutinga ( <i>Aburria jacutinga</i> )	
	Quati ( <i>Nasua</i> )	Pomba-carijó ( <i>Patagioenas</i> )	Piava ( <i>Actinopterygii</i> )

		<i>pucazuro</i>	
	Tatu ( <i>Dasypodidae</i> )	Pomba do mato	Jundiá ( <i>Siluriformes</i> )
	Tamanduás ( <i>Myrmecophaga tridactyla</i> )	Nambú ( <i>Crypturellus parvirostris</i> )	Traíra ( <i>Hoplias</i> )
	Macacos ( <i>Primates</i> ) - os bugios ( <i>Alouatta caraya</i> ) - macaco preto ( <i>Alouatta caraya</i> )	Jacu ( <i>penelope</i> )	
	capivaras ( <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> )		
	porco do mato ( <i>Pecari tajacu</i> )		
	Paca ( <i>Cuniculus paca</i> )		
	Cutia ( <i>Dasyprocta</i> )		
	Serelepe ( <i>Sciurus ingrami</i> )		
	Anta ( <i>Tapirus</i> )		
	Lobo-guará ( <i>Chrysocyon brachyurus</i> )		
	Lebre ( <i>Lepus</i> )		

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados bibliográficos e entrevistas.

Como dissemelhança são muitas espécies, mas chama a atenção algumas que possuem familiaridades dentro da mesma família entre os territórios ítalo-brasileiros. No que se refere às espécies dos mamíferos encontra-se na família dos Cervidae - a corça (*Capreolus capreolus*) e o cervo (*Cervidae*), na família Canidae - o lobo (*Canis lupus*), lobo guará (*chrysocyon brachyurus*) e o graxaim (*Cerdocyon thous*), na família Leporidae - a lebre (*Lepus*) e na família dos Sciuridae - o serelepe (*Sciurus ingrami*). Para um melhor entendimento mostra-se imagens sobre estas principais espécies que apresentam similaridades entre as famílias nos territórios pesquisados:

## Família Cervidae

Figura 13 – Corça (*Capreolus capreolus*)



Fonte:  
<https://www.iucnredlist.org/species/42395/22161386>  
 acesso em 30/01/20

Figura 14 – Cervo (*Cervidae*)



Fonte:  
<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-cetartiodactyla/familia-cervidae/cervo-do-pantanal-blastocerus-dichotomus/> acesso em 30/01/20.

A corça (FIGURA13) e o cervo (FIGURA 14) são da família Cervidae e vivem até os trinta anos. No norte da Itália seu habitat principal são os bosques abertos e pastagens de montanha. Alimentam-se de ervas, folhagens e pequenas plantas (DOLOMITI BELLUNESI, texto digital). No Rio Grande do Sul ocorrem cinco espécies desta família: duas apresentam chifres em forma de galhada e as demais com chifres simples. Seu habitat é mais úmido, campos, várzeas e planícies com inundações (SILVA, 1994). A espécie cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) é a que mais se assemelha com o cervo da Itália, pois apresenta grandes chifres e alimenta-se de folhas longas e gramíneas.

## Família Canidae

Figura 15 – Lobo (*Canis lupus*)



Fonte: MUSE

Figura 16 – Graxaim (*Cerdocyon thous*)



Fonte:

<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-carnivora/familia-canidae/cerdocyon-thous-graxaim-do-mato/> acesso em 30/01/20

De forma comparativa, tendo por base as informações, foi possível encontrar espécies semelhantes na família Leporidae – a exemplo da lebre (*Lepus*) (FIGURAS 17 e 18) e na família dos Sciuridae - o serelepe (*Sciurus ingrami*) (FIGURA 19).

## Família Leporidae

Figura 17 - Lebre (*Lepus europaeus*)



Fonte: Museo Civico di Storia Naturale

Figura 18 - Lebre da montanha (*Lepus timidus*)



Fonte: MUSE

A lebre (FIGURA 17) é uma espécie que já fazia parte do ambiente italiano durante o século XIX e é um animal herbívoro que se alimenta sobretudo de gramíneas. É uma espécie do arco alpino e pré-alpino italiano em até 3500 metros de altitude. Encontra-se nos alpes a espécie de lebre da montanha (FIGURA18) ou lebre alpina (*Lepus timidus*), a qual ressalta-se que não existe ao norte do rio Taquari. Possui características particulares, pois durante o inverno tem a pelagem branca nos meses de dezembro a abril, com exceção na borda das orelhas e dos olhos. A troca de pelagem é uma função anti-predatória, pois confunde-se com a cor da neve. A espécie é predada principalmente pela raposa, marta e arminho (TOSCHI, 1965; STOCH; GENOVESI, 2016).

Referente à lebre ao norte do rio Taquari (FIGURA 17), segundo Rambo (1994), é uma espécie que imigrou das regiões do Prata e alastrou-se por todos os territórios do sul do Brasil e tem como principais características seus grandes saltos e fácil reprodução. Ela é uma espécie introduzida na América do Sul no início do século XIX pelos colonizadores europeus (SILVA, 1994). Deste modo, esta lebre já era conhecida pelos italianos e descendentes e introduzida antes da chegada ao sul do Brasil.

### Família Sciuridae

Figura 19 – Serelepe (*Sciurus ingrami*)



Fonte: Museo Civico di Storia Naturale

O serelepe (FIGURA 19) é da Ordem Rodentia Família Sciuridae *Sciurus asteuans* (SILVA, 1994). No norte da Itália é uma espécie muito difundida em toda faixa alpina e apenina, principalmente dos alpes às planícies com sua alimentação em florestas coníferas e decíduas (STOCH; GENOVESI, 2016). Nos territórios ao norte do rio Taquari o serelepe (*Sciurus asteuans*) é comum na região, ocorrendo em fragmentos de mata de diversos tamanhos, incluindo os resquícios de mata ciliar, áreas de vegetação secundária e zona urbana de algumas localidades. A presença da espécie é facilmente detectada pelas marcas deixadas nas sementes de jerivá (*Syagrus romanzoffiana Cham*) durante a alimentação.

Na ordem das aves encontra-se uma riqueza de espécies entre ambas territorialidades, mas encontrou-se apenas duas espécies semelhantes que se destacam: a coruja (*Athene noctua*) (FIGURA 20) pertencente à família Strigidae e as espécies perdiz (*Alectoris rufa*) da família Phasianidae (FIGURA 21) e jacu (*penelope*) da família Cracidae, mas que pertencem à ordem das Galliformes (FIGURA 22).

Figura 20 - Coruja (*Athene noctua*)



Fonte: MUSE.



Fonte:  
[http://www.avesderapinabrasil.com/bubo\\_virginianus.htm](http://www.avesderapinabrasil.com/bubo_virginianus.htm)  
 Acesso em 28/01/20.

Figura 21 – Perdiz (*Alectoris rufa*)

Fonte:

<https://www.iucnredlist.org/species/22678711/131873456>  
 acesso em 30/01/20.

Figura 22 – Jacu (*penelope*)

Fonte:

<https://www.wikiaves.com.br/wiki/doku.php?id=inicio&do=search>  
 acesso em 30/01/20.

Durante a pesquisa de campo realizada no norte italiano encontrou-se diversas espécies que são diferentes em ambos territórios ítalo-brasileiros. Exemplos esses serão apresentados do território emigrado - mamíferos como o urso (*Ursus*) (FIGURA 23), a marta (*Martes martes*) (FIGURA 24), a raposa (*Vulpes vulpes*) (FIGURA 25), e o texugo (*Meles meles*) (FIGURA 26). Chama atenção o urso e ressalta-se que é uma espécie particularmente do Trentino Alto-Ádige, seu habitat é naturalmente montanhoso e alimenta-se de ervas, frutas, insetos e carcaças de animais domésticos e selváticos.

Figura 23 – Urso (*Ursus*)

Fonte: MUSE

Figura 24 - Marta (*Martes martes*)

Fonte: Museo di Scienza Naturale - Cremona/Lombardia

Figura 25 – Raposa (*Vulpes vulpes*)

Fonte: MUSE.

Figura 26 – Texugo (*Meles meles*)

Fonte: MUSE.

A raposa (*Vulpes vulpes*) era um animal que capturava outros animais domésticos, como frangos e galinhas. Sua pele também era utilizada para a venda. Outro animal considerado danoso pelos italianos era a espécie de texugo (*Meles meles*), que se alimentava de espigas de milho, ervas, folhas e pequenos animais. Os pássaros considerados mais danosos são os falcões, porque roubam aves domésticas e os corvos que se alimentam das espigas de milho antes das colheitas (PERCO, 1987).

Já ao norte do rio Taquari são diversas espécies, como exemplos da ordem dos mamíferos tem-se a jagatirica (*Felis pardalis*) (FIGURA 27), o quati (*Nasua nasua*) (FIGURA 28), o tatu (*Dasybus*) (FIGURA 29), o tamanduá (*Myrmecophaga*) (FIGURA 30), o bugio (*Alouatta fusca*) (FIGURA 31) e a anta (*Tapirus terrestris*) (FIGURA 32).

Figura 27 – Jagatirica (*Felis pardalis*)



Fonte: Silva, 121.

Figura 28 - Quati (*Nasua nasua*)



Fonte: Silva, p. 96.

Figura 29 - Tatu (*Dasybus*)



Fonte: Silva, p. 41.

Figura 30 -Tamanduá (*Myrmecophaga*)



Fonte: Silva, p. 31)

Figura 31 – Bugio (*Alouatta fusca*)

Fonte: Silva, 83.

Figura 32 - Anta (*Tapirus terrestris*)

Fonte: Silva, 153.

A ordem das aves também toma destaque pela abundância das espécies e sua diversidade. A seguir apresenta-se duas espécies de cada territorialidade pesquisada:

Figura 33 – Galo lira (*Lyrurus tetrrix*)

Fonte: Muse

Figura 34 – Perdiz (*R. rufescens*)

Fonte: <http://www.dolomitipark.it/it/uccelli-dettaglio.php?id=280> acesso em 29/01/20

Figura 35 – Nambu (*Crypturellus tataupa*)

Fonte:  
<http://www.passarosnativos.com.br/site/produto.php?id=231>  
acesso em 29/01/20.

Figura 36 – Tucano (*Ramphastidae*)

Fonte:  
<http://www.passarosnativos.com.br/site/produto.php?id=231> acesso em 29/01/20.

Uma atividade recorrente pela rica fauna nos territórios ítalo-brasileiros era a caça dos mais diferentes animais, sendo uma atividade predominante dos italianos ainda quando moravam na Itália. A questão da caça no norte italiano era realizada por uma ocupação, divertimento e pelo produto para a alimentação (PERCO, 1987). Muitas vezes a caça foi reservada para os proprietários de terras ou então nos municípios por contratados. As principais espécies caçadas no Trentino Alto-Ádige são a lebre, a camurça, a corça, o galo silvestre/tetraz e o galo preto. Ainda na metade do século XIX a caça pelo urso era muito presente (BATTISTI, 1912).

### 3.2.2.1 A Caça nos territórios ítalo-brasileiros

Uma atividade semelhante identificada entre ambos territórios ítalo-brasileiros era a caça, realizada segundo as informações pelos homens. Essa prática proporcionou redução das espécies, principalmente mamíferos e aves, consideradas danosas às famílias, bem como às plantações. A caça no norte italiano era uma atividade indispensável como fonte de alimentação e fundamental integração de proteína e de dieta pobre dos italianos. Conforme a entrevistada da região do Vêneto, E17 relata que sua família sempre realizava a caça: “A – [...] meus tios eram caçadores e meus nonos também (tradução nossa, E17, 12/12/18, p. 4-5).”<sup>47</sup>

Na região da Lombardia a prática da caça era muito importante para alimentação, conforme o relato E 24:

A – Certo, certo. E depois andavam a caçar que era uma prática muito generalizada [...].

J – Mas caçavam o que?

A – Caçavam lebre, que no amanhecer vinham do norte, haviam também em armadilhas, se colocam nas armadilhas, como se chama...em grupo, tem um nome para dizer...mas se colocam sobre...chamavam e depois disparavam lebre, tem diversos pássaros [...] Tu não sabes que para nós era apreciado os corvos, os matavam os corvos porque tiravam a pele que era muito dura e serviam para fazer com risoto (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 5).<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Mi zii era cacciatori e miei nonni anca.

<sup>48</sup> A – certo, certo. E poi andavano a caccia che era una pratica molto diffusa[...] J – Ma cacciavano che? A – Cacciavano lepre, alba selvatiche che arrivavano dal nord, avevano anche delle botti, si mettevano in botti...come si chiama... in gruppo insoma, c'è un nome per dire...ma si posavano sulla... da richiamo e poi disparavano lepre, hanno...uccelli varie. [...] Tu non sai che da noi era apprezzati corvi, gli uccidevano i corvi perché lo toglievano le pele che era molto dura e serviva per fare il risotto.

Quando os italianos e descendentes chegaram na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a caça surgiu da necessidade de alimentação e estimulada pela abundância de animais de grande e pequeno porte (DE BONI; COSTA, 1982). Pela rica fauna encontrada, os animais não despertavam só o medo ou a indignação pela proximidade com que chegavam às casas e lavouras, mas também se tornaram adaptados nas refeições dos imigrantes italianos e seus descendentes. O contato com animais considerados “selvagens” fez com que muitos porcos do mato, macacos, papagaios e aves de variadas espécies acabassem fazendo parte da dieta alimentar dos imigrantes (BUBLITZ 2010).

Remetendo-se ao norte do rio Taquari procede-se da mesma forma, pois quando os imigrantes italianos e descendentes chegaram em seus territórios também realizavam as caçadas. Muitos autores regionalistas afirmam que esta prática ocorreu devido à contingência e abundância da mata, bem como de animais e aves tornando crescente e útil essa atividade. O interlocutor descendente de italiano E11 da colônia Encantado, ao norte do rio Taquari, informa sobre esta atividade com o uso da espingarda, com algumas espécies como o tatu (*Tatus*) e o jacu (*Penolope*) desempenhadas na colônia Encantado:

*J: [...] então o nono gostava de caça bastante?*

*E4: Sim.*

*J: e hoje?*

*E4: Não sei. Eu vou conta uma...tinha uma toca de tatu né e tinha um barranque assim e era funda a coisa né e eu digo vou espera, vou espera e tacole fogo né e tiummm de volta...*

*J: Escapava?*

*E4: Eh, descia pra toca dele mesmo. Outra noite, outro dia quero dize de noite e veio e vummm e eu disse: “ma tu é arisco desgraçado! Tu vai me fazer uma e vai apanhar”, ele veio assim que eu botava as folha né e veio aquela bola e pá, taqueile fogo e me cobriu de folha e peguei pelo rabo assim.*

*E4: Uma vez eu fui caçar e fazia “trac, trac”fruta que cai e eu disse opa pensei jacu. Aí fui lá ver, peguei a espingarda e fui caçar e tinha uns coqueiro e era uns macaco, mico subindo e desceu dois pega as fruta né e quando se emparelhou assim e meti fogo, derrubei os dois com um tiro! (E11, 14/09/18, p. 12 e 32).*

Já no norte italiano, a justificativa principal de caça era proteger o espaço agrário e dos animais domésticos das agressões, era a primeira motivação dos beluneses, e ter estratégias defensivas, como espantalhos, instrumentos que faziam barulho (sinetas) e até odores de suínos. As principais espécies caçadas eram lobo (*Lupus*), texugo (*Mustelidae*), fuinhas (*Martes foina*), ratos e toupeiras (*Talpidae*), os pássaros que comiam grãos, doninha (*Mustela*) e raposas (*Canidae*).

Outro entrevistado da região do Vêneto E13 informa que a caça era desenvolvida após o inverno até o final da primavera:

*J – E tem uma época para a caça?*

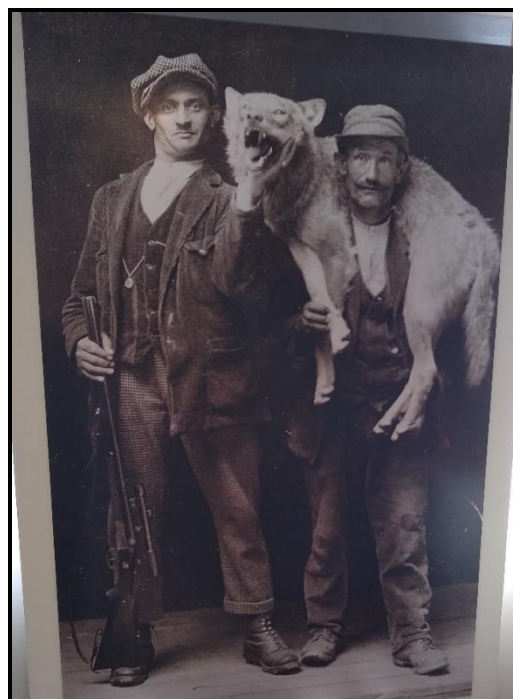
*O – Sim, o outono até outubro, novembro depois depende pois quando cai a neve a caça termina, porque é fácil seguir a caça com os animais sobre a neve e por este motivo eles fecham a época de caça. É uma caça controlada do sendo a associação de caçadores que estabelecem o número de abatimentos que se pode fazer naquele ano. E se estende o número de abatimentos a caça onde é fechada (tradução nossa, E13, 28/01/18, p. 2-3).<sup>49</sup>*

Além do mais, a caça tinha técnicas e instrumentos complexos. Para a caça esportiva eram efetuadas com armas de fogo e auxílio de cães (FIGURA 37). As armas eram utilizadas em todos os tipos de caça – animais com penas ou pelos - tinham as armas com diferentes tamanhos de canos e era destinado em campos abertos. Já os tiros longos, em bosques com tiros curtos. As imagens abaixo representam a caça aos lobos (*Lupus*) e o auxílio dos cães, prática muito difundida nos Alpes italianos.

Figuras 37 – Caças no norte italiano



Fonte: Museo Seravella, século XIX.



<sup>49</sup> *J – E c'è una epoca para caccia? O – Sì, l'outuno verso ottobre, novembre poi dipendi no che quando cade sede le neve chiude la caccia, perchè è faccile seguire caccia poi animale su la neve e quindi per questo motivo loro chiudano la caccia. È una caccia controlata del senso la associazione di cacciatore stabelisci il numero di abbatimenti che si possano fare quel'anno. E di raggiunto il numero di abbatimenti la caccia dove il chiusa.*

A caça ao canto, era uma estratégia para captura de imitar o canto das aves e foi desenvolvida por muito tempo na região do Trentino Alto-Ádige, principalmente com espécies de galo silvestre preto (*tetrix Tetrao*) e galo silvestre (*Tetrix*), ambas espécies consideradas pelos italianos como “selvagem”, eram caçados durante a primavera.

Outro tipo de caça com pássaros era a *uccellagione*<sup>50</sup>, que é uma prática de caça ilegal, mas que foi praticada diretamente pelos patrões e seus filhos por muito tempo na Itália. Este tipo de caça era muito frequente nas espécies de pássaros, pois era muito limitado o uso de carne de gado fresca. As capturas de pássaros aconteciam pelo *roccolo*<sup>51</sup> e muitas vezes pagavam uma taxa de licença, pois utilizavam redes e outros instrumentos de manutenção (PERCO, 1987). Sobre o uso desta atividade o interlocutor E21 da região do Trentino Alto-Ádige informa:

*B – [...] depois do outono os pássaros faziam estrada para andar ao sul e onde passavam faziam os roccoli lá para pegar e mais ainda aquela gente eram quem comercializava os restaurantes para fazer comida [...].*

*A – De fato tem uma montanha que se chama assim pássaros e esta é própria uma das rotas acima e os roccoli são as estruturas permanentes que são sempre ali que é muito, muito grande como uma casa com uma rede grande e alto e com quatro, cinco metros um pouco escondida com a área das folhas e por terra quando era o período e colocavam pássaros em armadilha. Do modo que aquele que passava sentia chamá-lo e então se colocava em cima e aquele momento ali chegavam os caçadores tocava e estes pássaros escapava...mas 100, 200, 300<sup>52</sup>[...] (tradução e grifo nosso, E21, 09/02/19, p.3).*

Outra forma de caça era com arma de fogo e auxílio de cães designada “*chioppo*” e se tornava fácil por ter uma licença, a qual era exercitada tanto por homens adultos como jovens. Utilizavam essa atividade para caça de pássaros com espécies de cotovias (*Alaudidae*), codornizes (*Coturnix coturnix*), perdizes (*Phasianidae*) e também lebre (*Lepus*), camurça (*Rupicapra rupicapra*) e raposa (*Vulpes vulpes*). Os camponeses caçavam nas épocas de inverno e primavera, épocas consideradas proibidas. A caça e *uccellagione* abusiva

<sup>50</sup> *Uccellagione*: prática de caça de aves.

<sup>51</sup> *Roccolo*: era um posto de caça usado para capturar aves migratórias vivas.

<sup>52</sup> *B – [...] Dopo l'autunno gli uccelli facevano loro strata per andare al sud e dove passavano facevano i roccoli da poste per prendere però più quella gente erano chi di commerciava i ristorante per fare la cena [...].*

*A – Di fatti c'è una montagna appunto che si chiama uccelli e questa è propria una della rota sotto e i Roccoli sono le struttura permanente che sono sempre lì che è molto, molto grande come una casa con una rete grande e alta è con quattro, cinque metri un po' nascosta con le area con le foglie e per terra quando era il período e mettere uccelli in gapia. Del modo tale che quello che passava sentivano richiamo e allora si mettevano in giù e quel momento lì arrivava il cacciatore spaventava e questo uccelli scapava...ma 100, 200, 300...*

prejudicava a conservação das espécies animais e também fraudavam as taxas, não contribuindo ao governo (PERCO, 1987).

Os tipos de caça local realizados pelos camponeses eram três: a caça com cachorros para capturar perdizes (*Phasianidae*) e galos silvestres ou algumas espécies de galinhas ou codornas; a caça às lebres (*Lepus*) com cães e caça às camurças (*Rupicapra rupicapra*). A utilização de cães para caçar era uma atividade praticamente dos ricos. A caça com cães às lebres era uma atividade coletiva e após faziam uma janta com todos que participaram da atividade. Nos territórios ao norte do rio Taquari encontrou-se também a caça com cães (FIGURA 38), no distrito de Nova Bréscia, colônia de Encantado.

Figura 38 – Caça com cães ao norte do rio Taquari



Fonte: Museu municipal “Dolci Ricordi – Nova Bréscia, s/d.

As armadilhas (FIGURA 39) eram as capturas mais comuns e de fácil empenho, colocadas nas passagens destes animais, sótãos e cantinas, nas hortas, próximos de galinheiros, nos quais eram capturados e muitos deles utilizavam a pele para venda. Eram presentes em todas as casas de agricultores, principalmente para aprisionar animais mais velozes e rápidos como pardais (*Passeridae*), ursos (*Ursus*), lobos (*Lobus*) e outros mamíferos de pelos grossos. Ao norte do rio Taquari as armadilhas também eram utilizadas pelos italianos e descendentes.

As caçadas eram abundantes principalmente com os pássaros, pois prejudicavam as lavouras. As épocas de caçar eram entre os meses de inverno, como julho, agosto e setembro, para respeitar a reprodução destes animais. Para realizar a caça dos passarinhos nas capoeiras,

usava-se espingarda de pequeno calibre ou o meio de caça com rede, que era estendida do alto para baixo na capoeira (DUCATTI NETO, 1979).

Com as caças surgiram os instrumentos de armadilhas oriundos da mata, como o bodoque e a arapuca. O bodoque era feito com forquilha de madeira, um pedaço de couro e duas borrachas e as arapucas eram construídas de madeira de taquara, vimes, tabuinhas ou pauzinhos pregados com formato quadrado e piramidal (BATTISTEL; COSTA, 1983).

Figuras 39 – Armadilhas utilizadas pelos camponeses no norte italiano e ao norte do rio Taquari durante século XIX e início do XX



Fonte: Museu de Usos e Costumes da gente Trentina



Fonte: Museu Histórico Municipal Padre Luchinio Viero

Na Itália a caça também era motivo de orgulho e ostentação. Outra questão interessante eram os troféus e mentalidade da caça presente na vida dos agricultores italianos. A caça inicialmente tinha como finalidade de alimentação e muitas vezes, a captura da presa constituía uma oneração, quando embalsavam partes do animal e colocavam em exposição nas suas casas. Normalmente o que ficava conservado era sempre a cabeça ou os cornos. Os apaixonados por caça eram considerados mais ricos, forma os primeiros a poder ter aquisição

de espingarda e testemunhavam as aventuras na montanha de uma vitória sobre os animais, uma forma de exibir seu “troféu”.

Isto porque representava motivo de êxito e gabar-se, pois caçava-se pelo troféu e não pela carne (FIGURA 40). Nos acervos visitados e casas ao norte da Itália, notou-se a constante presença dos ditos “troféus”, como cornos e cabeças de animais empalhadas nas paredes e em cima das mesas nas casas ítalas.

Figura 40 - Cornos e cabeças de camurça (*Rupicapra rupicapra*) e corça (*Capreolus capreolus*)



Fonte: Museu de Uso e Costumes da Gente Trentina.

A caça entre os territórios ítalo-brasileiros foi desempenhada em comum principalmente por motivos como a alimentação e proteção das casas e roças. As épocas de caça eram depois do inverno até a primavera, respeitando muitas vezes a época de reprodução. No norte italiano tinha-se mais tipos de caça do que ao norte do rio Taquari. As formas de captura proporcionaram a extinção de espécies de mamíferos e aves.

Na perspectiva da História Ambiental, o diálogo entre as fontes e outras ciências naturais ou sociais é significativo para a realização deste capítulo, pois facilitaram o entendimento dos ecossistemas (DRUMMOND, 1991), também por fazer parte do próprio objeto de estudo, como manifestações culturais que ajudam a entender os padrões de uso dos recursos naturais e a importância do ambiente ítalo-brasileiro na vida deste grupo étnico.

Desta forma, na realização deste capítulo procurou-se entender, por intermédio da História Ambiental nas espacialidades ítalo-brasileiras, o território emigrado e o da chegada identificando semelhanças e diferenças. Assim, na geografização foi possível observar as principais características ambientais de ambos os territórios. Apontou-se entre os territórios aspectos similares e distintos desde o clima, relevo, hidrografia e vegetação. Referente ao clima a principal aproximação são entre as estações de verão e inverno, porém no inverno o norte italiano possui temperaturas muito baixas e a presença da neve. O relevo também se assemelha no sentido de regiões de planície e planalto, onde neste último encontra-se montanhoso e no norte italiano a presença de Alpes de até 4 mil metros.

Como comparações entre a hidrografia tem-se no norte italiano três rios principais, enquanto no norte do rio Taquari, somente o rio Taquari. Mesmo sendo díspares pela quantidade, todos apresentam relevância por suas contribuições naturais, sociais e econômicas. Na parte da vegetação elencou-se a flora e fauna. Primeiramente disparidades em aspectos de biomas, mas com uma riqueza de espécies entre ambos territórios, sendo somente identificadas espécies pertencentes à família das coníferas da ordem Pinaceae, como o abeto (*Abies*) e a araucária (*Araucaria angustifolia*).

Na parte faunística ambos territórios também apresentam uma riqueza expressiva de espécies mais díspares, sendo identificadas semelhanças dos mamíferos, encontra-se na família dos Cervidae - o corça (*Capreolus capreolus*) e o cervo (*Cervidae*), na família Canidae - o lobo (*Canis lupus*), lobo guará (*chrysocyon brachyurus*) e o graxaim (*Cerdocyon thous*), na família Leporidae - a lebre (*Lepus*) e na família dos Sciuridae - o serelepe (*Sciurus ingrami*). Na parte das aves apenas duas espécies semelhantes que se destacam: a coruja (*Athene noctua*) pertencente à família Strigidae (e as espécies perdiz (*Alectoris rufa*) da família Phasiidae e jacu (*penelope*) da família Cracidae, mas que pertencem à ordem das Galliformes. Entre os peixes não se encontrou espécies semelhantes.

Com toda a abordagem deste capítulo pela ótica da história comparada e ambiental, reconheceu-se como ciência social a historicidade dos sistemas naturais em que o homem também faz parte deste ambiente. Com a fisionomia ambiental dos territórios ítalo-brasileiros apresentada com elementos similares e distintos, construiu-se narrativas do passado entre natureza e sociedade, corroborando com as percepções e vivências dos italianos, imigrantes italianos e descendentes sobre e suas conexões.

## **4 ESPACIALIDADES ÍTALO-BRASILEIRAS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NA CONFIGURAÇÃO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL**

*“Por esse viés, prevalece o entendimento de que, sob a noção de território, deve-se privilegiar a reflexão sobre o poder referenciado ao controle e à gestão do espaço. Nesse caso, tornou-se necessário conceber o poder como sendo multidimensional, derivado de múltiplas fontes, inerente a todos os atores e presente em todos os níveis espaciais” (CABRAL, 2007, p. 151).*

Este presente capítulo discorre sobre a formação territorial ítalo-brasileira, comparando informações como eram as espacialidades em que viviam os italianos quando emigraram com o território e o ambiente que ocuparam ao sul do Brasil e posteriormente ao norte do rio Taquari. Inicialmente será apresentado a formação dos territórios a partir de 1870 até o final da década de 1910 composto pelas regiões norte italianas – Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige. Em seguida, caracterizou-se a “porção norte do rio Taquari”, com áreas territoriais da colônia Conventos, a colônia de Encantado e parte da colônia de Guaporé, ambos localizados ao norte do principal rio - o Taquari. Assim, apresenta-se a presença humana – italianos, imigrantes italianos e descendentes, com diferentes conceitos da geografia, território e História Ambiental, os quais juntos apresentam distinções e familiaridades.

#### **4.1 A formação territorial ítalo-brasileira: regiões norte da Itália e territórios ao norte do rio Taquari**

A formação territorial desta pesquisa que abrange espacialidades ítalo-brasileiras, conforme já referido, atem-se ao recorte temporal, mais precisamente a partir de 1860 até o final da década de 1910. Do lado italiano este recorte temporal refere-se a uma Itália recém unificada ao contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e os diversos aspectos históricos e políticos que modificaram o território italiano. Neste mesmo período, o sul do Brasil vivia movimentos de imigração e colonização de italianos, e politicamente ocorria a transição do Governo Imperial para o Governo Republicano possibilitando que emigrantes italianos e seus descendentes chegassem ao norte do rio Taquari a partir de 1882, configurando assim também este território. Durante o recorte temporal pesquisado a denominação territorial passou por renomeações e transformações na sua organização política e social-

Inicialmente caracterizou-se a formação territorial entre ambas espacialidades para o que vai se chamar nesta pesquisa de “norte italiano” e “ao norte do rio Taquari”. Mesmo assim, por se tratar de porções de territórios transatlânticos, a Itália ao sul da Europa e a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao sul da América, a localização geográfica torna-se similar pelo fato de se encontrarem na porção “Sul” dos respectivos territórios de hemisférios diferentes. Dentro dos recortes regionais e do contexto geográfico pesquisado é que de forma relacional denominou-se porção “Norte”, expressão a ser utilizada no decorrer deste capítulo.

Vale salientar que categorias regionais já mencionadas como é o caso de “região” e “norte”, devem ser observadas para a análise das mudanças e configurações estruturais dos territórios onde viveram os italianos e seus descendentes. Na visão de Holzer (1997) e Cabral (2007) é significativo o debate pela geografia no sentido em que cada categoria pode ser utilizada para identificar e interpretar dimensões mais ou menos distintas da realidade socioespacial. O território não é constituído apenas pelo espaço sob ação direta de um grupo, pode ser também por lugares pouco ou não vivenciados da possibilidade de comporem as espacialidades.

Como já foi enfatizado no capítulo anterior, a História Ambiental tem como metodologia o diálogo com outras áreas e o trabalho interdisciplinar (Drummond, 1991). Neste capítulo estabeleceu-se interlocução com conceitos importantes da geografia e assim,

ambas podem proporcionar ao objeto de investigação um melhor entendimento da configuração espacial e a ocupação territorial deste grupo étnico, já que, como fundamento da realidade, é abordada sob perspectivas de diversas áreas de conhecimento.

Por isto, justifica-se que este estudo comparativo torna-se relevante, pois os imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos nos territórios ao norte do rio Taquari são oriundos da região norte italiana e no contexto histórico da emigração haviam formações territoriais decorrentes da formação política como a Unificação Italiana e a Primeira Guerra Mundial (D3a de 12/02/15, D7 de 20/07/17, D8 de 01/09/17, D10 de 13/07/18 e D12 29/06/18). Importante ressaltar, que poucos destes imigrantes italianos dirigiram-se diretamente da Itália para os territórios ao norte do rio Taquari, e que na sua grande maioria são resultantes de migrações internas das antigas colônias, tais como Conde d'Eu, Dona Isabel e Alfredo Chaves, conforme analisa-se a seguir. Todos esses aspectos territoriais favorecem a compreensão da História Ambiental em espacialidades ítalo-brasileiras, pois o homem sempre participou das transformações e conviveu com a natureza propriamente dita, (WORSTER, 1991). Assim, os territórios que a História Ambiental trabalha não são abstratos, são territórios reais, com ecossistema, vidas, cheiro, coloridos e composto por inúmeros dinamismos ecológicos.

No século XIX ocorreram profundas modificações na Europa e também no Brasil que se refletiram na respectiva divisão política. Como exemplo, os velhos impérios cederam lugar a novos estados que congregaram populações de diferentes nações. Considera-se este um fator que impulsionou o fluxo migratório juntamente com a grande depressão econômica em que a Europa se encontrava. Fatores aliados, a Itália continuava sendo um país de base agrícola com relações sociais atrasadas e com terras que sofriam com o esgotamento (KARAM, 1992).

Já no Brasil e na parte sul, a emigração e colonização a partir da metade do século XIX foram fatores importantes para ocupação das terras. Aliados ao desejo pela propriedade da “terra”, ao norte do rio Taquari os travessões de ocupação em direção ao norte foram impulsionados e obtidos pela comercialização de terras. Destaca-se com ênfase neste capítulo, que as colônias italianas formadas tomaram como elemento geomorfológico – o rio Taquari, mas também a natureza no seu entorno que possibilitou a vida social e comunitária dos imigrantes italianos e seus descendentes.

## 4.2 A terra da partida: a formação territorial “norte italiana” a partir da Unificação

Durante a segunda metade do século XIX, Brasil e Itália encontravam-se em situações distintas, tanto politicamente como territorial. No início do século XIX a Itália era formada por oito Estados: o reino de Sardenha, o reino Lombardia-Vêneto, os ducados de Parma, Luca, e Toscana, os Estados Pontifícios e o reino das Duas Sicília. A maioria deles estava sob controle direto ou indireto da Áustria e os que não estavam eram governados por reis, conservadores e absolutistas (GOOCH, 1991). Para obter a unificação em 1870, foi preciso vencer a dominação estrangeira, depor os governantes locais e se unir internamente em apoio a um Estado. Neste sentido, o principal movimento pela unificação – *o Risorgimento*, buscava a liberdade política dentro da Itália e a independência. Este movimento teve duas etapas: a primeira que visava táticas de rebelião para derrubar os monarcas impopulares que fracassaram e a segunda, a luta conjunta da participação de todos, que conseqüentemente foi positiva.

Marchi (2011) destaca que o *Risorgimento* foi uma tentativa de reforma e modernização política e social. Vale lembrar que dados históricos fizeram parte deste contexto, como a fundação em 1857 da Sociedade Nacional Italiana cujo objetivo consistia em unir os monarquistas e democratas e assim unificar a Itália e ter a independência. Também Napoleão III e Cavour concordavam com o fato de Piemonte provocar a Áustria e declarar guerra, pois assim ao terminar formariam a Alta Itália. No ano de 1859, o destino da Itália era decidido pela diplomacia europeia, sendo que esse movimento influenciou diretamente na vida política e intelectual italiana.

Já em março de 1861, o parlamento italiano proclamou o Reino da Itália e Veneza, os quais estavam ainda sob o domínio austríaco, enquanto Roma era governada pelo Papa e protegida pelos franceses. O *Risorgimento* deve ser considerado um momento de mudança na história política italiana, pois a Itália torna-se uma nação e tem seus primeiros fundadores - Cavour, Mazzini e Garibaldi, com ideais políticos como o liberalismo, nacionalismo e republicanismo. Com a unificação italiana uma série de transformações ocorreram: o desenvolvimento de um sistema parlamentar, desagregação da sociedade rural tradicional e o nascimento de uma moderna vida urbana, transição de uma economia feudal para a capitalista e a tentativa de substituir a identidade regional local por uma única identidade nacional (BERTONHA, 2005). Todas essas mudanças podem ser consideradas como um cenário de um processo de modernização e que influenciaram nas questões políticas e territoriais.

Uma série de acontecimentos políticos mudaram a formação do território italiano. O reino da Itália passou a existir em 17 de março de 1861 com o rei Vítor Emanuel II e que tinha vários problemas como, por exemplo, uma economia atrasada, grande massa da população em condições de pobreza e parte da população relutava em aceitar o domínio piemontês. A estrutura do sistema do governo estava desorganizada, motivo pelo qual, em 1865, a coroa decidiu-se por indicar prefeitos e nomear governadores das províncias. No ano de 1866 a Igreja e o Estado foram formalmente separados pelo Código Civil Italiano. No mesmo ano ocorria a guerra entre Itália e Prússia, e nas condições de paz de Viena, a Áustria cedia o Vêneto a Itália e a reconhecia como reino (MARCHI, 2011).

Neste contexto é interessante analisar o caso da situação política do Vêneto durante a unificação italiana, pois somente em 1866 passa a fazer parte do Reino da Itália por meio de um plebiscito. Este plebiscito foi realizado para anexar ao reino da Itália as terras cedidas à França pelo Império Austro-Húngaro após a III Guerra de Independência. Em abril de 1866, o Reino da Itália fez uma aliança militar com a Prússia com o intuito de anexar Veneza e Trento ao seu território. Porém, conforme Fox e Sardi (2011, p. 47) a “[...] Áustria, empenhada também contra a Prússia, é forçada a negociar e cede o Vêneto a Itália, mas não o Trentino<sup>53</sup> (tradução nossa). Após a perda da III Guerra em 25 de julho de 1866, o território do antigo reino Lombardo-Vêneto foi liberado do domínio austríaco, mas o Trentino Alto-Ádige somente mais tarde. Assim a Áustria derrotada pela Prússia pelo acordou devolveria os territórios à França no entendimento que Napoleão III entregasse a Emanuele II (MORANDINI, 2012).

Desta forma os acordos políticos e territoriais aconteceriam, conforme Valente (2017), tem-se:

Com base aos acordos secretos registrados antes da guerra entre a Áustria e a França, o Vêneto foi cedido da Áustria a França que foi recompensada dessa maneira pela neutralidade mantida durante a guerra. Napoleão III, em virtude dos acordos assinados com Vittorio Emanuele II, se declarou disposto a ceder o Vêneto a Itália depois de realizar uma consulta popular (tradução nossa, VALENTE, 2017, p. 28)<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> *L’Austria, impegnata anche contro la Prussia, è costretta a trattare e cede il Veneto all’Italia, ma non il Trentino.*

<sup>54</sup> *In base agli accordi segreti intercorsi prima della guerra tra Austria e Francia, il Veneto venne ceduto dall’Austria alla Francia che fu ricompensata in questo modo per la neutralità mantenuta durante la guerra. Napoleone III, in virtù degli accordi stipulati con Vittorio Emanuele II, si dichiarò disposto a cedere il Veneto all’Italia dopo la realizzazione di una consultazione popolare.*

De acordo com a citação anterior e em decorrência dos acordos, foram criados vários comitês no território do Vêneto para realização do plebiscito. Fruci (2011) ainda destaca que em 17 de outubro de 1866 foram convocados o plebiscito e a votação realizada nos dias 21 e 22 de outubro de 1866, sendo a votação do sufrágio universal somente para homens com idade completa de vinte e um anos, aderindo pelo sim ou pelo não. Interessante ressaltar que a participação da votação não foi realizada por toda população, pois grande parte da sociedade era predominantemente rural, onde a taxa de analfabetismo ainda era alta e grandes seções da população estavam prontas para aceitar indicações principalmente de grades proprietários. Das 2.603.009 pessoas que haviam no Vêneto, destes tiveram 641.757 mil votos sim e 69 não, e o resultado da votação da região foi entregue ao rei Vítor Emanuel II e todas as províncias vênetas tiveram seus prefeitos. Após este acontecimento de apoio da “maioria”, o Vêneto definitivamente passou a fazer parte do Reino Italiano. Terminou assim a dominação austríaca por parte no norte da Itália que durou praticamente sessenta anos.

Anos depois, em 1870, Roma foi conquistada e a Itália recém-unificada adotou o regime de monarquia parlamentarista. Outras regiões não conseguiram a libertação como o sul do Tirol, o Trieste e Ístria que ficaram sob o domínio austríaco. Muitas das guerras de independência na Península Itálica fizeram muitos habitantes emigrarem para os Estados Unidos, Argentina e Brasil (GOOCH, 1992; BERTONHA, 2005; GIRON E HERÉDIA, 2007).

Com a unificação no final da década de 1870, a Itália dividiu-se em 69 províncias e as transformações econômicas aconteceram de forma lenta. Mesmo após a unificação, os obstáculos à transformação dos métodos produtivos e a modernização das organizações industriais impediram que a Itália resolvesse os problemas da crise agrária. Além do mais, as propriedades rurais haviam sido divididas e o parcelamento da terra refletia com propriedades com menos de 2,5 hectares, das quais os agricultores precisavam arrendá-las para sobreviver (HERÉDIA, 2004; TRENTO, 1988). Villa (1993) também informa que após a Unificação “[...] em 1877 a Itália era, portanto, um país em grande parte agreste, antigo e imóvel. Tinha cerca de 30 milhões de habitantes, ao menos 21 milhões eram agricultores<sup>55</sup>” (tradução nossa, VILLA, 1993, p. 13). Nesse sentido, os que escolheram como destino o Brasil tinha um momento adequado para realizar um sonho que, dificilmente, o fariam na terra de origem: tornar-se proprietário de terras (HERÉDIA, 2017).

---

<sup>55</sup>*Nel 1887 l'Italia era dunque un Paese in gran parte agreste, antico e immobile. Su 30 milioni circa di abitanti, almeno 21 erano contadini.*

A Itália unificada era formada por regiões: Norte, Central e Sul. A região que faz parte desta pesquisa é a região norte que abrangia os territórios formados pela Lombardia (Bérgamo, Brescia, Como, Cremona, Mântua, Milão, Pavia e Sondrio), Vêneto e Friuli (Belluno, Pádua, Rovigo, Treviso, Udine, Veneza, Verona e Vicenza) (HERÉDIA, 2017). Segundo estudos de Leone Carpi (1871), os que partem primeiro da Itália foram os pequenos proprietários e os meeiros, facilitados pelas políticas de atração e expulsão. A Itália já possuía uma forte mobilidade, devido às experiências provocadas pela emigração temporária, registrada nas áreas de montanha do Norte, principalmente na província de Bérgamo, Bréscia, Belluno, Planalto de Asiago, Carnia e Trentino.

Destaca-se que o termo regionalizar é muito relevante neste capítulo, pois é um dos conceitos elencados, principalmente quando se refere ao norte italiano. Segundo Haesbert (2010, p. 6) quando se regionaliza os territórios “[...] deve estar sempre articulada numa análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que eles estabelecem, seja com a primeira, seja com a segunda”. Por isso, compreende-se região como um espaço em que pode-se fazer um recorte para melhor situar-se e também orientar-se dentro dele, cabendo assim determiná-lo através dos processos globalizantes ou por situações sociais.

O conceito de região é complexo, sendo articulado como referência a uma localização ou mesmo um sentido conhecido como administrativo, a divisão regional é a que tem hierarquia e controle dos estados, um certo “domínio”. Na ideia de região como espaço vivido, a região integraria espaços sociais e lugares vividos, constituindo um “conjunto com estrutura própria” e se distinguindo de outras regiões, por representações específicas, consolidadas na percepção dos habitantes e dos estranhos à região. Concorda-se com Haesbaert (2010) que a região não é um território em sentido amplo, mas um determinado tipo de território. A região é um recorte no espaço geográfico que manifesta sua diferenciação enquanto um território apropriado/controlado de uma maneira a um só tempo concreta e simbólica, através da consolidação de uma identidade territorial (SERPA, 2013).

Neste mesmo patamar, uma característica considerada importante na metodologia da História Ambiental enfatizada por Drummond (1991), é que quase todas as análises focalizam uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural. Muitas vezes pode-se fazer um recorte cultural ou político à região estudada, mas sem esquecer as suas particularidades físicas e ecológicas. Com essa ênfase em áreas específicas, a História Ambiental revela ligação também com a história regional, pois focaliza processos sociais e naturais geograficamente circunscritos, embora tipicamente os limites dessas áreas sejam naturais, e

não sociais ou políticos.

Assim, no interior dos territórios italianos cada região está dividida em província, totalizando 80 províncias, que são formadas por uma cidade grande (grande *città* – com mais de 100.000 habitantes), comunidades ou entidades política autônoma de sua própria autoridade (*comuna*) cidades menores (*paese/paesine*) e vilarejos (*villagi*). Um *paese* geralmente é um pequeno centro habitado e rural, onde convivem diariamente com as mesmas pessoas (BENEDUZI, 2004).

As regiões do Vêneto e Lombardia fazem parte do território italiano após a Unificação de 1871 (FIGURA 41), porém o Trentino Alto-Ádige só é anexado após o final da Primeira Guerra Mundial (1919), como analisa-se mais adiante.

Figura 41 - Formação da Itália logo após a Unificação de 1871



Fonte: <http://www.storiologia.it/apricrono/storia/a1866n.htm> acesso em 12/11/2019.

A região do Vêneto é composta de sete províncias, totalizando uma área de 18.377km<sup>2</sup> e segundo critério geográfico pode ser dividido em: províncias de planície – Veneza, Pádua e Rovigo, província montanhosa – Beluno, e províncias de características mistas: Treviso, Vicenza e Verona. Segundo Frosi e Mioranza (1975), a caracterização geográfica e o difícil modo de vida nas montanhas indicam as causas que levaram a emigração, pois a agricultura no século XIX e a indústria predominavam principalmente nas áreas de planície. Conforme Alvim (1986) a região do Vêneto foi a região que enviou a maioria dos emigrantes ao Brasil até os primeiros anos do século XX. Esta região assim como na Lombardia, os italianos trabalhavam como *contadini, fittavoli e braccianti*. Franzina (2006) também destaca que foi do Vêneto de onde mais se teve emigrantes para o sul do Brasil e a principal província montanhosa – Beluno, fez parte dos movimentos transoceânicos. A grande maioria dos descendentes italianos que se encontram em territórios ao norte do rio Taquari são oriundos desta província (TROMBINI, 2016).

A região da Lombardia no século XIX fazia parte do Reino da Lombardia que do ponto de vista geográfico consistia em uma continuação do Vêneto composta de planícies e montanhas, tendo como principal rio – o rio Pó. As margens do Pó, situam-se as províncias - Mântua, Cremona e Pavia, na planície padana - Milão, ao pé das montanhas<sup>56</sup> – Brescia, Bérgamo, Como e Varese, e na região montanhosa – Sondrio. Com uma área territorial de 23.840 km<sup>2</sup> tem como principal centro político-cultural a cidade de Milão. De fato, a população lombarda para o Rio Grande de Sul é oriunda de Bergamo, Cremona e Mântua (FROSI; MIORANZA, 1975). Mas também se encontra em territórios ao norte do rio Taquari migrações provenientes de Brescia e Cremona (D3a de 12/02/15 e D6 de 28/06/17).

A última região a ser anexada a Itália, conforme destaque em amarelo do mapa, foi “Tirolo” - o Trentino Alto-Ádige. Porém ao norte, regiões do Tirol, Trentino, Trieste e Ístria só voltam ao domínio italiano após a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente com o Tratado de Versalhes em 1919, o que se denomina região do Trentino Alto-Ádige (CORRÊA, 2018). Uma das entrevistas na região do Trentino Alto-Ádige destaca: “*B – Os meus antepassados eram austríacos, todas da Áustria e por isso as coisas chegavam também da Áustria*”<sup>57</sup> (tradução nossa, E21, 09/02/19, p. 2). Nota-se na memória desta italiana sobre o

---

<sup>56</sup> As províncias que dividem o território da Lombardia entre a planície padana e os contrafortes alpinos são denominadas pé de montanha (Frosi; Mioranza, 1975, p. 17).

<sup>57</sup> *B– I miei antenati erano austriaci, tutto della Austria e perciò le cose arrivava anche dell’Austria.*

território que seus antepassados viviam e a proximidade com a Áustria proporcionava relações diversas, como a chegada de mercadorias.

Por isso, a denominação “Tirol do Sul” esteve sob dominação austríaca até 1918 (BERGAMASCHI; GIRON, 2004) e muitas informações relacionadas aos imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul, tem suas origens como tirolezes ou austríacos. Grosselli (2005) e Corrêa (2018) destacam que o termo “Tirolezes” é designado a um determinado período da história, segunda metade do século XIX, definido oficialmente de Tirol Meridional os que falavam a língua alemã e Tirol Italiano, os que falavam italiano e que habitam os territórios do sul, tendo fronteira com o Vêneto.

Com a unificação italiana e a liberação do domínio austríaco, a influência austríaca continuou no Trentino Alto Ádige e parte de Vêneto. A área total de 13.613 km<sup>2</sup> que compreende o Trentino Alto Ádige estende-se sobre os Alpes e limita-se ao norte com a Áustria, ao sul com o Vêneto e a Lombardia, a leste com a Áustria e a oeste com a Suíça (FROSI; MIORANZA, 1975). A região é formada por apenas duas províncias: Trento e Bolzano. Segundo Frosi e Mioranza (1975), da província de Trento os fluxos migratórios foram mais significativos no Rio Grande do Sul, devido à proximidade naturais e linguísticas com províncias do Vêneto e também ao norte do rio Taquari (FERRI, 1985; D2 de 13/06/15 e D12 de 29/06/18).

Um dos interlocutores descendentes de italiano E12 ao norte do rio Taquari, apresenta informações da situação do emigrante que saiu da Itália como austríaco e emigrou para a colônia de Encantado:

*N: Então a história dos Daldon agora... Dos Daldon assim oh, eles na época lá...ah, os Fachini eles saíram....*

*J: Ah é, qual lugar?*

*N: É...(pensa um pouco): Zambana.*

*J: E que província é, o senhor sabe?*

*N: Trento. E agora vou falar dos Daldon, eles também **tavam lá no Trento, mas eles vieram como austríacos né...***

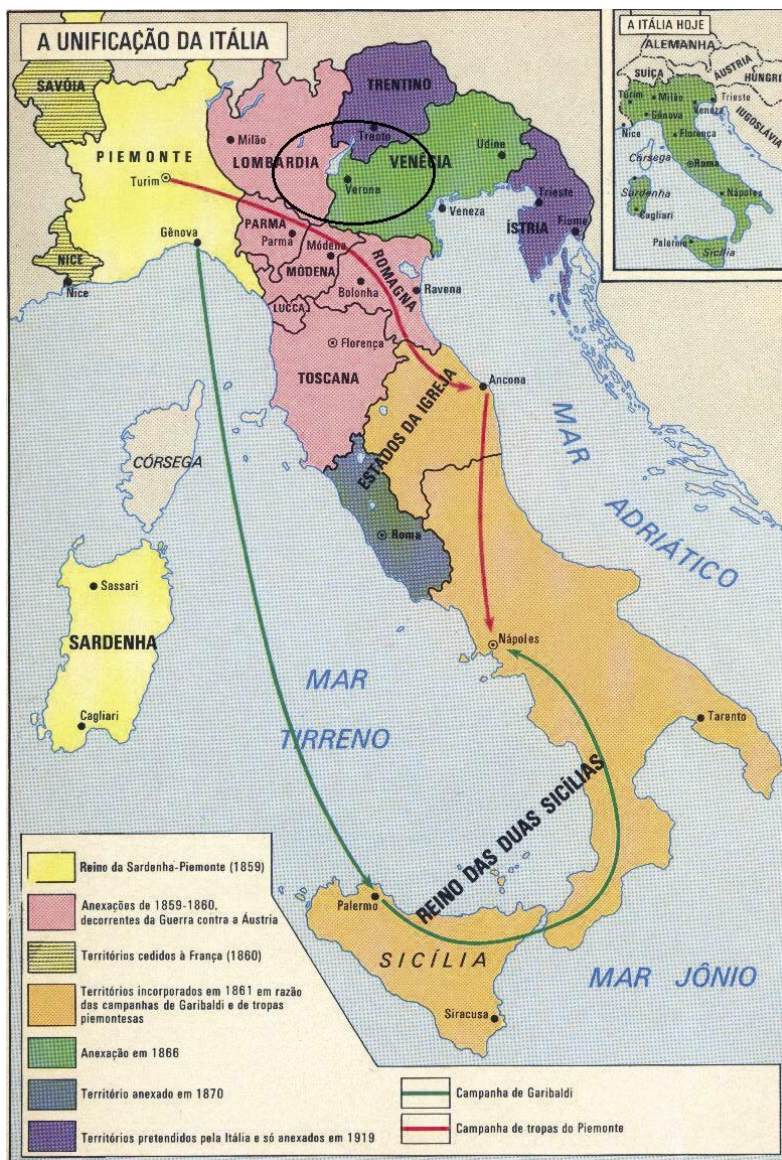
*J: Sim, porque era mais ao norte né (grifo nosso, E12, 14/09/18, p. 5).*

Este entrevistado conhece a origem dos seus antecedentes, todos da *comune* da Província de Trento e quando emigraram para o Brasil instalaram-se na antiga colônia de Conde d’Eu, posteriormente migraram internamente para a colônia de Encantado. Durante os movimentos de emigração destas famílias ítalas, a Itália não era unificada, sendo que se encontram ao norte do rio Taquari famílias que se identificam como austríacas (D12 de 29/06/18).

A segunda metade do século XIX, como vimos foi caracterizada pelas lutas de unificação e conseqüentemente a situação do norte da Itália tornava-se ainda mais difícil devido a questão econômica. Já no final do referido século, do ponto de vista político as divisões geopolíticas continuavam como as anteriores à unificação. Assim, a instabilidade sócio-política de Veneza e do Trentino Alto-Ádige entre as ambições de Áustria e Itália criavam um clima de incerteza e de possibilidade para novos confrontos armados, como no caso da Primeira Guerra Mundial (FROSI; MIORANZA, 1975).

Na perspectiva geopolítica a divisão do território italiano entende-se como uma grande extensão que envolve a sociedade, comunidades, cidades e província nas quais vigoram normas e leis, sendo assim a representação de um espaço delimitado por uma fronteira física (CABRAL, 2007). As regiões ítalas estudadas ao norte - Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige, (FIGURA 42), trata-se de uma unidade repleta de diversidade, produto de uma operação de homogeneização. Entende-se assim que uma região comporta vários territórios e estes são dotados de amplitudes, com diversidades populacionais, ambientes distintos e toda uma construção social (HAESBERT, 2010).

Figura 42 – Mapa da região norte italiana estudada



Fonte: Adaptado a partir de <https://historiadigital.org/recursos/unificacao-italo-alema-20-recursos-para-voce-aprender-mais/> acesso em 12/11/19.

Toda essa reorganização política italiana pós-unificação e outros fatores econômicos aliaram-se as notícias de novas terras além-mar, favorecendo o movimento emigratório. Ressalta-se como se viu no capítulo anterior que na Península Itálica o fenômeno migratório era praticado em decorrência das transferências temporárias nas regiões entre montanha e planície, principalmente no inverno. No norte da Itália, desde finais do século XVIII observa-se o fenômeno da imigração temporária para o norte da Europa em outros países (BENEDUZI, 2004).

Portanto, migrar para outros territórios além da Itália, como é o caso da Europa e a América, envolvia causas relacionadas aos setores políticos e econômicos, destacando-se o êxodo da região norte italiana com a queda dos preços dos cereais devido à concorrência do trigo com outros Estados Nacionais, bem como a crise agrária (FRANZINA, 2006). Corroborando com esta ideia, Bertonha (2005) informa que a geografia italiana apresenta características de proximidade ao mar e grande parte do território coberto por montanhas, o que muitas vezes dificultava os recursos necessários para o sustento familiar, impulsionando migrar para outros territórios vizinhos desde a época medieval.

Destarte, procurou-se entender como foi constituído os territórios que viviam os italianos antes de partir ao Brasil e como continuou após a Unificação Italiana. Uma Itália recém-unificada, foi dividida por regiões e conseqüentemente em províncias, *comune e paese*. Anos mais tarde novos conflitos territoriais, como a Primeira Guerra Mundial agrega mais uma região ao norte italiano: Trentino Alto-Ádige. Na chegada às novas terras, os imigrantes italianos encontraram uma formação territorial diferente, como estuda-se nos próximos subcapítulos.

### **4.3 Chegada ao sul do Brasil: a formação das colônias**

Feito um histórico territorial político do norte italiano pesquisado, faz-se também sobre a configuração territorial pela qual passava na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e da porção ao norte do rio Taquari. No caso brasileiro após 1850, o governo imperial havia editado a “Lei de Terras”, que possibilitava a compra de terras em condições especiais para aqueles que se direcionassem para as áreas escolhidas pelo Império. Segundo esta lei de n. 601 de 18 de setembro de 1850:

[...] as terras devolutas no Imperio, e acerca das que são possuídas por títulos de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples títulos de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam ellas cedidas á título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colonias de nacionaes e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonisação estrangeira na fórma que se declara (LEI de Terra 1850, texto digital).

Assim, o Governo promovia a colonização de terras e emigração estrangeira. No Brasil, algumas regiões provinciais haviam sido escolhidas para colonização de estrangeiros principalmente na porção meridional do território brasileiro. Dessa forma, a política de

colonização e imigração, promovida pelo governo imperial, foi um fator de atração da força de trabalho excedente que no caso da Itália, ocorreu a partir de 1870. Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, as terras devolutas são destinadas para esse tipo de ocupação, tendo sido distribuídas em linhas e travessões, com a intenção de promover a colonização agrícola (IOTTI, 2001).

No Brasil do século XIX, bem como na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul o projeto envolvendo a colonização recorria a Companhias Públicas e Particulares para a distribuição ou comercialização de terras. Até a metade do século XIX as terras eram estabelecidas pelo governo para instalação de estrangeiros, aumentar a lavoura e a população. A partir da Lei de Terras, as terras passaram a ser comercializadas por companhias oficiais ou particulares e tinham autorização para cultivar os terrenos considerados “baldios, devolutos ou abandonados” (IOTTI, 2001). Recorda-se que esses terrenos citados entre aspas não passavam de uma visão centrada que tinha como objetivo a ocupação para a produção econômica. E que eram áreas seculares onde existiam os povos indígenas, como os Guarani e Kaingang.

As áreas destinadas à colonização italiana no Brasil estavam diretamente ligadas às mudanças da Lei de Terra, pois se não fossem ocupadas deveriam voltar ao governo Imperial. As terras não legalizadas, denominadas de devolutas, seriam as áreas destinadas à colonização (MANFROI, 2001). Com base nestas informações, no sul do Brasil tinha-se um vasto território na visão do projeto político colonizatório e “deveria” ser ocupado. Esses territórios foram destinados a emigrações europeias no século XIX, onde inicialmente vieram os alemães a partir de 1824 e na segunda metade do século XIX, sobretudo a contar da década de 1870 tem-se os poloneses, tirolezes e italianos. Crosby (2011) demonstra que o deslocamento de um grupo do espaço de origem para outro de destino, carrega juntamente uma bagagem cultural, histórica e biótica no sentido de recriar ações em outro espaço. A formação histórica, e no caso do sul do Brasil foi também palco de um processo de composição do território, em que ocorreram relações materiais e imateriais.

Nas matas do noroeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul inicialmente foram fundadas as primeiras colônias oficiais. Bublitz (2010) afirma que o processo de ocupação inicial foi um pouco difícil, quando os imigrantes italianos se sentiam desamparados, sem o conhecimento geográfico suficiente no trecho de **fronteira verde** e uma vegetação aparentemente interminável. Outras situações pouco amistosas foram presenciadas com os indígenas e caboclos. Sobre os contatos entre indígenas e italianos, Invernizi (2017)

destaca que a partir de 1875 com a ocupação no nordeste do Rio Grande do Sul, os Kaingang continuavam a movimentar-se por seu tradicional território e praticavam incursões guerreiras e relações conflituosas com os imigrantes italianos que se estabeleciam no espaço, muito embora, o Governo da Província do Rio Grande do Sul procurasse negociar com os caciques indígenas, com vista a mantelos nos Aldeamentos, próximos a Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai, tais como Guarita, Nonoai e Campo do Meio, para efetivação do Projeto Colonizador.

Após, ocorreu o processo de migração interna com o estabelecimento na porção territorial “norte”, margem direita do principal rio - Rio Taquari, configuração espacial que nesta tese será designação como “porção ao norte do rio Taquari”. Ressalta-se novamente a importância do conceito de território, que na geografia tradicional, segundo Cabral (2007, p. 151), remete a “[...] determinada porção da superfície terrestre que é apropriada e ocupada por um grupo humano, como um espaço concreto em si e seus atributos naturais e sociais”. Contudo, os territórios ao norte do rio Taquari foram ocupados pelos italianos e seus descendentes por intermédio da política de emigração e colonização, e a relação entre os imigrantes italianos e a natureza foi um misto de medo e admiração.

As terras destinadas para ocupação dos imigrantes italianos estão localizadas na porção mais ao norte do rio Taquari, principalmente nas encostas e “região alta” (MANFROI, 2001). Em 1854, a Empresa de Colonização Batista Fialho & Cia instalou-se na colônia Conventos, hoje Lajeado, e iniciou, na subida do Rio Taquari, em 1867, as medições de terras mais ao norte, que seriam ocupadas pelos imigrantes. Outras companhias particulares também tiveram terras próximas ao Rio Taquari, como as de Bastos & Irmão e Teschner & Cia (GREGORY, 2019).

Todo esse processo de colonização pelos colonos italianos e seus descendentes foram decorrentes das migrações internas na província do Rio Grande do Sul e obtenção de terras à margem direita do rio Taquari através da compra e venda por intermédio das companhias colonizadoras, tais como a Klenze e Cia, Bastos & Companhia, Batista Fialho & Cia, Cia Colonizadora Rio-Grandense e Internationale Bergban and Industriegesellschaft circuladas no mapa (REGISTRO DE IMÓVEIS DE LAJEADO, Transcrições de Imóveis, 1896- 1914).

Todavia, outras terras particulares foram constatadas pelos italianos e seus descendentes além de particulares como Antônio Fialho de Vargas, José Francisco dos Santos Pinto e Eduardo Palassin Guinle com terras situadas às margens do rio Guaporé, sublinhadas também no mapa a seguir (TROMBINI; LAROQUE, CASTOLDI, 2018; GREGORY, 2019).

Também particulares como Irmãos Dutra e Amália Fialho de Vargas às margens do rio Taquari no atual município de Muçum (KARAM,1992). Todas as companhias colonizadoras como terra de particulares foram identificadas no mapa a seguir (FIGURA 43).

Figura 43 - Mapa das Companhias Colonizadoras e particulares em territórios à margem direita e norte do rio Taquari



Fonte: Adaptado a partir de Karam (1992).

Através do mapa (FIGURA 43), nota-se a grande quantidade de companhias colonizadoras e terras de particulares e diversos que se encontravam na maioria na margem direita, mas também na margem esquerda, ambas situadas na porção ao norte do rio Taquari. Até meados do século XX o Rio Grande do Sul dividia seu território por características geomorfológicas, sendo que a referida pesquisa tem como elemento físico principal destes territórios do rio Taquari. O referido rio como destacou-se no capítulo anterior, possui uma extensão de 140km percorrendo vales de planícies e com a presença de regiões montanhosas situadas mais ao norte (FEE).

A presença de elementos naturais é visível em documentos encontrados no arquivo sobre as terras próximas ao rio Taquari e no início da formação destas colônias. No livro de Correspondência Oficial com a Inspeção Geral de Terras de Colonização (Taquari, Estrela, Dona Isabel), relativas aos anos de 1885 a 1887, constam informações sobre as terras e também ao tipo de relevo, à hidrografia e que o solo era propício para vários tipos de cultivo; às vastas florestas encontravam-se compostas de madeira que poderia ser utilizada para construções dos colonizadores imigrantes.

Escritório da Comissão de discriminação de terras e medição de lotes nos Municípios de Taquari e Estrela, em 26 de maio de 1885. S. Ex. S. [...]. Em cumprimento a ordem para procurador com toda atividade no serviço de medição de lotes, iniciei o trabalho na zona devoluta **situada ao norte das colônias “Forqueta” e “Jacaré”** e a oeste das concessões feitas a José Francisco dos Santos Pinto e Eduardo Palassin Guinle por [...] pareço á que melhores condições offerencia. Na serra da Estrela onde se acha a área á cuja medição se está procedendo as terras prestão-se perfeitamente a diversas e variadas culturas sendo **muito ricas em excelentes madeiras de construção. Os arroios “Jacaré” e “Guaporé”** atravessão o terreno devoluto, que também é banhado pelo arroio “Carrero” segue limite com o município visinho, uns cabem (?) cortado por diversos **córregos**. Situada essa soma no 2º districto da Estrela muito vantajoso para o novo (?) a navegação franca no **rio Taquary**, pois os seus (?) poderão ou proibirão ser transportados por terras [...] em pequena extensão até a margem do rio. Actualmente param devido ao **grande número de cachoeiras**, a navegação é muito difícil sendo poucas as lanchas que á muito conseguem margea-lo até a **colônia denominada “Encantado”**. Para a construção da estrada nas condições determinadas pelo artigo 15 das Instruções, só depois de bem examinar o terreno poderei informar a V. Ex. parecendo-me que só dano traçado poderão ser escolhidas as [...] para a povoação de S. Caetano [...] **as colônias “Alambary” “Encantado” e “Palmas” ou levando a pela colônia “Jacaré” até encontrar a estrada que [...] da colônia “Conventos” se dirige a povoação do “Lageado”** onde já aguarda um pequeno vapor da companhia que margea entre Porto Alegre e Estrela (CORRESPONDÊNCIA Oficial com a Inspeção Geral de Terras de Colonização de 1885-1887, p. 20-21, grifo nosso).

A riqueza das informações elencadas neste documento corrobora com o que Drummond (1991) destaca quando diz que os recursos naturais são locais e completos, com um destaque de sua valorização no cotidiano das sociedades e na maioria das vezes são aproveitados. Assim, percebe-se uma grande área devoluta e a presença de elementos naturais como arroios e rios, bem como territórios pertencentes as colônias que foram criadas perto do rio Taquari, como a de Encantado e Guaporé. Os dados também informam as terras de particulares como é o caso das propriedades de José Francisco dos Santos Pinto e Eduardo Palassin Guinle. Destaca-se que com a abertura e manutenção das estradas elencavam-se também nos registros dados sobre a geografia que abrangia as colônias, como os rios citados.

Outro dado importante era que a delimitação dos lotes foi feita sem preocupação com a qualidade das terras e cada conjunto de lotes articulava-se em linhas e possuía um centro

comunitário. As divisões dos terrenos para as propriedades em ambas margens do rio Taquari foram feitas perpendicularmente aos cursos de água, onde encontram-se seus afluentes principais como Guaporé, Jacaré e Forqueta. Vale salientar o papel dos rios e arroios na demarcação desses territórios, pois, sem a presença desses recursos naturais, seria difícil a ocupação do território naquele período, auxiliando também como marcos divisórios de áreas e o escoamento de produtos (CASTOLDI, 2016).

Quando se enfatiza características analíticas da História Ambiental se busca uma identidade dos elementos naturais para o estudo. Isso revela um parentesco com a história natural, que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos, suas particularidades físicas que identificam um território. Ou seja, as ciências naturais, além de “aliadas”, podem ser também parte do próprio objeto de estudo, como manifestações culturais que ajudam a entender os padrões de uso dos recursos naturais (DRUMMOND, 1991). Neste caso, desde o início das marcações de terras ao norte do rio Taquari, informações das ciências naturais contribuem na identificação do conjunto de recursos naturais disponíveis do território.

Segundo Arruda (2011), é relevante a conexão da história com o meio ambiente na medida em que aborda o papel de elementos naturais e neste caso, de um rio que possibilitou, tantos recursos como forma de caminho. O espaço é um desafio para a História Ambiental pois, torna-se mais difícil estabelecer a espacialidade de seus objetos de estudo e as funções que os humanos atribuíram ou buscaram ao longo do tempo. Assim, as interações físico-químicas da natureza não podem ser concretamente separadas, pois interagem dentro do ambiente. Todos os elementos como a água, o relevo, a terra, os minerais, os animais, etc. fazem parte das interações e vivência dos homens.

Aos imigrantes italianos os lotes estavam situados nas zonas de encosta e altas da serra e possuíam toda a mesma dimensão, isto é, algo em torno de 25 hectares, variando na proporção de terras favoráveis à agricultura. Já nas zonas de vale, as divisões seriam de outra natureza, dado que os lotes eram separados pelo rio Taquari (BEROLDT; GRISEL; SCHMITZ, 2007). Assim, essas terras estavam sendo vendidas com algumas terminologias como “alto” e “baixo” Taquari encontradas através de dados bibliográficos indicando alguns posicionamentos sob a ótica do percurso do referido rio.

Segundo Hessel (1983), o termo Alto Taquari entende-se pela região marginal do Rio Taquari compreendida entre Bom Retiro do Sul e Muçum, com suas vilas e povoados. Somando-se com o estudo de Ahlert e Gedoz (2001) até o final dos anos 1850, a região

caracterizava-se por um povoamento significativo apenas na parte baixa do rio Taquari de fazendas extrativistas, escravistas e de pequenas glebas de colonos de origem açoriana. Posteriormente, estabeleceu-se na região negócios imobiliários privados que organizavam o loteamento e a venda das terras para os colonos. O estabelecimento de colonos como pequenos proprietários na região — primeiro, de alemães e depois de italianos até 1890 modificou o panorama demográfico pela ocupação de sua parte norte, até então habitada por posseiros e indígenas Kaingang e Guarani. Encontra-se também na obra de Aguiar et al. (2009) que o grande território conhecido como Vale do Taquari, Rio Grande do Sul até a década de 1970, era denominado microrregião Colonial do Alto Taquari<sup>58</sup> e a Colonial do Baixo Taquari<sup>59</sup>.

Conforme o artigo de Beroldt, Grisel e Schmitz. (2007, p. 210), denomina-se “baixo Taquari” “onde o relevo apresenta vales que margeiam o rio Taquari e ondulação mais suave”, e “alto Taquari” “onde o relevo é mais acidentado, com dobras mais salientes e algumas áreas escarpadas”. Faleiro (2009, p.15) destaca que “aproximadamente em 1990, os vale-taquarienses se (re)conheciam como pertencentes à região do Alto Taquari [...]. Havia, inclusive, duas denominações: Alto Taquari e Baixo Taquari, embora tal divisão jamais tivesse constatado no mapa político-administrativo do Rio Grande do Sul.

Sendo assim, as informações encontradas apresentam que o território pesquisado passou por designações como “região alta” e “ao norte” do rio Taquari com características montanhosas e de alto relevo, os quais foram ocupados pelos italianos e seus descendentes a partir do final do século XIX. Destaca-se que este grande território ocupado pela imigração italiana e de seus descendentes tem como localização a margem alta e direita do rio Taquari, o que nos levou atribuir que geograficamente estão ao norte do referido rio. É fundamental a utilização de categorias geográficas para a compreensão desta delimitação como “região”, “norte” e um “principal rio”, o que se remete ao diálogo com da História Ambiental com outras áreas é imprescindível para entendermos e fazermos História Ambiental (WORSTER, 1991).

Neste item, a chegada dos italianos e descendentes aos territórios ao norte do rio Taquari efetivou-se pela presença das terras e de diversos recursos naturais, dentre eles o

---

<sup>58</sup> Formado pelos municípios de Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, David Canabarro, Fontoura Xavier, Guaporé, Ilópolis, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Putinga e Serafina Corrêa. Entre estas, Guaporé, situada já na serra (encosta superior do Nordeste), era então a cidade mais polarizada dessa microrregião.

<sup>59</sup> Composto pelos municípios de Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Encantado, Estrela, Lajeado, Muçum, Nova Brésia e Roca Sales.

principal rio – o Taquari. A localização geográfica das terras mais ao “alto” e “norte” são fundamentais para a analisar a história da imigração italiana em conjunto da História Ambiental e a geografia.

#### **4.3.1 As colônias ao norte do rio Taquari**

Neste subcapítulo busca-se caracterizar um pouco dos territórios e colônias formadas ao norte do rio Taquari, bem como a ocupação dos italianos e seus descendentes a partir da diversidade das fontes. Com a identificação dos territórios ocupados encontram-se dentro desta formação territorial – “as colônias”, que foram construídas e que se constituíram ao norte do rio Taquari. Segundo Giron e Bergamaschi (2004) entende-se como colônia a terra ou um território a ser ocupado e cultivado por um determinado grupo étnico, principalmente destinado à produção agrícola. O povoamento das matas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul fez -se à base do lote colônia - origem da pequena propriedade agrícola - não importando qual tenha sido o agente colonizador (Império, Província, Estado, município ou particular), nem tão pouco interessando qual tenha sido a origem étnica do povoamento (alemã, italiana ou outras). O critério básico do mapeamento foi o aspecto morfológico do lote colonial - tamanho e forma, e os sistemas demarcatórios que de certa forma, reconstituíram toda a história da colonização, explicando a metodologia adotada (LA SALVIA; HANDSCHUCH, 1974).

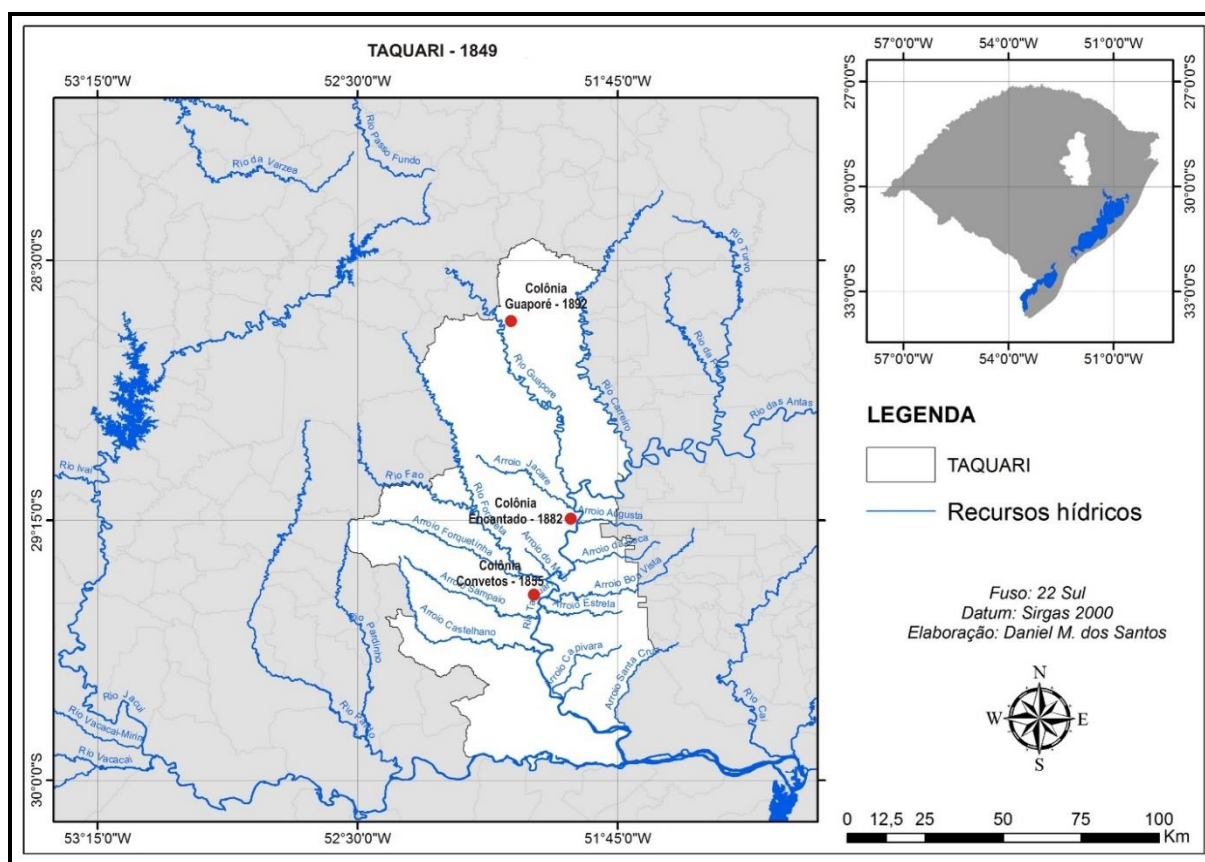
Na mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul, na data de 20 de setembro de 1920, Borges de Medeiros destaca que colonizar “as terras públicas é povoar o solo, radicar e desenvolver a agricultura, fomentar a abastança, assegurar a relativa independência humana e implantar a ordem definitiva”(MENSAGEM, 20/09/1920, p. 22). Percebe-se que em seu discurso extremamente positivista e voltado para o desenvolvimento econômico, o povoar e desenvolver está direcionado aos objetivos do governo para aumentar e garantir a produção agrícola, principal objetivo do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense).

Entre 1850 a 1889 são criadas no Brasil mais de 250 colônias, sendo destas 60% localizadas no Sul e 40% no Sudeste. Além do mais 78% são privadas e 22% são oficiais. Com a proclamação da República poucas modificações ocorrem na política de terras e é a iniciativa privada que domina a colonização (GIRON; BERGAMASCHI, 2004). O cônsul

Enrico Perrod os três gêneros de colônias italianas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: governativas, provinciais e particulares. Segundo ele, estes gêneros eram considerados como: colônias governativas as que eram diretamente administradas pelo Governo Central; as provinciais pelo governo Provincial e as colônias particulares oriundas de propriedades dos particulares que compraram e de uma ou outra autoridade por um preço mais baixo, extensões enormes de terrenos, com intenções de revende-las aos emigrantes (BOLETIM CONSULAR, 1883,v. XIX, parte I, p. 298).

Como já se mencionou as primeiras colônias oficiais, ou seja, governativas do Rio Grande do Sul, foram povoadas na maioria por italianos eram Caxias (1875), Conde D'Eu (1875), Dona Isabel (1875) e Silveira Martins (1877). Já os territórios a margem direita e ao norte do rio Taquari durante a temporalidade pesquisada era formado por espacialidades da colônia Conventos (1855), colônia de Encantado (1882) e o sul da colônia Guaporé (1892) (FIGURA 44), espacialidades que foram habitadas pelos italianos e seus descendentes.

Figura 44 – Espacialidades das colônias de Encantado e Guaporé



Fonte: Trombini; Kreutz, 2020.

Como vimos no capítulo anterior e também parte deste, os rios e seus entornos tiveram um papel fundamental para contribuir com o sustento familiar e principalmente como via de deslocamento para as migrações internas. Ao norte do rio Taquari não vai ser diferente, pois o rio Taquari foi fundamental no caminho para que os imigrantes e seus descendentes se deslocassem até outros territórios no final do século XIX (CASTOLDI, 2016). A exploração e conhecimento do rio Taquari foi vista como vantajosa, e a partir de 1870, e iniciou a criação de um passo, tanto para a chegada dos imigrantes como posteriormente para o escoamento de produtos, conforme apontamentos de Karam (1992):

A criação de um passo no rio das Antas, no lugar que passaria a estrada em construção, proporcionaria comunicações adequadas ao RS, incluindo a ampla região quase desabitada, que era aquela onde logo começariam a chegar os imigrantes europeus. O presidente da província em 1870 criou as colônias Conde D'Eu e Dona Isabel, na região montanhosa, cortada por significativos números de cursos d'água, sendo **os mais expressivos o rio das Antas, o Carreiro, o Taquari e o Guaporé**, onde existiram exuberantes matas virgens (grifo nosso, KARAN, 1992, p. 48).

Com a demarcação das colônias próximas ao rio Taquari, busca-se neste momento caracterizar estas colônias a partir das fontes encontradas. Conforme o estudo de Frosi e Mioranza (1975), a partir de 1882 tem o terceiro ciclo de imigração para o nordeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e o início das migrações internas. Conforme o quadro 5 pode-se observar o surgimento de novas colônias a partir deste ciclo de imigração:

Quadro 5 - Ciclo de migração e surgimento de colônias

Denominação	Colônia	Municípios Atuais
NOVA COLÔNIA	Guaporé (1892 – 1900)  Encantado (1882 – 1900)	Guaporé Muçum Serafina Corrêa Casca Vila Maria (Marau) Encantado Nova Bréscia
NOVÍSSIMA COLÔNIA	Expansões das diversas colônias anteriores	Parai Nova Araçá Ciríaco David Canabarro Marau Putinga Anta Gorda Ilópolis Arvorezinha

Fonte: Frosi; Mioranza (1975, p. 54).

Observando o quadro (QUADRO 5) é nítido a expansão, distribuição e sentidos dos movimentos internos dos imigrantes italianos e seus descendentes para outros territórios a partir de 1882, inclusive ao norte do rio Taquari. Destacam-se assim na última coluna do quadro os municípios que hoje estão localizados no atual Vale do Taquari e seus desmembramentos das colônias antigas, assim como “nova colônia”, como é o caso de Guaporé e Encantado e as novíssimas colônias, dentre as quais em áreas de jurisdição do atual Vale do Taquari, tem-se Putinga, Anta Gorda, Ilópolis e Arvorezinha. Além do mais, é relevante ressaltar que inicialmente grande parte dos territórios que faziam parte das “novas colônias” pertenciam a um território maior, que era a colônia Conventos, atual município de Lajeado.

#### **4.3.1.1 Território “mãe”: a colônia Conventos e seus desdobramentos**

Para compreensão dos dados encontrados sobre a chegada dos italianos e descendentes ao norte do rio Taquari, inicialmente apresenta-se um entendimento do território “mãe” – a colônia Conventos, no território de Taquari. Designa-se como por essa terminologia, pois após a fundação desta colônia tanto Encantado como Guaporé faziam parte deste grande conjunto territorial. Neste patamar, Holzer (1997) enfatiza que os territórios não correspondem, forçosamente, a um tecido espacial uno e de certa forma em lugares hierarquizados, ligados por uma rede de itinerários. Do ponto de vista fenomenológico, para compreender um território é necessário entender as áreas e o modo como o indivíduo se relaciona com ela. Assim, o território desenvolvido em função da dimensão vivida é constituído essencialmente por lugares.

Historicamente, vale salientar que antes da Lei de Terras em 1850, várias áreas particulares da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul que se estendiam nestas povoações eram chamados de “fazendas”. Após esta lei, foi possibilitado que alguns proprietários particulares comerciantes de terras loteassem e vendessem grandes quantidades de terras para a colonização particular. Também em decorrência da decadência que algumas destas fazendas, algumas Companhias Colonizadoras já mencionadas começaram a adquirir terras por meio da compra e a transformá-las em colônias (VEDOY, 2015).

Dentro deste contexto, a comercialização de terras proporcionou um fluxo grande de imigrantes para territórios em diversos lugares como, por exemplo, as antigas colônias já

referidas em outra parte desta tese. O governo provincial com objetivo de ampliar áreas para a colonização, incluiu diversas terras próximas ao rio Taquari nas suas pretensões, solicitando informações à Câmara de Vereadores de Taquari. Essa câmara, reunida em sessão de 10 de julho de 1852, resolveu oficiar ao presidente da Província a disponibilidade de áreas das fazendas dos Conventos, Lajeado e Boa Esperança, consideradas propícias para desenvolver projetos de colonização, informando ainda que as terras devolutas existentes na região não ofereciam condições para essa finalidade (AHLERT; GEDOZ, 2001).

Neste sentido, um dos principais comerciantes de terras foi Antonio Fialho de Vargas que era sócio e gerente da empresa Baptista, Fialho & Cia., responsável pela fundação da Colônia dos Conventos em 1855 sobre os territórios do município de Taquari. A comercialização de terras por esta empresa teve duração entre 1855 e 1863. Após a fundação da Colônia Conventos, o território passa a receber colonos de origem germânica vindos da Europa e colonos descendentes destes oriundos das antigas colônias, principalmente de São Leopoldo (GREGORY, 2019). Além desta colônia, Fialho tinha terras em outros territórios próximos do rio Taquari, impulsionando a ocupação por diversas famílias, entre eles italianos e descendentes a partir de 1882.

Com a venda de novas terras e o crescimento populacional, alguns municípios tiveram suas emancipações e desmembramentos. Segundo Gregory (2019) a criação da colônia Conventos diversificou os investimentos e impulsionou a construção de obras públicas em diversos territórios. Estes desdobramentos iniciaram em 1849, quando o município de Taquari se emancipou, chamado antes de São José do Taquari, o qual compreendia os territórios de Estrela e Lajeado. Em 1876 foi criado o município de Estrela, chamada antes de Colônia Estrela e Santo Antônio da Estrela. Em 1891 foi emancipado de Estrela, o município de Lajeado, designado anteriormente de Conventos Velhos, Colônia de Santo Inácio, Santo Inácio os Conventos e Santo Inácio (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2002).

A emancipação de Lajeado ocorreu em 1891, conforme Ato n.º 57 ou n.º 571, de 26/01/1891, sendo desmembrado de Estrela. Constituído do distrito sede e instalado em 25/02/1891 (SCHIERHOLD, 1992). Importante ressaltar que grande parte do território de Lajeado estava ocupado pela imigração alemã ainda na metade do século XIX, principalmente pela colônia Conventos. No final do século XIX e início do século XX, alguns colonos imigrantes italianos provenientes da colônia Conde d'Eu começaram a instalar-se na parte

mais montanhosa em Bela Vista do Rio Fão, localizado ao norte de Lajeado e próximo do rio Fão.

Além de Fialho de Vargas, outros particulares e companhias colonizadoras, como Klenze e Cia (Porto Alegre), adquiriram terras e iniciaram o processo de venda nos territórios de Lajeado, conforme documentação encontrada:

24/03/1898 - Quatro colônias de terras: três, quatro, cinco e seis, sitas entre o “**Arroio Forqueta**” e “**Fão**”. Contém, todas, 400 mil braços quadrados, confrontando pelo leste com o Arroio “Forqueta”, pelo Oeste com terras de Mathias Feil e dos transmitentes, pelo sul com o Arroio “Fão” e pelo norte com terras de José Martins da Cunha e das terras da Forqueta.

Adquirinte: Hernesto Henrique Guilherme Widholder (Porto Alegre)

Transmitente: **Klenze e Cia (Porto Alegre)** (grifo nosso, REGISTRO DE IMÓVEIS DE LAJEADO, Transcrição de Imóveis – nº 03 (1894), 24/03/1898, p. 119).

O principal distrito de colonização italiana no território de Lajeado foi Bela Vista do Fão, criado em 02/12/1906 e instalado em 10/01/1907 e abrangia diversas localidades arredores. Tinha como objetivo do projeto governamental a construção de uma estrada de ferro que ligaria Lajeado a Soledade, que de fato não se concretizou. Em 1910, Bela Vista do Fão, após três anos de sua fundação, conforme figura (FIGURA 45), já contava com um pequeno núcleo populacional e suas casas, assim como, ao centro da imagem a igreja Nossa Senhora de Lourdes.

Figura 45 – 3º distrito de Lajeado - Bela Vista do Fão em 1910



Fonte: <http://lauramertenpeixoto.blogspot.com/2012/07/bela-vista-do-fao-1904-2012.html> acesso em 05/05/20.

Com a fundação do distrito de Bela Vista do Fão e o comércio de terras próximas, outros imigrantes italianos e descendentes migraram internamente das antigas colônias como Conde d'Eu, Dona Isabel, Encantado e Guaporé comprando terras de particulares e das companhias colonizadoras (TROMBINI, 2016). Conforme documento do Registro de Imóveis de Lajeado/RS tem-se o seguinte:

17/11/1910 – **município de Lajeado, 3º registro – Fão**. Uma área de terras com 822.800 m<sup>2</sup>, tudo fazendo parte do título legitimado por Francisco Mariano da Silva. Adquirinte: Cia Colonizadora Rio Grandense (Porto Alegre) Transmitente: João Klein e Jacob Weber (São Luiz Conzaga) (grifo nosso, REGISTRO DE IMÓVEIS DE LAJEADO, Transcrição de Immoveis – nº 03B (1910), 17/11/1910, p. 64).

Além deste distrito, os movimentos migratórios internos se intensificaram a partir do início do século XX formando diversas comunidades. Em torno de 120 famílias de imigrantes italianos e descendentes ocuparam outras áreas próximas, como é o caso de Canudos, Vila Sérico, Três Lagoas, Constantino, Vasco Bandeira, Medorema, Forqueta, Lagoa Dutra, Selim, São Roque, Campo Branco e Gramado São Francisco. Estes locais de características montanhosas, atualmente estão em jurisdição dos municípios de Progresso, Pouso Novo e Marques de Souza (COSTA et al., 1997; TROMBINI, 2016).

Novamente aparecem na documentação informações hidrográficas sobre afluentes do rio Taquari como Forqueta e Fão, importantes como marcos naturais para o processo de demarcação das terras e distritos. Outra questão pertinente é a formação administrativa que se encontrava em Lajeado. Até 1915 eram quatro distritos: Lajeado, Santa Clara, Fão e Arroio do Meio (IBGE). No Arquivo Histórico de Lajeado, no Relatório do Conselho Municipal de 1915 encontra-se alguns registros referentes a territórios pesquisados que pertenciam a Lajeado e também Encantado, todos, porém ao norte do rio Taquari com seus respectivos distritos e arredores:

1º Districto – Lajeado: Conventos.

2º Districto – Santa Clara: São Bento e Moinhos, Abelha, Arroio Alegre, Forquetinha e Serra, Pariz, **Canudos**, Sete de Setembro, Pedra Branca, **Campo Branco, Boqueirão**.

3º Districto – Fão: **Fão, Fão e Xaxim, Forquetinha (Kober), São Francisco, Lajeado do Meio, Pedra Branca, Theodoro, Prudencio, Orlando, Três Lagoas, Pau Queimado, Barro Preto, Tamanduá, Coqueiro**.

4º Districto – Arroio do Meio: Povoado Arroio do Meio, Picada Arroio do Meio, 32 e Travessão, **Travesseiro**, Palmas e Bicudo, São Caetano, palmital e D<sup>a</sup>. Rita, Arroio Grande, café, Fuchs, Capitão, Marinheiros, São Jacob e Nhoque, Forqueta, estrada **Nova de capitão, Anta Gorda e Encantado** (grifo nosso, RELATÓRIO DO CONSELHO MUNICIPAL, 1911, p.36).

No ano de 1916 foi fundado o 5º distrito de Marques de Souza, próximo ao rio Forqueta. A organização territorial de Lajeado ao final da década de 1910 encontrava-se com os respectivos distritos apresentados na citação. De fato, haviam ocupações migratórias impulsionadas pelos projetos de colonização e comércio de terras, inicialmente partir de 1855 de alemães e descendentes e após, mais precisamente em 1882, de italianos e descendentes.

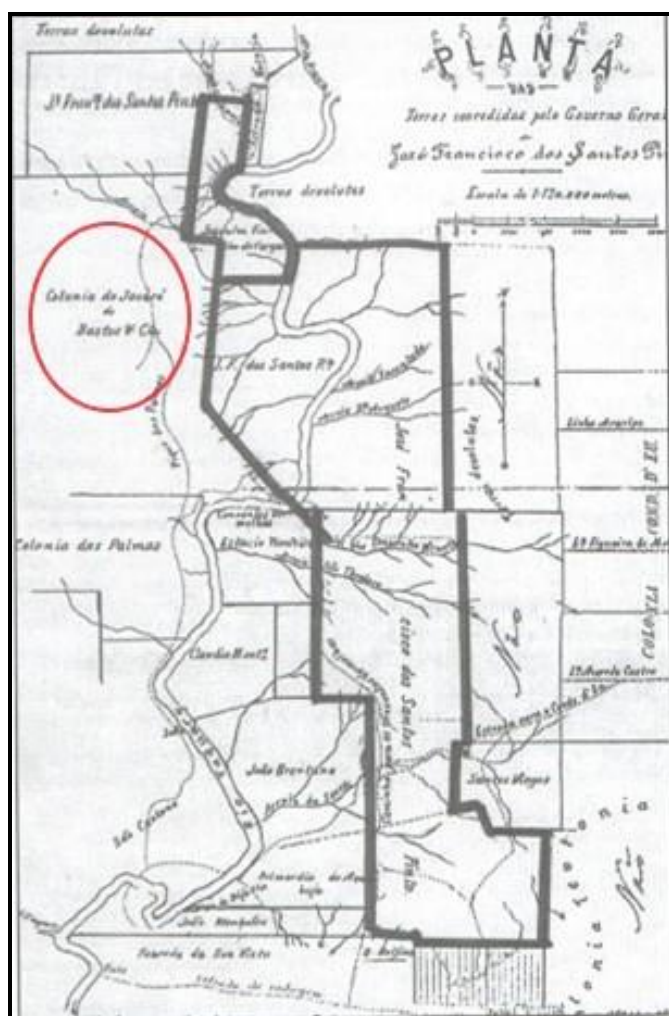
Com os dados apresentados neste item, entende-se que a ocupação italiana ocorreu em áreas geograficamente mais acidentadas, em direção a oeste e norte do referido rio e próximas ao rio Forqueta e Fão, que são afluentes do rio Taquari. O principal distrito destacado foi Bela Vista do Fão ou Fão, formando diversas localidades por italianos e seus descendentes oriundos de migração interna das antigas colônias.

#### 4.3.1.2 “Nova Colônia” - Encantado

Em destaque pela datação, inicialmente tem-se a formação da nova colônia - Encantado (1882) e sua expansão em direção ao norte do rio Taquari, ocupando áreas dos atuais municípios de Nova Brésia, Putinga, Anta Gorda, Ilópolis e Arvorezinha. Conforme o

agente diplomático e consular Edoardo dei conti Compans de Brichanteau a colônia Encantado surgiu em 1878 dividida em linhas e travessões e localizados na margem direita do rio Taquari, territórios próximos a colônia oficial Conde d'Eu (EMIGRAÇÃO E COLÔNIA, 1893, p.123). Corroborando com esta ideia Castoldi (2016) enfatiza por intermédio de mapas e documentos, as terras pertenciam a diversas pessoas físicas e companhias colonizadoras. No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, há uma planta (FIGURA 46), que destaca a área de jurisdição da colônia Encantado e arredores.

Figura 46 - Colônia Encantado



Fonte: Planta de 1878 - Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Terras e Colonização.

Com base no mapa (FIGURA 46), encontra-se a formação da colônia Encantado destacada em vermelho, bem como sua localização próxima do rio Taquari à margem direita e de terras devolutas e de particulares, como João Francisco dos Santos. Percebe-se ainda que a

Colônia Jacaré, também consta no mapa (destaque vermelho), já estava no domínio da Companhia Bastos e Cia. Assim, a delimitação da colônia era a seguinte: ao sul com Lajeado, ocupada grande parte por alemães e descendentes e ao norte e oeste pelos povoados de Soledade e Passo Fundo (TONET, 2019). Alguns anos depois, nesta mesma direção se tem a formação e ocupação, em 1892, da colônia Guaporé.

Os primeiros imigrantes italianos e seus descendentes instalam-se a partir de 1881, adquirindo terras vendidas dos privados, somando cento e oitenta famílias com um total de novecentas pessoas. Segundo Ferri (2015) as primeiras famílias foram de João Batista Lucca, Antônio Bratti e mais outras quinze famílias vindas de Valdástico, província de Vicenza – região do Vêneto, sendo a maioria destes emigrantes agricultores. Esta informação apresenta uma correlação diretamente de emigração com o norte italiano, pois são famílias oriundas do Vêneto. A colônia Encantado tinha uma área de 130.000 mil hectares sendo constituída pelas linhas de Anta Gorda, Ilópolis, Relvado, Putinga e Arvorezinha (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Situados próximos do rio Taquari, seus lotes compunham terras férteis e um clima mais quente do que as antigas colônias. Seus colonizadores vênnetos também migraram internamente de diferentes espacialidades coloniais de Conde d’Eu (atual Garibaldi), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) e Caxias, e compraram novas terras para colonizar formando novos núcleos em direção ao norte de Encantado<sup>60</sup> (FROSI; MIORANZA, 1975; GIRON; HERÉDIA, 2007). Entre as primeiras famílias que ocuparam a colônia de Encantado estão Lucca, Bratti, Pretto, Fontana, Buffon, Bertozzi, Rossetto, Echer, Radaelli, Castoldi, Pedrotti, entre outras. O território é geralmente constituído de terrenos acidentados e uma vasta cadeia montanhosa que declina ao sul com os dois principais rios que banham os vales, Guaporé e Forqueta (COSTA et al., 1997). Já Thomé (1967) destaca que grande parte do território de Encantado pertence ao planalto brasileiro com variação de altitudes de 200 a 800m e estreita faixa de terrenos planos em torno do rio Taquari.

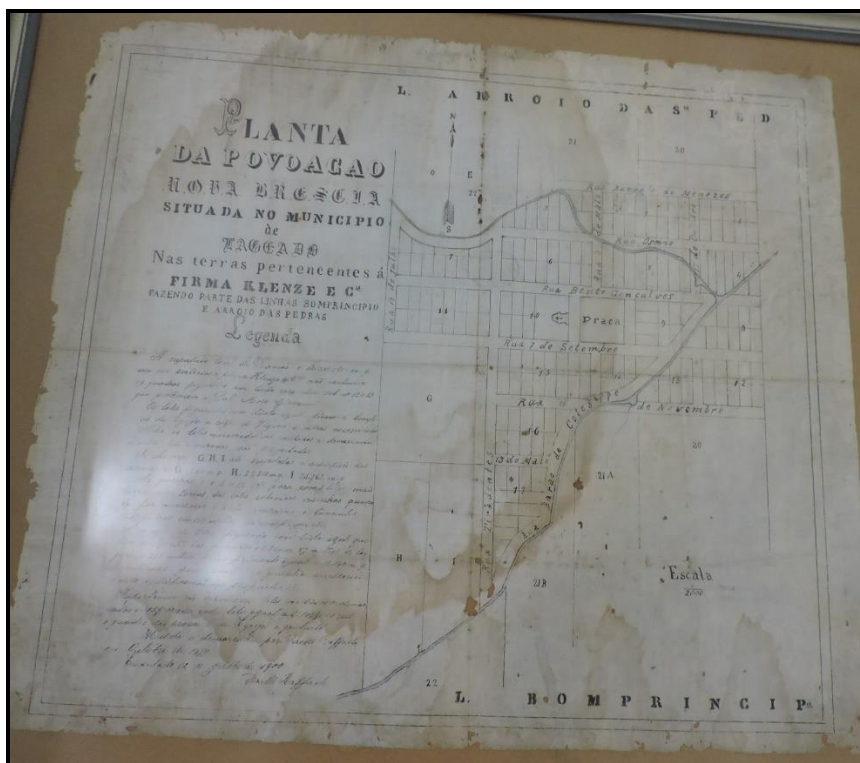
Em 1892, pelo Ato Estadual nº 06, de 05 de janeiro, Encantado foi elevado à categoria de 2º distrito de Lajeado que, além da sede, abrangia os povoados de São José da Anta Gorda (Borguetto), Santo Antônio do Jacaré (Relvado) e Nova Brésia, também chamado Arroio das Pedras (ARQUIVO HISTÓRICO DE ENCANTADO). Sobre o distrito de Nova Brésia as primeiras famílias De Maman, Mizacaza, Casaril e Daroit, migraram das antigas colônias de

---

<sup>60</sup> Frosi e Mioranza (1975, p. 48) destacam que os italianos e descendentes estabelecidos em Encantado avançaram sentido norte e formaram núcleos importantes como Nova Brésia, Putinga, Relvado, Anta Gorda, Itapuca, Ilópolis e Arvorezinha.

Antônio Prado e Dona Isabel, chegando em 1895 nos territórios montanhosos designado “Linha Tigrinho” (CRISTÓFOLI, 1993). A comercialização de terras aos imigrantes italianos ocorreu pela empresa Klenze e Cia (FIGURA 47).

Figura 47 – Planta do Povoado de Nova Bréscia



Fonte: Museu municipal “Dolci Ricordi, 1900.

Conforme atesta-se com a figura 47, as terras do povoado de Nova Bréscia eram pertencentes a Companhia Klenze e Cia e faziam parte das linhas de Bom Princípio e Arroio das Pedras. Segundo Castoldi (2016) além das famílias que cresciam também necessitavam de novos territórios para manter suas produções. Várias famílias que se instalaram em Encantado, por volta do ano de 1896, por exemplo, são provenientes de antigas colônias, como Conde D’Eu, Dona Isabel e Alfredo Chaves (REGISTRO de Casamento de Encantado, 1896).

Na monografia de Castoldi (2016), são riquíssimos os dados sobre a ocupação dos italianos e descendentes e venda de terras na colônia de Encantado que se intensificou no final do século XIX e início do XX pelas companhias colonizadoras Teschner e Cia e Bastos e Cia e também terra de particulares. São dados encontrados no registro de Imóveis de Lajeado:

[...] 18:000:000 de braças quadradas, digo metade da área de 33:492:204<sup>2</sup> e divide-se a norte com terras devolutas; ao sul com **terras particulares** e devolutas ao leste; com o **núcleo colonial Jacaré** e ao Leste com a **colônia Forqueta** (grifo nosso, REGISTRO de Immoveis, 05/06/1894, p. 1).

Quatro colônias de mattos de cultura, sendo duas, sob ns. 19 e 20, na picada **Teschner**, fazendo frente a Sul e fundos a Norte e limitando-se por todos os lados com terras dos transmittentes e duas, sob ns. 4 e 8, da picada Leopoldo, fazendo frente a Sul e fundos a Norte com terras dos transmittentes, limitandose pelo Leste e pelo Oeste com terras de Carlos Matte (grifo nosso, REGISTRO de Immoveis nº 3A, 24/09/1899, p. 37).

Terras de matto, com a área de 17.468.000 m<sup>2</sup> com as seguintes confrontações: ao Norte com terras de **Teschner e terras de Palassin**, separadas por linhas seccas; ao Sul terras de **Bastos e Companhia**, separadas por uma linha secca; a Leste terras de **Santos Pinto**, separadas por uma linha secca e terras de Theophilo de Araujo Ortiz, digo, uma linha secca; ao Oeste terras devolutas, separadas por uma linha secca e terras de Theophilo de Araujo Ortiz, separadas **pelos arroios Coqueiro e Jacaré** (grifo nosso, REGISTRO de Immoveis Lajeado nº 3A, 30/09/1901, p. 77).

É evidente as informações sobre a colônia de Encantado com o comércio de terras pelas companhias e particulares, bem como a presença dos recursos naturais para delimitação dos lotes. Vale salientar novamente o papel dos rios e arroios na demarcação desses territórios, pois, sem a presença desses recursos naturais, seria difícil a ocupação do território nesse período. A apropriação dos recursos da natureza e a valoração das paisagens, nesse sentido, possuem uma clara historicidade (PÁDUA, 2010).

O crescimento da região foi dando uma relevância a localidade que levou, em 7 de Maio de 1914, a uma comissão formada pelos núcleos de Encantado, Anta Gorda e Itapuca, encaminhar ao governador do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros, um memorial solicitando a criação do município, com base nos territórios do 2º (Encantado) e 4º (Anta Gorda) distritos de Lajeado, e 9º (Itapuca) distrito de Soledade, o qual a sede ficaria em Encantado. Menos de doze meses depois, o governo do estado, através do Decreto Nº 2.133, de 31 de março de 1915, criou o novo município (TONET, 2019).

Costa et al. (1997) salienta que em 1914 Encantado era segundo distrito de Lajeado (ato de 05/01/1892). No ano seguinte constituiu-se o ato municipal de 01/05/1915, o qual dividiu o município em três distritos: 1º Encantado, 2º Anta Gorda e 3º Itapuca. O terreno é bastante acidentado, normalmente próximo ao distrito de Anta Gorda. Estava nesta época inteiramente colonizado com várias linhas e em torno de sete mil habitantes. Giron e Bergamaschi (2004) comentam que o distrito de Anta Gorda foi criado ainda em 16/12/1908 e se situava na margem direita do rio Taquari. Contava com aproximadamente nove mil

pessoas, distante duas horas de cavalo de Encantado e seus lotes situados próximos dos rios eram muito férteis. Em 1902 foi criado o núcleo colonial e 3º distrito de Itapuca com imigrantes italianos (PACHECO, 1955).

Por isso, entende-se que a colônia de Encantado e após distrito, foi uma continuação dos territórios almejados pelos italianos e descendentes em direção ao norte e do rio Taquari. Muitas famílias chegaram diretamente da Itália ou das migrações internas das antigas colônias, principalmente pela proximidade com Conde d'Eu. A formação de novos núcleos populacionais e seus distritos dentro da colônia Encantado proporcionaram um forte crescimento econômico por ora influenciados pelo projeto governamental.

#### **4.3.1.3 “Nova Colônia” - Guaporé**

Na Constituição Federal do Brasil de 1891, a nova forma de colonização passa as terras devolutas ao domínio do Estado. Em 1894 foram transferidas também os encargos de colonização, continuando o Governo da União a fazer o transporte de imigrantes até a capital do Estado, correndo por conta deste as demais despesas até a instalação do colono nos lotes territoriais (PACHECO, 1955). É neste contexto histórico que foram criadas outras colônias e especificamente a Guaporé, ao norte do rio Taquari. Na década de 1890, o governo estadual realizou a demarcação da Colônia Guaporé pelo engenheiro José Montauray de Souza Aguiar para o povoamento da região entre os rios Carreiro e Guaporé.

Segundo Balbinot (2014), a colônia Guaporé é fundada na terceira fase do processo de imigração e colonização italiana (1892-1900), quando muitos imigrantes migravam internamente principalmente para novas colônias devido ao esgotamento de terras e formação de novos núcleos familiares. Uma pequena porção destas terras foi ocupada diretamente por imigrantes vindos da Itália e o restante para seus filhos, ou seja, descendentes dos italianos das colônias Caxias, Dona Isabel e Alfredo Chaves. A colônia Guaporé situava-se próximo ao rio Taquari e foi uma das primeiras colônias fundadas no Rio Grande do Sul, com uma área total de 180.000 hectares (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Giron e Herédia (2007) também destacam que a localização da colônia Guaporé se situa entre os rios Carreiro e Guaporé, afluentes do rio Taquari. Essa proximidade das colônias favoreceu a imigração interna de várias famílias a partir de 1892, ultrapassando a margem direita do Rio Carreiro, afluente do rio das Antas, assim como os limites do rio

Guaporé, afluente do rio Taquari-Antas, originando o povoamento e colonização das áreas de Guaporé e Encantado. As colônias foram fundadas com o mesmo sistema das colônias alemãs, caracterizadas pela pequena propriedade rural (DE BONI; COSTA, 1982; CASTOLDI, 2016).

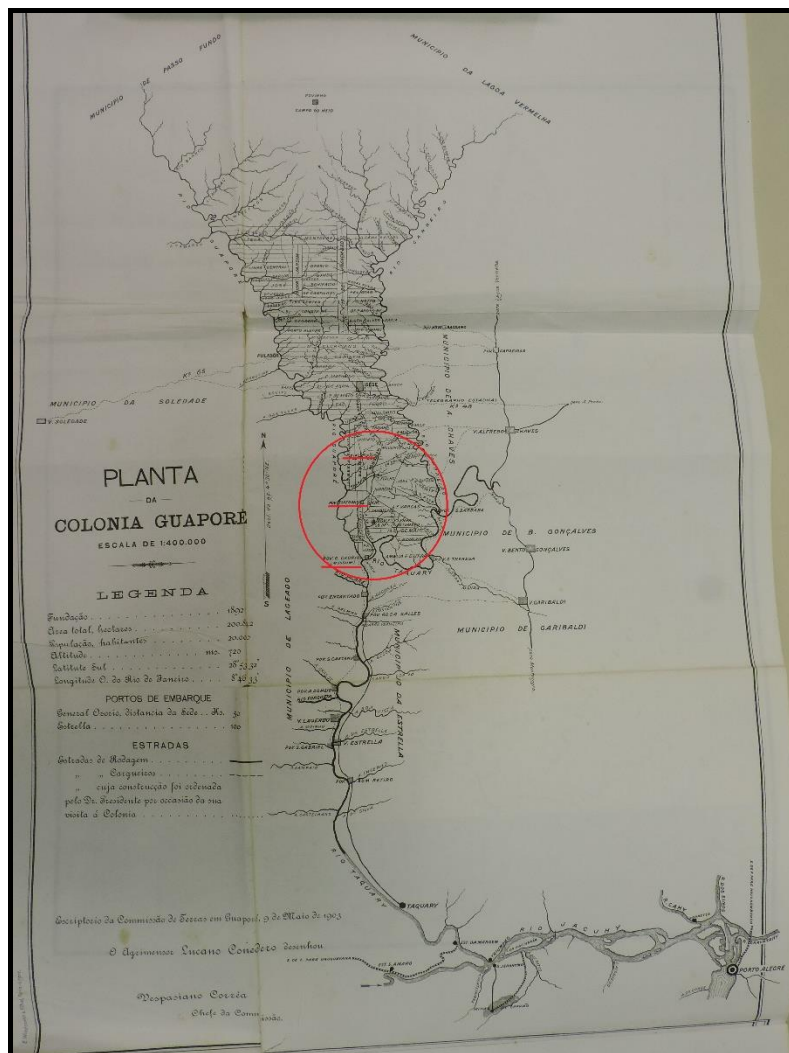
Karam (1992) também destaca em sua obra a ocupação das famílias por seus sobrenomes em terras pertencentes à colônia Guaporé a partir de 1892. Neste registro tem-se a quantidade de famílias que chegavam à colônia Guaporé e os auxílios que recebiam ao estabelecerem-se nas terras, como ferramentas e sementes (KARAM, 1992, p. 102):

Linha 1º de março – Data de Concessão dos lotes variam entre 1892-1893 – Colônia Guaporé. Famílias vindas em 1892: Peletti, Zanini, Zanchet, Melini, Stella, Capitaneo, Casteli, Polo, Franco, Vanzin, Trentin, Golini, Tanioso, Bonarigo, Frossa, Zanin, Faccin, Geroldi, Finato, Botarello, Rossi, Finatto, Tirelli [...]. ao todo 91 famílias. A maioria recebeu ferramentas e sementes e o valor auxílio-casa comportava 125\$000 réis.

Conforme o relatório do cônsul Pietro Antonelli de 1899, a colônia Guaporé foi fundada em 1892, situava-se distante 50km da antiga colônia Alfredo Chaves, tinha grandes bosques, estradas de difícil acesso e encontrava-se sobre uma colina com 500m acima do nível do mar. A população nesta época contava com 6.642 pessoas, sendo 5.333 italianos (BOLETIM DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS NO EXTERIOR, 1899, p. 13). No ano seguinte, o cônsul Enrico Ciapelli trata a colônia Guaporé como um núcleo ao sul da colônia Alfredo Chaves mais isolado com características montanhosas, com muitos rios e arroios, sendo nenhum navegável (BOLETIM DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS NO EXTERIOR, 1900).

Segundo Balbinot e Tedesco (2015), a delimitação da Colônia Guaporé perpassa os rios Carreiro, Guaporé e Taquari com seus principais distritos: Marechal Osório, Esperança e Dendorópolis, conforme se pode observar destacados em vermelho no mapa (FIGURA 48). Localizada na Serra Geral, a colônia possui com relevo bastante acidentado, presença de estradas irregulares e vias fluviais com quedas de água e correntezas, fatores que dificultavam o escoamento de produtos por via marítima. Entretanto, o relevo altera-se quando chega às margens do rio Taquari, permitindo o desenvolvimento de grande atividade portuária, em especial no Porto de Muçum, que teve, durante quase um século, grande circulação de pessoas e produtos.

Figura 48 – Mapa da colônia Guaporé e seus distritos



Fonte: adaptado a partir de Karam (1992, p. 72)

Com a demarcação da colônia na proximidade ao rio Taquari e também das espacialidades de Lajeado e Encantado, a colônia Guaporé apresentava uma produção econômica relevante. Ressalta-se que a porção sul da colônia Guaporé, delimitada pelo rio Carreiro e Guaporé, designou-se 3º distrito de Lajeado pelo ato municipal de 1898 (BALBINOT, 2014). Interessante ressaltar que a referida colônia estava dividida entre a parte norte e sul. Na parte ao norte integrava o município de Passo Fundo e parte sul integrava o município de Lajeado. Assim, a parte sul da colônia Guaporé analisada e apresentada é a que integra esta tese, a qual está representada pelo círculo vermelho do mapa anterior.

Uma demanda que se necessitava na época era uma ligação entre Soledade, Passo Fundo e os portos do rio Taquari, com a abertura de estradas até o município de Lajeado

distante 66 km, em que se tem o porto fluvial mais próximo. No relatório da Secretaria de Obras de 1897, encontra-se a seguinte informação: “A distância da sede do núcleo de Guaporé ao posto de Lajeado é de 66 a 68 quilômetros, dos quais 30 são de mata virgem, visto serem terras particulares e por onde a estrada terá de atravessar, por não haver outra direção” (RELATÓRIO da Secretaria de Obras de 1897, f. 83). Outro dado interessante também registrado por Borges de Medeiros apresenta que a sede da colônia Guaporé tinha 62km e 270 metros de estrada de rodagem da colônia Encantado (MENSAGEM 20/09/1900, p. 18).

O cônsul Enrico Ciapelli relata que a colônia Guaporé já contava com 8.835 pessoas, sendo 101 lotes ocupados e outros 323 disponíveis (BOLETIM DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS NO EXTERIOR, 1900). Nas informações enviadas pelo presidente da província Borges de Medeiros destaca que “[...] no futuro núcleo de Guaporé acham-se também discriminado para mais de duzentos mil hectares ou oito mil lotes coloniais, prontos a receberem os colonos ocupantes que se enviarem” (MENSAGEM 20/09/1900, p. 24). Fica claro com estas informações a disponibilidade de terras mencionadas pelo presidente da província que podiam ser ocupadas na colônia Guaporé ainda no início do século XX.

Costa et al. (1997) destaca que Guaporé encontrava-se na parte alta do Taquari e o território era bastante acidentado e constituído de terras de matos situados na região do planalto com vales férteis. Contava com vários distritos que estavam localizados na parte sul pesquisada desta tese como Esperança (hoje Vespasiano Corrêa), General Osório (Muçum) e Deodorópolis (Dois Lajeados). Giron e Bergamaschi (2004), sobre estes distritos informam que em Esperança existiam negociantes italianos e uma sociedade de Mútuo Socorro; General Osório possuía relevância por estar bem localizada próxima ao rio Taquari e ter seu porto o recebimento e comercialização de artigos da região. O transporte de madeiras era realizado por balsas até General Osório e o comércio da madeira na região era uma forte riqueza desta colônia italiana.

Giron e Herédia (2007) destacam que o distrito de General Osório se encontrava ligado a Guaporé e Esperança pela Estrada Borges de Medeiros, que se situava à margem direita do rio Taquari-Antas, e à esquerda do rio Guaporé. Depois, foi denominado de “Mussum”, nome que corresponde ao atual município de Muçum. Mas a colonização de fato ocorreu no ano de 1888, com a presença de imigrantes italianos, franceses, poloneses e alemães, que ocuparam, no marco inicial de colonização, as linhas 28 de setembro e Esperança (CASTOLDI, 2016). Balbinot e Tedesco (2020) informam que 3º distrito da

colônia Guaporé de General Osório foi formalmente estabelecido pelo ato n° 12, de 20 de janeiro de 1904 e reuniram-se diversos membros para sua inauguração (FIGURA 49).

Figura 49 – Inauguração do distrito de General Osório



Fonte: Arquivo Municipal de Guaporé

No dia da inauguração é possível observar que muitas pessoas participaram ostentando diversos instrumentos musicais, o que faz acreditar que foi um momento importante para a localidade. Os limites territoriais do distrito foram:

3° distrito – General Osório. Norte, com o 4° distrito, partindo do rio Guaporé rumo L/O pelas laterais dos lotes n° 5, 6, 13 e sobra G, respectivamente, das linhas Guaporé e Esperança até encontrar o arroio da Braba e por este acima até os fundos da linha Vitorino Monteiro e pelos fundos desta linha até encontrar a lateral da linha D. Izaura, lote n° 12, e subindo pela mesma linha até entestar com os fundos da linha Nossa Senhora de Lourdes. Seguindo pela mesma até encontrar um afluente do lajeado Veado, seguindo por este lajeado até o rio Carreiro. Sul, com o rio Taquari. Oeste, pelo rio Guaporé. Área total de 167 Km<sup>2</sup> (Balbinot; Tedesco, 2020, p.46-47).

Outra questão economicamente estratégica foi o Porto Fluvial de Muçum ligando a produção e os mercados consumidores mais distantes. O agente consular Petrocchi registrava a localização do porto e sua distância da colônia Guaporé: “[...] o Porto Fluvial de Mussum,

no rio Taquary, da qual a vila fica a somente 50 quilômetros<sup>61</sup>” (tradução nossa BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1904, n.18, p. 11).

A proximidade entre as colônias de Encantado e Guaporé tinha por objetivo a ligação e circulação dos produtos, e claro, a fundação dos núcleos populacionais. A estrada de Guaporé à Encantado foi concluída em 1903 e recebeu o nome do presidente da província - Borges de Medeiros, tendo a largura de seis metros e atravessava as povoações de Guaporé, Esperança e Muçum. Para a construção desta estrada a força principal utilizada era braçal dos colonos que trabalharam nesta obra e todo o trabalho foi descontado da dívida de seus lotes coloniais e auxílios prestados com o Estado para sua instalação (KARAM, 1992).

A colônia Guaporé passou a ser município em 11/12/1903. Segundo o Boletim da Emigração destaca:

O presidente do Estado, Borges de Medeiros, com decreto em **data 11 dezembro de 1903, constitui em vila o núcleo Guaporé**, sido fundando em 1892, a 720 metros do nível do mar. [...] Esse novo município faz fronteira com os municípios de: Passo Fundo, Soledade, Lajeado, Estrela, Garibaldi, Alfredo Chaves e Bento Gonçalves. Na vastíssima superfície de 200.842 hectares, vivem já cerca de 20.000 conterrâneos, quase todos agricultores, e que, na paz e na atividade de um tranquilo trabalho, atendam à cultura dos lotes de terras adquiridas, e da construção de belíssimas estrada traçada em direção da localidade acima mencionada e para o porto fluvial Mussum, no rio Taquari, da qual a vila fica a cinquenta quilômetros <sup>62</sup> (tradução e grifo nosso, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1904, n. 18, p. 11).

Estas informações apresentadas afirmam a criação do município de Guaporé, localização, limites e suas características ambientais. Outras frações referentes ao território de Guaporé como os distritos já mencionados são encontrados em documentação. A picada Boa Esperança, atual município de Vespasiano Corrêa, foi datada no ano de 1896. Depois, foi denominada somente Esperança, até tornar-se 4º distrito de Guaporé. Sobre essa passagem encontra-se no Boletim da Emigração de 1904 colocando Esperança como “reside esta pequena vila na estrada do Guaporé que vai ao porto fluvial do rio Taquari e distante da sede do município 34 quilômetros”<sup>63</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1904, n. 18,

<sup>61</sup> [...] *il porto fluviale Mussum, sul Rio Taquary, dal quale la villa dista soli 50 chilometri.*

<sup>62</sup> *Il presidente dello Stato, dott. Borges de Medeiros, com decreto in data 11 dicembre 1903, constitui in villa il nucleo Guaporé, stato fondato nem 1892, a m. 720 sul livello del mare. [...] Questo novo município confina con i comuni di: Passofundo, Soledade, Lageado, Estrela, Garibaldi, Alfredo Chaves e Bento Gonçalves. Nella sua vastissima superficie, di 200,842 ettari, vivono cerca già di ventimila nostri connazionali, quasi tutti agricoltori, e che, nella pace e nella attività di un tranquillo lavoro, attendono ala coltura dei lotti di terraacquistati, e dalla costruzione di bellissime strade tracciate in direzione delle località sopraddette e verso il porto fluviale Mussum, sul rio Taquary, dal qualle la villa dista soli 50 chilometri.*

<sup>63</sup> *Resiede questo piccolo villaggio sulla strada che dal Guaporé va ai porti fluvial del rio Taquary, e dista dalla sede del município 34 chilometri.*

p. 15). Somente no ano de 1907, foi colocada a denominação definitiva de Vespasiano Corrêa (FERRI, 1988).

Outra espacialidade da colônia Guaporé era Deodorópolis e que, conforme Karam (1992), recebeu este nome para homenagear Marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Esta área pertencia ao antigo povoado de Esperança, no terceiro distrito de Guaporé e foi criada no dia 1º de julho de 1907. Os primeiros moradores em Deodorópolis eram comerciantes de madeiras e tornaram a atividade madeireira uma rede de comércio predominante na região, em que se encontram diversas serrarias (CASTOLDI, 2016). O povoamento de Deodorópolis começou do Norte em direção ao sul, com linhas situadas nos dois lados da estrada Borges de Medeiros.

Assim, percebe-se que toda a ocupação do território de colonização italiana nas margens e ao norte do rio Taquari é uma expansão das antigas colônias fundadas em 1875. É interessante observar que a ocupação das terras sempre seguiu o critério de seguir e colonizar as terras em direção norte, assim que os imigrantes iam chegando (FROSI; MIORANZA, 1975). A colonização foi destinada para ocupação de terras e o trabalho agrícola modificou a fisionomia tanto natural como pela distribuição de terras, as quais vão ser tratadas no capítulo 6.

Com base nos dados apresentados sobre as espacialidades ítalo-brasileiras faz-se alguns confrontos pertinentes deste capítulo. Inicialmente é notável ressaltar que tratar-se de espacialidades e territórios que dialogam com caracterizações da geografia e da História Ambiental. Apresentou-se diversas informações sobre a configuração do ambiente “ítalo-brasileiro”, destacando o fator da emigração entre ambos territórios. Assim, quando buscou-se analisar esta proposta e sua formação territorial a primeira similaridade se refere a formação geográfica “norte” tanto ítala como próximas ao rio Taquari, áreas onde viveram os italianos e seus descendentes. Por isso, foi pertinente abordar “espacialidades ítalo-brasileiras”.

Entende-se também que os movimentos (e)migratórios internos no norte europeu ocorriam no norte italiano principalmente no inverno, dificultados pelos trabalhos realizados no período do frio e a neve. De certa forma, a continuação da expansão territorial da imigração italiana e os movimentos migratórios internos foram da mesma forma presentes nas espacialidades ao norte do rio Taquari. Migrar já fazia parte da vida dos italianos e a busca pelas novas terras e cultivo são existentes entre ambas territorialidades.

É de suma importância o destaque do elemento natural – o rio Taquari, para os territórios que surgiram em suas proximidades. Da mesma forma, a presença de um rio torna-se uma similaridade em relação aos territórios italianos. Desta forma, as demarcações territoriais das terras adquiridas pelos imigrantes italianos e descendentes, tanto por este rio como seus afluentes Fão, Forqueta, Guaporé, Jacaré e demais, são presentes no decorrer deste estudo. Além do mais este principal rio foi relevante para a chegada destes imigrantes e da mesma maneira posteriormente para as atividades econômicas.

Na comparação de dimensão de território entre ambas espacialidades onde viveram os italianos e seus descendentes, as regiões do norte italiano apresentam em torno de 55.830km<sup>2</sup> e ao norte do rio Taquari em torno de 3.400km<sup>2</sup>. Neste aspecto comparativo evidencia-se que a proporção territorial norte italiana é muito maior que o norte do rio Taquari, mas deve-se considerar que a densidade demográfica italiana era alta e desde as primeiras emigrações a partir de 1875 a 1920 emigraram em torno de 6 milhões de italianos para o Brasil (TRENTO, 1988). Do outro lado do Atlântico as terras localizadas ao norte do rio Taquari como apresentou-se, embora contando com a presença indígena, cabocla e de negros alforriados, eram consideradas “desabitadas” e deveriam ser ocupadas.

Nas espacialidades ítalo-brasileiras o fator terra também é importante mencionar. Isto é, a pequena propriedade e a pequena e média locação aconteciam nas regiões do norte italiano, o qual eram também praticadas as parcerias. Isto aconteciam principalmente nas regiões de pé de montanha e nos Alpes. Já as grandes propriedades e as culturas extensivas caracterizam-se nas planícies. O colono imigrante italiano e também seus descendentes quando chegam ao Rio Grande do Sul e nos territórios ao norte do rio Taquari, deparam-se com áreas para serem ocupadas com uma proporção territorial de 15 a 25 hectares. Portanto, a dimensão territorial das terras era muito diferente, sendo que quando chegaram são de três vezes maiores.

Também é interessante analisar que os propósitos e interesses políticos em ambas espacialidades ajudam a compreender a formação territorial: a emigração para os italianos era uma maneira de melhorar de vida e conseqüentemente a Itália e seus portos ganhavam lucros. No Brasil ocorria a presença de indígenas e escravizados, mas pensava em colonizar as terras, aumentando assim a produção econômica. Além do mais, os fatores históricos e condições sociais já mencionados como a Unificação Italiana (1860-1870) e a Primeira Guerra Mundial aliaram-se as políticas de colonização no Brasil elencadas pelo Império Brasileiro. A situação de instabilidade política territorial colocava vênets, lombardos e trentinos a buscar outras

terras onde os esquemas socioeconômicos não fossem tão díspares quanto na Itália (FROSI; MIORANZA, 1975).

As denominações territoriais nas espacialidades ítalo-brasileiras do território emigrado e do encontrado eram diferentes. Quando os italianos emigraram saíram de uma Itália recém unificada que passava por mudanças territoriais, altos impostos, pobreza e industrialização. Após a Unificação em 1870, a Itália foi dividida em “regiões” e dentro de cada região haviam suas subdivisões “províncias”, bem como suas *comune*. Diferentemente, o Brasil no momento da emigração era império até 1889 e contava com suas divisões territoriais - províncias, como os territórios da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Após a Proclamação da República todas as províncias foram transformadas em estados. Neste contexto as terras próximas ao rio Taquari tinham inicialmente a formação territorial das colônias, divididas em linhas e travessões para ocupação e após a emancipação em municípios com seus distritos que se sobrepõem e desconsiderou estes traços demarcatórios.

Todas essas passagens de transformações territoriais do ambiente politicamente foram vivenciadas pelos italianos e descendentes. Mesmo não sendo formações territoriais iguais, acredita-se que não ocorreram problemas de adaptação dos imigrantes italianos e descendentes, pois conviveram dentro dos territórios com seus elementos naturais. Para Worster (1991) as ciências naturais são instrumentos indispensáveis para o historiador ambiental, que precisa sempre começar com a reconstrução de paisagens do passado, verificando o antes e o depois que as sociedades humanas viveram e modificaram.

## 5 QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E ECONÔMICAS NOS TERRITÓRIOS ÍTALO-BRASILEIROS

*J – A senhora veio com 4 anos da Itália?*

*R – Da Itália sim e depois viajemo de navio, fizeram passaporte tudo, tiraro tudo os filho. Nós era em 7 irmãos com eu e o pai e a mãe.*

*J – E a senhora nasceu aonde lá na Itália? Como que era o nome do lugar?*

*R – Verona.*

*J – E a senhora lembra assim como que era lá? Porque vocês saíram de lá?*

*R – Sairo de lá porque o pai disse que lá nois não dava pra vive, tinha muita pouca terra e filho lá uma vez tu sabe tinha, tudo queria filho, queria filho, quando pra fim enchia de filho e não tinha terrero pra trabalha, pra dá de comida! [...] muita gente lá na Itália tinha, tinha bastante gente lá. Muita gente e poca terra! Não dava pra vive e o pai disse: “vamo morre de fome aqui, já temo passando um poquinho que vamo pra melhor!” (E7, 29/08/17. p.2).*

O presente capítulo apresenta do ponto de vista histórico, social e econômico a região norte italiana e os territórios ao norte do rio Taquari no que se refere às questões migratórias e socioeconômicas. É válido salientar que um conjunto de fatores influenciaram fortemente os movimentos (e)migratórios dos italianos e descendentes, e por isto analisou-se o contexto e condições que viviam os italianos na primeira metade da década de 1870 e no após 1875 as condições de vida no sul do Brasil e ao norte do rio Taquari. São inúmeros trabalhos que tratam sobre a imigração italiana e o Brasil, em particular regiões sudeste e sul. Porém neste capítulo, procurou-se tratar a História Ambiental da imigração italiana e dos seus descendentes entre os territórios ítalo-brasileiros contemplando neste contexto aspectos

relacionados a Unificação do Estado Nacional Italiano, os tipos de emigração e a política de terras até os antecedentes da Primeira Guerra Mundial.

### **5.1 Contexto sociopolítico e histórico entre Itália e Brasil**

Para o entendimento do contexto histórico e (e)migratório entre Brasil e Itália apresenta-se alguns aspectos vivenciados pelos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes durante o século XIX nos territórios pesquisados. É significativo perceber as motivações daqueles que aderiram à ideia da emigração para a América e conhecer os elementos e ações que envolveram o ambiente, como também o contexto político e econômico da época. Assim, quando contextualizamos o ambiente estamos abrindo possibilidades de uma pesquisa interdisciplinar e de diferentes fontes, quando o historiador ambiental reconhece “os atos humanos dentro de uma rede de relações, processos e sistemas que são tão naturais, quanto são culturais” (ESPINDOLA, 2012, p. 169).

Compreende-se que as condições ambientais vividas estiveram entre as razões da emigração e também provocaram mudanças socioambientais nos territórios transoceânicos. Neste sentido que Pádua (2010, p.83) salienta que na perspectiva da História Ambiental é fundamental o “entendimento do mundo natural e de seu lugar na vida humana”. Assim, é que nesta pesquisa analisa-se os marcos cronológicos ítalo-brasileiros mais amplos e difusos para compreensão, em que a natureza passou por processos de construção e reconstrução no decorrer do tempo e da ação humana, ou seja, dos italianos, os imigrantes italianos e descendentes que produziram ações no mundo natural.

No contexto econômico Itália e Brasil se encontravam em situações distintas na economia internacional. Antes e durante a Unificação (1861-1870) Gooch (1991) destaca que a Itália pode ser considerada um Estado Nacional agrícola que tinha um contexto socioeconômico e político em fortes indícios de imigração e uma economia atrasada perante outros países Europeus. A Europa passava por transformações de ordem econômica decorrentes dos efeitos da Revolução Industrial inglesa, e essas alterações afetaram as sociedades europeias, obrigando-as a passagem da sociedade rural para a sociedade urbano-industrial, enfrentando competições de mercados.

Considerando o desenvolvimento econômico apresentado por Nafziger (2006) que se entende o crescimento e também as dificuldades acompanhadas por mudanças na distribuição e estrutura econômica. As mudanças podem incluir na melhoria do bem estar da população, do declínio ou aumento da agricultura e também nas atividades de indústrias e serviços. É um conjunto de elementos, que por ora afetava a sociedade ítala que procurava melhores condições familiares.

Somando-se a isso, os mercados externos tinham difícil penetração devido às altas tarifas impostas pelos Estados Nacionais e uma acentuada tendência a aplicar os lucros excedentes na terra, privando também as indústrias de um investimento necessário. As consequências da Revolução Industrial pressionaram os demais Estados Nacionais europeus na busca de uma modernização que garantisse o desenvolvimento econômico, difundido pelo modelo inglês. Além do mais, antes da Unificação Italiana, o campesinato passava muito mal com os altos impostos sobre os cereais e a terra (PUTNAM, 1996).

Já o Brasil, na segunda metade do século XIX e no governo do imperador Dom Pedro II (1844-1888) desejava aumentar a produção agrícola nacional recorrendo ao projeto imigratório que consistia na importação de colonos europeus. Mudanças de sistemas políticos como na Itália – a Unificação Italiana, e no Brasil do Império a República, também foram momentos de experiência que os imigrantes italianos e seus descendentes vivenciaram com processos de ideais políticos liberais associados também a economia.

Na Itália a agricultura sofreu concorrência dos cereais americanos e russos, do arroz e bicho-da-seda asiáticos. Como resultado, a produção agrícola entrou em crise afetando os camponeses e proprietários de terras. Concomitante ocorreu o crescimento dos setores agroalimentares e o surgimento de novas indústrias como siderúrgicas e mecânicas (BERTONHA, 2005). No Brasil, com a expansão da colonização e o liberalismo, foi estimulado atividades econômicas, tais como construção de estradas, melhorias de portos, promoção da emigração de colonos europeus e aperfeiçoamento da mineração. Juntamente com isso, houve o crescimento da pequena propriedade que promovia excedentes familiares bem como o crescimento regional (PRADO JÚNIOR, 1972).

Iniciados com o projeto de Dom João VI em ter um império autônomo e independente a imigração precisava assim contar com toda uma estrutura. A emigração de colonos não-portugueses representava uma solução ideal, aliados aos propósitos liberais e a pequena propriedade com trabalhadores livres. A política nova de emigração iniciada com os suíços no Rio de Janeiro, em 1819, trouxe posteriormente diversos grupos, entre eles o italiano.

Um dos fatores políticos do cenário italiano foi a Unificação Italiana. Este processo já apresentado anteriormente, objetivava a formação Estado-nação. Os velhos impérios cederam lugar a novos estados que congregaram populações etnicamente distintas e que estavam em jurisdição de Estados Nacionais muitas vezes diferentes. Considera-se este um fator que impulsionou o fluxo migratório juntamente com a grande depressão econômica em que a Europa se encontrava.

Toda essa migração representa três quartos de localidades não distantes entre si e caracterizadas ao norte da Itália como: no *Vêneto* províncias mistas como Vicenza, Treviso e Verona e montanhosa de Beluno; na *Lombardia* – Cremona, Mantova, parte de Brescia e Bergamo e em *Trentino Alto-Ádige*, no Trento (CONSIGLIO REGIONALE DEL VENETO, 2003). Franzina (2006) reforça a ideia que após a unificação da Itália não ocorreram situações específicas de mudanças da agricultura, e neste caso apresenta a região do Vêneto. A região era subdividida em duas grandes partes, abrangendo suas oito províncias: o primeiro setor correspondia Vicenza, Treviso, Beluno e Udine, com planícies não irrigadas, de colina, de alta colina e de montanha. Vigorava a pequena propriedade e a pequena e média locação. Já a segunda tinha as províncias de Verona, Rovigo, Pádua e Veneza com uma faixa de planície do rio Pó, com obras de drenagem e de modernização hidráulica. Eram propriedades maiores e com culturas extensivas.

Como retratou-se em outro momento, o Vêneto passa a pertencer ao Reino Italiano em 1866, mas o sentimento de pertencimento dos italianos não era recorrente. Conforme Beneduzi (2004), a maior representação identitária territorialmente aconteceu em relação aos *paese* (localidade). Ou seja, após a unificação o italiano identificava-se ao seu pequeno núcleo, o território de origem e as representações coletivas do grupo (VENDRAME, ZANINI, 2014). Mesmo com a Unificação as relações entre administração pública e indivíduos pouco mudou, continuando ainda a exploração das classes dominantes. A situação da propriedade também não teve mudanças, com acessos restritos e relações de trabalho com é o caso da semisservidão.

Ainda em relação ao Vêneto após 1866, Franzina (2006) aponta que sua incorporação a Itália estava vinculada aos fluxos migratórios dos vênets até o final do século XIX. Primeiramente pela passagem de uma migração tradicional à nova – temporária a permanente, envolvia sobretudo os camponeses considerados pequenos proprietários e meeiros. Isto era favorecido pelos expoentes do mundo liberal de Gênova e a disposição dos governos sul-americanos pela sua mão de obra.

Também os problemas existentes na região estavam relacionados aos efeitos de transformação sofridos pela agricultura antes do processo do *Risorgimento*: novos contratos, novos proprietários, incapacidade de modernizar a agricultura e crise dos pequenos proprietários. Outras situações sociais que perpassavam as regiões norte ítalas, conforme Vendrame (2016), foram mediados pela justiça, como dívidas, perseguições e prejuízos morais e materiais.

Associado a este contexto de pós-unificação, o território da Itália era atravessado por ideias anticlericais e dominado pelas intenções antirreligiosas de seus governantes liberais. Durante o processo de constituição do Estado italiano, a Igreja católica teve seus domínios territoriais extintos. A derrubada da Porta Pia e a tomada de Roma pelas tropas comandadas por Giuseppe Garibaldi, em 1870, colocaram fim ao poder temporal do papa. Foi em defesa da conotação leiga do Estado que grupos anticlericais passaram a contestar funções políticas e sociais dos clérigos junto à população italiana. Por outro lado, os representantes da Igreja católica faziam críticas às mudanças, objetivando retornar à sua posição anterior às disputas do *Risorgimento* (VENDRAME, 2017b).

A insatisfação contra as novas leis do Estado italiano, especialmente com a criação de certos impostos, da mesma forma mobilizou os camponeses do norte da península na segunda metade do século XIX. Na região do Vêneto, nas pequenas comunas rurais, os padres aparecem como agentes que alimentavam o espírito revolucionário entre os camponeses descontentes com as exigências do Estado. As transformações institucionais, legislativas e econômicas que marcaram a Itália pós-unificação começaram a “revolucionar a ordem social no campo”.

As primeiras manifestações de contestação às mudanças legislativas do Estado foram as revoltas anti fiscais. Uma primeira revolta foi a “*tassa sul macinato*”<sup>64</sup>, durante os anos de 1868 e 1869 em todo território peninsular, contra um imposto criado para taxar a moagem de grãos e cereais. Este imposto tinha como objetivo contribuir na reorganização das finanças públicas italianas. As rebeliões envolviam principalmente os camponeses e *braccianti* que invadiram moinhos e tentaram assaltar proprietários juntamente com protestos aos prédios públicos no centro das comunas. Tendo ocorrido com intensidade variada nas diferentes províncias italianas, a região do Vêneto não presenciou confrontos tão violentos e com

---

<sup>64</sup> Triturado.

mortes, a exemplo do que aconteceu na comuna de Reggio Emília. Todas essas manifestações foram duramente reprimidas (MARONGIU, 2009).

Com os efeitos das taxas, ocasionou um forte aumento sobre o pão e em geral dos derivados dos grãos e outros cereais. Se de um lado, as taxas ajudariam nos impostos, de outro gerou descontentamento das classes mais pobres (MARONGIU, 2009). Paralelamente com esta situação, Vendrame (2017b) aponta que muitos grupos pretendiam emigrar da Itália na década de 1870 e os padres eram suspeitos de atuarem como agentes da emigração nas comunas rurais, fazendo propaganda de deslocamento e incentivando tumultos públicos. Assim, enquanto determinados padres orientavam os paroquianos a protestar junto às autoridades públicas, outros procuravam acalmar a população em favor da ordem pública.

Concomitante outras condições sociais também refletiam sob as famílias. Além de toda situação já mencionada, o norte da Itália enfrentava doenças epidêmicas, entre as principais era a pelagra (AZEVEDO, 1975). Essa doença tinha sintomas gastrointestinais e nervosos, causados pela precária alimentação. Sobre isto o entrevistado italiano E24 da província de Cremona, região da Lombardia cita:

*A – Sim. Assim cebola orgânica, pão, queijo. Depois de tarde retornavam se era quente e massa não tinham não, se comia sempre estas coisas aqui. A noite sopa com as verduras da horta, a polenta...*

*J – Mas polenta era...*

*A – Era de base. Depois tinha uma doença que matava, a pelagra data de escassez das proteínas, etc., etc. Que produzia sonolência e fraqueza.*

*J – Como uma anemia?*

*A – Sim. A pelagra acho que nos oitocentos, matou quem se alimentava deste tipo de alimentação. Eu me lembro que já começou a estar um pouco melhor nos anos 50 e então as pessoas iam comprar salame, queijo<sup>65</sup> (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 18).*

As informações fornecidas pelo interlocutor direcionadas a pelagra atesta a provocação de sintomas que levava a morte. Juntamente com a presença do frio e umidade na região norte e uma dieta baseada praticamente em milho e cereais, principalmente com a polenta, provocou um grande surto de pelagra e malária, atingindo toda a Itália. Nas províncias de Veneza e Treviso, 10% da população sofreram pelagra, uma doença causada pela carência de vitamina que provoca dermatite, disenteria e a morte.

---

<sup>65</sup> *A – Ecco. Così cibolla con organico, pane, formaggio. Poi il pomeriggio tornavano si anche era caldo e pastaciusta non teneva non, si mangiava sempre queste cose qua. La sera minestra con le verdure del'orto, la polenta... J – Ma polenta era... A – Era di base. Poi c'era una malattia che matav, la pelagra data della scarsità dei proteine, ecc., ecc. Che produceva sonolensa e passia. J – Come una anemia? A – Sì. La pelagra penso nel 800', colpì chi mangiava queste tipo di alimentazione. Io mi ricordo che già si cominciava a stare un po' meglio nel anni 50' e quindi si andava a comprare salumi, formaggi.*

Ainda sobre a pelagra, a emigrante ao norte do rio Taquari relata que na província de Verona, de onde emigrou tinha uma grande *malattia*<sup>66</sup>, chamada de “pelagra”. Isto ocorria pela falta de comida e uma das principais alimentações era somente a polenta e ficavam muito fracos e desnutridos, nos quais muitos morreram. Existiam poucos remédios e somente se benziam para tentar a cura (D7 de 20/07/17).

Outras dificuldades enfrentadas pelos italianos remetiam-se aos invernos rigorosos. No frio do inverno era muito presente o convívio familiar nas estrebarias, momentos de interações culturais já que não era possível realizar os trabalhos agropecuários. Além do mais, as questões de sociabilidades aconteciam na maioria das vezes durante a época invernal, como as comemorações de São Nicoló e Santa Lúcia, bem como os personagens da Epifania – Befana, Menino Jesus e São Tomás, responsáveis pelos bons atos feitos pelas crianças (BENEDUZI, 2004).

Festividade profanas ou religiosas como o Carnaval também era vivenciado durante o inverno, com brincadeiras, danças, máscaras e o doce *frittelle*<sup>67</sup>. Em seguida a Páscoa, com celebrações da Paixão de Cristo, com o hábito de apanhar ovos para serem fervidos, pintados e comidos no domingo de Páscoa. Assim, acreditavam que ingerindo tinha-se uma libertação espiritual. Na primavera várias percepções espirituais eram vividas pelos camponeses e ritos em especial eram destinados a questões de fertilidade, seja para a terra e família. Nestas comunidades os braços eram fundamentais para a produção familiar e natalidade era representada como diferencial da vida ou da morte (BENEDUZI, 2004).

Durante a pesquisa no norte italiano surgiram várias passagens nos discursos dos interlocutores que foram remetidas ao dia de São Martinho. Esta data acontece no dia 11 de novembro e faz parte da tradição camponesa, marcando o início do ano agrícola e as boas produções. Por isto, os camponeses doavam parte de sua produção ao santo protetor. Também era o marco da venda e troca dos animais domésticos nas feiras comunais (PERCO, 1986;1987).

Segundo o entrevistado italiano E17 na província de Beluno, região do Vêneto, esta data retratava um momento difícil na vida dos camponeses, pois tinham que entregar produtos e transferiam-se para outras terras:

---

<sup>66</sup> *Malattia* – doença.

<sup>67</sup> *Frittelle* - São roscas venezianas preparadas na época do carnaval.

*B – Uma vez o dia de São Martinho trocavam, isto é, quando um tinha era sobre este poder digamos esta fazenda talvez o dono dizia é o suficiente, não mais aqui, então aquele transfere qualquer outra parte e o dia de São Matinho.*

*J – E que dia é este?*

*C – É novembro....11 de novembro.*

*A – Sim, 11 de novembro, uma data drástica para os colonos.*

*C – Era próprio, era difícil<sup>68</sup> (tradução nossa, E17, 12/12/18, p. 3).*

Também na região da Lombardia encontrou-se informações na entrevista E24 na região da Lombardia que se remete ao dia de São Martinho, como a renovação dos contratos em uma *cascina*:

*O contrato que era sempre extremamente injusto com o camponês, o dono podia mandar embora em sua parte uma família quando queria. São Martinho tinha de quando o contrato de um ano, depois um ano o dono podia manda-lo embora. Eu via uma família com o carro, os bois ou com suas poucas coisas e todos tristes com os filhos iam em outra cidade e cascina, procuravam trabalho sim!<sup>69</sup> (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 6).*

Desta forma, o dia deste santo estava relacionado ao ambiente rural que se encontravam os italianos bem como temporalmente representavam épocas das atividades agropecuárias. Ao mesmo tempo que era uma data importante também era direcionado a momentos de dificuldades em encontrar novas terras para o trabalho.

Do outro lado do Atlântico, o contexto histórico e político do Brasil a partir do século XIX pode-se dizer que foi igualmente um período de transformações políticas, territoriais e socioeconômicas. Com a independência em 1822 e após um Brasil Império marcado pelos seus imperadores Dom Pedro I, um período de regência e posteriormente com Dom Pedro II, os principais interesses estavam voltados para o desenvolvimento econômico.

Toda essa projeção desenvolvimentista estava associada a “Crescimento econômico”, “modelo de evolução” e “progresso”, que competitivamente com outros Estados Nação era necessário obter. É o que o economista Celso Furtado (1974;1979) chama do mito do desenvolvimento, a miragem do crescimento econômico rápido que também como fantasia, destruiu recursos naturais, agrava disparidades de renda e ainda produzia uma homogeneização cultural danosa. Com as atividades econômicas e conseqüentemente a

---

<sup>68</sup> *B – Una volta il giorno di San Martino cambiavano, cioè quando uno aveva era su questo potere diciamo questa fattoria magari padrone diceva basta non di più qua allora quello trasferisce qualche naltra parte e il giorno di San Martino. J – E che giorno è questo? C – È novembre...11 di novembre. A – Sì 11 di novembre. Una data drastica per coloni. C – Era proprio, era brutto.*

<sup>69</sup> *Il contratto che era sempre estremamente ingiusto per il contadino, il padrone poteva mandare via a suo pezzimento una famiglia quando voleva. San Martino c'era la disdeta e contratto di un'anno, dopo un anno il padrone poteva mandarlo via. Io vedevo una famiglia con il carro, i buoi oppure con le sue poche cose e tutti triste con figli andavano naltro paese e cascina, cercavano lavoro ecco!*

acumulação do capital com participação da coletividade humana diversificava a produtividade e ao mesmo tempo deixava marcas lineares por suas atividades.

Dentro destas mudanças Prado Júnior (1972) enfatiza que no decorrer do século XIX o que mais modificou a fisionomia do país foi a reformas na distribuição das atividades econômicas. As principais foram o deslocamento das atividades das regiões do norte para o centro-sul e a decadência de lavouras tradicionais como a cana-de-açúcar, algodão e tabaco, mas o aceleramento da produção em grande escala do café.

Neste amplo aparato, a emigração e colonização foram amplificadas e tiveram objetivos políticos e militares. Povoar regiões tinham valores estratégicos juntamente com a proteção das fronteiras pela força humana, com os militares. Ademais, durante o Segundo Império surge a Lei de terras de 1850, tornando a imigração atraente e oferecendo a possibilidade de tornar-se proprietário de terras.

Os governos locais das províncias tinham o interesse de povoar e ocupar as terras e fomentar as atividades. No caso da Província do Rio Grande do Sul, havia um interesse na colonização e imigração, principalmente devido às fronteiras nacionais bem como o interesse na criação de núcleos coloniais, que pudessem desenvolver a policultura e estimular o desenvolvimento econômico da região. Desta forma, tornou-se uma estratégia fundamental para a distribuição de pequenos lotes de terras florestais aos imigrantes preservando assim, o latifúndio pastoril (ZARTH, 2002).

O cônsul Gerolamo Vitaloni apresenta detalhes sobre a produção e as atividades econômicas na província do Rio Grande do Sul:

Na zona marítima, parte do caminho de quinze léguas em toda a sua extensão e prolongamento, cultivados milho, cereais, amendoim, batata, cebola e alho em quantidade, criados muitas galinhas, vacas de leite, se fabricam pequenos queijos e também manteiga, os abandonam os animais suínos, preparam peixe salgado e outros gêneros de segundo consumo, como seria o mel, a cera e as frutas preparadas<sup>70</sup> (tradução nossa, BOLETIM CONSULAR, 1877, VIII, p. 156).

O cônsul descreve o quadro de diversidade econômica pelas atividades agropecuárias que eram praticadas na província durante o ano de 1877, momento inicial da imigração italiana ao sul do Brasil. Este registro dava o entendimento da prosperidade que as terras

---

<sup>70</sup> Nella zona marítima, per un tratto di circa de quindici leghe in tutta la sua estensione e prolungamento, coltivasi grano turco, farinacei, amendobim, patate, cibolle ed aglio in quantità, allevasi molto pallame, vacche da latte, si fabbricano piccoli formaggi ed anche butirro, vi abbondano glo animali suini, preparasi pesce salatto ed altri generi di secondari consumo, come sarebbe il miele, la cera, le frutta preparate.

sulinas podiam oferecer para produção. No decorrer do boletim impressiona-se com a quantidade de bovinos criados e a carne exportada.

Juntamente com a política de terras, tem-se, em 1888, o fim da escravidão que estimulou fortemente a emigração, quando a elite brasileira apoiava o sentido de branquear a população, os quais definiam a qualidade do imigrante europeu como melhor para atender os interesses sociais (IOTTI, 1996). Por outro lado, é importante salientar que o Brasil tinha braços para dar continuidade às atividades produtivas com os nacionais livres e os escravos, muitos dos quais estavam sendo libertos. Contudo, esta foi uma opção de poupar o investimento em escravos e o trabalho nacional para as funções essenciais, como as tarefas complementares ou perigosas (BEIGUELMAN, 1981).

Segundo Fávoro (2006, p.143) “no Rio Grande do Sul a imigração foi estimulada para substituir diretamente os escravos nas estâncias ou em outras atividades, mas principalmente estabelecerem como proprietários rurais”. Embora os imigrantes não tenham vindo para trabalhar no lugar dos escravos, contribuíram para o fim do escravismo na medida em que foram ocupando terras devolutas e produzindo seus gêneros (ZARTH, 2002).

Com a chegada dos italianos ao Brasil a partir de 1875 nas antigas colônias, os imigrantes italianos conheceram também mudanças de poder político a partir de 1889, como do Império para República e das províncias para estado. No Brasil republicano continua-se a larga evolução econômica do país em diversos setores voltados para a industrialização, melhoria nos transportes, rede telegráfica e exportação.

Entretanto, ainda no final do século XIX, muitos italianos e descendentes viram de perto a Revolução Federalista (1893-1895) que durou dois anos entre federalistas (maragatos) e republicanos (pica-paus) no Rio Grande do Sul. Os federalistas eram contrários ao sistema da república e queriam depor o governador Júlio de Castilhos. Já os ximangos eram do partido republicano (PRR) e estavam do lado do poder central, do nacionalismo e a modernização do país (BIAVASCHI, 2011).

Esta disputa política também teve respingos nas colônias italianas e participação de imigrantes e descendentes no conflito, os quais foram se inscrevendo em um dos lados do confronto e expondo as divergências locais das colônias de Conde d’Eu, Caxias e Alfredo Chaves. Em 1894, a colônia de Caxias foi invadida por 400 revolucionários comandados por Belisário Baptista de Almeida Soares, que saquearam o comércio e atacaram edifícios públicos, obrigando a população a se refugiar na zona rural. Na colônia Alfredo Chaves o

cenário foi de lutas sangrentas e vandalismo, quando muitas moradias foram saqueadas e depredadas. Os maragatos, depois de ocuparem o povoado, invadiram a casa paroquial e atentaram contra Dom Mattéo Pasquali (BIAVASCHI, 2011).

Muitos dos imigrantes e seus familiares durante a Revolução Federalista, se escondiam nas florestas com medo do confronto. Esta revolução, por sua vez, correspondeu a uma reação de um grande número de “coronéis” que não estavam dispostos a perder o monopólio do poder político estadual, afastados completa e repetidamente das proximidades do mesmo (BIAVASCHI, 2011).

Segundo Constantino (1996) o início do século XX foi um momento de construção da identidade italiana marcado pela influência do positivismo, uma ideologia predominante no Rio Grande do Sul. O governador Borges de Medeiros reforçava a imigração exaltando o imigrante italiano como “modelo” de cidadão produtivo, sendo segundo Constantino (1996, p.236) “necessário sepultar os tempos de guerra quando os ‘gringos’ participaram de agitações” da Revolução Federalista de 1893. Um discurso conquistador e que fez com que muitos italianos e descendentes participassem politicamente do partido PRR.

Durante a Revolução Federalista a emigração para o Rio Grande do Sul teve poucos registros e subsídios suspensos, conforme apresentado no Boletim do Ministério das Relações Exteriores pelo cônsul Legrenzi:

Causa a revolta federalista que arrasou durante todo o 1893 neste Estado do Rio Grande do Sul e que dura ainda, não houve, entretanto, verdadeira imigração; na verdade desde do princípio de 1892 são suspensos, da parte do governo local, os subsídios para viagens e outros<sup>71</sup> (tradução nossa, BOLETIM DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 1895, p. 62).

As colônias antigas do Rio Grande do Sul foram criadas antes da Proclamação da República, que adotou novas regras quanto à política imigratória, não sendo a favor dos benefícios. A partir do regime republicano, os estados retomam a responsabilidade acerca dessa política, e o fim dos subsídios ocorre no governo de Borges de Medeiros, em julho de 1914.

Neste primeiro momento apresentou-se informações sobre os processos históricos, sociais e econômicos dos principais fatores conjurais e das diferentes experiências nos territórios ítalo-brasileiros. Na Itália as mudanças ocasionadas pela Unificação – formação do

---

<sup>71</sup> *Causa la rivolta federalista che imperversò durante tutto il 1893 in questo Stato del Rio Grande del Sud e che dura tuttora, non vi fu, nel frattempo, vera immigrazione; infatti fin dal principio del 1892 sono sospesi, da parte del governo locale, i sussidi per viaggi od altro.*

estado-nação e não melhorias nas propriedades; do capitalismo – não investimento na agricultura e sim nas indústrias e o aumento de impostos; juntamente com condições sociais – precárias condições e doenças, fortaleceram um grande êxodo rural. Nesse sentido, os que escolheram como destino o Brasil tinha um momento adequado para realizar “o sonho” de ser proprietário de terras, que, dificilmente, o fariam na terra de origem.

No entanto, o Brasil também passava por momentos de transformações sociais, políticas e territoriais. Após 1850, o governo imperial havia editado a “Lei de Terras”, que possibilitava a compra de terras em condições especiais para aqueles que se direcionassem para as áreas escolhidas pelo Império. Os investimentos na colonização e imigração também eram associados as dificuldades de mão-de-obra e política de branqueamento surgidas a partir de 1888. No final do século XIX, italianos e descendentes participaram do momento político do Rio Grande do Sul com a Revolução Federalista.

Uma aproximação evidente entre ambos territórios foi os momentos de transformações econômicas, que fortemente influenciaram os italianos a emigração. Sejam elas positivas ou não, os italianos fizeram parte deste processo no desempenho das atividades semelhantes ou díspares, com relações ao meio ambiente, as quais veremos nesta tese.

## **5.2 As investigações sociais do ambiente ítalo-brasileiro: *Le Inchieste* na Itália e os boletins nas colônias italianas no sul do Brasil**

Na Itália do século XIX transcorreu duas investigações importantes da sociedade rural italiana: A *Inchiesta Scopoli* e a *Inchiesta Jacini*. São resultados de análises que retratam a vida dos camponeses da Itália. Após a chegada dos emigrantes italianos nas colônias do sul do Brasil, representantes diplomáticos italianos estiveram nestas colônias e registraram várias informações sobre a vida destes imigrantes e as atividades agrícolas. Assim, neste subcapítulo analisa-se a formação e composição de tais dados contidos nestes documentos, relacionando os aspectos que retratavam o ambiente rural e social deste grupo no norte italiano e após nas colônias do Rio Grande do Sul.

No entanto, foram momentos e registros de entendimento sobre a sociedade e ambiente, tanto na Itália como nas colônias sulinas. Assim, se relaciona os pressupostos de Drummond (1991) quando enfatiza que as sociedades fazem parte temporalmente do ambiente, e suas análises a partir da História Ambiental devem ser praticadas colocando a

sociedade na natureza e suas relações no tempo natural e social. Para este autor, muitas vezes fazer História Ambiental “implica necessariamente atribuir aos componentes naturais “objetivos” a capacidade de condicionar significativamente a sociedade e a cultura humanas” (DRUMMOND, 1991, p.181) Então, ao descrever e expor tais relações entre natureza e homem possibilita entender por diferentes registros documentais tais interações sob as diversas circunstâncias históricas e sociais.

Um dos principais métodos da História Ambiental que está fortemente vinculado a este item, são os relatos das informações abundantes dos viajantes estrangeiros e no caso da Itália, dos próprios habitantes em observar e narrar fatos da história social e também aspectos naturais. Os historiados ambientais usam das mais variadas fontes e descrições conforme apresenta Drummond (1991, p.184) “listas de bens comercializados, romances, desenhos, pinturas - tudo enfim que permita ver: (a) quais recursos naturais são locais e quais são importados, (b) como eles são valorizados no cotidiano das sociedades e (c) que tecnologias existem para o seu aproveitamento”. São documentos relevantes, os quais passa-se a analisar trazendo aspectos do cotidiano referentes a vida social e econômica dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes.

Inicialmente com a dominação napoleônica no norte da Itália, em 1811, Napoleão ordenou a *Inchiesta Scopolì*, realizada pelo diretor geral Giovanni Scopolì. Este diretor, que deu o nome a esta enquête, era médico e naturalista, tendo feito contribuições relevantes para de muitas das reflexões agrícolas. Os escritos foram divididos em três circulares: a primeira falava sobre costumes, preconceitos e superstições que se mantinham nas campanhas em ocasião de nascimento, casamento, morte, enterro, como também as principais festas, como o natal, fim de ano, carnaval, quaresma, semana santa e páscoa. A segunda apresentava costumes e práticas agrárias conforme as estações do ano e tipologias das casas rurais. E o último escrito referia-se características particulares no que diz respeito aos modos e diferenças entre os dialetos dos habitantes das diversas comunas (COVA, 1964).

Esta inspeção e análise contribuiu com informações de práticas relativas à sociabilidade dos camponeses com a natureza, percepções de vida, realidades de experiências como o nascimento, casamento, morte e seus simbolismos. Também descrevia os costumes da população e o quadro agrícola do reino Lombardo-Vêneto (BENEDUZI, 2004).

A *Inchiesta Jacini*, foi uma enquête criada em 1870, já com a Itália Unificada sob o comando de Stefano Jacini e tinha como objetivo construir um fundo comum de tradições para uma Itália recém-unificada. Desta forma, a enquête trazia informações sobre o modo de

vida da população da Itália, incluindo principalmente os camponeses. O processo transformativo fundado pelo capitalismo produziu, segundo Beneduzi (2004) uma desestruturação das populações rurais.

Conforme Paoloni e Ricci (1998), esta investigação agrícola fazia parte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e foi realizada entre 1861 e 1866, em doze regiões, ficando cada uma delas a cargo do seu comissário. A administração era formada por doze membros do governo, da câmara e do senado, sendo o presidente Stefano Jacini. O trabalho apresentou quatro fases: recolhimento dos dados e a sua verificação, discussão das soluções propostas e relação final em que estas propostas foram divididas conforme seus objetivos.

Sua organização contava com doze circulares, que foram escritas por cada um dos comissários. A primeira era da província de Sicília, segunda – Calábria e Basilicata, terceira – Campanha, quarta - Puglia, Abruzzo e Molise, quinta – Lazio, Úmbria, Marche e parte da Toscana, sexta – Romagna e parte da Emília, sétima – Piemonte e parte da Lombardia e Emília, oitava – Ligúria e parte da Toscana, nona – Parte da Toscana, décima – Lombardia, décima primeira – Vêneto e décima segunda – Sardenha. Ressalta-se que durante a realização destes materiais, o Trentino Alto-Ádige ainda não tinha sido incorporado ao reino da Itália, portanto não se encontraram dados da pesquisa.

Referente as regiões estudadas nesta tese, tem-se informações sobre as circulares décima que corresponde a Lombardia e a décima primeira sobre o Vêneto. Sobre a Lombardia o próprio Jacini desenvolveu diversos escritos onde deslocou-se em todas as capitais das províncias da região da Lombardia, divulgando um número grande de monografias. Já no Vêneto o comissário era Emilio Mompungo que além de métodos monográficos recorreu a outras fontes, como questionários aos escritórios do governo, tribunais e autoridades locais, bem como a privados como comissários agrário, câmeras de comércio e associações agrárias. O anúncio publicado em 1878 emitiu que o Vêneto era dividido em 21 grupos de distritos homogêneos conforme o perfil agrário. Tais particularidades aconteceram, devido à fato de que a Províncias do Vêneto e de Mantova no momento de mudanças das leis municipais e provinciais (a partir de 1866) não foram efetivadas conforme foi adotado no restante do Reino (PAOLONI; RICCI,1998).

Mesmo com todos os dados e objetivos da *Inchiesta Jacini*, os mesmos não proporcionaram transformações nos métodos de condução da campanha ou revisão dos contratos agrários e intervenção do Estado a favor da agricultura, da propriedade ou nas classes trabalhistas. As divisões da *Inchiesta Jacini* tinham uma ótica diversa: o conhecimento

da produção e sobre as relações existentes entre proprietários e camponeses, com as condições econômicas da população agrícola. Em 1870 também apresentou condições da classe operária.

Esta enquete, conforme analisa Coppini (2017), tinha nitidamente interesses políticos, fatores econômicos e condições de vida da ruralidade italiana. As dificuldades da vida na campanha, denunciadas pelas publicações de diversos anos comprometia as ofertas de trabalho e induzia a massa rural a um crescente fluxo migratório. Jacini não hesitava em reconhecer a decadência da agricultura italiana nos últimos 40 anos, que perturbava principalmente os proprietários e gerava conflitos na opinião pública. As terras desfavorecidas, a desvalorização dos produtos agrícolas, concorrência internacional dos produtos, as *malattia* que haviam devastado os parreirais e oliveiras estavam entre as pautas da enquete. Com essas informações buscava-se principalmente investimentos no melhoramento dos bens rurais.

Tratando-se de investigações de âmbitos sociais, logo após a chegada dos italianos nas colônias brasileiras, e neste caso nas colônias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul encontram-se similarmente documentos relevantes. Tratam-se de boletins da emigração – Ministério das Relações Exteriores da Itália, Boletins Consulares e Boletins da Emigração, que apresentam dados e informações de 1877 a 1913 com artigos, notas, dados estatísticos, locais de destinos, relatos e visões do “mundo novo”, retratando assim as condições da vida cotidiana. Estas fontes oficiais foram escritas por funcionários italianos e representantes diplomáticos, tendo como autores: Gerolamo Vitaloni, Enrico Perrod, Conte Antonio Greppi, Edoardo dei Conti Compans de Brichanteau, Mario dei Conti Compagnoni Marefoschi, A.Legrenzi, A.Dall’Aste Brandolini, E. Ciapelli e Pietro Antonelli (HERÉDIA; ROMANATO, 2016).

Estes primeiros diagnósticos são boletins consulares, que após a criação do Comissariado-Geral da Emigração, passaram a ser chamados de “Boletins da Emigração”. Toda essa grande emigração narrada pelos representantes, sejam elas temporária ou permanente são representadas pelas experiências dos italianos em diversas partes do mundo. Isto inclui outros países da América do Norte, Central e Sul, bem como da Oceania. Assim como aconteceu com as investigações ítalas – *Inchieste*, o papel de quem registrava as informações era de apresentar relatórios sobre os territórios, sociedade, ambiente e atividades econômicas, as quais facilitavam compreender a vida social dos emigrados.

Os imigrantes italianos que se direcionaram ao Brasil registraram muitas descrições, os diversos percursos e olhares que tiveram sobre as paisagens culturais. Outra questão

interessante está relacionada com a expansão do sistema capitalista e a Unificação da Itália, já que os relatórios emitidos pelos representantes do governo italiano direcionavam-se para as ações diplomáticas o que faz compreender que além das informações que repassavam aos dirigentes, também contribuíam para tomar medidas aos que ficaram no país de origem. Com o aumento da emigração, o governo iniciou ações de amparo com os emigrantes e formas de relacionamento com os familiares. Entre os principais interesses estavam os relacionados a soma de recursos que os emigrantes remetiam aos parentes que permaneceram na pátria.

Inicialmente estes documentos acerca dos movimentos transoceânicos versavam informações sobre a entrada dos emigrantes no Brasil no período de 1877 a 1900. Conforme os italianos chegavam nas colônias foram diversos documentos que elencavam como viviam nas colônias, detalhes sobre as principais colônias e seus distritos, as condições que viviam os colonos, organização, legislação sobre os dois processos de emigração e imigração bem como as leis e regulamentos das terras públicas.

Os primeiros boletins de 1877 e 1878 tem-se os tipos de (e)migração e suas diferenças, sendo o Brasil um dos principais países como destino. Os seguintes abordam sobre as primeiras colônias oficiais fundadas – Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel, as formas administrativas e tipos de colônias, elementos geográficos ambientais, vias de comunicação e atividades econômicas. Já em 1893 tem-se o boletim sobre as instituições políticas e uma riqueza ímpar de dados sobre cada colônia. Em 1899 a viagem de 33 dias de um dos representantes nas colônias italianas, a hospedaria dos imigrantes em Porto Alegre, território, clima, condições dos imigrantes e vias de transporte.

Em 1901 foi apresentado toda a regulamentação da legislação sobre emigração e imigração com seis títulos e seus artigos: o I – disposições gerais; II Inspeções políticas; III - Portadores e Imigrantes; IV – Transporte de emigrantes em viagens transoceânicas; V – Fundo pela Emigração; e o VI – Disposições gerais e transitórias. Nota-se que os diversos elementos que foram organizados propiciavam ao emigrante regras e particularidades desde a partida, portos, bilhetes e controle da Itália até chegar as colônias. Também foi criado um Fundo de Emigração que financiava assistência aos emigrantes tais como taxas, bilhetes de ferrovia, passaportes, licenças de transporte, entre outras exigências (BOLETIM DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, 1901, n.23).

Os boletins posteriores registravam o desempenho nas colônias, principalmente informações sobre condições sociais as atividades econômicas e outras colônias formadas, como as do norte do rio taquari – Encantado e Guaporé. Nos boletins de 1904 e 1905 tem-se

informações sobre Bento Gonçalves, Garibaldi, Guaporé, Alfredo Chaves e Antônio Prado. E por último, nos boletins de 1905 a 1913 elencam informações sobre a colônia Caxias, dados econômicos e prosperidade das colônias, a escolaridade, produtos de importação e exportação, crescimentos e melhoramento das ferrovias e navegações, indústria florestal e erva-mate e doenças. Observações sobre problemas internos que os emigrantes enfrentavam no coletivo, participação política, segurança física, furtos e condições morais.

As análises das investigações apresentadas nos territórios ítalo-brasileiros foram conhecimentos produzidos a partir de acontecimentos passados que permeavam particularmente no ambiente rural em que viveram os italianos e seus descendentes. No caso italiano, buscava-se com a primeira *Inchiesta* de 1811, saber informações sobre o modo de vida, práticas culturais e formas de produção. Já a segunda *Inchiesta*, com informações pós-unificação almejava um perfil do italiano a partir do conhecimento das regiões que constituíam a nova nação e as condições que viviam seus habitantes.

Após a emigração para o Brasil, criou-se também documentos – os Boletins da Emigração, que registraram a saída da Itália, viagem, as novas terras bem como as condições de vida do emigrante. São inúmeras explanações sobre os novos territórios brasileiros – as colônias, e todo o seu universo ambiental e social: a fisionomia, os tipos de colônia, os trabalhos desempenhados e suas atividades econômicas, entres tantas outras informações.

Foram construções de materiais sobre a sociedade rural em ambos territórios, registrados pelos interesses políticos e econômicos da Itália e Brasil, os quais informações também foram retiradas para a escrita desta tese. O que chama a atenção e torna-se um elemento de diferença foi a forma e quantidade de organização dos materiais apresentados. Enquanto na Itália com as duas investigações tem-se circulares caracterizadas por região e seus materiais, nas colônias sulinas observa-se diversos boletins quase que anuais do período da emigração. De fato, são investigações que tem uma historicidade ímpar, capazes de facilitar a compreensão da vida social ítalo-brasileiras.

### **5.3 As fases da (e)migração ítalo-brasileira e “*la cocagna*”**

Que seja a emigração um direito entre as mais características humanas e seja uma necessidade econômica e um benefício para todos, mesmo que não os dizem os argumentos irrefutáveis da maior parte dos economistas modernos, o assegurar a

única sua história, antiga como a história do mundo humano <sup>72</sup> (tradução nossa, BOLETIM CONSULAR, 1883, V. XIX, Parte I, p.28).

A epígrafe acima descrita pelo cônsul Enrico Perrod bem relata que a emigração é um direito e necessidade humana. São inúmeros trabalhos que tratam sobre emigração/imigração italiana entre Itália e Brasil, principalmente na região sul e em particular o Rio Grande do Sul. O contexto histórico entre Itália e Brasil no fim do século XIX colaboram com a compreensão das condições que as sociedades enfrentaram para emigrar e explicar este deslocamento. Na ótica da emigração, o principal interesse comum era solucionar os problemas que passavam internamente.

A Itália transitava do setor agrícola e pré-industrial a um sistema capitalista, que passava também por problemas socioeconômicos. A saída dos italianos provocou um empreendimento rentável para o Estado Nação, pois as empresas lucravam tanto com as companhias de navegação quanto com as instituições de crédito. A cobrança das passagens e o lucro dos imigrantes para seus parentes italianos colaborou para o movimento de capital. São diversos fatores que foram contemplados para o possível crescimento da economia e demais estruturas. Wayne Nafziger (2006), chama isso de nível ou grau de desenvolvimento econômico de uma sociedade que pode ser visto tanto como causa quanto como consequência das diferenças existentes entre os países em aspectos como informalidade e globalização, é necessário incluí-lo na análise como um controle variável.

Nas últimas décadas do século XIX, especialmente a partir da década de 1870, grupos de famílias das províncias do norte da península itálica começaram a chegar ao Rio Grande do Sul para ocupar os espaços destinados à colonização europeia. O Império brasileiro investiu na propaganda para atrair os italianos, na transferência até as áreas de ocupação, na concessão de auxílios diversos e na distribuição de lotes aos imigrantes. A emigração contemplava a colonização e renovava os processos de trabalho e produção.

No início da história da Itália unificada, segundo Bertonha (2005), a legislação sobre a emigração é praticamente inexistente e na primeira fase não se tem registros notáveis de um ponto de vista numérico (FRANZINA, 2006). Já no Brasil, o decreto nº 5.663, foi firmado,

---

<sup>72</sup> *Che sia l'emigrazione un diritto fra i più caratteristici all'uomo e sia una economica necessità e un beneficio per tutti, quand'anche non ce lo dicessero le irrefutabili argomentazioni della più parte degli economisti moderni, lo proverebbe la sola sua storia, antica come la storia del mondo umano..*

em 17 de junho de 1874, entre o Governo Imperial Brasileiro e Joaquim Caetano Pinto Júnior, com o objetivo de impulsionar a emigração:

Attendendo ao que Me requereu Joaquim Caetano Pinto Junior, Hei por bem autorizar a celebração do contracto para, por si ou por meio de uma sociedade ou companhia que organizar, introduzir no Imperio (excepto na Provincia do Rio Grande do Sul) cem mil (100.000) immigrants europeus, de conformidade com as clausulas que com este baixam assignadas por José Fernandes da Costa Pereira Junior, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, que assim o tenha entendido e faça executar (BRASIL, Decreto nº5.663 de 17/06/1874 [online] Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em 22 agos. 2020).

Franzina (2006) destaca que os movimentos migratórios na Itália eram recorrentes principalmente no norte italiano. Antes da emigração de massa, o fluxo maior continuou sendo o temporário, que tinha origens antigas nas áreas de montanha do norte da Lombardia e o Vêneto, nas províncias de Bergamo, Brescia, Beluno e Trento. Estes emigrantes retornavam a pátria dois meses por ano e por várias décadas continuaram a trabalhar no exterior. Percebe-se também que na região norte os movimentos migratórios aconteciam entre as classes de lenhadores, principalmente das florestas de Alpage e Cadore na região do Vêneto e de Primiero, na região do Trentino Alto-Ádige. Pignat (2016) apresenta sobre a província de Beluno: *“Em Beluno a silvicultura é tradicionalmente um recurso economia primária, frequentemente das regras, associações agrárias de origem medieval que exploram bem e propriedade coletiva em forma autônoma respeito as instituições administrativas oficiais”* (tradução nossa<sup>73</sup>, PIGNAT, 2016, p. 28).

Também enfatiza a emigração permanente a partir de 1887 associada ao contexto político e socioeconômico da Itália, que levou muitos italianos principalmente camponeses a emigrar como alternativa de uma vida melhor. Este ciclo estimulava ainda mais a emigrações para a América, abrangendo setores da economia para os EUA possibilitando a abertura de um novo mercado de trabalho. Franzina (2006) também destaca que entre os anos de 1876 a 1901, emigraram da Itália quase 6 milhões de cidadãos.

Sobre os tipos de imigração italiana o Boletim Consular de 1877-1878 descreve:

[...] distinguindo a emigração em *temporânea*, isto é aquela dos trabalhadores que em datas estações do ano se deslocam procurando dos trabalho nos países vizinhos para depois cansados no final da temporada, emigração para assim dizer tradicional na classe trabalhadora de tais províncias, máximas e de fronteira; e *permanente*, que em geral a transatlântica, em que o emigrado vai para transplantá-lo em solo

<sup>73</sup> *Nel Bellunese la silvicultura è tradizionalmente una risorsa economia primaria, spesso sostenuta dalle regole, associazioni agrarie di origine medioevale che gestiscono bene e proprietà collettive in forma autonoma rispetto alle istituzioni amministrative ufficiale.*

estrangeiro ou para sempre ou a tempo indeterminado, tanto que resulte a uma verdadeira exportação. E, principalmente, a primeira é composta de somente homens e operários, a outra de agricultores e famílias<sup>74</sup> (tradução nossa, BOLETIM CONSULAR, 1877-1878, v.15, Parte I, p.3).

A imigração temporária, conforme apresentada acontecia mais durante o inverno e envolvendo homens que se dirigiam a localidades vizinhas, tais como Suíça, Alemanha, Hungria e Argélia. Também migravam para Bósnia, Tunísia, Bulgária e Romênia para realizar construções. Já as emigrações permanentes, foram chamadas de transoceânicas justamente porque são além mar e para regiões do Brasil, Argentina, Guatemala, Venezuela, Estados Unidos, Chile, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia (BOLETIM CONSULAR, 1877-1878, v.15, Parte I).

Para Iotti (2001) a política de emigração teve várias modificações e intervenções principalmente por interesses capitalistas e influência do Ministério de Negócios Exteriores Italiano. Foram três períodos diferentes da emigração: de 1875-1886 anos de incertezas e mudanças; depois de 1887 a 1896 com a esquerda no poder iniciaram-se reformas de política externa valorizando a emigração e tendo-a como solução dos problemas socioeconômicos. E por último de 1896 a 1914 uma valorização da emigração crescente para a economia gerada pelos fluxos emigratórios do Estado italiano.

Para ter o dinheiro necessário as despesas de viagem, os camponeses vendiam o pouco que tinham: casa, terreno, animais e utensílios. Depois realizavam viagens de trem de suas comunas até os portos de embarque. No porto de Gênova permaneciam alguns dias para fazer a documentação regulamentada (RECH; RECH, 1996).

Desta forma, emigraram ao Brasil entre os anos de 1875-1914 milhares de italianos que buscavam melhores condições de vida. Só o Rio Grande do Sul recebeu mais de 80 mil imigrantes (IOTTI, 2001). O principal porto era na cidade de Gênova, região da Ligúria. Neste local, os emigrantes retiravam o passaporte e embarcavam ao seu destino. Na imagem abaixo (FIGURA 50) retrata uma família no porto de Gênova com suas bagagens.

---

<sup>74</sup> [...]distinguendo l'emigrazione in temporanea, ossia quella del braccianti che a date stagione dell'anno si recano in cerca di lavoro nei paesi finitimi per poi ricansare a stagione compiuta, emigrazione per cosi dire tradizionale nella classe lavoratrici di talune provincie, massime di fronteira; e permanente, qual è in generale la transatlantica, in cui l'emigrato va a trapiantarsi sil solo straniero o per sempre o per tempo indeterminado, tanto da dare luogo ad una vera espartiazione. E, per lo più, la prima è composta di maschi soli e operai, l'altra di agricoltori e famiglie.

Figura 50 – Representação de uma família italiana no porto de Gênova – Líguria



Fonte: Museu del Mare.

No Boletim Consular de 1877-1878 foi registrado uma passagem sobre as difíceis condições dos emigrados nos principais portos italianos, caracterizados por momentos de tristeza:

É doloroso, é horrível seguir os infelizes emigrantes ao seu Calvário; vê-los intoxicados das belas mentiras o sino paterno e as poucas coisas para colocar junto o valor de um sensorial ou de uma viagem bem paga; em seguida, vê-los remanescentes com suas famílias nos pavimentos de Marseglia ou de Gênova para embarque prolongado em um navio a vapor, de um navio à vela preguiçoso para chegar depois de uma longa peregrinação, esmagado como lastro, alimentado com biscoito estragado<sup>75</sup> (tradução nossa, BOLETIM CONSULAR, 1877-1878, v.15, Parte I, p.7).

Conforme fragmento anterior, registra-se a situação de dificuldades a partir do momento da saída de suas terras e as condições precárias encontradas nos portos bem como das viagens. Eram dias longos de viagem e casos de enjoos dos emigrantes nos navios

<sup>75</sup> È doloroso, è orribili il seguire gl'infelice emigrati sul loro Calvario; vederli inebriati dalle rosee menzogne il campicello paterno e le poche lor robe per mettere insieme il valore di una senseria o di un viaggio già strapagati; vederli poi giacenti colle famiglie sul lastrico di Marseglia o di Genova per prolatto imbarco piroscrafo, di un pigro veliere per arrivare dopo lunga peregrinazione, pigiati come zavorra, nutriti di biscotto avariato.

juntamente com a fome, calor e frio. Na obra de Bernardi (2009), Nanetto Pipetta em sua viagem ao Brasil sentiu-se mal, com fraqueza, ânsias de vomito e tonturas. Os descendentes de italianos ao norte do rio Taquari possuem informações sobre as viagens transoceânicas e também de seus antepassados. Sobre isto a entrevistada E7, oriunda da província de Verona, região do Vêneto, destaca a viagem realizada pela própria emigrante em 1916 quando pequena para territórios de Guaporé.

*R – Agora...embarquemo lá onde tem o porto do navio...onde acho que tiraram o passaporte eu acho que tinha a casinha onde ia quem chegava, então ia fazer o passaporte pra passa e embarca no navio.*

*J – E a viagem no navio a senhora lembra como foi ou não?*

*R – Ohh, eu vi tanta água, tanta água que.... (risos). Tanta água. Quanti vi de... olhava fora assim, o navio tinha tanto fora assim...como vou dizer, nois dizia assim uma área fora de casa, uma área e lá tinha uma grade mesmo, alta assim (mostra como era) e eu com 4 ano era curiosa né. E eu ia lá tchó, ma me lembro tanti del ventri!tanti.... perché se eu caia lá os peixe me comia. Ma se te pesce e te mangia, dizia! (risos). Minha mãe dizia: tende Isidoro, stende la Roseta lá, perché naltro pechenigna (pequeninha) ela. Ma gaste... (incompreensível) ma pesce que me magna no!*

*J – Magina 20 dias né nona?*

*R – 20 dias....25 dias!*

*N – Até São Paulo daí?*

*R – Até São Paulo sim.*

*J – Magina atravessar o oceano (E7, 29/08/17, p. 6).*

Estes fatos estão presentes na memória desta emigrante, desde o momento da partida, a retirada do passaporte e a vivência dos vinte e cinco dias em um navio. Outros detalhes apresentados se reportam ao medo de ficar tantos dias sob a imensa quantidade de água nunca vista e se caía na água podia virar alimentação para os peixes. O tempo de travessia do oceano até a chegada a São Paulo e depois mais alguns dias até o Rio Grande do Sul, evidenciam a demorada e cansativa viagem. Outro relato que complementa informações sobre os motivos da partida e deslocamento é de um descendente de italianos E11 quando sua mãe com 13 anos emigrou da província de Beluno, região do Vêneto:

*J: E vocês sabem assim lá como eles viviam ou porque saíram de lá?*

*E2: Eles sempre contam que saíram de lá que teve uma grande...naquela região uma grande assim fome né, que não tinha mais nada pra come né e que daí eles partiram pra cá naqueles navio e que não era que nem agora, era por vento né, então eles reuniram bastante e conseguiram chega.*

*E4: Onde ela morava afinal a neve vinha dessa altura (mostra com a mão) (E11, 14/09/18, p.2).*

Entre os fatores principais que motivaram a emigração desta família estava a fome que passavam e o inverno com temperaturas muito frias com a presença da neve. Partiram para o Brasil no final do século XIX em navios, chegando posteriormente na colônia Conde D'Eu.

Após um longo percurso, percorreram trajetos até os alojamentos e finalmente se estabeleceram no lote de terras com seus pertences.

Tratando-se do Brasil a emigração foi a permanente e estava ligada ao contexto político-econômico do projeto colonizador do governo. Na porção meridional do território e propriamente a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, objetivava que as terras fossem colonizadas, principalmente por famílias de agricultores/camponeses. A partir do decreto nº 6129, de 23 de fevereiro de 1876, a Inspetoria Geral de Terras possibilitou a importação sistemática de colonos europeus. Ao mesmo tempo a política imperial de colonização financiava a imigração e passava a depender do lucro gerado pelas vendas das terras aos colonos.

Este projeto de ocupação do solo gaúcho, dava a oportunidade a estes emigrados tornarem-se proprietários da terra em poucos anos. O povoamento seria feito com a instalação das famílias de imigrantes em lotes a serem delimitados na região pretendida para o povoamento de colônia. Frosi e Mioranza (1975, p.44) esclarecem que “[...] o único critério, sempre seguido de modo formal e sistemático, foi o de ocupar as terras em direção norte, à medida que novas levas de imigrantes iam chegando”. É neste passo que se insere o estabelecimento dos imigrantes italianos e descendentes ao norte do rio Taquari, já apresentada no capítulo 4, fator este resultantes da migração interna a partir de 1882, das antigas colônias, para as que se formaram em territórios na jurisdição de Conventos, Encantado e Guaporé.

Neste passo analisa-se também o contexto da situação (e)migratória e da vida dos emigrantes que chegaram nas terras do sul do Brasil, por intermédio de duas fontes significativas: as narrativas e cartas. Segundo Cardoso e Vainfas (1997) o pressuposto essencial das metodologias para analisar os textos em pesquisa histórica é de que o documento é sempre portador de um discurso. Assim o historiador deve sempre atentar para o modo do qual se apresenta o conteúdo, o vocabulário, enunciado e demais informações que se encontram. A presença dos laços com familiares e amigos que partiram e dos que também ficaram na Itália induzia a escrever os sucessos e insucessos da emigração.

Muitas cartas mantêm a própria linguagem da cidade de origem – os dialetos, contendo informações da vida e do ambiente que se encontravam. Os documentos transmitiam informações que contribuía como parte dos próprios interesses socioeconômicos. Como meio de comunicação entre os familiares e amigos, a imigração incentivou o processo de

alfabetização na Itália e reforçou-se também com a Primeira Guerra mundial, como analisa-se em outro item deste capítulo.

Muitos emigrantes que se instalaram nas colônias oficiais na região noroeste da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul emitiam notícias aos familiares italianos, contribuindo posteriormente a transferência de parentes e amigos para mesma região colonial. Vendrame (2017a), informa que entre as principais informações do ambiente da colônia Caxias contidas nas cartas estavam sobre a viagem e esclarecimentos das facilidades encontradas nos locais de instalação, bem como a disponibilidade de comida e espaços para o cultivo de diversos produtos. As novas terras são apresentadas como locais de oportunidades para a família e com o trabalho de todos poderiam garantir autonomia econômica, deixando de estar sob o domínio dos patrões.

Rech e Rech (1996, p.41) apresentam uma carta de um emigrante que após alguns anos da chegada em seu lote colonial relata o sucesso da produção agrícola bem como a quantidade de pecuária:

[...] te digo que chegou ao recorde que neste ano fiz uma colheita grande de trigo fiz pouco porque deu uma seca em agosto, mas fiz 13 sacos e centeio 18 sacos sorgo não sei quantos, mas penso mais de 100 sacos. Tenho 120 galinhas e 2 cavalos e 12 porcas e todos comem sorgo até que querem porque vale 40 reis ao saco, isto é, 80 dinheiros vêm com 20 palanque um saco de sorgo de 124 libras, é próprio um bom mercado e um dia de trabalho custa um florim<sup>76</sup> (tradução nossa).

Além do desenvolvimento das atividades econômicas da família em seu lote, o emigrante também apresenta informações do bom mercado regional da época. Embora outros estudos elencam todo este paraíso - “*paese della cucagna*”, para muitos emigrantes a emigração e insucessos foram momentos de ilusão. Todas essas representações faziam parte do imaginário popular, um mito que compunha o pensamento de muitos italianos. Em um trecho da carta de 15 de outubro de 1879, da família Scopel encontrava-se na colônia Caxias e enviava uma carta a sua família que habitava a cidade Feltre, na província de Beluno com as seguintes informações:

[...] e depois havia uma colônia ruim que não dava nem trigo nem feijão, e ele procurava encontrar uma colônia muito boa e do tio mais novo as uvas foram atingidas pela geada mas nós temos só 4 parreiras, mas elas são muito bonitas aqui

---

<sup>76</sup> [...] *ti diro arivardo ai arecolti che anque inquestoano o fatte raccolto abbastanza formento neo fato poco parche estatto un poco di seco in agosto maneo fatte ancora 13 sachi e segalla 18 sacchi sorgo no so quanto ma piu di 100 sachi tengo 120 galine e 2 cavali e 12 porche e tutti mangia sorgo fino che sono stufi perche vale 40 ventini a sacco coe 80 soldi veniti anpi con 20 palanche un sacco de sorgo di 124 libre al sacco le proprio per nente ed un opera costa um fiorin.*

e eu plantei 250, e tudo estão nascendo<sup>77</sup> (tradução nossa, RECH; RECH, 1996, p. 41).

São elencados dados sobre a produção da colônia que se encontrava bem como de seus familiares. Nem sempre a perspectiva do emigrante em encontrar uma boa terra foi efetivado, forçando a procurar internamente uma “boa colônia”. Em 1889, o imigrante Michel Altafini, estabelecido na Vila de São Jerônimo, afirma que não era possível encontrar a *cucagna* em terras brasileiras, sendo que todos precisavam trabalhar pra viver. Porém, comunica algumas das vantagens que Vendrame (2018, p. 272), destaca: “No Brasil, têm tantos cavalos e tantos animais bovinos que não valem quase nada e todos os colonos italianos estão esperando o dia do pagamento para comprar um cavalo e algumas vacas”.

Bublitz (2010), destaca que a realidade vivenciada pelos imigrantes italianos se mostrou bastante diversa do paraíso prometido, áreas cobertas de florestas subtropicais chamada pela autora de “fronteira verde”. Toda essa grande floresta fisicamente “constituía-se de um denso e rico conjunto de vegetação, banhado por rios caudalosos e habitado por milhares de formas de vida, que se exibiam aos olhos surpresos dos recém-chegados” (BUBLITZ, 2010, p.47). Na obra de Bernardi (2009) temos um exemplo clássico que se remete a *cucagna*, uma realidade diferente para Nanetto quando chega na *Mérica*. A sonhada *cucagna* não está pronta, precisa construí-la. É no decorrer da obra que ocorre o confronto de realidades: a imaginada e a encontrada sob o território que Nanetto passa a viver até seu afogamento no rio das Antas.

A utopia local do emigrante italiano e as condições territoriais e geográficas das colônias do Rio Grande do Sul são representados na obra “A cocanha”, de José Clemente Pozenato (2000). O imaginário feito pela propaganda e o choque inicial representado na realidade local fazem uma família sair da pequena aldeia de Roncà, na província de Verona para a América. Os camponeses deixaram sua pátria pela promessa de um futuro melhor, buscando superar uma das principais dificuldades: a carestia alimentar. A propaganda feita do Brasil encontra-se na passagem de Pozenato (2000, p.17): “Todos falavam que a América era o país da cocanha, que existiam salame pendurado em árvores, em pedras feitas de queijo, em fontes de vinho de moscatel. Mas ao menos teria a sua terra e toda colheita seria dele, sem ter

---

<sup>77</sup> [...] e poi che aveva una colonia cativa che non vengono ne frumento ne fasioli, e lui procura trovarsi una colonia buona tanto e che dal zio giovani le vitte sono statte tolte dala brina ma da noi abbiamo solo 4 vitte ma ano la uva molto bela in questa no neo inpantato 250, e tutte botano.

que repartir com o patrão”. O colono italiano tinha consciência da situação social de que dispunha e sabia, precisamente, o que almejava.

Outro personagem do livro, o Cósimo, mostra um folheto da “La Veloce, em cores que pareciam pintura de igreja. Ali prometiam viagem rápida, em vapor moderno, e tratamento de primeira para os passageiros [...]”. Outro folheto garantia ser o Brasil o verdadeiro país da cocanha, “onde quem menos trabalha mais ganha. Terras quase de graça, para quem quisesse ser dono das terras” (POZENATO, 2000, p. 18). No entanto, a visão de Cósimo, ainda na Europa, acompanhava o pensamento etnocêntrico. Embora desejasse imigrar em busca de melhores condições de vida, temia o risco. No entanto, na Itália não havia mais futuro e, sem poder “adivinhar o que os esperava na América”, mantinha a esperança. Em último caso, considerava, “morrer na América não vai ser pior do que morrer aqui” (POZENATO, 2000, p.19).

Relatos da viagem até as colônias encontram-se na obra de Pozenato (2000), que depois que chegaram a Porto Alegre realizaram o trajeto até a colônia em meio “as montanhas. A floresta é assustadora, e vem dela um rugido que todos pensam ser dos leões. São bugios, explica o tropeiro, mas a mudança de nome das feras não faz diminuir o medo. Por sorte não terão de passar a noite em meio da floresta” (POZENATO, 2000, p.98) São passagens que representam também particularidades ambientais e estranheza iniciais dos emigrantes ao ambiente.

No decorrer do percurso encontraram moradias de outros emigrantes instalados que “vieram de Treviso, e estão ali há cinco ou seis anos, muito contentes, com vinho e pão, polenta e salame à vontade, graças a Deus” (POZENATO, 2000, p. 99) Informações sobre algumas facilidades e a diversidade ambiental na nova terra segue: “De fome não vão morrer, com toda a certeza, no meio dessa fartura. O que mais faltava de onde vieram, sobra aqui. Carnes de toda espécie, terra que não acaba mais, lenha para mil invernos” (POZENATO, 2000, p. 106).

Durante a pesquisa na Itália encontrou-se no “Museo Etnografico della Provincia di Belluno e del Parco Nazionale Dolomiti Bellunesi”, na província de Beluno, região do Vêneto uma carta exposta que chamou atenção. Este documento apresenta informações sobre a família de um emigrante que se encontrava na comunidade de São Luiz do Guaporé, colônia Guaporé, em 19 de abril de 1915. A carta destinada a cunhada que estava na Itália possui informes familiares sobre o número de filhos, netos, algumas mortes familiares e o bom desempenho econômico nas terras:

[...] quanto a Madalena tua irmã mia mulher está sempre fazendo ou em cozinha ou junto com os animais ou em qualquer outro serviço é sempre ocupada, está com boa saúde, e é contentíssima em ter vindo para a América, e ficamos 27 anos em Bento Gonçalves, e faz cinco anos que viemos aqui, quadruplicamos a quantidade do terreno<sup>78</sup> (tradução nossa CARTA, 19/04/1915).

Neste trecho o escritor faz menções da ocupação de terras e ao trabalho desempenhado nelas, todos os emigrados gozavam de saúde e haviam migrado internamente do lote de terras de Bento Gonçalves para a colônia de Guaporé, possuindo assim mais áreas. Esta passagem representava o bom sucesso familiar, demonstrando terem encontrado o que almejavam.

Na comunidade de rio Tigrinho, colônia Encantado, o emigrante Domenico Mezzacaza envia uma carta a seus familiares italianos em 20 de janeiro de 1911, relatando o “ótimo estado de minha saúde e de toda família<sup>79</sup>” (tradução nossa, CARTA DOMENICO MEZZACAZA, 20/01/1911), a descrição de outros familiares localizados em terras próximas levando horas de viagens a cavalo, outros a 3 dias e meio de distância. Também descreve a quantidade de filhos e sua idade. E por último saúda a todos apresentando:

Não cesso nunca de agradecer a Deus por nos ter trazido a este lugar, não por vos ter deixado e vós os parentes e a pátria, o que lamento ainda hoje, mas porque aqui se pode viver trabalhando todos juntos, sem precisar ir pelo mundo em busca de um pedaço de pão<sup>80</sup> (tradução nossa, CARTA DOMENICO MEZZACAZA, 20/01/1911).

O fragmento da carta reforça a ideia do sucesso familiar e das atividades desempenhadas nas terras brasileiras. Padres também participaram do processo de emigração, acompanhando emigrantes em meio as comunidades italianas no Brasil, escrevendo muitas correspondências. O bem estar camponês estava associado a abundância e fartura, ser dono da terra e não mais explorado. Um dos primeiros padres missivistas foi Dom Bartolomeu Tiecher, que emigrou em 1875 de Trento com sua família que se estabeleceu em uma das colônias do Rio Grande do Sul. Em suas primeiras cartas enviadas para o jornal “*La Voce Cattolica*” descrevia sobre o clima, vivências dos italianos, alimentação, produção agropecuária. Tornava-se assim um entusiasta que fortalecia a emigração para o Brasil (SANTOS, 2005).

<sup>78</sup> [...] quanto a Maddalena tua sorella mia moglie è sempre in facente o in cucina o dietro gli animale o in qualli e altre servizio è sempre ocupata, gode buona salute, ed è contentissima esservi venuta in America, e siamo dimorati 27 anni in Bento Gonçalves, or cinque anni fà siamo traslocati qui, aviamo quadruplicato la quantità di terreno.

<sup>79</sup> “ótimo stato di mia salute e di tutta la mia família”

<sup>80</sup> Non terminerò più di ringraziare il Signori che sai condoti in questo paese, non per aver lasciato voi e i parenti e la patria, apenni rincheresco ancora il giorno dogi ma perchè qui si puoi vivere lavorando tutti in compagnia senza aver bisogno a dagnare um perzo di pane per il mondo.

No decorrer da pesquisa de campo no norte italiano, na província de Trento, o interlocutor E20 destaca parentesco com Dom Bartolomeu Tiecher: “ *M – sim, porque ele digamos aquele bispo também tedesco, mas era descendente da família Tiecher, como descendência da parte da minha nona sim*<sup>81</sup> (tradução nossa, E20, 11/01/19, p.5). O entrevistado tinha conhecimento sobre a atividade deste bispo com a emigração em ambas espacialidades.

Em 1901, com a nova lei promulgada na Itália aprimorava a regulamentação do fenômeno emigratório e criou órgãos próprios em defesa dos imigrantes, como o *Comissariato Generale dell’emigrazione*. A lei aumentava a ação do Estado, mas não previa total apoio dos emigrantes nos desembarques em terra estrangeira. Desta forma, a Igreja Católica preencheu o espaço vazia deixado pelo Estado na tutela italiana que por intermédio de organizações missionárias como os Escalabrinianos (1887), atuaram como protetores da italianidade (BERTONHA, 1999).

O bispo de Piacenza, Dom João Batista Scalabrini idealizou assistência cultural e religiosa tentando envolver o governo italiano com assistências. Também organizou congregações missionários para auxílio aos emigrantes. Assim, com esta iniciativa a Igreja Católica tomava conhecimento da realidade da imigração e promovia amparo na educação, religião e sentimento da pátria mãe (RECH, 2018). Os Scalabrinianos chegaram ao Brasil em 1888 e os primeiros ao Rio Grande do Sul em 1896.

A comunidade da colônia de Alfredo Chaves em 1894 informou o bispo de Porto Alegre de que havia escrito a Scalabrini, pedindo-lhe missionários. Somente no ano seguinte Scalabrini enviou então o padre Domenico Vicentini, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1896. O padre vinha com destino a Alfredo Chaves, mas o bispo resolveu enviá-lo a Encantado (POSSAMAI, 2007). O fundador Dom João Batista Scalabrini esteve no Rio Grande do Sul e visitou a colônia Encantado (FIGURA 51).

---

<sup>81</sup> M –*Sì perché lui diciamo quello bispo anche tedesco però discendente della famiglia Tiecher come discindencia della parte della nonna ecco.*

Figura 51 – Dom João Batista em Encantado em 1904



Fonte: Museu Municipal de Encantado, 1904.

O Estado do Rio Grande do Sul que, no século XIX, tinha escassez de padres, teve, no final do século XIX e no primeiro quartel do século XX, uma crescente participação do clero religioso (ordens e congregações) o qual atuou com os imigrantes italianos e alemães e assumiu a direção de seminários, instituindo colégios, patronatos, orfanatos e conduzindo paróquias.

Neste item procurou-se fazer uma síntese dos tipos de emigração e imigração apoiados as causas elencadas anteriormente e que proporcionaram mudanças de vida aos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes. Informações estas, elencadas por momentos de partida, da viagem e dos sucessos e insucessos da emigração. Aliados a fatores de colonização e econômica, muitos imigrantes italianos compraram e ocuparam territórios. A emigração para o Brasil é assim considerada permanente para as colônias do Rio Grande do Sul e posteriormente, foram se intensificando – migrações internas, para o norte do rio Taquari.

Durante o processo de estabelecimento bem como no andamento das terras coloniais, o emigrante almejava ser proprietários de terras e sonhava com um mundo desejado – a *cocanha*. Estas informações estão presentes nos discursos registrados nas cartas, seja pelos imigrantes ou padres, as quais contribuíram para o entendimento de questões políticas, sociais e econômicas que envolviam os italianos, imigrantes italianos e descendentes.

#### 5.4 *Qui siamo mezzadri o fittavoli, in America possiamo essere possidente*<sup>82</sup>

De acordo com as descrições até aqui apresentadas, as terras no além-mar se configuraram como local ideal para a concretização de anseios dos emigrados, em particular dos camponeses. Possuir terras dava a possibilidade de adquirir alimentos e criar animais, que garantiam autonomia na propriedade e representava um “status” para quem possuía. A imigração, além de propiciar oportunidades de trabalho variadas e de aquisição de terras, era entendida como uma escolha que garantiria a possibilidade de ascensão social, ou seja, que em territórios sulinos eles seriam os patrões e não mais subordinados.

Neste subcapítulo identificou-se as formas de propriedade de ítalo-brasileiros nas espacialidades em ambos os lados do Oceano Atlântico. Primeiramente, no norte italiano consistia num sistema rural que girava em torno do arrendamento de terra e com situações econômicas difíceis que também impulsionaram a emigração. E após, paralelamente a situação que proporcionou muitos imigrantes italianos e seus descendentes no sul do Brasil e ao norte do rio Taquari a “comprar sua terra”. Em meio a este contexto transatlântico a vida dos camponeses e outras classes sociais está diretamente associada ao meio natural – a terra e seus elementos que o cercam e o desenvolvimento da produção econômica, este último tratado no próximo capítulo.

Linhares (1997, p. 166) identifica que a agricultura mundial foi uma atividade que “congregou homens e mulheres, constituindo-se na principal fonte de vida e do trabalho. Até a revolução Industrial dos tempos contemporâneos, o meio rural abrangia 75% da humanidade”. Por isto, torna-se extremamente importante conhecer nos territórios ítalo-brasileiros a organização do espaço rural, formas de propriedade, suas técnicas e o trabalho desempenhado pelos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes.

Assim, não podemos esquecer que a realidade ambiental vai além do ecossistema, há outros elementos e fatores que intervêm no meio, como as ações introduzidas pelo homem. Além das etapas da lenta evolução da terra, o meio ambiente é também o que o homem constrói para organizar sua convivência e trabalho. Muitas dessas interações já foram tratadas nesta tese, porém enfatiza-se que o contato e as atividades produtivas integram o meio ambiente e são indispensáveis do estilo de vida de um povo (COIMBRA, 2002).

---

<sup>82</sup> Aqui somos meeiros ou inquilinos, na América podemos ser proprietários

O propósito principal da aquisição de terras para desempenhar atividades produtivas, tem relação direta historicamente com a questão econômica e propriamente com o capitalismo. A partir da primeira metade do século XVIII a agricultura se renovou no Brasil, principalmente pela colonização, com o interesse do cultivo da terra e a decadência de lavouras tradicionais, como o algodão. A segunda metade do século XIX, época da emigração italiana, será o momento de maior transformação econômica da história brasileira. Com objetivos de aumento de produtividade foram direcionados principalmente para a exportação, a conjuntura interna ao desenvolvimento do trabalho livre e com a produção em larga escala (PRADO JÚNIOR, 1972).

Feito esta breve incursão socioeconômica verifica-se as formas de propriedade em que viviam muitos camponeses no contexto da emigração norte ítala. Grande parte da Itália, tinha o sistema de *mezzadria*<sup>83</sup>. Este sistema foi um dos elementos mais significativos na vida rural italiana, no qual a produção era continuada e regulamentada através de um contrato entre proprietário – *possidente*, e arrendatário - *mezzadro/fittavalo*, que favorecia os proprietários de terras vênets e lombardos. O sistema de produção era de parceria com o aluguel de terras, devendo-se doar parte de sua produção e pagar impostos aos proprietários (BENEDUZI, 2004).

Este sistema aconteceu desde o século XV até a metade do século XX (continuidade das marcas do medievo no Período Moderno e Contemporâneo), que devido ao avanço industrial e o abandono da campanha pelos *contadini* deixou de ser praticado. Os contratos eram firmados conforme a estrutura agrária, levando em consideração as características geomorfológicas e a fertilidade do solo (BIAGIOLI, 2002).

Na Itália ter a posse de uma terra, além de representar uma condição privilegiada, gerava imposto fundiário e sustentava as finanças públicas. O principal elemento da concessão do contrato era o “poder”, e conseqüentemente este poder sob a terra acontecia a exploração. O contrato era firmado pelo líder da família, quando todos os componentes familiares se empenham em trabalhar. Segundo Biagioli (2002), podiam faltar árvores, mas nunca os arados. No binômio poder-família na terra produtiva envolvia toda uma questão também social e biológica dos componentes da família *contadina*: nascimento, morte e casamento.

---

<sup>83</sup> Contrato agrário entre o proprietário e o inquilino.

Nos trabalhos de campo no norte italiano deparou-se com informações sobre o arrendamento de terras vivenciado pela família do entrevistado E13 da província de Beluno, região do Vêneto:

*O – Por aqui recebi uma vez as terras era colocadas sobretudo pela posse de cabeças, digamos dos senhores e eram grandes para trabalhar a mezzadria. Sabestes que dizer de trabalhar de mezzadria?*

*J – Mezzadria?*

*O – É uma espécie, uma espécie de aluguel.*

*P – Ah mezzadria? Sim, é arrendar a terra!*

*J – Ah sim.*

*O – A metade do produto passava ao patrão e outra metade tinha quem trabalhava obviamente a terra. Este era o sistema que funcionava. Depois trocou completamente e então trabalhavam na indústria e etc. E depois, foram precisamente trocado completamente e então trabalhava em indústria e etc. E também estes depois, estes que possuía que tinha grande possivelmente de terra venderam e agora são poucas pessoas que ficaram como camponeses pois que trabalhavam, porque estes que moram aqui acima tem cerca de cinquenta cabeças de gado. E uma vez uma família tinha uma dezena que já era bastante (não entendi) que tinham um belo restante de dinheiro<sup>84</sup> (grifo e tradução nossa, E13, 28/01/18, p. 2).*

Conforme o interlocutor, as propriedades de terras eram grandes e arrendadas pela metade da produção. Esta cláusula era colocada nos contratos como normas clássicas da *mezzadria*, tudo era dividido pela metade, assim como a utilização e criação da pecuária. A lenha das árvores verdes e secas eram exclusivamente do proprietário. O *mezzadro* era autorizado a corte somente para ser utilizado como combustível e instrumentos de trabalho pela família arrendatária. A casa e seus alojamentos estavam no contrato, porém qualquer reforma e mão-de-obra empregada nela era obrigação do *mezzadro*. O proprietário também tinha em seu poder as amoreiras, que eram divididos entre ambos se produziam o bicho-da-seda, caso contrário era totalmente no poder do proprietário (PERCO, 1986).

Dentro deste sistema de posse o sistema de trabalho era a colônia: o proprietário ou locatário – *possidente*, dava uma posse para um camponês – *contadino*, trabalhar da melhor forma e conforme o acordo firmado no contrato dava parte da produção, recebia casa, lenha e outras circunstâncias. O documento que firmava este acordo entre proprietário e

---

<sup>84</sup> *O – Per qua ricevo che una volta le terre era sposeduti soprattutto per la posse di menti diciamo di singori e erano di grande a lavorare a mezzadria. Sapete che dire de lavorare di mezzadria? J – Mezzadria?*

*O – è una specie, una specie di affitto. P – Ah mezzadria? Sim, é arrendar a terra! J – Ah sì. O – La mettà di prodotto andava al patrone e naltra mettà lo teneva chi lavorava oviamente la terra. Questo era il sistema che funzionava. Poi sono state appunto cambiato completamente e quindi lavorava in industria e ecc. E anche queste poi, questi si possevi che aveva grande possivelmente di terra poi l'hanno venduta e adesso sono pochi persone rimasti i contadini però che lavorano, perchè quello que abita qua sotto qua a circacento cinquenta capi di bestiame. Meteno una volta una famiglia le posseveva una decina maginate voi la reza che voi sono abbastanza (non ho capito) che hanno un bel resto di soldi.*

arrendatário era chamado de *Scrito*. Perco (1986) informa que os colonos tinham várias regras:

- Que o colono deva prestar ao patrão e sua família obediência, respeito e fidelidade;
- Que eles devem conservar em bom estado a casa recebida;
- Que a colheita dos grãos todos verão divididos pela metade entre patrão e colono;
- Que igualmente pela metade a produção de cânhamo, lã e ervas;
- Que as frutas sejam divididas igualmente por terço, dois para o patrão e uma para o colono;
- Que a folha da amoreira fica reservado para o patrão;
- Que a palha longa proveniente das colheitas seja reservada ao patrão;
- Que o colono não possa cortar ou arrancar as árvores nem fazer lenha sem a permissão do patrão<sup>85</sup> [...] (tradução nossa, PERCO, 1986, p. 35-36).

Neste trecho são colocadas algumas regras que colocavam muitas restrições na vida dos camponeses. Dependendo do tamanho das propriedades também variavam as regras dos contratos. As normas relativas à cultivação, mantimento da terra e de seus contornos tornava a *mezzadria* um contrato que modelava o espaço agrário. A forma de organização do espaço agrário e adoção dos contratos mudou consideravelmente a paisagem, a tipologia, as formas da família camponesa e sobretudo os modos e os tempos os processos de acumulação de capital na agricultura.

Corroborando com isto Grosselli (1989) destaca que as propriedades fundiárias até 1890 eram em torno de cinco hectares e tinham como principais atividades econômicas agropecuárias pouca abertura ao mercado baseadas na agricultura, criação de gado leiteiro, cereais e exploração das florestas. Crosby (2011) afirma que o ser humano pode incendiar florestas e constantemente alterar a brota de um determinado território para sempre. Assim, o meio ambiente sofre interação direta do homem, o que significa uma condição de contínua perturbação e ruptura: de campos arados, florestas devastadas, pradarias queimadas, vilarejos abandonados e cidades em expansão. Destarte, o ambiente e seus elementos – seres humanos, animais, plantas e microrganismos, são colocados em íntimo contato.

Importante considerar que existiam diversos tipos de contratos e dependendo a densidade demográfica, a fertilidade do solo, e o poder do líder era realizado os trabalhos em grandes ou pequenas propriedades. Encontravam-se grandes ou pequenas famílias que se

---

<sup>85</sup> - *Che il colono debba prestare al padrone e sua famiglia ubbidienza, rispetto e defeltà;*  
 - *Che egli debba conservare nel buono stato ricevuto le case;*  
 - *Che il raccolto dei grani tutti verrà diviso per metà tra padrone e colono;*  
 - *Che igualmente per metà verranno divise le canapi, la lana e gli erbaggi;*  
 - *Che le frutte saranno divise igualmente per terzo, due parti al padrone ed una al colono;*  
 - *Che la foglia dei gelsi resta riservata al solo padrone;*  
 - *Che la paglia lunga proveniente dalle biade è riservata al padrone;*  
 - *Che il colono non possa tagliare o cavare alberi né fare legna senza permesso del padrone [...].*

localizavam nas planícies extensas ou em situações pouco férteis. O terreno agrário era considerado para os camponeses um bem precioso quanto frágil.

Os tipos de sistematização montanhosa e de colinas nas paisagens italianas entre séculos XV e XIX eram diversos: em locais de relevo acidentado eram colocadas pedras aterradas para que não seja carregado rio abaixo; aqueles com degraus, sem um verdadeiro terraço; e por último as prateleiras suportadas por muros de pedra construídos com as pedras retiradas do solo arado.

Rogari (2017) destaca que as diferenças entre os contratos, tipologias da propriedade, sistemas de conduções, rotações de cultura e de conhecimento da situação política e econômica no norte da Itália revitalizava uma diferença territorial entre os italianos: a cultura de trabalho. A cultura do trabalho é identificada pelo autor como um fator de grande discriminação territorial, principalmente pelos que tinham terras e os que trabalhavam nela.

No curso de sua história, a *mezzadria* era um sistema sempre sensível a influência do mercado. As atividades desempenhadas pela produção eram de autoconsumo e autorreprodução, tendo sempre a alimentação e moradia como recursos fundamentais. Da cota que sobrava aos arrendatários, pouco era destinado para mercado e em poucas vezes destinado para comprar o necessário, como o sal. De fato, a vida dos camponeses neste sistema era muito difícil, uma organização habituada a regras e limitações.

Durante a enquête agrícola (*Inchiesta Jacini*) também existiram relatos das condições da propriedade e empobrecimento dos terrenos. Uma solução foi o investimento da produção mediante expansão de prados artificiais, criação de animais, laticínios e frutíferas. Com aceleração do capitalismo e contratos anuais, os colonos estavam expostos a prestações grandes. Concomitante teve doenças na produção de uva e atrofia do bicho-da-seda, queda dos preços agrícolas e integração do mercado, fatores estes que afetaram a *mezzadria* entrando em uma crise profunda.

Outras informações relevantes sobre o sistema de *mezzadria* estão na obra “Antonio Maresio Nazolle: Il possidente bellunese”, de Daniela Perco (1986), um grande proprietário de terras na província de Beluno. São narradas as condições históricas e socioeconômicas – a emigração, guerras, serviço militar, desenvolvimento das indústrias e principalmente os relacionamentos entre proprietários e trabalhadores, os modos usados da propriedade fundiária e os *contadini*, sendo camponeses ou *braccianti*.

Dentro da sociedade beluneses, Perco (1986) dividi entre camponeses, *braccianti*, artesãos e patrões. *Braccianti* eram considerados os assalariados agrícolas de onde muitos emigraram ao exterior, trabalhavam mais nas planícies e eram vistos pelos proprietários como “maus”, pois trabalhavam somente por dinheiro. Queriam alcançar status social e faziam muitas exigências. O modelo ideal para os *possidenti* eram os camponeses, boa pessoa, quieto, dócil, respeitoso e que aceitava as ordens. A família e o casamento para Bazolle representavam uma continuidade tradicional da sociedade, portanto modelo ideal para o mantimento dos valores como submissão, obediência e moralidade.

No decorrer da obra, Perco (1986), apresenta elementos significativos das relações dos camponeses e o ambiente: as atividades que envolvem o mundo vegetal e animal e conseqüentemente a partir de seu comportamento algumas modificações como desmatamento, caça e excessivas pastagens. A preocupação ecológica envolvia proprietários e camponeses, pois pelo pacto de *mezzadria*, estava entre as pautas o cuidado com o mesmo.

O território belunese era dividido em posses. Perco (1986, p.25), enfatiza que posse se entende por “um complexo de bens compostos de prados, campos, e bosques, bem como de casas ocasionadas pela ruralidade local, e dos alojamentos da família camponesa que deve trabalhar esta possessão”. As posses podiam ser pequenas, médias e grandes: as pequenas não tinham quase animais bovinos e não davam aos proprietários milho todo ano; as médias em torno de 12 animais bovinos e 20 a 35 sacos de milhos; e as maiores com 25 bovinos e mais de 35 sacos de milho por ano. As famílias eram numerosas de dez a trinta pessoas e assim, dentro de cada possessão tinha-se as atividades com os animais, campos, árvores e pradarias.

#### **5.4.1 Uma propriedade grande – *La Cascina***

A região da Lombardia, por ter áreas mais planas mantinha o predomínio de média e grande propriedade (AZEVEDO, 1975). Entretanto, cabia aos camponeses, que trabalhavam para os proprietários, manusear uma pequena área de terra, separada por cultivos. Uma forma de propriedade agrícola diferenciada entre as regiões pesquisadas foi a *cascina*, principalmente em regiões da planície *padana*, no Vale do rio Pó, região da Lombardia.

A *cascina* era uma grande propriedade em torno de 50 a 60 hectares onde vivia permanentemente mais de uma família com várias partes cultivadas. Além do mais, era uma estrutura fechada garantindo a defesa de quem trabalhava e o controle do proprietário sob os

trabalhadores. A cascina tinha diversas partes e estruturas: estábulo para os bovinos, local para o silo, queijaria e local para guardar o leite e um chiqueiro para os porcos (PAZZAGLI, 2015).

A partir do século XVII intensificou-se lentamente as unidades agrícolas nos Reinos Italianos. Para o desenvolvimento de uma *cascina* era preciso grandes investimentos para a agropecuária, ferramentas e uma boa gestão de água. A planta central de uma cascina era em forma quadrangular (FIGURA 52) e em sua propriedade tinha um prado próximo de casa em que era possível sempre cortar o feno para os animais e também guardá-lo para o inverno (VISCONTI, 2016).

Figura 52 – *Cascina* interna em Cremona, Lombardia



Fonte: Da autora (2019).

Na figura 52 é possível identificar a parte central da *cascina*, bem como duas residências – a casa central e mais alta era do proprietário e as demais das famílias de camponeses. Ao lado direito da construção (estando dentro da casa) é o local para ser guardado os instrumentos para plantio bem como a produção. Do lado esquerdo da mesma ficava o estábulo, casa de fiação e lavanderia.

Os trabalhos na *cascina* eram feitos manualmente por todos os que nela habitavam, os quais se capinava, limpava o terreno, plantava, cortava o feno e recolhiam os produtos, entre

outras. Mantovani (1979) destaca que em uma das *cascina* de Cremona moravam seis famílias e cada uma delas arrendava uma parte e tinha uma habitação, um pequeno estábulo para criação das vacas, galinhas, gansos e coelhos, um pequeno celeiro e depósito de madeira.

O trabalho dos camponeses estava vinculado a um contrato de trabalho, que em troca era pago com uma parte da produção e em algum caso com dinheiro. Na entrevista E24 realizada em Cremona o interlocutor destaca: “*Não tanto entrava no contrato de trabalho, entrava no contrato dos...dizemos “direito da enxada”, o contrato complementar que vendiam metade do dono e metade deles.[...] o dono não perdia seu capital de investimento mas o camponês trabalhava por nada*<sup>86</sup> (tradução nossa, E24, 23/03/19, p. 6)”. O mesmo interlocutor destaca que:

*B – Sim normalmente tinha um proprietário com cinco, seis cascina e alugava. Quem alugava contratualmente.*

*A – Sim, tinha vários contratos e o arrendatário, e depois fazia como se fosse um dono ou talvez feitor que era representado pelo dono. Ou de nós, era pouco difuso a mezzadria, sabes que coisa é?*

*J – Sim.*

*A – Aqui não tinha muito. Depois tinha metade de 50%<sup>87</sup> (tradução e grifo nosso, E24, 23/03/19, p. 7).*

Na fala do entrevistado entende-se que existiam diversos tipos de contratos também na *cascina*, na maioria das vezes pela produtividade e em vezes pela *mezzadria*. Dentro da *cascina* criavam poucas vacas e porcos, uma ou duas ovelhas para a lã. As crianças ficavam dentro da *cascina* de março a dezembro, restando somente três meses para ir à escola, o que forçava muitos a serem semianalfabetos. Já de pequenos, no contexto social e econômico da *cascina* estavam presentes nas atividades juntamente com os adultos que ficavam muitas horas na lavoura. Um elemento da estrutura da *cascina* considerado importante foi o estábulo, local de reunião, de contar histórias, brincadeiras e onde as mulheres realizavam a fiação (MANTOVANI, 1979).

Na *cascina* da Província de Cremona, região da Lombardia, habitavam em torno de sete famílias. O entrevistado italiano E24 destaca informações:

*J – E se podes também explicar um pouco dessa e da vida na cascina que falamos. Esta divisão e se podes falar porque penso que é muito interessante.*

<sup>86</sup> *Non tanto entrava nel contratto del lavoro, entrava nel contratto dei...diciamo “diritto zappa”, il contratto complementare che vendevano metà il padrone e metà loro.[...] Il padrone non era perso il suo capitale d’investimento ma il contadino lavorava per niente.*

<sup>87</sup> *B – Sì di solito c’era un proprietario con cinco, sei cascine e affitava. Qui affitava contrattuale. A – ecco, c’era varie contratto e l’affittuario e poi faceva come si fossi un padrone oppure fattore che era reppresentato del padrone. Oppure da noi era poco difuso la mezzadria, sai cos’è? J – sì.A – qui non c’era molto. Poi c’era metà 50%.*

*A – Sim. A cascina é importante do ponto de vista econômico porque é um sistema fechado, onde todos estão juntos, também fisicamente. O estábulo era vizinho a casa que servia depois para conservar os campos, o feno acima do estábulo, o laia serve para secar os produtos, as casas dos camponeses são na cascina em modo que...porque na cascina? Não podia habitar na cidade e voltar, porque trabalhava da manhã às cinco, primeiro da noite às sete, não tinha tempo para descanso e depois assim podia descansar as mulheres<sup>88</sup> (tradução nossa, E24, 24/03/19, p. 6).*

Conforme apresentado, a *cascina* teve uma grande representação nos territórios de planície próximos ao rio Pó principalmente para a produção econômica. No contexto agrário italiano este tipo de propriedade favorecia o proprietário que alugava a terra e recebia grande parte da produção. Como forma de subsistência, os arrendatários viviam neste contexto social e em troca de trabalho mantinham sua vida nas propriedades.

Quando o emigrante italiano chegou ao Brasil e propriamente ao sul, engajados pelas propagandas do país da “*cocanha*”, encontrou a estrutura de propriedade já pouco conhecida da terra de origem: a colônia e o lote colonial. A partir da lei de terras de 1850 mudanças favoreceram a emigração italiana, quando as terras deveriam ser colonizadas por europeus e adquiridas através da compra. A ocupação nas áreas agrícolas no Rio Grande do Sul obedecia às condições para a colonização: serem ocupadas por não escravos e transferidas aos colonos somente com a efetivação e aproveitamento das terras por cinco anos (FREITAS JÚNIOR, 1882).

O projeto de ocupação envolvia companhias públicas e particulares no processo de comercialização de terras em lotes coloniais, aumentando o número de famílias bem como a lavoura. Tinham assim, autorização para cultivar os terrenos considerados baldios, devolutos ou abandonados (IOTTI, 2001). As terras foram divididas em linhas e travessões, de 20 a 25 hectares com lotes numerados não respeitando acidentes geográficos (FROSI; MIORANZA, 1975).

A administração colonial possuía a sede em Porto Alegre e tinha cargo da Diretoria da Colônia e Inspetoria Especial de Terras e Colonização. Balbinot (2014) informa como eram as medições dos lotes coloniais:

A demarcação da colônia seguia as medidas gerais da légua, do travessão e do lote rural. A légua ilustrava-se como um quadrilátero em torno de 5.500 metros lado

---

<sup>88</sup> *J – e si puoi anche spiegare un po' di questa e la vita della cascina che abbiamo parlato. Questa divisione e si puoi parlare perché penso che sia troppo interessante. A – sì. La cascina è importante del punto di vista economico perché è un sistema chiuso, dove tutto è collegato, dove anche fisicamente. La stalla è vicino alle tamià, che serviva poi per conservare i campi, il fieno sopra la stalla, il laia serve per secare i prodotti, le case di contadini sono nella cascina in modo che....perché nella cascina? Non poteva abitare nel paese e venire, perché lavorava della mattina alle cinque prima da sera alle siete non c'era tempo per spostamento e poi così poteva sotare le donne.*

cortado entre 6 a 13km no sentido longitudinal por deficientes caminhos chamados de linhas, travessões ou picadas. Os lotes coloniais eram demarcados a direita e a esquerda destas linhas, sendo demarcadas por postes de madeira formando uma área retangular com cerca de 200 a 250 metros para a linha e cerca de 1.000 a 2.200 metros de fundo (BALBINOT, 2014, p. 37).

O lote era concedido ao colono imigrante italiano mediante ao pagamento de cinco anos. A politização externa das terras sulinas juntamente com o crescimento de número de imigrantes das antigas colônias, favoreceu a migração interna para outras áreas. Segundo Frosi e Mioranza (1975) as correntes migratórias internas foram impulsionadas pela densidade populacional de famílias com mais de dez membros e a agricultura praticada por métodos tradicionais, impulsionando busca por novas terras.

Assim, tem-se a partir de 1882 a demarcação e comercialização de terras ao norte do rio Taquari e a fundação das colônias Encantado (1882) e Guaporé (1892). Os lotes compunham terras férteis e um clima mais quente do que as antigas colônias. Além do mais, estas colônias tinham interesses também no desenvolvimento de infraestrutura entre a cidade de Passo Fundo até os portos do rio Taquari, facilitando a circulação de pessoas e mercadorias. O período de ocupação dos lotes e desenvolvimento de atividades econômicas de subsistência e extração vegetal, foi tratado no capítulo 6.

Os primeiros contatos dos imigrantes italianos e descendentes com o lote aconteceram pelo desmatamento. Enquanto os primeiros colonos, como os açorianos e alemães, dificilmente desmatavam toda a extensão da propriedade, os imigrantes italianos rapidamente, esgotavam os recursos florestais no lote de terra adquirido. Bublitz (2004) salienta que os imigrantes italianos assim que chegavam aos lotes coloniais derrubavam e cortavam as árvores para limpeza e preparação das áreas, seguido das queimadas e após plantavam. Por ora, as primeiras áreas destinadas a colonização italiana foram ocupadas e cultivadas, ocorrendo uma rápida expansão dos italianos para novas áreas produtivas (MANFROI, 2001).

Quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, a partir do final do século XIX, enfrentaram muitas dificuldades, tais como o tempo de espera para a distribuição de lotes, a demasiada extensão, em medidas de comprimento, dos lotes distribuídos, compostos de uma intensa mata fechada, praticamente sem picadas ou estradas (MANFROI, 2001). Ao avistar o lote de terra a ele destinado, o sonho do imigrante italiano logo se transformou em desilusão e perplexidade, entretanto, precisou encontrar alternativas para sobreviver.

Dessa forma, tornar a terra produtiva era uma condição essencial para esse grupo e significava adquirir o controle sobre o espaço natural, caracterizado como “vazio”. Deve-se lembrar de que esse espaço não estava “vazios”, pois encontravam-se ocupado por populações indígenas, cujas lógicas e organizações não se enquadravam no processo capitalista. Nesse sentido, tanto sob a perspectiva de aproveitamento do espaço quanto pela relação de assujeitamento econômico, a imigração representava um acréscimo econômico ao Império Brasileiro (BENEDUZI; VECCHI, 2010).

Após a fundação dos primeiros núcleos, teve início a formação de novas comunidades que desenvolviam aspectos socioeconômicos do grupo. Os núcleos espalhados pelas colônias e sua expansão eram baseados em critérios geográficos, chamados de picadas. Além do mais surgiram sistemas religiosos com as capelas e igrejas, decorrentes das atividades econômicas pousadas, armazéns e moinhos (CASTOLDI, 2016).

Em cada travessão em que estavam localizados os imigrantes italianos construía-se uma capela e ao redor dela surgiram outras construções, como a bodega, o salão de festas, a cancha de bochas, o cemitério e a escola. Além do mais, com a construção das capelas, a religião desempenhou um papel fundamental de integração social entre os colonos. As visitas ocasionais nos domingos proporcionaram encontros para rezarem o terço e comentar os fatos da vida. Essa infraestrutura comunitária possibilitou que os imigrantes italianos se reunissem e praticassem seus costumes, usos e tradições. A capela funcionava como um ponto de referência que passou a girar não só a vida religiosa, mas também a social (DE BONI; COSTA 1982).

Conhecer como procedeu-se os modos de sistema de terras entre os territórios ítalo-brasileiros e a transição da mesma em solo brasileiro também proporciona entender a emigração e concomitante o contexto social, político e econômico. Na Itália o sistema era de arrendamento e de relações entre proprietário e arrendatário. Já no Brasil, podiam a partir do trabalho de cinco anos, serem donos de suas terras. Ambas formas passavam por contratos vivenciados pelo trabalho familiar com suas regras e condições, favorecendo o proprietário da mesma.

Neste item a principal diferença entre as formas de propriedade tinham relações com sua dimensão e formas de organização. Enquanto no norte italiano as propriedades nas montanhas eram pequenas habitadas por uma família com pouca diversificação de produção e nas planícies eram médias e grandes, onde habitam até dez famílias, como exemplo a *cascina*.

No Brasil tinham dimensões de 20 a 25 hectares sendo em linhas ou travessões em posse de uma família com a policultura.

### **5.5 A Primeira Guerra Mundial nos territórios ítalo-brasileiros**

Como marco temporal final desta tese, tem-se outro momento histórico vivenciado por este grupo étnico: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um período difícil e que envolvia cenários socioeconômicos, políticos e territoriais. Dos italianos que já se encontravam no Brasil e ao norte do rio Taquari faz-se algumas colocações relativas à emigração bem como a participação brasileira neste episódio. Assim, elenca-se um contexto e também informações de como este episódio memorável fez parte da vida dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes nos territórios ao norte de ambas espacialidades.

A Itália teve participação na Primeira Guerra Mundial e entre os principais motivos estavam as disputas das questões territoriais, insatisfeita com as poucas colônias que havia adquirido. Ideologias nacionalistas, disputas coloniais e militarismo eram fatores de relações entre as principais potências, gerando conflitos e tensões. Também geograficamente a Itália está localizada entre as principais potências mundiais, fazendo parte deste corredor de disputas econômicas e políticas (BERTONHA, 2005).

No tocante as questões políticas e territoriais a Itália mesmo unificada no século XIX, ainda desejava incorporar outras cidades de língua italiana como Trento e Trieste, as quais continuava em poder da Áustria-Hungria. No início da guerra, a Itália fez parte da Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália). A Itália foi flexiva nos sistemas de alianças, sendo o propósito inicial unir-se com a Alemanha em represália à França, que frustrara a pretensão italiana de conquistar a Tunísia. Mas o fato de a Áustria-Hungria fazer parte do bloco incomodava os italianos, devido ao desejo das disputas territoriais. Somente em 1915 a Itália entrou na luta armada ao lado da Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia), contra a Alemanha e Áustria-Hungria, porque Grã-Bretanha e França (da Tríplice Entente) prometeram aos italianos algumas colônias alemãs na África (HOBSBAWM, 2003)

As fronteiras entre Itália e da Áustria-Hungria estavam localizadas nos Alpes, com extensas montanhas, as quais os austro-húngaros dominavam quase inteiramente. Para ambas partes dominar essas montanhas seria tarefa positiva, juntamente com tropas bem equipadas e conhecedoras do ambiente. Do outro lado estavam as tropas alpinas italianas, que eram

pequenas e insuficientes onde o exército italiano assumiu a tarefa. Este exército tinha deficiências em armamento e equipamento notáveis e, seus soldados, eram convocados de diversos lugares da Itália, em que muitos desconheciam o propósito da guerra e também o terreno, dificultando a batalha (BERTONHA, 2005).

Neste contexto a participação da população em números era de seis milhões de italianos, dos quais em torno de 48% foram da região norte, principalmente operários, camponeses, mulheres, soldados e oficiais. Os homens tinham mais atuação diretamente na guerra e as mulheres (em torno de 200 mil) foram empregadas nas indústrias siderúrgicas e mecânica, sendo que outras camponesas e idosas estavam sob vigia da casa e dos campos. A economia italiana durante a Primeira Guerra foi mobilizada a produzir grande quantidade de armas para o campo das batalhas. Neste curto tempo de guerra a indústria italiana fabricou um número de 12 mil canhões e aviões, mais de 500 navios, 71 submarinos, 70 milhões de projéteis de artilharia, mais de 3,6 bilhões de cartuchos e ainda suplementos como roupas e botas. Além do mais, houve crescimento da indústria bélica, a indústria pesada, mecânica e automobilística (BERTONHA, 2005).

Paralelamente com o crescimento econômico, os operários sofriam com uma carga intensa de horas de trabalho e salários reduzidos. Na agricultura outros fatores foram atingidos como a requisição de animais, a mão-de-obra pelo recrutamento dos filhos dos camponeses aos exércitos e a falta de fertilizantes e financiamentos, gerando a escassez de alimentos e inflação. Outra questão também está ligada aos créditos dos ingleses e americanos e as importações de trigo, carvão e outros produtos. Como exemplo, entre abril de 1917 e novembro de 1918, os Estados Unidos emprestaram cerca de 2 milhões de dólares por dia para que a Itália pagasse seus compromissos e importações (BERTONHA, 2005).

Todo este contexto socioeconômico e político também foi apresentado no relato do italiano E20 da província de Trento, quando destaca a crise política vivida pelos seus antecedentes e contexto de sua região:

*M – Mas sobretudo era o fato que as famílias em um certo ponto com o problema da crise e da cultura do bicho-da-seda, depois da vida e das enchentes e etc. Se encontraram bastante em pobreza absoluta e depois tinha o problema também da guerra, porque então o exército Austro-Húngaro e quando ao fim das famílias haviam 90 anos e podiam começar a trabalhar vinha retirar do exército Austro-Húngaro e que era obrigatório etc., etc. Então tantas famílias que estavam ali como uma escolha quase também obrigatória que queria procurar de melhorar própria a situação porque precisava pensar que digamos, na segunda metade dos 800' se foi tinha grandes taxas de emigração, entre 1870 e 1900 sim e quem ficou, no entanto, enfrentou a pobreza que tinha prima e depois da guerra, a primeira guerra mundial 20 anos de ditadura fascista e depois com a Segunda Guerra Mundial. Então a*

*pobreza aconteceu e multiplicou-se e em qualquer caso durou um século inteiro*<sup>89</sup>  
(tradução nossa, E20, 11/01/19, p. 3).

Este interlocutor enfatiza fortemente a situação da população que enfrentou problemas da crise econômica, a Primeira Guerra Mundial e situações de pobreza, que levou muitos trentinos a emigrar. Com o conflito teve falta de muitos produtos e restrição de gêneros. Na obra “*Pietro Osella – Un contadino nella Grande Guerra*” dos autores Valter Careglio e Lilliana Ellena (1995), é tratada a história de um camponês por intermédio de seu diário que partiu para a guerra em 1916. Os camponeses encontraram na Guerra o homem da “montanha” como parte de sua identidade nacional e também conheceram a tecnologia, organização industrial e a artilharia. No diário está registrado as dificuldades vividas nas trincheiras durante os meses de guerra, explorações noturnas, os bombardeamentos, os longos trajetos, a massa dos deslocamentos, as terras queimadas e os corpos abandonados nos campos de batalha.

Entraram na Guerra semianalfabetos, mas precisaram tornar-se conhecedores da leitura e da escrita pela necessidade do envio de notícias aos familiares. O pós-guerra emergiu a própria identidade italiana, pois a participação militar de muitos italianos neste momento político foi perante os demais uma experiência da vida e da morte. Finalizada a Primeira Guerra, a economia e indústria italiana foram fortemente impactadas e teve em torno de 460 mil mortes. Vale também informa que durante a Primeira Guerra Mundial a emigração para o Brasil foi interrompida.

Do lado brasileiro, a Primeira Guerra Mundial também acarretou desdobramentos, tendo em vista que inicialmente o Governo de Getúlio Vargas adotou a neutralidade pelo fato de possuir relações comerciais com a Alemanha, Inglaterra e França. Em particular com a Alemanha por questões militares. Entretanto, a conta de junho de 1917 declarou-se favorável a Tríplice Entente – Reino Unido, França e Rússia, e reconheceu o estado de Guerra em novembro do mesmo ano, depois de ataques marítimos de submarinos alemães aos vapores brasileiros. Em maio de 1918 enviou uma Divisão Naval em Operação de Guerra, nove

---

<sup>89</sup> *M – Ma soprattutto era il fatto che le famiglie un certo punto con il problema della crisi e della coltivazione del baco da seta, poi della vite e le alluvioni e ecc. si sono trovati tantissimo in povertà assoluta e poi c'era il problema anche delle guerra perché allora appunto l'esercito Austro Ungarico e quando il fine delle famiglie avevano 90 anni e potevano cominciare a lavorare veniva portare via del'esercito Austro Ungarico e che era obbligatorio ecc. e ecc. Quindi tante famiglie che lì è stato come una scelta quasi anche obbligata che voleva di cercare di migliorare proprio la situazione perché bisogna pensare che diciamo che nella seconda metà del 800' si è stato il tasso più alto dell'immigrazione, fra 1870 diciamo 1900 ecco e chi è rimasto dunque frontare la povertà che c'era prima e dopo le guerra, la prima guerra mondiale 20 anni la dittadura fascista e dopo con la seconda guerra mondiale. Quindi la povertà è andata a moltiplicata su comunque insomma è durato un secolo intero.*

oficiais da Marinha e do Exército e médicos cirurgiões para ajudar com os feridos (FAGUNDES, 2015).

Tratando particularmente dos italianos e descendentes que estavam nas colônias e territórios ao sul do Brasil, como destacou-se na sua grande maioria da região norte italiana. Porém como o Trentino Alto-Ádige ainda pertencia a Áustria durante a Primeira Guerra Mundial, houveram também conflitos entre italianos das regiões do Vêneto e Lombardia com os trentinos. Segundo, Azevedo (1975), os trentinos não eram considerados italianos, mas austríacos, vulgarmente chamados pelos emigrados de os “sem bandeira”. Corroborando com isto Côrrea (2018) enfatiza que os conflitos se intensificaram durante a Primeira Guerra Mundial quando a Itália e a Áustria lutaram em lados opostos, e o conflito repercutiu no Brasil entre os imigrantes oriundos destes países. Ocorreram situações em que italianos e trentinos agrediram-se fisicamente devido a discussões por motivos nacionalistas.

Com a entrada da Itália no conflito e a adesão do Brasil ao lado da França, Rússia, Inglaterra e Itália, os sentimentos nacionalistas tomaram força entre os imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul. Assim, surgiram atritos dos italianos e descendentes com a população de origem alemã ou austríaca, mas Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, fez o possível para acalmar os ânimos e reprimir qualquer situação na região colonial. Borges de Medeiros reforçou a política de nacionalização pretendida pelo governo federal durante o conflito, mas recebeu em novembro de 1917 uma censura do presidente Venceslau Brás, especialmente por não obrigar que o ensino fosse feito somente em português (POSSAMAI, 2007).

Nos territórios ao norte do rio Taquari tem-se algumas passagens e relações com a Primeira Guerra Mundial, principalmente em dados que se remetem a motivos da emigração. A interlocutora emigrante E7 que reside até a atualidade ao norte do rio Taquari informa que um dos motivos de sua família emigrar para o sul do Brasil, na colônia Guaporé está associado a Primeira Guerra Mundial:

*J – A senhora comentou que tinha na época lá uma guerra acontecendo?*

*R – Eu tava pequeninha eu acho, porque o pai sempre contava que o irmão dele foi na guerra e parece que não voltou. É perto, ali perto ma não sei que lugar ali de Verona ali que lugar. Então ele me dizia assim: “ma non que la viene pio la Guerra, perché mate a tutti”. Ma lá a gente caminha lá tem a valeta que tá cheia de sangue e gente que mataro, gente que mataro e lá gente que morria de certo ali perto não fui, era retirado. Ma aconteceu uma guerra que mataro bastante gente lá, gente que deixaro família inteira. E lá tocava de se cria porquê de um jeito ou outro, ma que passemos medo... (E7, 29/08/17, p.5).*

A emigração desta família está diretamente associada pela perda do tio na Primeira Guerra e o medo vivenciado por eles. Outro relato encontra-se com o entrevistado, quando sua mãe Elizabete, emigrou da região de Beluno, norte da Itália com nove anos e entre os principais motivos foi a guerra e a pobreza. Outros detalhes relatados foram sobre a fome na Itália durante a guerra e a viagem feita para o Brasil em navios a vela com difíceis e demorados percursos que também ocasionavam mortes (D10 de 13/07/18).

Outro dado encontrado com um dos descendentes de italianos E12 na colônia Encantado ao norte do rio Taquari, remete-se a questões históricas e também associada a guerra.

*N: É e eles tavam ali e aí tinha segundo me contaram, isso meu avô me conto muita história que ali tinha guerra, o negócio de guerra na época então chegaram a conclusão que eles iam embora de lá. [...] E aí o meu bisavô que era o Antonio Daldon, ele era casado com a Domenica Renon Daldon, sim que ela ficou depois Daldon também. E então o meu bisavô ele trabalhava numa coisa....numa....como se diz que tu tem que trabalha pra acha....*

*J: Uma pedreira? Uma mina?*

*N: Uma mina. Ele trabalhava numa mina que era de mercúrio.*

*J: Lá? Que cidade era?*

*N: Era Sagron di Primier.*

*J: Em Trento?*

*N: É, é. E também encontrava alguma vez um poquinho de ouro nessa mina também é. Mas com aquele problema também de quem trabalhava com mercúrio morria novo, também ajudou um pouco a forçar pra vim pro Brasil né, que parece que a minha bisavó não queria fica viúva tão cedo. Mas deu com aquele problema das guerra, deu que não podiam mais sai da mina e ele e mais dois cara me parece com uma escada e como foi e não foi não sei dizer certo conseguiram fugi e aí chego em casa e falo que já tavam meio afim de vim embora. Aí então ele combino com a bisavó que eles vinham pro Brasil, aí então eles pegaram o trem, a minha bisavó com os quatro filhos embarcaram no trem e tal com outras pessoas e ele se escondeu no feno, viajaram.(E12, 14/09/18, p.5).*

Observando estas narrativas com o processo histórico pode-se relacionar aspectos sobre o Estado-nação do nacionalismo italiano e nacionalismo brasileiro, que por ora faz parte de questões ideológica da vida italiana desencadeada em outros momentos históricos – o fascismo e o totalitarismo, mas que não fazem parte do escopo desta pesquisa. Através da comparação entre Itália e Brasil o sentimento de nacionalidade desempenha um papel fundamental na crise do liberalismo durante o final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial.

De fato, ao compararmos este episódio histórico tem-se todo um envolvimento social, político, territorial e econômico e que também motivaram levas de emigração, quando muitos chegaram também ao norte do rio Taquari. Os interesses italianos, principalmente em terras fez com que a Itália ficasse entre os dois lados da guerra, afetando também sua economia. A

participação da população italiana foi mais forte no conflito militarmente e como mão-de-obra para fabricação de armas. O Brasil pela sua neutralidade, teve sua parcela de participação pelo conflito marítimo a partir de 1917 e episódios nacionalistas entre italianos e trentinos nas colônias sulinas.

Desta forma, entende-se que todos os aspectos históricos apresentados neste item são acontecimentos que fazem parte do ambiente. Na História Ambiental, analisando períodos procedentes como séculos XIX e XX, buscando responder as perguntas dos pesquisadores na formação dos territórios e colônias bem como a participação da natureza e o homem – “Neoeuropas”<sup>90</sup>, em momentos históricos e nas transformações ambientais (PÁDUA, 2010, CROSBY, 2011).

As situações políticas, sociais e econômicas faziam parte do ambiente onde viveram italianos, imigrantes italianos e descendentes. Do lado italiano, muitos desses fatores e condições – Unificação Italiana, doenças, altos impostos, transformações econômicas influenciaram a emigração que objetivava melhores condições de vida e compra de terras. Quando chegaram ao Brasil em 1875, ocuparam os lotes coloniais e presenciaram mudanças no sistema político – Império para República, bem como a Revolução Federalista. Ademais, contribuíram também para economia com suas produções agropecuárias.

Concomitante, muitas informações sobre o ambiente e vida deste grupo étnico foram registradas pelas investigações agrárias – *Le Inchieste e documentos dos boletins e relatórios*, no qual ambos tinham interesses sobre a sociedade rural vivida por este grupo étnico. Dentro deste contexto, a (e)migração analisada encontrava-se principalmente em dois tipos e apresentam diversidades. Os italianos já eram acostumados a imigrarem *temporalmente* durante o inverno para outros países. Em outras situações a imigração passou a ser *permanente*, principalmente a encontrada para o Brasil e o Rio Grande do Sul.

Ao norte italiano foram identificadas sistema de terras pelos contratos de “*mezzadria*” entre o proprietário – *possidente* e os arrendatários - *mezzadri, fittavoli*. O tamanho das propriedades dependia da localização das terras: nas montanhas em torno de cinco hectares e nas planícies maiores, como a terminologia *cascina*, chegando à dimensão de 50 hectares. Já no caso do Brasil, o sistema de ocupação de terras – colonização, proporcionava aos italianos,

---

<sup>90</sup> Crosby pontua que o “Neoeuropas” são áreas ocupadas pelos europeus geograficamente espalhadas no mundo.

imigrantes italianos e descendentes a compra da terra e tornar-se proprietário de terras em cinco anos. Estes lotes coloniais eram de 20 a 25 hectares, vendidos em linhas e travessões.

Foram encontradas passagens sobre a viagem transoceânica de vários dias nos navios, situações de medo e fome bem como primeiros momentos nos lotes coloniais. A propaganda da *cocanha* e almejo dos italianos em encontrar uma “terra de paraíso”, contemplam informações nos discursos e cartas dos imigrantes sobre a saúde familiar, sucessos e insucessos na “nova terra”. Com base nas informações, entende-se que para muitos a emigração foi positiva e deu certo, e que para outros não superou as expectativas.

E por último, conheceu-se relações sobre a Primeira Guerra Mundial nos territórios ítalo-brasileiros, mas de formas diferentes. A Itália tinha interesses políticos, territoriais e econômicos por parte das duas Alianças, em que milhares de pessoas participaram seja pela força armada ou nos trabalhos em fábricas de armas. O Brasil no geral manteve imparcialidade e mais para o final da Guerra teve conflitos no mar e nas colônias sulinas por movimentos identitários.

A ocupação ítalo-brasileira em territórios ao norte italiano e ao norte do rio Taquari ocorreu a partir de um conjunto de fatores também apresentados neste capítulo. Conforme sua mobilização as ocupações ítalo-brasileira interagiam com os ambientes, modificando-os conforme suas atividades econômicas e culturais, participando assim da formação das paisagens e momentos históricos.

## **6 COMPARATIVO DAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS E IMPACTOS AMBIENTAIS ENTRE OS TERRITÓRIOS ÍTALO- BRASILEIROS**

*A economia humana passa por uma sequência de fases: a caça, a criação, a agricultura, o comércio e a indústria. A causa dessa evolução estaria na psicologia mesma do homem (FURTADO, 1979, p. 137).*

Tomando como base que as relações dos italianos, os imigrantes italianos e seus descendentes com o ambiente a partir de atividades econômicas geraram modificações e impactos, constitui-se assim um vasto campo de pesquisa também pela História Ambiental. Neste capítulo aborda-se o comparativo das atividades extrativistas, agrícolas e pecuárias entre os territórios pesquisados, em relação ao desenvolvimento das famílias e economia. No decorrer dos subcapítulos elencados apresentam-se como as atividades agropecuárias e conexões geraram conseqüentemente impactos ambientais. Desta forma, apresenta-se como estruturaram-se as principais práticas nos territórios ítalo-brasileiros levando em consideração o desenvolvimento destas ações na temporalidade analisada.

### **6.1 As florestas, os bosques e o mato: um primeiro contato**

O contato dos italianos, imigrantes italianos e de seus descendentes com o ambiente nos territórios ítalo-brasileiros de fato sempre ocorreu. Como observou-se no capítulo 3, tanto no norte da Itália como nos territórios ao norte do rio Taquari, foram utilizadas designações como “florestas, bosques e mato” e conseqüentemente a exploração madeireira, que acontecia

por suas percepções, relações e práticas recorrentes. Estes termos são complexos e possuem de certa forma alguma diferença, pois são utilizados popularmente quando se remetem ao conjunto de árvores. Segundo o Manual Técnico da Vegetação Brasileira (1991) e o Dicionário de Termos Florestais (2018), floresta entende-se como o conjunto de fitofisionomia das árvores que se assemelha à mata, mas tem conceituação bastante diversificada, principalmente pelo conjunto de sinúcias de alto porte classificadas em quatro partes: herbáceo, arbustivo, arvoreta e arbóreo. Mato também é sinônimo de floresta e quantidade de árvores da mesma espécie (IBGE, 1991). Já bosques é uma proporção da vegetação menor do que uma floresta, contemplado por um conjunto de árvores, arbustos e outras plantas (PIRES et al., 2018).

De certa forma, todo este contato e exploração foram desempenhados pelos italianos e após teve continuidade em territórios ao norte do rio Taquari, pelo encontro de uma rica biodiversidade tratada equivocadamente como uma “floresta virgem”, conceito já discutido no capítulo inicial. As diferentes relações e impactos são visivelmente constados nos documentos, representações e ainda hoje nas paisagens. Durante o período emigratório, as denominações “florestas, bosque e mato” eram utilizadas para diversos fins e vistos como empecilho para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, bem como econômicas.

A biodiversidade das florestas da Província do Rio Grande do Sul representava riqueza e fortuna, mas também medo e desconforto. Conforme Ferri (2016), o desmatamento pelos colonos iniciou-se pelo pé da serra e das várzeas planas dos rios e após seguiram pelas encostas até o alto da serra. Isso visto que a região de planalto no Rio Grande do Sul e suas características ambientais gerava um incômodo, pois os imigrantes se deparavam com uma grande mata cheia de animais considerados por eles, selvagens (BUBLITZ, 2010). Além disso, a mata subtropical e a encosta representavam para eles barreiras naturais e impediam a tentativa de ocupação das terras (BUBLITZ; CORREA, 2006).

Segundo Dean (1996, p. 23), a história florestal “corretamente entendida é uma história de exploração e destruição. O desaparecimento de uma floresta é uma tragédia cujas proporções ultrapassam a compreensão ou concepções humanas”. Entende-se assim que o contato humano – italianos e descendentes, com os elementos naturais proporcionou degradações ambientais, iniciadas principalmente pela grande destruição das florestas. Por conseguinte, é relevante o enfoque ambiental na pesquisa histórica como forma de conhecer como a natureza influenciava na história humana. Para Pádua (2010, p.84): “A proposta de comparar regiões, produções naturais, economias e culturas - de constituir um saber

geográfico planetário - é fundamental para entender a emergência de uma preocupação com os riscos da ação humana”. Ao pensarmos nas atividades ítalo-brasileiras corrobora-se a proposta de Pádua apresentando os dados entre os territórios, as produções e economia.

Andrade (2008) também enfatiza que para entender as degradações e impactos ambientais é possível observar as relações entre ambiente e sistemas econômicos. Ou seja, o sistema econômico não atua independentemente do sistema natural, pois na maioria das vezes utiliza seus recursos naturais e devolve resíduos ao meio. Desta forma, a relação do homem com o ambiente na perspectiva da História Ambiental e econômica busca entender que tipos de relações e transformações ocorreram a partir de principais atividades econômicas.

Para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, tanto italianos como imigrantes italianos e seus descendentes têm utilizado e explorado tradicionalmente o ambiente, por meio de técnicas e métodos. De certa forma, os processos de atividades econômicas que contribuíram para as famílias e economia dos territórios ítalo-brasileiros são evidenciados também pelos impactos. Furtado (1974) observa que a ideia do mito do desenvolvimento econômico mundial em relação aos espaços naturais tem a ver, de fato, com o modelo da economia em expansão, destruindo e degradando em larga escala o meio ambiente, além de criar a ilusão de que, crescendo a economia, tem-se desenvolvimento. Assim, num primeiro momento faz-se um entendimento do convívio com “florestas, bosques e mato”, o uso dessas terminologias e especificidades encontradas na flora e vegetação dos territórios ítalo-brasileiros, apresentando resultados comparativos entre ambos.

Entre os séculos XVIII e XIX, as florestas e bosques que se encontravam na Itália tornaram-se privados ou municipais. Segundo Relly (2019), isto ocorreu em virtude das reformas agrárias de inspiração liberal que varreram o continente europeu. Os bosques no norte da Itália representavam uma grande fonte de matéria-prima indispensável para construção, indústria naval, energia para mineração e manufatura e, constituía ainda, recurso essencial para a comunidade alpina (CELETTI, 2008).

Por exemplo, na Província de Beluno no Vêneto, durante o século XIX, não existiam grandes extensões florestais, mas o que toma destaque são as florestas do Cadore. Existiam florestas do governo com plantações de lariços (*Larix decidua*) e abetos (*Abies*), mas eram locais de difíceis colocações e custosas utilizações. Nas florestas privadas existiam extensões restritas e rica em lariços (*Larix decidua*), bem como espécies de abetos (*Abies*), faias (*Fagus*), carvalhos (*Quercus*). Perco (1987, p. 241) bem apresenta sobre as florestas beluneses que “é tudo devastado, e quase desaparecido”. Enquanto muitas florestas foram destruídas,

diversas plantas lenhosas foram introduzidas para outros fins e sob outros títulos, como freixo (*Fraxinus*), carpa (*Carpinus*), olmo (*Ulmus*), acácia (*Acacia*), entre outras, com o objetivo de ter uma boa qualidade madeireira. Muitos proprietários plantaram espécies frutíferas e espécies de amoreira (*Morus*), lariços (*Larix*) e abetos (*Abies*) para após vender as madeiras.

Lazzarini (1999) informa que na região do Vêneto existiam os bosques públicos com principais espécies de “lenhas doces” (faias e coníferas) as quais muitas haviam sido destruídas ainda no século XVII. As madeiras eram utilizadas em minerarias e para construção naval. Destaca também que foi a partir do reino Itálico (1861) que as florestas públicas sofreram muitos ataques, principalmente para frotas, construção naval, estradas e pontes, sendo utilizadas 25 mil plantas para estas atividades. Evitava-se a importação da madeira, mas ao mesmo tempo toda a exploração empregava muitas pessoas.

Na região da Lombardia durante o século XVIII existiam muitos bosques considerados pobres, que no século seguinte se tornaram maiores, fazendo com que sua importância viesse à tona. A maioria dos bosques era de posse das prefeituras e utilizados por comerciantes de lenha e em parte pelos habitantes. Os bosques públicos eram aproveitados pelos habitantes que tinham acesso à exploração madeireira, mas também conduziam os animais para pastagens e recolhiam galhos, folhas e ervas para o uso da forragem (NICOLINI, 2005).

Na primeira metade do século XIX, com o aumento da população e o desenvolvimento capitalista, a demanda por lenha teve um crescimento seja para combustível ou material para construção. Assim, houve uma forte pressão sobre os bosques a ponto de colocar em perigo sua conservação. O problema florestal de desmatamento apresenta-se pelos numerosos testemunhos do consumo de madeira e capacidade produtiva dos bosques.

A preocupação estava vinculada aos graves problemas ambientais e econômicos: estabilidade do solo, regime das águas, desmoronamento e avalanches, elevação dos leitos e inundações, quando muitos habitantes foram obrigados a abandonar as zonas mais atingidas. Também nas colinas e planícies teve alargamento dos rios e muitas inundações, comprometendo colheitas e habitações. Consequentemente a escassez das madeiras elevaram os custos de compra e venda. Na metade do século XIX, segundo Nicolini (2005) “a madeira era de fato necessária praticamente para toda atividade humana, da agricultura à construção civil e constituía a principal fonte de energia enquanto era utilizada como combustível tanto para uso doméstico como nas manufaturas” (NICOLINI, 2005, p. 98-99).

Destarte, o Estado teve a função de proteger as matas dos possíveis abusos de serem totalmente destruídas. Em 27 de maio de 1811, a legislação florestal vigorou por todo o domínio austríaco e as principais restrições visavam vetar a destruição dos bosques sob os topos, longo dos rios e obrigação de deixar a cada corte as árvores mais jovens.

Pouco menos da metade do território do Trentino Alto-Ádige era coberta de florestas, um sétimo de terrenos improdutivos, um terço de prados e pastagens, e campos e hortas existiam muito pouco. As florestas tinham vários hectares de propriedade fiscal destinados a São Martinho, propriedade municipal e privada.

O recurso de madeira com as atividades de corte com os primeiros trabalhos teve grande importância primária na economia da comunidade, que tinha boa parte da propriedade dos bosques. No Trentino Alto-Ádige por exemplo, as grandes extensões de florestas eram de propriedade municipal, consórcio ou propriedade do Estado. Assim, a maior parte dos moradores recebia a cada ano uma pequena cota de lenha para queima e uma fração de recursos provenientes com o trabalho florestal.

Por intermédio da entrevista E21, corrobora-se com a ideia apresentada acima, em que a entrevistada da região do Trentino Alto-Ádige comenta sobre as florestas dos Alpes.

*B - Grande proprietario não tinha nada, não tinha. Tinha alguma coisa de bosque maior, mas o bosque maior era do município, não era dos particulares.*

*J - De família tinham?*

*B - Nem de família, tinham partes que se cultivavam madeira assim.*

*J - E desse bosque se podes falar um pouco, digamos de árvores principais?*

*B - Eram abeto e lariços. E faias um pouco mais abaixo, a faia tinha e depois para abaixo, abaixo longo rio estava muito distante.*

*J - E também cortavam isso?*

*B - Para fazer familiar sim e quem tinha bosque vendiam também plantas, também um pouco de bosques que precisava e quando casava uma filha ou um filho vendiam um pouco de bosque também<sup>91</sup> (tradução nossa, E21, 09/02/19, p. 2-3).*

Também nesta região, as florestas são consideradas patrimônio indiviso. Em particular, as florestas de alto caule são de propriedade municipal ou a títulos de coletiva, portanto, gestadas segundo planos de utilização, que são projetos de assentamento florestal colocados em ato dos propósitos provinciais de controle. O objetivo desse plano é um incremento da produção de madeira que seja subordinado à proteção do patrimônio florestal.

<sup>91</sup> *B - Grande proprietario non c'era niente, non c'erano. C'era qualcosa di bosco più grande ma il bosco più grande era di comune, non era di privati. J - Di famiglia c'erano? B - Ne anche di famiglia, avevano pezzi che si coltivavo legno così. J - E di questo bosco si puoi parlare un po' diciamo d'alberi principale?*

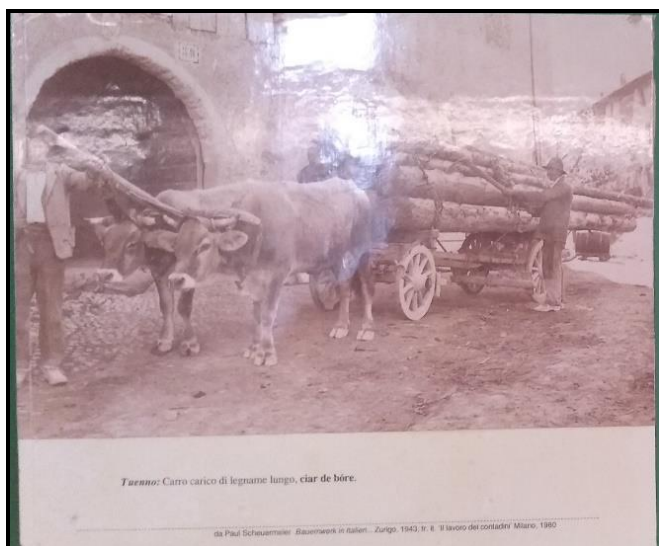
*B - Erano abeti e larice. E faggio un po' più basso, il faggio c'era e poi giù, giù lungo torrente c'era lontano.*

*J - E anche tagliavano questo? B - Per fa bisogno familiare sì e chi avevano bosco vendevano anche pianta, anche un po' di bosco che aveva bisogno e quando sposava una figlia o un figlio vendevano un po' di bosco anche.*

A compra e venda de madeira que tinha muita importância na vida econômica da comunidade era de fato sujeita a regras, que por ora prejudicavam a comunidade que dependia da madeira.

Aos estrangeiros era possibilitado uma pequena parte de exploração, em particular os bosques eram submetidos a contratos. Em outras porções florestais os cortes eram rigidamente controlados e por isso existia um consenso de número limitado de abatimento da madeira, seja para construção ou reparos das casas. O abatimento das florestas de conífera para construção era feito por empreiteiros em nome da comunidade. O transporte das madeiras era um dos problemas enfrentados, devido aos difíceis acessos geográficos. Por isso, o transporte acontecia com o uso de trenós (*slita*) e carro de cargas. O entrevistado E16 da província de Beluno, região do Vêneto, enfatiza que: “*I –Traziam nas costas a parte longa entendeu? Até o ponto que podiam carregar sobre os carros e depois vinha carregado ao tempo das vacas, cavalos e bois*<sup>92</sup> (tradução nossa, E16, 11/12/18, p.2)”. O uso mais comum era o carro de cargas para madeiras longas (FIGURA 53) puxado por bois, conforme imagem abaixo.

Figura 53– Carro de cargas para madeiras longas



Fonte: Museu de Uso e Costumes da Gente Trentina.

Como apresentou-se, as florestas e bosques no norte da Itália tinham uma representatividade muito forte na vida dos italianos desde o século XVII, seja para

<sup>92</sup> *I – portavano la spala a parti lunghi hai capito? Findo al punto voi potevano carricularla su carro e che poi vennva treinato ai su tempo dalle mucche dalla cavallo e buoi.*

subsistência ou viés econômico. Mesmo com a exploração e aproveitamento da madeira, foi uma atividade presente e conseqüente de diversos impactos, colocando em risco a vida dos italianos nos territórios de altitudes pelos desmoronamentos e nas planícies pelas inundações.

Como na Itália, as florestas do Brasil e em particular o bioma Mata Atlântica do sul do Brasil também foram utilizadas para diferentes ações. Segundo Dean (1996) todos usaram a floresta historicamente de alguma forma e todos contribuíram para modificá-la em algum grau. A preocupação com a conservação de espécies vegetais específicas esteve presente na legislação portuguesa, ainda no início do período colonial, com a finalidade de proteger os produtos de grande valor econômico que se tornavam cada vez mais escassos, como o pau-brasil. Depois, com a expansão econômica do café também ocorreu a ação direta de queimadas de florestas para plantação de cafezais, somando-se outros fatores como a urbanização, a industrialização e a construção de ferrovias, que contribuíram para o desflorestamento de vastas áreas cobertas pela Mata Atlântica, principalmente nos estados das atuais regiões Sudeste e Sul do país (DEAN, 1996).

Somente nas primeiras décadas do século XX as preocupações conservacionistas apareceram com destaque nos debates públicos e entre as políticas governamentais. Conforme Relly (2019) durante o século XIX a Mata Atlântica foi um cenário privilegiado de inúmeras viagens científicas, missões artísticas, relatos de empresários de colonização, testemunhos de mercenários, viajantes e aventureiros. Este “redescobrimento” da Mata Atlântica permitiu novas informações dessa floresta e de seus habitantes, tornando públicas novas representações e reinvenções desta grande floresta.

A partir da metade do século XIX a Mata Atlântica continuou sendo privatizada, principalmente modernizando a agricultura e sociedade. No sul do país, a existência de fronteiras políticas potencialmente ameaçadas na região do Prata produziu uma corrida para a Mata Atlântica em forma de colonização agrícola. A floresta perdeu grande parte de sua cobertura vegetal devido a este processo, pois a colonização foi realizada através da recepção de estrangeiros e tinha como objetivo o assentamento agrícola de tais populações em áreas florestais.

Com a imigração italiana iniciada a partir de 1875, a grande biodiversidade dos lotes representava aos imigrantes italianos e descendentes uma produção de campesinato independente e sobretudo próspera, em comparação com outras regiões agrárias brasileiras. A primeira atividade dos imigrantes italianos foi o desmatamento das áreas e após as queimadas, para iniciar as plantações. Segundo Bublitz (2010, p. 142): “Embora perigosas, as derrubadas

também animavam os colonos, que venciam a sensação de isolamento, garantiam sua sobrevivência e impunham seu domínio por meio delas”. De fato, as terras e lotes que foram destinados à emigração europeia tinham uma superfície de até 30 hectares e eram desmatados. Foram aproveitadas comercialmente as madeiras por parte dos agricultores e nos espaços “abertos” plantados diferentes produtos.

Conforme Cabral e Cesco (2008), um condicionante para uma sorte de indústria madeireira foi a presença da mata de araucária ou Floresta Ombrófila Mista. A existência deste tipo de floresta condicionou um maior desenvolvimento da indústria madeireira no sul do país, pois permitiu uma exploração mais regular dos seus elementos. Acrescem-se a isso as leis e os decretos que tinha como objetivos a preservação de matas em áreas devolutas e multas aos infratores. Outra questão importante, e ligada à exploração madeireira local, relaciona-se à agricultura.

Com o aumento da população local, ainda no século XIX, tem-se a necessidade de novas terras para o consumo e mais madeira para a construção das colônias. Somente em 1900, com o crescimento intensivo da indústria madeireira tem-se o decreto sobre a conservação e regularização da mata conforme segue, pelo decreto-lei nº 313, de 04/07/1900, em que o governo dispõe sobre o regime colonial e florestal do Estado, regularizando a conservação e exploração das matas, bem como do replantio" (CABRAL E CESCO, 2008). A floresta, então, passa a ser vista explicitamente pelo governo como uma reserva de recursos comercializável e potencialmente renovável. A primeira metade do século XX testemunha o auge da indústria madeireira, especialmente daquela baseada na exploração da araucária nos estados do sul do Brasil. Institutos e associações são criados por produtores e pelo governo, ordenando e, na medida do possível, controlando a exploração desse importante recurso nacional.

A partir das informações de como se constituíam as florestas, bosques e o mato entre os territórios ítalo-brasileiros menciona-se que a principal familiaridade era a utilização madeireira, para a família e no decorrer do tempo comercialmente. Com a intensiva exploração chegou-se a pontos extremos em que foram criados decretos e leis de defesa ambiental.

No caso dos imigrantes italianos e descendentes ao norte do rio Taquari, há outros fatores que influenciam na destrutividade ambiental das políticas fundiárias, além do seu caráter mais ou menos democrático, como a percepção da abundância de terras disponíveis.

Os italianos e seus descendentes nos territórios ítalo-brasileiros tiveram relações diretas e impactos principalmente por atividades desempenhadas para o comércio e lucratividade, que se analisa a seguir.

### 6.1.1 A utilização das madeiras e as serrarias

O aproveitamento das madeiras nos territórios ítalo-brasileiros tinha diversas funções de sobrevivência e conseqüentemente de atividades econômicas. O que toma destaque como analogia e principal atividade madeireira entre ambos territórios foi a exploração, o desmatamento e as serrarias, que mudaram fortemente as paisagens. Por isto neste item aborda-se estes processos de uso, manuseio e ganhos da madeira no ambiente.

No norte italiano a exploração madeireira e o desmatamento foram atividades constantes, principalmente nas florestas de altas altitudes onde encontravam-se as principais espécies: abeto (*Abies*), faias (*Fagus*) e lariços (*Larix*), destinadas para combustível e construção. As madeiras ficavam sobre a proteção do Estado e eram exploradas economicamente para a construção naval e como matéria-prima (carvão), sendo que a maioria das florestas foram praticamente destruídas (VILLA, 1993). Na figura a seguir (FIGURA 54), o desmatamento na província de Beluno, região do Vêneto:

Figura 54 – Italianos e o desmatamento



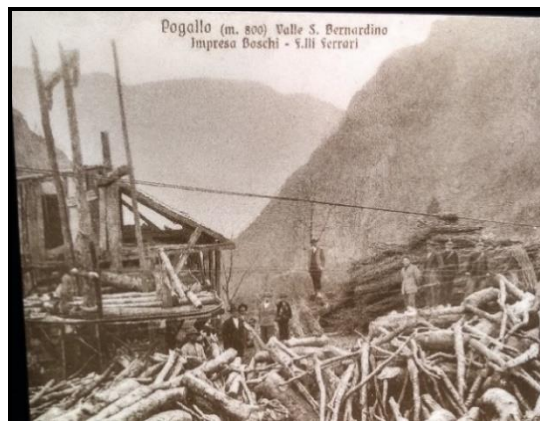
Fonte: Edizione Bellune nel Mondo (2016, p. 16).

Na representação desta imagem, demonstra-se o desmatamento de uma espécie enorme não identificada, em que os homens utilizaram instrumento para derrubada, o machado. No Vêneto, a exploração madeireira era uma atividade essencial para a comunidade alpina, que juntamente a outras atividades de produção e agricultura, era a base econômica. O consumo maior destinado para o carvão forte era da madeira de faia (*Fagus*), utilizado em grande quantidade para o tratamento metalúrgico dos minerais (LAZZARINI, 2004). Outra atividade relacionada à produção florestal eram as serrarias (FIGURAS 55 e 56), que representavam na metade do século XIX na província de Beluno, uma quantidade expressiva de 103 (CELETTI, 2008).

Figuras 55 e 56 – Serrarias na província de Beluno – região do Vêneto



Fonte: Edizione Bellune nel mondo (2016, 17).



Fonte: Museu M9, Mestre, início século XX.

Estas figuras trazem uma quantidade significativa de madeiras colocadas próximas das serrarias, o que faz entender a abundância de madeira utilizada para tais atividades. Na Lombardia, por exemplo, o aproveitamento do recurso florestal montanhoso teria se tornado uma atividade produtiva e de crescimento para toda região. Desta forma, a zona montanhosa exportava matéria-prima e aumentava as atividades de corte, transporte e beneficiamento da madeira, constituindo uma fonte de trabalho e renda para a população das montanhas (NICOLINI, 2005).

Uma região importante da Itália onde encontrava-se grande comércio de madeiras era nos Alpes Cadorinos, na província de Beluno. No relato do entrevistado E14, o qual trabalhou muitos anos como lenhador na cidade de Auronzo di Cadore, apresenta informações sobre a época do corte da madeira:

*P – Tem um momento do ano em que se corta a lenha em modo particular ou cortam a lenha todo o ano? Você cortava a lenha?*

*A – Se corta na primavera porque outono é seco.*

*P – Então, se corta na primavera que isto é muito importante, porque de verão a lenha fica seca (tradução nossa, E14, 30/01/18, p. 3).<sup>93</sup>*

Conforme relata, a época de corte era durante a primavera. Outro entrevistado E15 destaca que sua família sempre trabalhou na extração de madeira e também apresenta as espécies da flora:

*P – Então a madeira de onde vem aqui?*

*A – De nossa zona.*

*P – Tudo Cadore!*

*A – Tudo Cadorino [...] Sim, agora a madeira é da região nossa.*

*P – E que tipos de madeiras têm aqui?*

*A – Só abies abete e pinu. Abete que é um termo latino é albi bicea, termo científico, é espécie e abete branco e abeto vermelho.*

*P – E a faia?*

*A – Não. Na nossa zona não existe uma madeira de folha, são coníferas<sup>94</sup> (tradução nossa, E15, 30/01/18, p.3).*

Na região dos Alpes como apresentou-se no capítulo 3, as principais espécies eram da família das coníferas (*Abies*) e também apresentadas pelos interlocutores entrevistados como predominantes para exploração madeireira. Toda essa madeira teve grande importância econômica seja para a utilização da queima, construção das casas ou venda para grandes serrarias.

Como exemplo do transporte fluvial de madeiras, no final de março de cada ano as atividades eram recorrentes ao longo do Piave e seus afluentes, como o Cordevole, o Boite, o Ansiei, o Padola, e o Cordevole di Visdende. Milhares de toras eram empilhadas e prontas para serem colocadas na água e flutuar livremente até as serrarias. A cidade de Codissago, província de Beluno, estava estrategicamente localizada próxima das serrarias. Assim, os habitantes saíam de manhã e quando chegavam nas florestas iniciavam os cortes de madeira, em seguida construía as jangadas e até à noite desciam o rio chegando em frente à cidade, onde estava o porto de Castello.

Os maiores protagonistas das atividades de transporte de madeiras flutuantes sejam elas soltas ou amarradas, eram os *zattieri* e *menadas* (FIGURA 57).

<sup>93</sup> *P – C'è un momento dell'anno in cui tagliate la legna in modo particolare o tagliate la legna tutto il anno? Tagliavate la legna? A – Si taglia la primavera perché autunno è secca. P – Allora, si taglia in primavera che questo è importante, perché di state la legna diventa secca.*

<sup>94</sup> *P – Quindi il legname da dove viene qua? A – Di nostro zone. P – Tutto Cadore! A – Tutto cadorino [...] Sì, adesso è legname della regione nostra. P – E che tipo de legname avete qua? A – Di solo abies abete e pinu. Abete che in termo latino è albi bicea, termo scientifico è specie e abete bianco e abete bianco e abete rosso. P – E il faggio? A – No. Nella nostra zona non esiste un legno di foglia, sono conifere.*

Figura 57 – *Zattiere* no rio Piave



**Fonte:** <https://www.museozattieri.it/Ita/Home/index07e4.html?idCanale=11&ID=526&idRigaMenu=526> acesso em 12 set. 2020.

Os *menadas* destinavam a flutuação das madeiras nos rios e era considerado um trabalho pesado, com dificuldades e perigos para liberar os troncos nas margens dos rios (BATTISTI, 1912; BONAN, 2018). Tanto no Vêneto como no Trentino Alto-Ádige, os *menadas* faziam fluir milhares de troncos ao ano dos bosques até a cidade de Veneza. Segundo Battisti (1912), em 1890 tinha no Trentino Alto-Ádige cerca de 8 mil pessoas que trabalhavam exclusivamente na cultura das florestas. Outros operários eram empregados em poucas serrarias, pois nem todos os troncos eram transportados pelos rios e ficavam para o trabalho manual.

Os *zattieri* conduziam as jangadas que transportavam troncos, passageiros, materiais e equipamentos. Magno (2010) destaca que entre os séculos XVIII e XIX desceram mais de 300 mil troncos de árvores pelo rio Piave. Boa parte deles servia para construir navios, barcos, gôndolas e manter a estrutura da cidade de Veneza. Também com a quantidade de troncos anualmente fabricaram três mil *zattereri*. Normalmente os trabalhos com *zattereri* eram realizados pelos homens e o trânsito de *zattereri* era mais intenso entre o verão e o outono.

Os troncos eram colocados nas *zattereri* e desciam pelos rios Tagliamento, Piave ou Brenta. O transporte de lenha perdurou durante todo o século XIX e no século seguinte iniciaram-se novas vias ferroviárias e um melhoramento da estrutura viária (CELETTI, 2008). Concomitante Magno (2010) destaca que o transporte com *zattereri* continuou até a década de

1920, pois a ferrovia havia sido concluída em 1913, e logo, surgiram novos meios de transporte, como caminhões e o trem.

Também por serem regiões muito frias, a madeira também era utilizada para o cozimento dos alimentos e o aquecimento. A entrevistada E19 da região do Trentino Alto-Ádige enfatiza as espécies e o destino das madeiras:

*J – Mas praticamente era abeto principal?*

*C – Sim, o abeto.*

*J – E com isto o que se fazia?*

*C – A lenha para esquentar porque não tinha aquecimento e tínhamos uma estufa ali como aquela da Maria Pia e bonita aquela, grande e era colocada no quarto da minha mãe levava e na cozinha era a lenha sim para fazer de comer.*

*J – E por isto era preciso muita lenha?*

*C – Ah?*

*J – Por isto era tanta lenha, árvores para aquecimento e cozinhar.*

*C – Sim.*

*J – E era possível naquela época cortar todas estas árvores ou era alguma outra ocupação?*

*C – Sim, puxavam toda aquela madeira (explica com as mãos) o ano.*

*J – Entendi e aquilo que cortavam. E no outro ano faziam em outra parte.*

*C – Sim, naquela outra parte.<sup>95</sup>(tradução nossa, E19, 10/01/19, p. 5).*

De qualquer forma as atividades de exploração madeireira no norte italiano tornaram-se um elemento do processo histórico e um componente interno da vida social dos italianos. Bevilacqua (1996) destaca que o importante é sempre colocar em primeiro plano a natureza e depois o homem, pois precisa dela para poder realizar as coisas. A natureza faz sua parte produtiva em função de suas virtudes naturais, dureza, flexibilidade e resistência. A natureza e neste caso, as florestas, como componente da vegetação não esteve passiva ou inerte, foi protagonista nas atividades econômicas desempenhadas pelos italianos.

Na “nova terra” encontrada pelos italianos a rica biodiversidade logo foi constatada pela desenvoltura exploratória e utilização de diversas espécies. Desde o início do processo de estabelecimento das famílias italianas e seus descendentes nas antigas colônias e posteriormente ao norte do rio Taquari, as relações com o ambiente aconteceram. São razões principais: abertura de estradas, a instauração das famílias e o desmatamento para início das roças. O representante consular italiano Petrocchi destaca sobre a abertura de estradas:

<sup>95</sup> *J – Ma praticamente era abeto principale? C – Sì, l’abeto. J – E con questo si faceva? C – La legna e per scaldare perché non c’era scaldamento e eravamo un stufia lì come quella di Maria Pia e bellissima quella, grande e è stata al letto di mia mamma prendeva e stalò lì e la cucina era a legna sì per fare di mangiare. J – E per questo era bisogno tante legno? C – Ah? J – Per questo tanto legno alberi per scaldare e cucinare. C – Sì. J – E era possibile in quella epoca tagliare tutte queste alberi o c’era qualcuna naltra occupazione? C – Sì tiravano tutto quello legname (spiega con le mane) l’anno. J – Ho capito e quello che tagliavano. E naltra anno faceva naltra parte. C – Sì quella naltra parte.*

Ficaram esquecidas as estradas rurais; entre poucos meses será aberta ao comércio a via 28 de setembro, a qual, atravessando a via Geral do Guaporé, servirá de escoamento a várias serrarias a vapor, implantadas no interior, em meio a vastíssimos pinhais e aos bosques virgens, ricos de cedro e outras plantas preciosas. Onde, cerca de dois anos, se podia mal a pena passar alargando o caminho armado de facão (grossa faca), hoje se passa com carroça, através de grossos matos, os quais pertencente aos privados não foram aterrados dos braços dos trabalhadores, a motivo do altíssimo preço a qual são colocados em venda aquelas terras <sup>96</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, n.8, p.4).

Neste trecho o agente consular fala da abertura das estradas inicialmente feitas com facão, para o transporte e escoamento da madeira para as serrarias a vapor próximas aos rios Guaporé e Taquari. Além do mais, aponta espécies “preciosas” como pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e cedro (*Cedrela*) e o alto preço de venda que tinham as terras por conter uma rica vegetação. Outra questão apresentada na citação foi que o desmatamento também representava aos imigrantes italianos e descendentes o “progresso”, muitas vezes considerado motivo de orgulho.

Alguns autores já vêm discutindo estas primeiras relações, em que o mato representava segundo Bublitz e Correa (2006) e Bublitz (2010) além do medo e desconforto, as barreiras naturais que carregavam consigo a riqueza e fortuna, principalmente por conta dos pinheirais. Isso tudo porque a região de planalto no Rio Grande do Sul com floresta Ombrófila Mista e suas características ambientais gerava um desconforto, visto que os imigrantes se deparavam com uma mata rica de fauna e flora.

Sendo assim, segundo Ferri (2016), a chegada dos imigrantes italianos representa uma extrema guinada para a história da natureza nos vales atlânticos. Isto porque com a introdução de colonos europeus, a antiga relação dos silvícolas com o meio ambiente voltada para a subsistência, passava a ser substituída por uma lógica capitalista de produção de excedentes agrícolas, causando o desflorestamento e diversos conflitos socioambientais.

Inicialmente, o primeiro contato com esse “mato” foi com a flora, pois as árvores eram utilizadas para as construções, muitas delas ainda existentes ao norte do rio Taquari. Isto envolvia a procura pelas árvores consideradas mais fortes, que resistissem à umidade e com maior durabilidade. Esse contato proporcionou aos imigrantes italianos e seus descendentes o

---

<sup>96</sup> *Nè sono state dimenticate le strade campestri; fra pochi mesi sarà aperta al commercio la via 28 de setembro, la quale, attraversando la-via Geral del Guaporè, servirà di sbocco a varie segherie a vapore, impiantate nell'interno, i mezzo a vastissime pinete ed a Boschi vergini, ricche di cedri e di altre piante preziose. Dove, circa due anni fa, si poteva a mala pena passare, allargando il sentiero armate di facão (grosso coltello), oggi si passa in carrozza, attraverso a folte boscaglie; le quali, appartenendo a privati, non sono state ancora atterrate dal braccio del lavatore, al motivo dell'altissimo prezzo al quale sono state messe in vendita quelle terre.*

começo da derrubada de diferentes espécies retiradas do local, como o Pinheiro (*Araucaria angustifolia*), Cedro (*Cedrus*), Louro (*Laurus nobilis*), Grápia (*Apuleia leiocarpa*) e Canjerana (*Cabralea oblongifoliola*), espécies consideradas resistentes.

Nas imagens (FIGURAS 58 e 59) a seguir encontram-se casas construídas no início do século XX pelos italianos e descendentes na colônia Encantado. Os desenhos das madeiras foram realizados pela família, que tinha antecedentes com conhecimento da marcenaria (D12 de 29/06/18 e D3b de 11/09/19).

Figura 58 e 59 – Casas edificadas no início do século XX na colônia Encantado



Fonte: Projeto Identidades Étnicas, 2015 e 2019.

A construção em madeira não foi utilizada somente para as moradias, mas também para chiqueiros, silos, pequenas igrejas, capitéis e áreas de convivência, como bodega, cancha de bocha e salão comunitário. Além disso, a madeira era utilizada em casas de vários pavimentos das cidades que abrigavam empreendimentos comerciais e empresas industriais (GIRON, HERÉDIA, 2007).

A derrubada do mato representava um domínio do homem sobre o meio ambiente, fazendo parte da rotina desses imigrantes, tanto para facilitar a comunicação entre as famílias, construção dos estabelecimentos como para iniciar as plantações. Dentre estas atividades, as relações mais constantes e de degradações era a derrubada do mato, quando após amontoava-se e em seguida queimava-se. Seguindo neste mesmo passo, alguns estudos sobre territórios ao norte do rio Taquari, como de Castoldi (2016) e Trombini (2016) apontam que derrubada a mata e aproveitada a lenha e madeiras, recorriam à técnica da queima dos galhos, dos capins e dos arbustos com o intuito de “limpar” a área para o plantio e cultivo de produtos.

Todos os interlocutores destacaram que quando seus antepassados chegaram às terras ao norte do rio Taquari existia muito mato, então derrubavam-no com serrote de dois cabos que chamam de “*segon*”, queimavam e após plantavam os alimentos. Alguns registros marcantes que chamaram a atenção: a única “emigrante viva” ao norte do rio Taquari, com atualmente 104 anos, que temos conhecimento, destaca que para chegar até a terra que estão hoje, tinha uma “*estradeta*” pequena, feita com piques, em que havia “puro mato”, sendo bem estreita para passagem. Eles chegaram no lote de terras por meio de carroças ou cavalo, trazendo consigo as roupas de cama e de vestir. Já moravam próximo da comunidade alguns moradores que foram “abrindo” espaços, roçavam, cortavam, limpavam, faziam lenha e ateavam fogo nas áreas em que existia bastante mato. Após plantavam um pouco de tudo: sementes, trigo, feijão, arroz e “*quanti*<sup>97</sup>” milho (D7 de 20/07/17, p.4).

Outros relatos prevalecem com a ideia de um denso mato, em que a principal técnica era a derrubada: antes de tudo, era derrubado o mato da região para depois poder queimar e em seguida plantar os alimentos ou lavar. As roças eram longe da casa e onde era possível desmatar para plantar, se desmatava. (D5 de 11/10/16, p.2). Também era possível “cortar o mato à vontade” com o auxílio de foice e serrote para fazer as roças. A madeira era destinada para construção das casas. Para a limpeza das terras queimava-se e o primeiro produto que se plantava era o feijão. Também derrubaram uma grande área de mato distante da casa para plantar diversos produtos, entre eles a erva-mate e o milho, pois as terras próximas já eram consideradas fracas e com poucos nutrientes (D8 de 01/09/17, p. 3).

A utilização da queima para limpeza das roças foi um processo utilizado por muitas populações na agricultura. Depois de roçada e queimada deixava-se o pousio para regeneração florestar, no qual o processo dos nutrientes era acelerado pelo uso do fogo (CABRAL, 2014). Cristo (2019) enfatiza em sua dissertação que o uso do fogo era uma prática indígena recorrente na agricultura preferencialmente em camadas herbáceas.

O entrevistado E8 destaca as etapas de desmatamento, limpeza do mato e instrumentos utilizados:

S – É às vezes. Porque tinha bastante madeira e daí aquela ficava pra trás. E depois de três ano quatro cortava as encostas.

C – É fazia, deixava vim um pouco de matéria orgânica e queimava pra aproveitar ali.

S – Sim porque era difícil.

---

<sup>97</sup> *quanti* em italiano - muito, grande quantidade.

J – Sim e em função de ser um terreno acidentado né? Imagina né! E que ferramentas se utilizava?

S – Foice, machado, não tinha outra coisa.

J – Aqueles serrotes grandes vocês também tinham?

S – Ah sim, também tinha, aquele foi ocupado sim (E8, 09/11/17, p.5).

Toda essa exploração madeireira nos territórios ítalo-brasileiros foi desempenhada com o auxílio de instrumentos e ferramentas para a exploração (FIGURAS 60 e 61). Além do mais, a própria madeira era utilizada para fazer os cabos destes materiais.

Figura 60 e 61 – Instrumentos para o corte das madeiras nos territórios



Fonte: Museo Etnografico della Provincia di Belluno, século XIX.



Fonte: Museu municipal “Dolci Ricordi – Nova Bréscia, s/d.

Nas figuras apresentadas os instrumentos e utensílios para derrubada e corte das florestas e madeiras são muito semelhantes, e por ora os mesmos. Os principais identificados são: serrote, machado, facão, foice, *segon*, picão, cunha, entre outros. Interessante ressaltar e como já foi apresentado que estes materiais também eram utilizados pelos italianos nos territórios do norte da Itália, o que faz entender que já tinham sido manuseados e conhecidos por eles. Muitos destes utensílios foram entregues pelo governo e outros trazidos pelos imigrantes italianos.

Como apresentou-se inicialmente, durante a época da emigração ao sul do Brasil, não existiam grandes florestas ou bosques na península ítálica. Muitos imigrantes italianos trouxeram consigo técnicas de exploração madeireira, as quais culminaram juntamente à abundância de árvores, principalmente os pinheiros, que eram primeiramente derrubados para começar o plantio. No início, as derrubadas não tinham como objetivo os fins econômicos,

sendo que as toras dos pinheiros passaram a ser aproveitadas mais tarde para as serrarias e venda (BUBLITZ, 2004). As serrarias tiveram importância fundamental no desmatamento da zona colonial com o corte da araucária, árvore típica da região e do bioma do Brasil meridional (CORREA; BUBLITZ, 2006).

A indústria madeireira já era desempenhada na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, mas se intensificou com a interação dos colonos italianos e a mata de araucária, na porção nordeste do território sul-rio-grandense. Os pinheirais que representaram obstáculos à implantação das lavouras tornaram-se aliados dos colonos como fornecedores de matéria-prima para a construção de suas habitações e para a confecção dos utensílios necessários à vida cotidiana. Com o passar do tempo, a araucária passou, também, a ser beneficiada em serrarias primitivas, sendo o produto comercializado nos próprios núcleos coloniais (BUBLITZ, 2010).

Com a indústria madeireira efetiva e consolidada pelo fio condutor da política desenvolvimentista do Governo Borges de Medeiros (1898-1908), houve um crescimento da exploração madeireira no Rio Grande do Sul que ainda enfrentava problemas pelos madeireiros e colonos em geral: a precariedade do sistema de transporte e escoamento da produção do interior. Encontrou-se um número relativamente grande nos relatórios da província sobre a construção e abertura de estradas nas colônias de Encantado e Guaporé entre os anos de 1899 a 1920. Borges de Medeiros em 1901 apresenta a estrada entre as colônias de Guaporé e Encantado ao porto para o escoamento das madeiras:

Segue adiantada a abertura da estrada de rodagem do Guaporé ao Encantado, cuja extensão será de 53 kilometros. Ligando a sede daquela futura colonia a um porto do Alto Taquary, é evidente a utilidade de tal melhoramento, levado a effeito em condições favoraveis ao tesouro publico (MENSAGEM de 20/09/1901, p. 22).

Reclamações e reivindicações acerca do tema eram também comuns em jornais, cartas e pedidos dirigidos ao governo local e federal. A partir da década de 1910, industriais ligados diretamente à exploração madeireira passam a se organizar para obter maior apoio e melhorias estruturais no escoamento da produção, além da redução das taxas do transporte pela via férrea (CABRAL; CESCO, 2008).

Nos primeiros tempos da colônia e da vida dos imigrantes italianos e descendentes, a extração das madeiras foi direcionada para viabilizar a produção agrícola e as madeiras tiveram amplo e importante papel econômico (BALBINOT; TEDESCO, 2020). Não demorou

muito, exploração madeireira se tornou mais um elemento importante de degradação ambiental. O agente diplomático e consular Francesco de Veluttis em 1908 descrevia que a indústria florestal é uma fonte de considerável lucro e realizada sem regra alguma (EMIGRAÇÃO E COLÔNIA, 1908, Volume III: America. Parte I).

A ocupação das terras ao norte do rio Taquari também se intensificou devido à abundância das matas destinadas para o comércio de madeira. O povoamento do distrito de Deodorópolis, ao sul da colônia Guaporé, é destacado por Karam (1992):

O comércio da madeira foi o forte da região, povoada por serrarias. A erva-mate e o pinhão também constituíram fontes de bom comércio. A fama de terras férteis atraiu famílias de Bento Gonçalves, Veranópolis, Garibaldi e de outros lugares vizinhos, que vieram povoar e cultivar o solo, nas diversas linhas em que a colônia foi dividida, bem como pessoas que desempenhavam profissões diversas como ferreiros, marceneiros, moinheiro, etc (KARAM, 1992, p. 155).

Percebe-se, assim, que a vinda desses imigrantes italianos se tornou e tinha como interesse a busca pela vegetação existente como a madeira, a erva-mate e o pinhão e, conseqüentemente, sua exploração. Os comerciantes de madeira e terras tinham, definitivamente, objetivos específicos de lucratividade, pois depois de retirar da mata as árvores, vendiam as terras, loteando as superfícies menores. Nos arquivos ao norte do rio Taquari, encontrou-se fotografias (FIGURAS 62 e 63) referentes às madeireiras da região, as quais representam esta atividade econômica.

Figuras 62 e 63 – Madeireiras em territórios ao norte do rio Taquari no início do século XX



Fonte: Casa de Cultura Lucchino Viero.



Fonte: Museu Memórias Ilopolenses

Também na fisionomia de ambas imagens se encontram a quantidade de toras e a utilização dos bois e mulas para o transporte das madeiras. Outra questão é a presença das espécies de pinheiros ao fundo das imagens e a própria “limpeza” do território próximo das serrarias.

Torna-se relevante citar outro ponto da produção das madeiras - as tábuas, muitas vezes eram utilizadas para o preparo das balsas. Uma balsa tinha doze ou treze quartéis ou conjunto de tábuas enfardadas, presas aos fundamentos da balsa através de fortes amarrados por cipós. Não se podia sobrepor muitas tábuas, pois o peso não seria sustentado pelas águas e afundaria. Para o êxito das viagens, aproveitava-se o nível cheio das águas e quando era época de seca as tábuas eram puxadas pelos carreteiros e enfardadas para a época das viagens (COSTA et al., 1976). Outros elementos naturais como os cipós eram utilizados nesta atividade.

As balsas foram por muito tempo utilizadas como meio de transporte para o comércio de madeiras e outros produtos, bem como para a chegada dos italianos e descendentes no rio Taquari. Uma viagem de balsa levava em média doze dias para chegar até Porto Alegre. No ano de 1918 foi inaugurada na colônia Guaporé a barca sobre o rio Taquari, conforme (FIGURA 64), a seguir:

Figura 64 – Balsa sobre o rio Taquari na colônia Guaporé



Fonte: Costa et al. (1976, p. 171).

Por meio das fontes encontradas pode-se observar que a derrubada do mato e a utilização de utensílios para o mesmo fim era uma atividade frequente entre os italianos nos territórios ítalo-brasileiros. Referente às queimadas, não se tem informações em território norte italiano, porém ao norte do rio Taquari constatou-se que foi uma atividade presente, principalmente para a limpeza dos terrenos e após iniciar as roças.

Após a derrubada, foi expressivo de grosso modo o impacto ao meio ambiente de forma semelhante em decorrência de sua sustentabilidade, bem como para desenvolver as atividades econômicas. Enquanto na Itália as florestas existentes estavam “protegidas” e tinham direções mais econômicas, nos territórios ao norte do rio Taquari encontraram ricas florestas que foram exploradas. De fato, a biodiversidade encontrada pelos imigrantes italianos nos territórios ao norte do rio Taquari proporcionou grande desmatamento e utilização de árvores destinadas à construção e, conseqüentemente, áreas para o cultivo, as queimadas para iniciar as roças e as diferentes frutas e folhas para alimentação e chás.

A atividade intensa que permeou nos territórios ítalo-brasileiros foi o uso da madeira e a construção de serrarias, quando o emigrante italiano continuou em grande parte com a venda e exploração madeireira, assim como trabalhava e fazia na Itália. Apesar de ambientes diversos, mas com espécies de flora por ora semelhantes, técnicas agrícolas e hábitos do cotidiano foram adaptados ao meio e também assimilando ou ressignificando diversos aspectos locais.

### **6.1.2 “Abbiamo trovato una novità”: a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e sua produtividade**

Uma espécie nativa e “nova” encontrada pelos imigrantes italianos e descendentes na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, bem como nos territórios ao norte do rio Taquari, foi a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Por tratar-se de uma novidade encontrada por estes imigrantes e seus descendentes torna-se relevante analisar o contato com esta espécie, formas de apropriação e exploração, bem como atividade e relevância econômica ao norte do rio Taquari. Por outrora, a erva-mate fez parte do cotidiano das famílias que ocuparam estes territórios.

A descrição detalhada desta espécie já foi mencionada no capítulo 3 e outras informações são pertinentes pela sua representatividade também como atividade econômica.

A erva-mate (*Ilex paraguariensis*) é uma árvore nativa do sul da América e são utilizadas suas folhas ainda com os indígenas para preparar uma bebida, a qual designam como chimarrão. Durante os anos de 1850 a 1880 foi a segunda maior riqueza da Província. O vice-presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Comendador Patricio Correa da Camera relatou em 1857 sobre uma estrada de comunicação entre Taquari a Passo Fundo. Nesse documento são apresentados diversos dados ambientais, entre eles a presença da erva-mate:

[...] calculando da Fazenda São Caetano, ponto de partida, ao passo da Forqueta 11 legoas, e d'hai ap campo 4, fazem o total de 15, endo a primeira distancia de mattas virgens, com 15 cordilheiras que só admitem transito de cargueiros, e a segunda oferecendo-o para carros logo que sobe a serra geral, achando todo o terreno próprio para toda a espécie de agricultura, regado de 12 arroios, inclusive o da Forqueta e 14 vertentes, e enriquecido de muitas madeiras de lei **pinheraes e erva mate**; (grifo nosso, RELATÓRIO, 11/10/1857, p.40).

Neste trecho é citada a existência das espécies – pinheirais e erva-mate, e os elementos naturais – arroios e rio Forqueta, afluentes do rio Taquari. O processo de extração do mate era realizado em um período de quatro a cinco anos, período que esta espécie leva para regenerar os seus ramos. A colheita, em período menor, comprometeria a vida útil das árvores. A extração do mate era realizada, principalmente, nas serras do município de Cruz Alta, mas também se expandia pelas escarpas de montanha de Cachoeira, Triunfo, Rio Pardo e Taquari (CHRISTILLINO, 2015).

Os jesuítas que aldearam os indígenas Guarani produziam e comercializaram a erva-mate desde o século XVIII (ZARTH, 2002). A partir do século XIX, a exploração da erva-mate tornou-se uma atividade econômica relevante e era tipicamente produzida pelos lavradores nacionais<sup>98</sup>. A maioria dos ervais estava concentrada nas matas do Planalto, ao norte e noroeste da província. Neste grande território, os imigrantes europeus conviveram com indígenas, caboclos e lavradores nacionais tendo um expressivo envolvimento com o extrativismo da erva-mate e posteriormente com o cultivo desta planta.

A erva-mate tinha grande importância econômica, empregando milhares de pessoas e elencada como principal produto de origem não pastoril exportado, principalmente nos mercados dos países sulinos. Para evitar que os ervais fossem danificados por extremo pelo extrativismo e mantendo a qualidade, as câmaras municipais criaram regulamentos para os ervais públicos. Apesar de haver um código disciplinador, as fraudes e desrespeitos ao intervalo da poda de quatro anos eram comuns.

---

<sup>98</sup> Lavradores nacionais entende-se como de grupos humanos denominados pela historiografia brasileira. No Sul do Brasil ele correspondeu, genericamente, ao grupo formado pelo encontro cultural e genético de luso-brasileiros ou hispano-brasileiros com indígenas e negros (GERHARDT, 2013, p. 77).

Existiam os ervais públicos e particulares, em que o desmatamento acontecia. Somente em 1906 o governo do Rio Grande do Sul criou uma política de regulamento sob os ervais (GEHRARDT, 2013). Os ervais de Venâncio Aires, Santa Cruz, Lajeado, Soledade, Palmeira e Guaporé foram arrendados pela empresa Otero, Gomes e Cia, pela quantia de 400 réis<sup>99</sup> por arroba<sup>100</sup>. A arrecadação de impostos com a erva-mate também foi importante nos municípios de Taquari, Triunfo, Rio Pardo e Cachoeira, os quais abrangiam áreas serranas no período. Como exemplo, a Câmara de Cruz Alta cobrava uma taxa de 800 réis<sup>101</sup> por cada carreta carregada com erva-mate, além de vender a própria licença de exploração dos ervais públicos (CHRISTILLINO, 2015).

Tanto a província como os municípios manifestaram preocupação com a conservação desta espécie, o que gerava dificuldades de fiscalização principalmente por falta de pessoas que percorriam os distritos e ervais e a insatisfação com os altos impostos pagos para a fiscalização. Além do mais, no Rio Grande do Sul as câmaras municipais de Passo Fundo, Taquari e Palmeira tentaram proteger ervais nativos por meio de códigos e artigos criados para seus territórios (GERHARDT, 2013). Como pode-se refletir, existiam leis e preocupações muitas vezes relativizadas no Rio Grande do Sul, sobretudo pela ocupação das áreas que estavam florescendo.

Tratando-se de territórios próximos ao rio Taquari, ainda na metade do século XIX, tem-se na Correspondência da Câmara de Taquari o registro da existência de dois carijos<sup>102</sup> ervateiros próximos do rio Taquari, um na margem direita e outro próximo ao rio Taquari-Mirim (CORRESPONDÊNCIA, 31/01/1853). Isso comprova a existência dos ervais, antes da chegada dos italianos e descendentes nos territórios ao norte do rio Taquari.

Como os imigrantes italianos não conheciam a espécie, muitos ervais foram destruídos para a colonização agrícola. Com o passar dos anos, após a chegada nos territórios de colonização, inseriram-se nesta rede de oportunidade econômica a partir do contato com outros grupos. O agente diplomático e consular de Porto Alegre, Francisco de Veluttis, destaca o processo da erva-mate realizado no início do século XX:

Erva-mate. Um dos novos recursos nestes últimos tempos tem sido aquela da extração da erva mate, que é a folha de uma árvore (*Ilex paraguayenses*), a qual cresce espontaneamente nos bosques e que primeiro os nossos colonos costumavam

<sup>99</sup> 1 Real (Réis) - R\$ 0,123. 400 réis x 0,123=R\$49,20

<sup>100</sup> Arroba entende-se o peso de 15kg.

<sup>101</sup> 1 Real (Réis) - R\$ 0,123. 800 réis x 0,123=R\$98,400

<sup>102</sup> O carijo era um sistema para secagem da erva-mate que consta de um condutor subterrâneo para veicular a fumaça até a erva que era guardada suspensa dentro de uma casa especial, coberta de capim ou tábua em que recebia a defumação até ficar seca.

quebrar ou queimar. As folhas secadas com o processo do fogo indireto, dito *barbacuá*, constituem uma bebida estimulante, digestiva e tônica, que é muito em uso nas repúblicas do Prata, Chile e no mesmo Rio Grande<sup>103</sup> (tradução nossa, EMIGRAÇÃO E COLÔNIA, 1908 Volume III: America. Parte I, p. 333).

O carijo ou secador de erva-mate teve várias fases de evolução. Inicialmente todo o material de construção do carijo era retirado da natureza e assim a colheita e secagem da erva-mate não tinha grandes investimentos. Mais tarde, a partir do século XX, o carijo foi substituído pelo barbaquá, um sistema que elimina o contato das folhas com a fumaça (ZARTH, 2002). Para todo o processo da erva-mate – carijo, secagem das folhas e ramos, sapeco e trituração, utilizava-se diversos materiais da floresta como varas, paus, palhas, cipós, fibras, tiras e lenhas. Também ferramentas para auxílio do corte das folhas e construção das estruturas, como facão e machado (GERHARDT, 2013).

As famílias italianas tiveram contato com os ervais e passaram a produzir erva-mate. Na antiga colônia de Caxias, não existiam grandes ervais, mas era uma atividade presente naquele contexto colonial. Nas obras de Battistel e Costa (1982; 1983) aparecem várias passagens dos imigrantes italianos e descendentes de contato e produção com a erva-mate. O tempo de colher erva-mate era entre os meses de julho e agosto e se colhiam fora de época, a árvore enfraquecia e morria. Ela era cortada e faziam fogo com grimpas ou lenha para sapecar os ramos e após, colocando no carijo para secar.

Nos territórios ao norte do rio Taquari e suas proximidades encontrou-se diversos dados sobre a produção da erva-mate, bem como o cultivo desta espécie pelos imigrantes italianos e descendentes. A câmara municipal de Estrela enviou ao governo em 1883 que “A cultura da erva matte tem sido um ramo de commercio forte deste municipio porém tem soffrido alterações pela grande baixa no preço” (CORRESPONDÊNCIA, 21/03/1883).

Por ser uma espécie nativa do sul do Brasil, torna-se interessante ressaltar que sua presença estava distribuída na parte mais alta ao norte do rio Taquari, enquanto nas planícies encontraram-se poucos registros. Segundo Balbinot e Tedesco (2020), a erva-mate era abundante na colônia Guaporé e tinha grande expressão mercantil na região. Era uma atividade desempenhada em grande parte do território da colônia, principalmente nos territórios da parte sul e outros ao norte da colônia Encantado.

---

<sup>103</sup> *Herba mate – Una delle nuove risorse in queste ultime tempi è stata quella dell'estrazione dell'erba mate, que è la foglia di un albero (Ilex paraguayenses) il quale cresce spontaneo nei boschi e che prima i nostri coloni solevano abbattere o bruciare. Le foglie seccate col processo del fuoco indiretto, detto barbacuà, costituiscono una bevanda stimolante, digestiva e tonica che è molto in uso nelle repubbliche del Prata, nel Chili e nel stesso Rio Grande.*

De acordo com o entrevistado E8 desde o início do século XX a produção de erva-mate era presente em sua propriedade, considerada uma “planta de mato”:

*J – E quantos anos mais ou menos vocês produzem erva aqui na propriedade?*

*S – Um poquinho sempre!*

*J – Um pouquinho desde a época do nono?*

*S – Sim, sim. Todos os anos eles tinham um poquinho.*

*J – Então quando ele veio morar já tinha?*

*S – Já tinha. Porque na época era planta de mato e tinha bastante.*

*J – Então já faz muitos anos, uns 80 anos que vocês produzem?*

*S – Sim (E8, 09/11/17, p. 9).*

Isso reafirma que desde de que sua família migrou para o norte do rio Taquari, a erva-mate foi uma espécie presente no cotidiano desta família e tornou-se uma renda comercial. No trabalho de Karam (1992) e na monografia de Castoldi (2016), ambas autoras destacam que os primeiros moradores do distrito de Deodorópolis, na colônia Guaporé, eram comerciantes de madeiras e outros produtos como a erva-mate e o pinhão. No livro de estatística de 1913 aponta-se que a colônia Encantado havia exportado diversos produtos, como feijão, milho, banha, farinha de milho, favas e uma pequena quantidade de erva-mate, aves, ovos, manteiga, amendoim, aguardente, centeio e erva-mate barbaquá (LIVRO ESTATÍSTICA, 1913, s/p.).

Nas entrevistas realizadas com os descendentes de italianos, foram constantes os relatos que tratam sobre o extrativismo e produção da erva-mate (D3a de 12/02/15, D6 de 28/06/17, D9 de 01/09/17 e D12 de 29/06/18). Segundo os entrevistados E1 e E11 o corte da erva-mate era realizado depois do inverno e dividido em etapas:

*A - Voltando um pouco também, nós falamos das culturas, da produção que existia, não falamos da erva-mate. A erva-mate era cancheada, tinha os pequenos, se não me engano eles chamavam de “carijo”, o italiano, o italiano chama de “carijo” né? Ali a erva era cancheada, era secada, cancheada e depois era vendida para outras empresas maiores, né? Mas, tudo a água, a roda, a roda d’água, então chama a atenção porque na época tinha água suficiente pra toca uma pequena indústria da erva-mate, né? Era cancheada, secada, cancheada era colocada em bolsas e sacos, né depois aí ela era moída, mas toda a erva era recolhida, tinha bastante na época, ficou mais na memória aqui de Anta Gorda, ali pra Ilópolis tem bastante. Mas, era colhida na mata, natural assim, enfim, acho que numa qualidade muito boa. Tudo artesanal, né? Tem umas coisas assim que evoluiu, se perdeu (E1, 22/01/14, p.21-22).*

*J: É, como se fazia essa erva? Se o senhor quiser contar como é o processo: como se corta, quando, qual época se corta, como o senhor trazia pra casa, como sé que e fazia?*

*E4: A gente cortava, desganhava né e depois sapecava, sapecava ela ali e depois fazia o cariyo, botava assim e botava os feche em cima e fogo em baixo até que secava e depois se batia com o pilão, e depois se socava pra faze a erva né. Tenho ali ainda os pilão.*

*J: É eu acho que nós tiramo foto aquele dia. E daí que época que se cortava a erva? Tinha época, meses ou estação do ano?*

*E4: Era sempre depois que passava o inverno (E11, 14/09/18, p. 7).*

Estes interlocutores destacam a experiência e formas de processamento da erva-mate desde a retirada da mata até a venda. A época de corte das folhas – depois do inverno, as formas de corte, secagem, o carijó, sua secagem, trituração com a utilização do pilão e depois recolocada em sacos para a venda nos comércios ou exportação. Ressalta-se também a imagem abaixo (FIGURA 65) que se trata do processo da erva-mate no barbaquá.

Figura 65 – Colheita de erva-mate no barbaquá da família Auler



Fonte: Museu Histórico Municipal de Arvorezinha, s/d.

Nesta figura é presente no ambiente os elementos naturais, como os pinheiros e a erva-mate. O título da imagem encontrada na fonte é “a colheita de erva-mate no barbaquá”, a qual é representada ao canto direito quando se fazia o fogo para a secagem das folhas. Outro elemento vigente é a união de várias pessoas para realizar os procedimentos desde crianças até pessoas mais velhas, sendo que ao centro encontra-se um homem com o uso do facão cortando a erva-mate.

O Cônsul Beverini salienta a erva-mate como relevante entre a indústria florestal, sua utilização e contribuição econômica na exportação:

Importantíssima entre as indústrias florestais é aquela do mate (*Ilex brasilienses*) de que grande é o consumo que se faz neste Estado e que dá boa contribuição à exportação. O mate é um bom substituto do café e do chá, dos quais não há, no entanto, efeitos danosos. [...] A planta de erva mate cresce espontânea nas florestas dos Estados do Sul do Brasil e a indústria relativa foi, como disse, exercitada por

muito tempo sem regras, de modo que se deve a deplorar a destruição de muitos ervais (Bosques ricos da planta de erva mate)<sup>104</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1913, n. 10, p. 9-10).

Chama a atenção também que o cônsul destaca “o mate” como uma bebida substituta do café e do chá, que não possui efeitos prejudiciais. A preparação da bebida era “a infusão em água quente de folhas e ramos secos e triturados de *Ilex paraguariensis*, preparada na cuia e sorvida por meio da bomba, era denominada mate” (GERHARDT, 2014, p.225). Esta bebida foi muito apreciada no Sul da América nos séculos XIX e XX, principalmente como hábito e convívio familiar. Battistel e Costa (1983) apresentam que os italianos trabalhavam no preparo da erva-mate e tomavam algumas cuias, mas não apreciavam muito como os luso-brasileiros. O mate foi incorporado no cotidiano de muitas famílias de colonos, assim como dos italianos e descendentes.

A produção de erva-mate foi considerada uma atividade importante para a província e também na região ao norte do rio Taquari, pois a sua extração representou índices econômicos no final do século XIX e início do século XX. Segundo Gerhardt (2013), a produção de erva no final do século XIX possuía um comércio favorável no município de Estrela e Lajeado e muitas das terras que possuíam ervais foram comercializadas para o projeto de colonização.

A importância econômica da erva-mate foi marcada pela imigração e também pelo rio Taquari, navegável até o passo do Corvo, em Estrela/RS, essencial para transportar os produtos coloniais para Porto Alegre, inclusive a erva-mate obtida em territórios ao norte dos portos comerciais. Os dados das Estatísticas de Exportação de 1908 a 1916 apresentam a erva-mate como um dos principais produtos da Vila Lajeado. Referente aos anos de 1913 a 1918 tem-se exportações feitas por Encantado e pela Barra do Jacaré (LIVRO de Estatística de Produção, 1913-1918).

A erva-mate foi uma espécie presente na vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes ao norte do rio Taquari, sendo que muitas famílias continuam até hoje com sua produção. Na apresentação e características naturais desta espécie, reconheceu-se a *Ilex* a partir de sua historicidade dos sistemas naturais, bem como a relação dos italianos em contato com esta espécie.

---

<sup>104</sup> *Importantissima fra le industrie forestale è quella del mate (ilex brasiliensis) di cui grande è il consumo che si fa in questo Stato e che dà buon contributo alla esportazione. Il mate è un buon surrogato del caffè e del thè, dei quali non há però gli effetti dannosi. [...]La pianta dall'herba cresce spontanea nelle foreste degli Stati del Sud del Brasile e la industria relativa fu, como dissi, esercitata per molto tempo senza regola, di modo che si ebbe a displorare la distruzione di molto hervae (Boschi ricchi di piante di herva matte).*

## 6.2 Analogia das atividades agrícolas e suas formas de produção nos territórios ítalo-brasileiros

Nos territórios onde foram desempenhadas as atividades agrícolas dos ítalo-brasileiros encontram-se características ambientais e também traços das formas de trabalho, como o plantio, instrumentos utilizados, adaptação e estratégias dos principais produtos. Neste item apresenta-se os sistemas agrários em territórios ítalo-brasileiros em que as culturas agrícolas inicialmente foram de subsistência e posteriormente, comerciais. De uma agricultura e pecuária de subsistência, gradativamente os excedentes gerados pelos colonos atingiram o mercado, conforme os planos políticos de desenvolvimento, almejados pelos Governos.

Ressalta-se que as características geográficas dos territórios, como apresentou-se no capítulo 3, são parte do conjunto ambiental onde eram desenvolvidas as atividades agropecuárias. Constatou-se que tanto o clima e a temporalidade influenciam na produção, pois estando em territórios de hemisférios norte e sul, tem-se estações do ano e condições climáticas em geral diversas. Além de que, no sul do Brasil os imigrantes italianos e seus descendentes poderiam trabalhar mais tempo no campo, contrariamente ao que acontecia, por exemplo, nas regiões ao norte ítalo, as condições climáticas dos meses de inverno tornam os territórios cobertos pela neve.

Outra questão que não se pode esquecer é que os territórios pesquisados na Itália e no Brasil apresentavam diferenças nas características climáticas e de extensões territoriais para a produção. Além do mais, na Itália como apresentou-se no capítulo anterior, toda a produção dos *mezzadri* ou *contadini* era dividida com o proprietário das terras – *possidente*. Já ao norte do rio Taquari as terras eram de posse dos próprios colonos, que podiam usufruir dos resultados de suas produções.

Enquanto ao norte italiano, por exemplo, na Província de Beluno, os territórios são formados por uma planície bastante ampla, entre as regiões de Beluno e Feltre encontravam-se áreas rodeadas por várias cadeias de montanhas. Nos pré-alpes os territórios se constituem de diversas montanhas e os alpes com altitudes de até 4 mil metros. Nos territórios ao norte do rio Taquari há diversas planícies, principalmente ao longo do rio Taquari e dos seus afluentes, enquanto que em terras mais altas tem-se diversas montanhas que chegam a 800m. O ambiente nos territórios ao norte do rio Taquari contava com condições favoráveis à

agricultura, pois tem-se áreas de planície, com terras férteis e ao mesmo tempo possuía terras que poderiam atingir grandes enchentes do rio (GERHARDT, 2014).

Nas planícies e pré-alpes italianos tem-se a continuação dos campos e o acesso de carros e uso de animais, já na campanha a agricultura utilizou-se por muito tempo dos arados. Nas montanhas as propriedades mediam/somavam em média dois hectares e eram subdivididas em várias partes não cultivadas. Os pequenos espaços eram utilizados com arados puxados por um ou dois animais e os principais produtos cultivados eram: batata, feijão e milho. Os trabalhos eram realizados de abril a setembro, pois antes tinha-se o inverno rigoroso (PAZZAGLI, 2002). São características de trabalho de campo o uso de animais que permeavam também ao norte do rio Taquari (TROMBINI, 2016).

Outro ponto relevante é que todas as formas de plantio e produção que serão caracterizadas neste item, passaram por processos de preparação, ou seja, limpeza das roças, trabalho com variados instrumentos e pousio. São aspectos e modelos de trabalho que tiveram ações antrópicas muito semelhantes entre os territórios ítalo-brasileiros. Assim, por terem similaridades, entende-se que estas práticas distribuídas em outros continentes pelos movimentos migratórios transformaram ambientes e estas devem ser vistas por agentes políticos, econômicos e sociais presentes neste processo. É significativo pensar no caráter da biota portátil e sua capacidade de modificação dos espaços (CROSBY, 2011).

Durante o final do século XIX, no norte italiano a produção agrícola cresceu mediante investimentos na lavração, recuperação do desmatamento, produção de milho, arroz, batata e intensificação de criação do bicho da seda, amoreira, produção de óleo e vinho. Houve também um significativo crescimento na agricultura do Vale do rio Pó com irrigação, rotação de cultura, introdução da forragem e criação de gado. Todo esse crescimento, segundo Farolfi e Fornasari (2011), não modificou o modo de vida italiano.

Sobre os processos de plantio no norte italiano a realidade dos camponeses remete-se à organização das áreas de relevo e situação das terras produtivas. A maioria da população no Alto Milanese, na Lombardia, não era proprietária de suas terras, e a prática habitual consistia em lidar com parcelas reduzidas dos terrenos, cuja fertilidade natural era baixa. Além do mais, sofriam desde secas intensas ao granizo, cultivando rotativamente e deixando crescer o mato em umas partes, para descansá-las enquanto desmatavam outras para cultivar (AZEVEDO, 1975).

Seno (1981) também informa que os ciclos e técnicas tradicionais na Província de Beluno, no Vêneto, eram organizados nas áreas de planície e montanha. Nas planícies as plantações contavam mais com o auxílio de carros puxados por animais e cultivos de frutas, como a uva. Nas campanhas houve o uso do arado e da rotação trienal que se faz com o repouso da terra com a grama. Interessante salientar que os ciclos de trabalho são de abril a setembro e antes fazia-se a limpeza e recolocação das terras. Perco (1987) também frisa que uma prática muito útil introduzida era a rotação de terras, que consistia em cada período de anos mudar os gêneros de sementeiras ou de cultivo dos campos.

O interlocutor italiano E18 do Trentino Alto-Ádige apresenta práticas dos antepassados no campo e alguns instrumentos de auxílio:

*J – Sim. Não sei se podes falar um pouco de como eram as práticas de campo, como faziam para plantar, com os instrumentos...*

*B – Tudo a mão. Molhar com a pá e com a enxada e depois cavava com a enxada e também no meu tempo e limpar com o restel e todas as coisas ali, não havia nenhuma máquina tudo a mão se fazia e se semeava muito um belo campo de batata. Nós também não éramos uma grande família em quatro, mas um campo grande de batata porque as batatas serviam para fazer as trocas comerciais, serviam para os porcos e depois serviam também tantas para cortar para as vacas que tenham tido terneiros, não só para isso mas também para um bom leite<sup>105</sup> (tradução nossa, E18, 08/01/19, p.3-4).*

Conforme o relato acima, os trabalhos de campo eram braçais e contavam com o auxílio de pá, enxada e restel. Concomitante ao relato do entrevistado E23, que também apresenta tais informações:

*J – Outra pergunta: se utilizava alguma máquina para trabalhar ou não?*

*A – As mãos.*

*J – Tudo com as mãos. Algum instrumento principal?*

*A – Enxada, restel, a foice.*

*J – Ah sim, sim. E arado não?*

*A – Sim, sim, o arado puxado das vacas<sup>106</sup>, (tradução nossa, E23, 23/03/19, p.3).*

Conforme as informações obtidas, os trabalhos eram manuais e utilizados diversos instrumentos para auxílio de plantio como pá, enxada, restel, foice e arado. Além do mais, os principais produtos cultivados eram batata e feijão. Os estabelecimentos rurais das regiões

<sup>105</sup> *J – Sì. Non so si puoi parlare un po' di com'erano le pratiche su campo, come facevano di piantare, con le strumenti... B – Tutto a mani. Bangare con i badile e con la vanga e poi zappare con la zappa anche miei tempi e pulire con il restello e tutte le cose lì non aveva nissun machinario tutto a mano si faceva e si seminava tanto un bel campo di patate anche noi non eravamo una grossa famiglia in quattro ma un campo grande proprio di patate perché le patate le servivano per fare gli scambi, servivano per i maiale dopo servivano anche tante per tagliare le mucche dopo che hanno avuto bidello non so per dare si servivano bene con il latte.*

<sup>106</sup> *J - Naltra domanda: si utilizzava qualcuna macchina per lavorare o non? A – Le mani. J – Tutto con le mani. Qualcuno strumento principale? A – La purca, restello e l'arancio, la falce. J – Ah sì, sì. E arato non? A – Sì, sì, arato tirrado della mucche.*

norte ítalas possuíam características fundamentais para a subsistência das famílias, em que as formas de trabalho dependiam da época e exigiam estratégias e modos de produção.

A partir do final do século XIX, a região norte italiana foi se tornando mais industrializada e conseqüentemente desenvolveu intensamente a economia. A agricultura sofreu transformações técnicas e organizacionais com sementes, fertilizantes químicos, arados de ferro, debulhadores a vapor, forragem, novas culturas e integração entre agricultura e indústria têxtil (NICOLINI, 2005). Corroborando com esta ideia Vigolo; Sanga; Perco (2011) refere-se a instrumentos inovadores utilizados durante o século XX nas propriedades rurais ítalas, precisamente em Mirano, província de Veneza, região do Vêneto.

No campo aconteciam mudanças no conforto com as tecnologias que aumentavam e conseqüentemente alteravam a vida rural na Itália. O principal produto era o trigo, que passou a diminuir a produção devido à especulação imobiliária e à produção têxtil. Os trabalhadores da zona agrícola continuavam mantendo as tradições sem poder ter prejuízos com as mudanças (BENEDUZI, 2004). Mesmo assim, ocorreu pouco avanço nas técnicas de produção, o que gerava um constante desgaste do solo e uma integração na produtividade.

No que se remete aos territórios do Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari, as técnicas agrícolas, pode-se dizer, foram seguidas como na Itália. Inicialmente foi de depredação e adaptadas conforme o ambiente e terras encontradas. O estudo de Zarth (1997) destaca que as técnicas agrícolas adotadas na década de 1890 pelos colonos eram as mesmas dos agricultores nacionais procedentes, com o desmatamento das florestas, queima e pousio curto, sendo pouco utilizadas as técnicas pela ciência agrônômica com a introdução de adubos e arados. Ressalta-se ainda, que os imigrantes interagiram com os caboclos e emigrantes teuto-brasileiros nas áreas de colonização e adaptaram conhecimentos, os quais lentamente moldaram a paisagem colonial (GERHARDT, 2013; RELLY, 2019).

O plantio era feito com o auxílio dos bois e todo seu processo de preparação era feito com a enxada e de forma braçal, quando o milho era plantado cedo. Lembram que antes do saraquá<sup>107</sup> utilizavam um sacho, que era um pedaço de madeira de um metro e meio que fazia um buraco no chão. Esse possuía um saquinho pendurado, através do qual colocavam a semente no buraco e cobriam com o pé. A abóbora era plantada manualmente, de forma que faziam um buraco com o calcanhar e depois cobriam com o pé (D9 de 01/09/17).

---

<sup>107</sup> Espécie de cavadeira de madeira, usada para fazer buraco na terra.

Como no norte italiano, o pousio era uma prática nos territórios ao norte do rio Taquari. O interlocutor E12 destaca algumas práticas familiares de trabalho após a derrubada do mato, como a rotação de terras:

N: Sim, sim. Só eles iam assim e iam assim derrubando, eles falavam a terra nova né, eles iam por exemplo derrubavam um pedaço, trabalhava dois anos e tal.

J: Tipo uma rotação?

N: Isso. Mas todos os anos eles iam derrubando um pedaço, deixando as vezes um pedaço pra trás.

J: Tipo da capoeira que crescia de novo?

N: Isso (E12, 14/09/18, p.15).

Identifica-se como uma prática comum a rotação de terras e de suma importância para entender o desenvolvimento das práticas agrícolas e dos produtos. Novamente recorreremos a Pádua (2010), quando vale ater-se ao passado em que “as relações ambientais já estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período” (PÁDUA, p. 96), para compreendermos os aspectos entre ambos territórios, entender o contexto geográfico, social e cultural da época, já que a História Ambiental é um tema muito recente. Observando o contexto do norte da Itália rural e após o “continuado” ao norte do rio Taquari, compreende-se que diversos aspectos dos imigrantes e seus descendentes mantiveram ou atualizaram-se quando se estabeleceram em territórios brasileiros.

Neste sentido apresenta-se as principais produções nos territórios ítalo-brasileiros. Inicialmente vale contextualizar o norte italiano, pois conforme a fisionomia e disponibilidade das terras tem-se as diferenciações de uma economia por ora mais familiar e também econômica. O contexto histórico, social e político como vimos no capítulo anterior, também faz parte de uma economia alpina, pré-alpina e de planície onde existiam fisionomias diferentes e diversos tipos de agricultura. Por isso, enfatiza-se nas províncias pesquisadas alguns tipos principais das atividades agrícolas, nomeando as complexidades econômicas. O desenvolvimento dos cereais foi uma das principais atividades econômicas, pelo intenso povoamento da campanha e pela difusão das culturas nas terras pelas subsistências e também pelo mercado.

Nos territórios os aspectos climáticos e físicos proporcionavam as produções e organização dos campos, hortas e frutas. Os terrenos cultivados não eram muitos e pouco férteis, os quais na maioria das vezes eram dedicados às pastagens - *fienagione*<sup>108</sup>. Interessante citar o desempenho das atividades caracterizadas pelas estações do ano no

---

<sup>108</sup> Preparação e colheita do feno.

ambiente *contadini*: colher e dispor o feno durante o período de verão, o repouso durante o inverno e a pastagem para os animais e preparação das roças durante a primavera e outono. Dependendo do tamanho das terras, tinha a policultura: uva, oliva, bicho-da-seda, frutas, etc. e também as pastagens destinadas à criação dos animais (ASSOCIAZIONE LABORATÓRIO SAGRON MIS; COOPERATIVA DI RICERCA TESTO, 2013).

Os tipos de cultura conforme as dimensões de territórios: batata e milho cultivados em campos de médio-grande; horta e derivadas verduras em pequenas frações de terra; linho e canapa cultivados em campos de médio-pequenas áreas. Dos outros produtos como feijão, abóbora, repolho não havia uma plantação somente e eram cultivados juntamente ou na rotação com a batata e o milho. As frutas como uva, marmelo, maçã e pera eram cultivadas em todas as dimensões territoriais.

Na Lombardia as terras eram mais baixas, com planícies, havia um sistema irrigado e de investimentos. Seu clima favorecia o crescimento das amoreiras e a seda tornou-se o produto predominante (GOOCH, 1991). Segundo Ciuffoleti e Nanni (2002), nestas terras havia rotações de cultura que eram alternadas com os cereais e pastagens que permitiam restituir o fósforo e nitrogênio aos terrenos, quando permeavam as culturas do arroz, milho e trigo. As zonas de montanha eram consideradas mais pobres, não havia grandes terras para produção e muitos colonos trabalhavam nas terras arrendadas. Os principais produtos cultivados eram milho, trigo, feijão, bicho-da-seda e outros em menor quantidade.

Consequentemente à produção agrícola tem-se como resultado uma alimentação tradicional dos *contadini*, que era essencialmente os produtos cultivados como os cereais e cultivação arbórea, da horta e de derivados da pecuária. Outros produtos eram adquiridos nas feiras comerciais e também por trocas de produtos cultivados em suas terras (CIUFFOLETI, NANNI, 2002).

Concomitante quando chegaram na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e as terras ao norte do rio Taquari, as regiões coloniais das encostas dominavam as terras cinzentas mediantemente férteis, que relacionadas ao clima quase temperado, eram muito boas para o cultivo da videira, do trigo e árvores frutíferas (GOMES, 2008). O encontro da terra “boa” proporcionou aos italianos e descendentes desenvolverem produções.

No Rio Grande do Sul a economia agrícola italiana pode ser dividida em duas etapas: a primeira caracterizada pela produção para a subsistência, como o milho e o feijão, e a

segunda para comercialização dos excedentes agrícolas devido ao aumento e infraestrutura da produção (FROSI; MIORANZA, 1975). Com a exploração dos territórios colonizados pela agropecuária de subsistência, os imigrantes italianos passaram a produzir para o mercado da região. Trabalhavam na secagem de erva-mate, criação de suínos e produtos agrícolas como milho e feijão (ZAT, 2016).

No início do século XX, já se encontrava descrito nos relatórios da Província um número significativo sobre o desenvolvimento e produção de variados produtos agrícolas. O presidente da província Borges de Medeiros informa em 1907:

Depois de 1846, o continuo aumento da imigração de origem européa trouxe o denso povoamento de férteis regiões, que constituem hoje providos e inexgotáveis celeiros do Estado e do Brasil. Ahli se elaboram os mais variados produtos agrícolas, que abastecem com abundancia os mercados internos e contribuem para o commercio exterior. Considerando os de mais quantidade e valor, mencionarei os que foram exportados em 1906 foram: feijão, fumo, herva-matte, vinho, batatas, farinha de mandioca e cebolas e alhos (MENSAGEM, 20/09/1907, p. 24-25).

No discurso do presidente da província, os imigrantes foram responsáveis pelo aumento da produção e favoreciam o Estado no abastecimento de mercados internos e externos. Chama os produtos exportados – “de valor” como o feijão, fumo, erva-mate, vinho, batatas, farinha de mandioca, cebolas e alhos.

O agente consular Petrocchi em 1904 registra dados interessantes sobre a diversidade de produção na colônia Guaporé:

No ano passado as colheitas foram escassíssimas, e não podendo os colonos pagar as multas ocorridos pelo atraso para os pagamentos dos lotes, obtido, por interseção do cônsul Ciapelli, o anulamento das próprias multas do presidente do estado. Neste ano, em vez, foram abundantes; para cada sacco semeado de **milho**, surgiram, em média, 260 sacos e ainda mais. Naquelas terras virgens prosperam a **mandioca, o feijão, o trigo, o trigo mourisco, as batatas, as batatas doces, o arroz, cânhamo, o linho, as ervilhas, os grãos de bico, as favas, as lentilhas, as nozes americanas (os amendoins) e erva para foragem**. Nas margens dos rios Carreiro, Taquary e Guaporé em que reina uma eterna primavera crescem espontaneamente **os cítricos, as bananas, os ananás e a cana de açúcar**, a qual vem utilizada para pastagem dos animais, para a destilação da cachaça (aguardente), para o melaço e para fazer o açúcar mascavo. As amoreiras vêm bem por toda parte e os colonos criavam também **os bichos da seda**. Mas a seda é um produto desconhecido nesta praça comercial e não tem sucesso. Quase todos os colonos, depois, têm numerosas colmeias que, ainda que tratados com sistemas antiquados, cumprem bem. Mas também **o mel e a cera**, como a seda, atendem em vão os compradores. **As uvas** prosperam otimamente, e assim quase todas as plantas frutíferas europeias <sup>109</sup> (grifo nosso e tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1904, n. 13, p.12).

<sup>109</sup> Nel anno passato i raccolti furono scarsissimi; e non potendo i contadini pagare le multe nelle quale sono incorsi pel ritardato pagamento dei lotti, otteneto, per intercessione del regio console ca, Ciapelli, l'annullamento dele multe stesse dal presidente dello Stato. Quest'anno invece i raccolti sono stati abbondanti; per ogni sacco seminato di milho, si ebbero, in media, 260 sacchi ed anche più. In quelle terre vergini prosperano la mandioca, i fagioli, il grano, il grano sarraceno, le patate, le patate dolci, il riso, la canapa, il lino, i piselli, i

Os dados apresentados neste trecho são ricos e faz entender que a colônia Guaporé no início do século XX apresentava um crescimento e uma variedade de produtos em diversas partes da colônia. Também na colônia de Encantado entre os anos de 1908, 1909, 1910 e 1911, tem como principais produtos coloniais o milho em primeiro lugar, seguido pelo feijão, a banha e, logo a seguir, a erva, a batata, a farinha, as favas e o fumo, totalizando 28.736.005 quilos durante este período (CASTOLDI, 2016).

Os descendentes de italianos desta pesquisa informam que após a primeira exploração do território para o sustento as famílias de italianos e seus descendentes plantavam milho, feijão, mandioca, batata, abóbora, amendoim, trigo, entre outros produtos para a subsistência e posteriormente ao comércio local (D7 de 20/07/17, D9 de 01/09/17, D10 de 13/07/18 e D11 de 23/03/18).

Neste sentido, Worster (1991) destaca que um dos níveis que se encontra a História Ambiental seria a introdução do domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente. Transpondo para análise é preciso levar em consideração o contexto ambiental utilizado e os produtos que são desenvolvidos, são tipos de produções que fizeram mudanças no ambiente, conseqüentemente a partir dos modos de produção adotados.

É o que o Furtado (1979) também reforça quando diz que a estrutura do sistema econômico se funda nos elementos institucionais, na base de recursos naturais e em certos padrões de comportamento. Por isso, os elementos representativos apresentam uniformidades e tornam-se objetos de análise. A concepção de ambientes similares favorece, segundo Crosby (2011), uma continuação de práticas que são acompanhadas por zonas climáticas semelhantes às de origem europeia.

Por apresentar uma relevância na prática agrícola e fazer parte das atividades diárias dos italianos, imigrantes italianos e descendentes, apresentam-se a seguir as produções agrícolas em ambos territórios pesquisados, destacando as similaridades e diferenças. Priorizou-se neste item conhecer um pouco da fisionomia e práticas agrícolas desempenhadas

---

ceci, le fave, le lenticchie, i lupini, le nocchie americane (amendoim) e le erbe da foraggio. Sulle rive dei fiumi Carreiro, Taquary e Guaporè, ove regna um'eterna primavera, crescono spontanei gli agrumi, le banane, gli ananás e la canna da zucchero, la quale viene adoperata come pasto degli animali, per la destillazione della cachaça (acquavite), per la melassa e per fare lo zucchero greggio. I gelsi vengono bene dappertutto, e i contadini alleverebbero anche i bachi. Ma la seta è un prodotto affatto sconosciuto un queste piazze commerciali e non trova sfogo. Quase tutti i coloni, poi, hanno numerosi alveari che, pur essendo curtati com sistemi antiquati, fruttano bene. Ma anche il miele e la cera, come la seta, attendono invano i compratori. La vite prospera ottimamente, e così quase tutte le piante fruttifere europee.

para obterem as produções. Os principais produtos que tomaram destaque foram: milho, trigo, uva, bicho-da-seda e feijão. Desta forma, tornaram-se presentes na alimentação das famílias e nas atividades econômicas, por ora adaptados ao seu cotidiano e que conseqüentemente geraram degradações diretas ou indiretamente nos ambientes onde viveram.

### 6.2.1 O “*mais*<sup>110</sup>” e sua produção nos territórios ítalo-brasileiros

Sabe-se que o milho (*Zea mays*) é uma espécie de cereal que tem origem na América e expandiu-se para outras áreas de todo o mundo. Segundo Relly (2019) o milho entrou na Europa via Portugal e Espanha e adaptou-se muito bem no sul da França, e após também alcançou o Mediterrâneo oriental, chegando ao Império Turco-Otomano (por volta de 1800) e Hungria – em que foi capaz de sedentarizar comunidades transumantes.

Nas regiões norte ítalas estudadas, o milho, em italiano “*granoturco e mais*”, era um dos cereais que mais fazia parte do cotidiano dos italianos. A produção iniciou-se na região do Vêneto em 1588, pelas trocas comerciais da *Serenissima* e se propagou em diversos territórios (GAL PREALPI E DOLOMITI, 2008). Perco (1987) fornece informações de variadas espécies e as adaptações às condições ambientais montanhosas. Principalmente espécies que forneciam a farinha para o principal alimento - a polenta. Tinha-se a farinha amarela e densa – das montanhas, e outra farinha branca – das planícies.

Conforme a entrevistada italiana E17, o milho tinha uma importância principalmente para a polenta: *J – E o milho também se produzia? A – O milho para a polenta sempre. Se comprava a farinha que custava muito e não tinha mais nós. A polenta não faltava nunca*<sup>111</sup> (tradução nossa, E17,12/12/18, p.4).

O milho era plantado no ciclo primavera-verão quando encontravam o ambiente ideal para os terrenos férteis, frescos e drenados com capacidade de uma boa disponibilidade hídrica. Era um produto plantado em terrenos com altitudes de até 700 metros, alternado à rotação de outros produtos como orzo (tipo arroz), batata, feijão e abóbora, que facilitam o controle de ervas infestantes bem como parasitas, como os elaterídeos (inseto). Os terrenos eram preparados no outono com a aradura e fertilizante orgânico, pois na primavera devia

<sup>110</sup> Mais – milho em italiano.

<sup>111</sup> *J – E il mais anche si produceva? A – il mais per la polenta sempre. Si compra la farina che custea manco e non si avea mais noi. La polenta non machea mai.*

seguir uma gradagem para iniciar o plantio em abril. A maturação acontecia durante a metade de setembro e outubro (GAL PREALPI E DOLOMITI, 2008).

No Trentino Alto-Ádige a polenta e também a cultura do milho representava um dos principais aspectos agrícolas. Os campos eram organizados espacialmente e o consumo era feito com trocas e vendas ao externo. Nos terrenos cultivados com milho não acontecia rotações e o campo era repetido ano depois de ano no mesmo espaço agrícola (ASSOCIAZIONE LABORATÓRIO SAGRON MIS; COOPERATIVA DI RICERCA TESTO, 2013). As terras eram preparadas com o auxílio de arados puxados por vacas ou cavalos e também para transportar nas colheitas (FIGURA 66). Na imagem predomina a produção de milho na pré-montanha, na qual foi possível identificar também os elementos naturais geográficos.

Figura 66 – Produção de milho na pré-montanha



Fonte: Bonnfadini; Castagirone; Sordi, (2002, p. 244).

Depois de maduro – *panocchie di mais*<sup>112</sup>, o milho era colhido e transportado para casa para ser debulhado a mão. Depois deste processo, era colocado em sacas ou cestos e transportado com o auxílio de cavalos para o moinho para obter a farinha. Constata-se que todo este ambiente *contadini* era um trabalho manual e contava também com a presença de outro elemento - os moinhos.

---

<sup>112</sup> Espigas de milho.

Quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari, após a limpeza do terreno plantavam o milho com o auxílio do saraquá<sup>113</sup>, colocando 3 a 4 grãos por buraco. Quando estava crescendo limpavam o milho com o auxílio de enxada. As roças ficavam perto das florestas e muitos animais se alimentavam das roças de milho, como macacos (*Mammalia*), ouriços (*Erinaceus europaeus*), pássaros, ratos e cotias (*Dasyproctidae*). O milho tinha várias finalidades: para os alimentos polenta e pão; suas propriedades como a palha eram utilizadas para fazer colchão e cigarros e serviam de alimentação para os animais domésticos (BATTISTEL; COSTA, 1983).

Muitos dos relatos dos descendentes de italianos remetem-se à produção de milho: plantavam inicialmente o milho por terem as terras nutritivas e próximas das casas, sendo essencial para fazer a polenta, que era “*um buono*<sup>114</sup>” e a alimentação dos porcos. A espécie de milho plantado era o milho branco (*Zea mays*), mais leve e que o vento derrubava nas roças. A preparação e limpeza era manual e utilizavam o saraquá, enxada e lavravam nos meses essenciais de agosto e setembro.

Produziam principalmente o milho para o sustento, sendo vendido para comerciantes e em armazém, ou trocava-se os produtos por outros. O milho era transportado com o auxílio de cavalos, burros e mulas até os moinhos mais próximos, o que demorava horas para chegar. No caminho existiam muitas dificuldades, entre elas o estouro das sacas, por andar no meio dos matos e muito se perdia da produção.

Como dificuldades relatam o ataque dos macacos, os bugios (*Alouatta caraya*), o quati (*Nasua*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), que encontravam-se nos terrenos mais próximos dos rios Forqueta e Taquari; e das formigas cortadeiras (*Atta - Saúvas e Acromyrmex - Quenquéns*), as quais comiam muito milho. Outro predador encontrado fortemente nos relatos era as nuvens de gafanhoto (*Schistocerca paranensis*), que “tapou todo o sol”, destruindo todo o milho que tinha sido plantado. Lembram também que no ano de 1965 caiu uma grande neve que durou uma semana, destruindo as lavouras de milho e quebrando árvores, casas e telhados (D3a de 12/02/15, D5 de 11/10/16, D6 de 28/06/17, D7 de 20/07/17, D8 de 01/09/17 e D12 de 29/06/18).

Todas as informações registradas pelos descendentes de italianos ao norte do rio Taquari representam de forma significativa os trabalhos desempenhados e a produção de

---

<sup>113</sup> Espécie de cavadeira de madeira, usada no encestamento de erva-mate.

<sup>114</sup> Buono - bom em italiano

subsistência e econômica das famílias. Ademais, também encontraram dificuldades de adaptação e de início das plantações, que mesmo assim continuaram.

Com o aumento da produção, o milho era ensacado e vendido nos comércios da região. Entre os anos de 1908 e 1911, o milho já representava nos territórios ao norte do rio Taquari um produto que tomava destaque, somando uma produção de 15.121.640kg. Constata-se que este produto era exportado e comercializado no mercado interno, bem como nos portos de Lajeado, Cruzeiro do Sul, Arroio do Meio e Encantado (RELATÓRIO DE INTENDÊNCIA, 1911, p. 36).

Assim, é recorrente a semelhança deste produto em ambos territórios para o sustento das famílias e comercialização. Dentre as espécies encontradas, a principal é o milho amarelo para a polenta, produzido em territórios montanhosos de até 700 metros. A polenta era um alimento muito presente, porém o ciclo de preparação e plantação acontecia em épocas diferentes: no norte italiano na primavera e verão e ao norte do rio Taquari no final do inverno e primavera. Os trabalhos manuais desempenhados eram similares, quase sempre cultivando perto das casas e com auxílio de instrumentos como a enxada e animais domésticos para arar e transportar às casas e moinhos.

Na configuração das terras o milho era produzido sempre, com a necessidade de rotação de terras ou alteridade de produção. Alguns impasses entre ambos territórios por ora são semelhantes, como os parasitas e ao norte do rio Taquari por apresentar uma rica fauna, muitos animais depredavam as lavouras.

### **6.2.2 “Il frumento” – outro cereal relevante**

No sistema agrário do norte italiano outro cereal muito produzido foi o trigo. No alto Milanese era intensamente desenvolvida a rota trienal e bienal entre milho e trigo nos territórios entre 700 e 800 metros de altitude. Essa alternância ocorria no outono e depois colhido no verão. Sobre esta informação certifica-se também com o dado do entrevistado E23 na região da Lombardia:

*J – Também se plantava outro produto?*

*A – O milho naquela parte baixa do território e em alternativa o trigo e as batatas.*

*J – Também para a família?*

*A – Sim, isto era bastante para as famílias porque era...como se diz, em grande*

*quantidade modesta e a terra era pequena*<sup>115</sup> (tradução nossa, e23, 23/03/19, p. 2).

Como cereal alternativo de produção, a cultura do trigo nos territórios Beluneses, no Vêneto também aconteceu de forma antiga. A época de sementeira era de dois tipos: uma invernal nos meses de março e outra em outubro. Cortava-se o trigo quando tinha um comprimento de 15 a 20 centímetros, e depois de alguns dias cortado era transportado para casa e deixado descansar por mais uns dois ou três dias e após batido, para obter os grãos (PERCO, 1986). A entrevistada ítala E16 da província de Beluno destaca as diferenças de localização dos territórios para produção e que a plantação do trigo era presente, mas inferior à do milho:

*D – Como também, desculpe, o grão avalia-se ou milho quero dizer isto é, aqui porque o trigo aqui não vinha nem também para baixo. O município de Mel vinha também o trigo para fazer o pão eis. Em vez aqui...*

*J – Se comia muito pão?*

*D – Sim, mas não muito. A polenta era mais*<sup>116</sup> (tradução nossa, E16, 11/12/18, p. 9).

O trigo na Província de Beluno era conhecido por ter uma farinha que não era perfeitamente branca e indicada para o pão branco, e também oportuno para o pasto. Além do trigo para fazer o pão, também se utilizava a palha para fazer duas incumbências: a palha curta ou quebrada utilizada pelos colonos para preservação da umidade do solo, para fazer os forros para os animais e também alimentá-los. As palhas inteiras ou direitas - as palhas longas, eram usadas para cobrir telhados.

Os terrenos eram arados (FIGURA 67) e neles plantados grãos de trigo. Quando estava maduro era cortado com foices, amarradas as medas de trigo e depois batiam as espigas para separar a palha dos grãos. Por fim, era colocado em sacos e levados ao moinho.

<sup>115</sup> J – *Anche si piantava naltro prodotto? A – Il mais in quel parte bassa del territorio e in alternativa il frumento o le patate. J – anche per le famiglie? A – Sì, questo era piuttosto per la famiglia perché era....come si dice...in quantità modesta e la terra era poca.*

<sup>116</sup> D – *Come anche, scusi, la si grana o granoturco insoma ecco, qua perché il frumento qui non veniva ne anche in giù. Le comune là a Mel veniva anche il frumento per fare il pane ecco. Inceve qui... J – Si mangiavano tanto pane? D – Sì ma non tanto. Ma polenta di più.*

Figura 67 – Preparação da terra e semeadura do trigo



Fonte: Museu M9, s/d.

Volpi (2002) destaca que no norte da Itália ainda sob domínio francês, tinha um número significativo de exportação de cereais, entre eles o trigo. Em 1811, tinha-se 671 mil quintais de trigo, destinados à exportação como a França e Suíça. Com o passar dos anos representava uma produção também econômica.

Apesar de já fazer parte do cotidiano italiano, o trigo já havia sido introduzido na província de São Pedro do Rio Grande do Sul pelos açorianos no século XVIII. Após ter passado por uma crise de exportação, foi novamente produzido pelos imigrantes italianos no início do século XX. A nova produção deste alimento foi efetivada por algumas técnicas de plantio feitas pelos imigrantes italianos, quando esta cultura agrícola era uma prática de inverno (DE BONI; COSTA, 1982; GIRON; HERÉDIA, 2007).

Depois de cortado e bem seco, o trigo era enfardado em feixes e amarrados com vime. Era transportado em carroças e guardado nos paióis para a trilhagem. A palha de trigo e arroz era utilizada para evitar a infiltração da água bem como de abrigo para os animais domésticos nas épocas de frio e chuva (COSTA et al., 1976).

Referente aos territórios ao norte do rio Taquari não se encontrou expressivas produções. Nos esquemas de rotação com abate e queima da floresta, tinha-se o cultivo do milho e outras espécies, como feijão e trigo. O sistema agrário caracterizava-se por dois tipos de atividades: um nas encostas dos morros e o outro dos morros até as várzeas. Nestes espaços eram cultivados milho, feijão, aipim, abóbora, batata-doce, arroz, trigo, centeio, além de aveia e azevém para o pasto (BEROLDT et. al., 2007).

Outros derivados do trigo foram introduzidos na alimentação dos imigrantes italianos e descendentes, como pão e massa. Conforme os relatos dos descendentes de italianos, a produção de trigo fazia-se presente nas lavouras, principalmente nas atividades de subsistência. Sempre aproveitaram a terra para o plantio, fazendo uma safra por ano de milho e duas de trigo. Depois de colhido, isolavam os sacos de trigo com a própria farinha ou colocavam nas “tuias”, espécie de caixa de madeira para guardar os alimentos. Também durante os filós faziam artesanatos com as palhas de trigo (D2 de 13/06/15 e D9 de 01/09/17). O trigo era levado aos moinhos no lombo das mulas ou de carroça e trocado por farinha. O trigo, que prosperava em todos os lotes coloniais no início do século XX, era moído em dezenas de moinhos espalhados pelas diversas linhas dos distritos do município de Guaporé (BALBINOT; TEDESCO, 2020).

Entre algumas dificuldades nas plantações, tem-se novamente o gafanhoto, que destruía a lavoura. Os gafanhotos atacavam as lavouras de trigo e eram em grande quantidade que “cobriam o sol”, colocando seus ovos na terra. Uma das estratégias para combatê-los era amontoar e colocar dentro de um buraco para após matá-los e entrar lavouras adentro com muitos galhos de árvores e panos atados em pontas de varas para que abandonassem o lugar (KARAM, 1992; D7 de 20/07/17, D8 de 01/09/17 e D10 de 13/07/18). Em 1906 o subintendente de Encantado comunicava ao Intendente de Lajeado a grande quantidade de gafanhotos e grandes prejuízos nas plantações de milho e trigo (THOMÉ, 1967). Sobre esta informação depara-se com o dado documental de 1906 comunicando sobre os gafanhotos e a seca:

Im. Cel. Senhor Intendente Municipal, de Lageado,

Em cumprimento ao que determina este officio no corrente mez tenho a dair-vos as informações seguintes: Recomendo a pessoas a moradores antigos neste districto não só nesta localidade e como nas picadas danificadas são todas unanimes em que o prejuízo causado pelo gafanhoto e pela secca é geral e muito grande nas picadas São José, Jacaré, Jacarezinho, Arroio das Pedras, Tigrinho, Anta Gorda, Nova Brescia, Gramado, Pinheirinho e Caçador.

O número de lavradores nestas picadas é calculado em 900 aproximadamente sendo suas condições reconhecidamente precárias [...] gente nada terá a comer daqui a dois mezes, mais ou menos, visto a continuar a secca e faltar-lhes os meios de subsistências indispensáveis, provado esta que se acha na indigência e merece o amparo do nosso patriático Governo do Estado, sempre solicito em beneficiar aos necessitados. Por fim tenho a dizer-vos que, sendo baseada nas verdades as informações que vos transmittio por meio deste, desnecessário achei nomear uma comissão a fim de tirar-se uma relação dos colonos prejudicados, o que demandaria um trabalho de quinze ou mais dias e nada adiantaria. Saude e fraternidade. João Luiz Benkeustein (BENKEUSTEIN, JOÃO LUIZ. RELATÓRIO DE SUBINTENDÊNCIA DE ENCANTADO, 09/03/1906).

Através destas informações encontra-se também a presença da grande seca de 1906 e a infestação de gafanhotos, que geraram prejuízos econômicos em todos os distritos da colônia Encantado. O pedido de ajuda ao governo do Estado era necessário para suprir os meios de subsistência. Também para combater esta praga em Encantado no ano de 1919 adquiriu-se 200kg de arsênico, destinado para extinção dos saltões (THOMÉ, 1967). Percebe-se que tais questões vêm ao encontro dos relatos dos descendentes e corrobora-se o estudo de Crosby (2011) quando afirma que muitos animais chegavam com os imigrantes nas colônias porque os colonos adquiriam para sua produção, já outros não eram “convidados”.

Com base nas informações, a produção do trigo nos territórios ítalo-brasileiros apresenta similaridades enquanto um cereal das atividades agrícolas. No norte da Itália era plantado com alternância de outros cereais e em campos específicos de pequenas dimensões durante o outono e verão. Assim como nos territórios ao norte do rio Taquari tinha relevância para a dieta com base em pães e massas. Porém era destinado também para a forragem, alimentação dos animais e exportação.

Os trabalhos agrícolas ao norte do rio Taquari aconteciam no inverno e faziam duas colheitas que não eram extensas, mas foi uma atividade continuada pelos imigrantes italianos e seus descendentes, principalmente para o autoconsumo. Os descendentes de italianos informaram que por diversas datas a partir do início do século XX o ataque dos gafanhotos destruiu as lavouras de trigo, que são as ações e reações da natureza em decorrência das atividades agrícolas.

### **6.2.3 “Le vite”: os parreirais e a uva nos territórios ítalo-brasileiros**

A videira (*Vitis vinífera*) é uma espécie que tem origem na Ásia e por muito tempo faz parte da alimentação humana. Assim como as pessoas, esta espécie também migrou em todo mundo e sua produção iniciou na Itália desde o mundo antigo com os Romanos. No decorrer dos séculos os parreirais culminaram com investimentos e a produção de uva e vinhos fez da Itália um país reconhecido no mundo todo.

A vitivinicultura conseqüentemente fez parte da história agrária e das famílias nas regiões pesquisadas. No Vêneto a produção aconteceu em territórios de até 700m, nas encostas dos morros e nas planícies com terrenos maiores. Na Província de Beluno a primeira notícia sobre a produção de uva foi em 1184, três séculos depois o médico Bacci cultivava nas

zonas frias e montanhosas a espécie *Bianchetta*. No século XVI tem a introdução do famoso vinho *Prosecco*. A partir da metade do século XIX o desenvolvimento da viticultura já tinha índices representativos economicamente. As exportações tinham grande vitalidade nas praças do Vêneto e também em outros países como Inglaterra e Áustria (GAL PREALPI E DOLOMITI, 2008).

Na Lombardia a viticultura era expressiva e mantinha uma qualidade de produção vinícola com vinho tinto devido ao solo e clima mais quente. Em 1884 contava com 6.500 hectares de terreno para os parreirais com as principais espécies escuras de Pignolo, Rossola e Brugnola. Também a Merlot, Pinot nero e outros (LORUSSO, 2014).

Durante o Império Austro-Húngaro, o Trentino Alto-Ádige era destinado a ter as melhores cantinas, local de armazenamento e conservação dos vinhos. Assim, em 1874 a Dieta Tirolese<sup>117</sup> determinou fundar no município de San Michele, na província de Trento, um grande Instituto Agrário para contribuir no crescimento e qualidade da viticultura. Assim, os agricultores que produziam uva puderam melhorar sua produção, sobretudo para o mercado. Conforme Battisti (1912), o Trentino Alto-Ádige sempre foi uma terra propícia para a vitivinicultura devido à variedade de terras e também pela diversidade do ambiente, desde o sub mediterrâneo a continental. Os vinhedos se estendem dos 70 metros nas vizinhanças de Riva del Garda até dos 800 metros de Val de Cembra. No porão de uma habitação, local próximo da terra, eram colocados os alimentos para conservação como batatas, maçãs, vinho e queijos.

O entrevistado italiano E18 da província de Trento evidencia a produção de uvas das famílias camponesas:

*S – [...] aqui falamos de uma zona histórica pela viticultura, uma zona que mais de cinco mil anos se produz vinho e se cultiva a uva. Então com a evolução da vida, na vida dos camponeses não há que subito uma grandíssima evolução no modo de vida digamos, mas ficou tudo também a fora da grande cantinas sociais onde mais se produzem também muitos litros de vinho, mas a tradição familiar, a vocação do território se avançou no entanto, manter a viticultura [...]*

*J - Sim, e a sua família trabalhava sempre com a mesma coisa ou como era?*

*S – Sim, eu também sou originário de uma família camponesa que por vários anos diversificamos entre as cultivações da uva, aspargo, maçã, no entanto, não é que se cultivava somente a uva, mas as zonas onduladas se cultivava fruticultura aqui principalmente<sup>118</sup> (tradução nossa E18, 09/01/19, p. 1).*

<sup>117</sup> Segundo o Conselho Provincial do Tirol, a Dieta é o parlamento da Terra do Tirol, composto por 36 membros que deliberam leis regionais. Acesso <http://www.europaregion.info/it/tiroler-landtag.asp> em 07/08/20.

<sup>118</sup> *S – [...] Qui parliamo di una zona storica per la viticoltura una zona che da più 5 milla anni si produce vino e si cultiva la vite. Quindi le evoluzioni di vita, nella vita contadina no ha che subito grandissime evoluzioni diversi modo di vita diciamo ma è rimasto tutto anche un po' a nivello familiare alle fuori delle grande cantine sociale dove ormai si che si producano anche molto di più litre di vino ma la tradizione familiare la vocationalità del territorio ci è spinto comunque mantenere la viticoltura [...]. J – Sì, e la sua famiglia lavorava*

Conforme o relato, as atividades envolvendo frutas e vinho eram históricas na província de Trento. Além do mais, com base nas informações da região do Vêneto, tem-se relatos que suas famílias tinham pequenos parreirais para a subsistência, principalmente para o vinho. A entrevistada E17 da região do Vêneto destaca: “A – *havia também um pequeno parreiral que fazia o vinho*<sup>119</sup> (tradução nossa, E17, 12/12/18, p.3). Paralelamente com outros produtos, outro interlocutor vênето E13 (28/01/18, p. 1) comenta sobre: “O – *Então, aqui sobretudo se plantava o milho e se cortava a erva para a pecuária e se produzia também um pouco de vinho, na verdade um vinho não tão bom porque aqui as terras são bastante frias, por isso o vinho não era próprio bom*<sup>120</sup> (tradução nossa, E13, 28/01/18, p. 1).

Figura 68 – Parreiral de vinho no Vêneto



Fonte: Vigolo; Sanga; Perco (2011).

A poda dos parreirais acontecia entre o fim de fevereiro e de março e o período de colheita início de outubro. Para a vindima era necessário o uso de cestos e depois colocados em carros para o transporte até as cantinas. Interessante ressaltar que no decorrer do tempo cada área geográfica e as condições do território proporcionavam a qualidade da produção. São variedades brancas: bianchetta Veltriner, Verdiso, Prosecco e as vermelhas ou escuras: Pavana Nera, Merlot, Colao, Paialonga, Trevisana Nera e Cabernet (GAL PREALPI E DOLOMITI, 2008).

---

*sempre con la stessa cosa o com'era? S – Sì, anchi'o derivo da una famiglia contadina che ne varie anni abbiamo diversificato fra da coltivazioni di vite, aspargo, mielo quindi non è che si coltivavano solo la vite ma la zone pievezanti si cultivava anche fruticultura qui principalmente.*

<sup>119</sup> A - *Avea anche una piccola vina che faceva vino.*

<sup>120</sup> O – *Allora, qua soprattutto si piantava il graturò maiz e si faciava l'erva per i bestiami e si produceva anche un po' di vino per la verità un vino non tanto buono perchè qua le terre sono abbastanza fredde per il cui le vino non era proprio al latte.*

O ano de 1889 é considerado o ano da crise na viticultura, pois os agricultores encontraram algumas doenças criptogâmicas principalmente nas folhas da uva: parasitas, míldio (peronospera) e também filoxera (*Viteus vitifoliae*) (FIGURA 68). Este hemíptero é um pulgão sugador da parte das folhas e raízes, que destruiu muitas vinhas.

Figura 69 - Filoxera



Fonte: Museu de Uso e Costumes da Gente Trentina.

O míldio é um fungo que ataca os parreirais e compromete a produção. Para recorrer ao míldio, os italianos utilizavam um pesticida, chamada de polpa bordalesa – um composto de água com sulfato de cobre com cálcio, com cor verde-azul, de nome “*verderame*”. Para passar nos parreirais utilizava-se a “*máquina de verderame*” (FIGURA 70), de metal, com capacidade de até 20 litros. Esta máquina era colocada nas costas e acionada nas plantas desde o caule, ramos e folhas. Outro instrumento utilizado para combater o míldio era a “*solfatrice*” (FIGURA 71), que se insuflava enxofre sobre os parreirais (BERNARD, 2017). Além do mais, estes instrumentos de combate aos parasitas também foram encontrados em arquivos e no cotidiano das famílias ao norte do rio Taquari.

Figura 70 – Máquina de verderame e solfatrice



Fonte: Museo Torre Cividate Camuno, século XIX.

Figura 71 – Máquina de sulfatar



Museu municipal “Dolci Ricordi”.

Tanto no norte italiano como ao norte do rio Taquari, estes utensílios foram utilizados para combater parasitas que atacavam os parreirais. Percebe-se também introdução de substâncias químicas como cobre e enxofre.

Os primeiros vitivicultores em terras gaúchas foram os Jesuítas, seguidos pelos açorianos. As correntes imigratórias do século XIX, inicialmente com os alemães, também cultivaram a videira e produziram os vinhos (FARIAS, 2009). Relly (2019) também demonstra que nos territórios de Santa Cruz e Mont’Alverne os pomares teuto-brasileiros formaram-se a partir do transplante genético de espécies europeias e na ênfase em culturas já aclimatadas no Brasil e que eram parcialmente estranhas aos colonizadores. Os parreirais de uva teuto-brasileiro mediam em torno de 2.011 metros e ficavam próximos das casas dos colonos. A vitivicultura não prosperou comercialmente, sendo destinada para o consumo familiar. Os vinhedos gaúchos nos seus primórdios foram organizados com variedades europeias, e a partir da segunda metade do século XIX, devido à facilidade de cultivo, implementadas às variedades americanas como a Isabel e Herbemont (FARIAS, 2009).

Por volta de 1896 o Governo do Estado procurou investir em obter um vinho nacional de boa qualidade. Importou mudas de videira da Europa e fundou uma Estação Experimental de Agronomia, para fazer as primeiras análises dos vinhos produzidos e conservação do produto. Ressalta-se que neste período no Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Riograndense (PRR), de cunho positivista, tinha a ideologia do estado em auxiliar na vida

econômica, exercendo uma espécie de tutela social, responsabilizando-se sobre as condições de abastecimento e ocupação da população local. Já em 1898, o governo introduziu 25.000 mudas aos colonos de Caxias do Sul, Antônio Prado, São Marcos, Alfredo Chaves, e Bento Gonçalves, e também a alguns agricultores localizados nas colônias alemãs, principalmente São Leopoldo (FARIAS, 2009).

Battistel e Costa (1982) destacam que os primeiros parreirais dos imigrantes italianos e descendentes foram construídos com madeira de pinheiro para fazer os apoios das videiras. Depois plantava-se a videira no meio e estendia-se os ramos ao redor com os vimes. No início não existiam grandes parreirais, apenas para o consumo próprio do vinho e vinagre. Giron e Herédia (2007) enfatizam que a uva foi um produto de cultura permanente para fins domésticos e após econômico. A primeira uva a ser introduzida pelos imigrantes italianos foi a “Isabel”<sup>121</sup>, do contato com os imigrantes alemães localizados no Caí. A produção do vinho iniciou-se com a indústria doméstica desenvolvida nas cantinas quando o processo era feito manualmente e o esmagamento da uva com os pés e posto em barris para fermentar.

Existiam as uvas de mesa e uvas para o vinho. A principal espécie plantada era a Isabel, mas existiam outras como Moscato, Cabernet e Dedo de dama. O representante consular Petrocchi apresenta em 1905 as principais espécies: “*as uvas americanas mais comuns nas colônias são: a uva Isabella, a Concord, a Camperbel’s (esta última oriunda dos Estados Unidos). Das estrangeiras, chamada aqui as uvas francesas, são: a Herbemont e a Cunningham*”<sup>122</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, n. 8, p. 10). Os imigrantes italianos também relatavam as dificuldades de adaptação para o desenvolvimento da produção com as geadas e a queda intensa de chuvas. Petrocchi também destaca o seguinte:

A vitivinicultura – uma outra fonte de riqueza para estas colônias seriam a vitivinicultura [...]. As colônias do Rio Grande do Sul tanto pelo clima temperado quanto pela sua posição e pela condição do solo, podem considerar em vão a cultura da uva. Infelizmente, no entanto, até agora tudo foi feito por acaso. Nas colônias italianas, começaram a plantar as videiras aproximadamente há vinte e quatro anos;<sup>123</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, n. 8, p. 8-9).

<sup>121</sup> A uva Isabel é uma das principais cultivares de *Vitis labrusca*, espécie originária do Sul dos Estados Unidos e de onde foi difundida para outras regiões. Na década de 1850 despertou interesse dos viticultores europeus, devido à resistência ao oídio, doença que naquela época causava enorme prejuízo à viticultura mundial. Foi introduzida no Rio Grande do Sul entre 1839 e 1842 e após cultivados pelos imigrantes italianos Serra Gaúcha (RIZZON, 2000 et. al).

<sup>122</sup> *Le vite americane più comune nelle colonie italiane sono: la vite Isabella, la Concord, la Camperbel’s (questa ultima dagli Stati Uniti dell’America del Nord. Quelle straniere, chiamate qui i vite francesi, sono: la Herbemont e la Cunningham.*

<sup>123</sup> *La viticultura – Un’altra sorgente di ricchezza per queste colonie sarebbe la viticultura [...]. Le colline del Rio Grande del Sud, tanto per il clima temperato, quanto per la loro posizione e per la condizione del suolo, si*

O agente diplomático e consular Francesco de Veluttis reforçava que a produção de uva teve um bom crescimento nas colônias, mas eram necessários alguns investimentos e cuidados. Elenca alguns fatores que se opõem à propagação da uva: a qualidade dos terrenos, o clima, o desenvolvimento da qualidade da espécie Isabela e os insetos que prejudicavam. Paralelamente com as dificuldades tinha-se a preparação do vinho e as exportações nesta época aumentaram (EMIGRAÇÃO E COLÔNIA, 1908, Volume III, Parte I, p. 334-335).

Os representantes consulares também pontuaram nos boletins acima mencionados algumas dificuldades de adaptação ambiental: durante a primavera e verão colocavam água quente nas formigas que comiam os parreirais. No início da imigração não conheciam as máquinas para passar inseticidas, então utilizavam alguns tratamentos naturais como a sulfatura com cinzas para impedir a radiação noturna. Outras pragas apareceram: a peronospora, que combatiam com irradiação de sulfato de cobre, distribuído sem regras, e também a antracnose e filoxera. Entre os insetos um antropoide que permanecia na raiz e matava os pés de uvas, como as larvas (*Diloboderus*) e besouros (*Coleoptero*). Entre os animais citaram o sabiá (*Turdus*), o lagarto (*Tupinambis tegurius*) e o gambá (*Dydelpys*).

No relatório de Borges de Medeiros, ele informa que no início do século XX a viticultura havia melhorado devido aos investimentos e à Estação Agronômica. Também a distribuição de castas de videiras tinha o interesse de substituir a espécie Isabela e procurar melhorar a qualidade do vinho (MENSAGEM, 20/09/1902, p.19-20). Anos depois também informa que a vinicultura havia crescido, principalmente onde o clima frio era intenso, como a colônia de Caxias: “A *vitis vinifera* rio-grandense compõe-se de castas americanas e européas, sendo, porém, a parreira Izabella a commum” (MENSAGEM, 20/09/1907, p. 26).

Nos territórios ao norte do rio Taquari não existiram grandes parreirais e somente na década de 1910 e 1920 tiveram uma alta no crescimento econômico, tendo como produção dos territórios ao norte do rio Taquari em torno de 3%. Os interlocutores descendentes de italianos relatam que produziam uva, com parreirais próximos de suas casas para o consumo familiar. As principais espécies de “Francesa” e a “Isabel brasileira”, esta última que é americanizada. A uva francesa foi trazida da Itália com o “calvi”, que era a muda. A uva era produzida para fazer vinho e vinagre (D6 de 28/06/17, D7 de 20/07/17, D9 de 01/09/17, D10 de 13/07/18).

---

*possono ritenere adatte alla cultura della vite. Disgraziatamente, però, finora tutto si è fatto a caso. Nelle colonie italiane si cominciò a piantare le viti circa vintequattro anni fa;*

Desta forma, encontram-se algumas similaridades entre os territórios ítalo-brasileiros como a espécie Isabela, o consumo familiar para o vinho e vinagre. As plantações de uvas se adaptaram muito bem ao clima (principalmente as do tipo Isabel), gerando maiores excedentes entre os produtos da região. Outra questão é que na Itália a tradição da vitivinicultura já era predominante com uma diversidade de espécies já mencionadas, e os territórios de produção eram semelhantes pela altitude de até 900 metros.

A Itália durante o século XIX tinha índices significativos na economia com a viticultura e também para a produção familiar. Concomitantemente encontrou-se muitos registros documentais e orais sobre a introdução das espécies da uva bem como investimentos para comércio do vinho. O papel do imigrante como iniciador desse tipo de atividade se dá por uma questão eminentemente de costume e tradição dos imigrantes das regiões norte ítalas, reconhecidamente produtoras de vinhos na Itália. Também, importa ressaltar que estes imigrantes trouxeram consigo hábitos culturais e sociais altamente vinculados ao associativismo, que posteriormente viria introduzir os sistemas cooperativados de produção, muito semelhantes à estrutura das guildas profissionais na Idade Média.

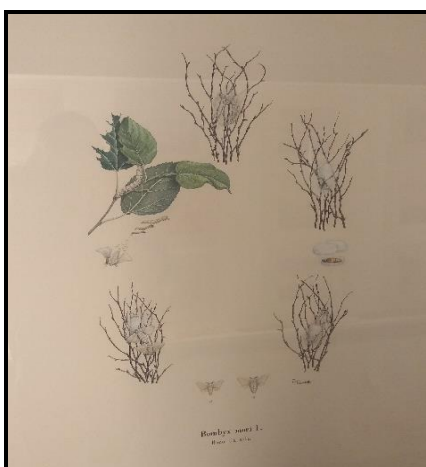
#### **6.2.4 Baco da seda e as plantações de “gelso” (*Morus*)**

A criação do bicho-da-seda na Itália teve grande crescimento durante os séculos XVIII e XIX, principalmente na região da Lombardia e fazia parte da vida dos *contadini*. Principalmente nas montanhas do Vêneto e Trentino Alto-Ádige se tinha esta produção, mas não era tão significativa a sericultura (BATTISTI, 1912). A fiação e tecelagem era um trabalho artesanal integrativo das famílias camponesas e tinham algumas peculiaridades: a criação do bicho-da-seda e das plantações de amoreiras (*Morus*), mudando a paisagem agrária. Na metade do século XIX, a produção era o fundamento da economia agrícola Lombarda e um elemento essencial para o desenvolvimento (MANTOVANI, 1979).

A folha da amoreira (*Morus*) era essencial para alimentação do bicho-da-seda e alimentava toda a sua numerosa população. Em função disso, teve um aumento considerável de comerciantes, empreendedores industriais e fundiários agrícolas, bem como o aumento das plantações desta espécie. Apesar de situações difíceis para a produção dessa cultura, tornava-se vantajoso para superar a situação econômica.

Mantovani (1979) também expressa que o processo da criação do bicho-da-seda tinha o envolvimento de toda a família de camponeses, principalmente das mulheres. Inicialmente o processo da sericultura passava pela incubação, que durava em torno de sete a dez dias. Após o período larval (FIGURA 72) acontecia de 30 a 40 dias, com cinco etapas. No período destes ciclos era abundante o uso das folhas de amoreira para alimentá-los, necessitando muitos quilos de folhas. Por exemplo, no último ciclo era necessário 700kg de folhas. A colheita dos bicho-da-seda era entre maio e junho, logo depois do inverno juntamente às atividades dos cereais (FIGURA 73). Em alguns arquivos do norte italiano encontrou-se o ciclo do bicho-da-seda em imagens e exposição:

Figuras 72 e 73 – Ciclo do bicho da seda



Fonte: Museo degli Usi e Costumi della Gente Trentina.



Fonte: Museo Museo della Civiltà Contadina.

Também o entrevistado E24 da província de Cremona, Lombardia, destaca que na região da Lombardia, na província de Cremona, além da produção leiteira, a sericultura e a fiação era uma atividade intensa desempenhada pelos italianos:

*A – O leite porque Cremona, a campanha cremonese era famosa pela produção de leite, tinha o escritório, tinha artesanato e pouco menos que a agricultura no meu município. No entanto, tinham também a fábrica de fiação, sabes o que é casa de fiação?*

*J – Não sei.*

*B – Bicho-da-seda.*

*A – Sim. Era muito desenvolvido como todos cremoneses da produção do bicho-da-seda em que hoje. E tinha as fábricas de fiação que trabalhavam o produto da seda e faziam tecidos e era importante porque ocupavam as mulheres, moças faziam fiação. Nos anos 45, 50 era uma possibilidade da parte das mulheres de fugir da difícil vida do campo que depois te falei das condições das mulheres na cascina e*

*dar com o trabalho seu próprio salário, com sua autonomia, etc. Isto é, era principal.*

*J – Sim, sim, era isto principal.*

*A – Tinha muita produção<sup>124</sup> (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 2).*

Assim como neste trecho, na região do Vêneto a entrevistada E16 destaca que durante o inverno as mulheres faziam a fiação nos estábulos: “*E depois no inverno aqui os camponeses trabalhavam e faziam as tranças no verão para andar na campanha os homens e as mulheres trabalhavam a malha ou filavam fazendo as roupas, era assim<sup>125</sup> (tradução nossa, E16, 11/12/18, p. 2)*”. No Trentino Alto-Ádige o entrevistado E20 enfatiza que a produção do bicho-da-seda era uma fonte de renda familiar na cidade de Caldonazzo, província de Trento e cidades vizinhas:

*M – A cultura do bicho-da-seda que foi importado no tempo da República Marinava de Veneza e o bicho-da seda era digamos, a única fonte de renda da família porque trabalhavam as mulheres especialmente. Nas fiações e de fato depois quando o bicho-da-seda ficou doente com um parasita, foi um dos motivos praticamente da forte imigração do Trentino a América, especialmente em relação ao Brasil porque praticamente ficaram sem nenhum trabalho, sem nenhuma renda. E era uma doença que destruiu praticamente toda produção, a inteira economia da zona<sup>126</sup> (tradução nossa, E20, 11/01/19, p. 1).*

Conforme os relatos, a produção do bicho-da seda era muito importante no contexto familiar e econômico italiano, no qual as mulheres realizavam a maioria das atividades. Neste último trecho, se tem a informação do interlocutor sobre um parasita que prejudicou a produção, fazendo com que muitos italianos emigrassem para a América e Brasil.

São poucas as bibliografias que tratam sobre a sericultura nas primeiras colônias italianas na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Sobre a criação do bicho-da-seda, Battistel e Costa (1982) informam em sua obra que uma descendente de Nova Prata ouvia

---

<sup>124</sup> *A – Il latte perché Cremona, la campagna cremonese era famosa per la produzione di latte, c’era la casa ufficio, c’era artigianato e po’ meno che agricoltura il mio paese. Però, c’erano anche la filanda, sai cos’è la filanda? J – Non so. B – Baco da seta. A – Ecco. Era molto sviluppato come tutti cremonese dal produzione del baco da seta su cui oggi. E c’era la filanda che lavoravano il prodotto della seta e facevano tessuti e era importate perché occupavae donne, ragazze davano filanda. Nel anni 45, 50 era una possibilità da parte della donna di fugire dalla pesante vita del campi che dopo te ne parlerò le condizioni della donna in cascina e dare a lavorare in proprio con salario, con sua autonomia, ecc. Ecco era principale. J – Sì, sì. Era questa principale. A – C’era molto allevamento.*

<sup>125</sup> *E dopo di inverno qui il contadini lavoravano e facevano il trece nel state per andare in campagna gli uomini e le donne lavoravano la maglia o filavano facevano la tela, era così.*

<sup>126</sup> *M – La cultura del baco da seta che è stato importato il tempo di repubblica Marinava di Venezia e il baco da seta era diciamo l’única fonte di reddito della famiglia perché andavano a lavorare la donna specialmente no. Nelle cose filande e di fatti poi il quando il baco da seta sia malato con un parasita è stato uno dei motivo che praticamente della forte immigrazione dalle Trentino verso alle Americhe, specialmente verso il Brasile perché praticamente sono rimasti senza nissuno lavoro, senza nissuna reddito non. E era qualcuna malatia che ha distrutto praticamente il proprio intera, l’intera encomia della zona.*

estórias de sua avó sobre esse tipo de atividade ainda quando ela morava na Itália. Giron e Herédia (2007) destacam que no final do século XIX existiam na colônia Caxias, uma diversidade de produção e encontravam-se também criadores de abelha e do bicho-da-seda. Estas informações comprovam que os italianos e descendentes tinham conhecimento sobre a sericultura quando ainda viviam na Itália e além do mais, houve tentativas deste tipo de produção nas antigas colônias.

O agente consular Petrocchi faz referência à produção de seda nos distritos da colônia de Bento Gonçalves:

A criação do casulo, nesta colônia é mesmo ignorado. No entanto, como tinha outros momentos a informar hoje a indústria da seda seria, segundo a opinião dos mais, a única que poderia dar vida dessas populações, e proporcionar uma relativa riqueza a tantas pessoas que, abandonadas a si mesmas, e espalhada por terras distantes e degradadas da região do Rio das Antas, vive quase na miséria e na pobreza<sup>127</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, n. 8, p.7)

Outros elementos foram citados no documento: tentativas de produção, um clima propício para criação do bicho-da-seda, retirar da natureza uma boa quantidade de casulos para criação e implantar as amoreiras (*Morus*). As amoreiras descritas pelo representante eram “selváticas, com folhas largas e cresciam bem em qualquer lugar (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1905, v.8, p.8)<sup>128</sup>” e com uma abundância de folhas. No decorrer do documento, lamenta que não houve desenvolvimento deste tipo de produção por não ser reconhecida no mercado. Ao mesmo tempo que representa índices, os próprios colonos utilizavam na confecção de roupas para a família.

Durante as pesquisas em arquivos bem como as visitas as famílias de descendentes de italianos aos territórios ao norte do rio Taquari, não se encontrou material ou relatos que constatassem sobre a criação do bicho-da-seda. Mesmo assim, no início da colonização italiana iniciaram tentativas deste tipo de produção nas antigas colônias.

---

<sup>127</sup> *L'allevamento del filugello, in queste colonie è addirittura trascurato. Eppure, come ebbi altre volte a riferire oggi l'industria della seta sarebbe, secondo l'opinione del più, l'unica che potrebbe dar vita a queste popolazione, e procurare una relativa agiatezza a tanta gente che, abbandonata a se stessa, e sparsa lungo e lontani e derupati terreni della regione del Rio das Antas, vive quase nella miseria e nello squallore.*

<sup>128</sup> *Il gelso di qui è selvatico; ha foglie larghe e cresce bene dovunque.*

### 6.2.5 “Il Fagiolo”

Os feijões sul americanos (família *Phaseolus*) chegaram na Europa no século XVII, contudo o cultivo de leguminosas (principalmente ervilhas e lentilhas) era uma realidade estabelecida no quadrante central-setentrional deste continente desde pelo menos o século X. Enquanto no Brasil o plantio de feijão-preto baseava-se nos recursos tecnológicos da tradição agrícola brasileira, em especial a cavadeira e a enxada. Em 1866, cerca de 91% da produção da espécie de feijão-preto era destinada aos mercados, e a parte restante era predominantemente usada para a subsistência da comunidade familiar (RELLY, 2019).

O feijão americano foi introduzido em áreas beluneses a partir de 1500 e começou a intensificar-se no século XIX, principalmente no Vale Feltrino. As principais espécies em “*fagioli borlotto e Lamon*”. A última espécie toma destaque, pois era produzida em terrenos com altitude de 600m juntamente à batata e milho e sempre semeado no dia três de maio, dia da Cruz Sagrada (SENO, 1981). Com a alta produção, intensificou-se também para a exportação.

Segundo Perco (1987), o feijão era o segundo grão mais cultivado em território Belunese e a espécie semeada em maior quantidade em todos os campos era a “*bonello*”. Suas principais características eram: um feijão comprido, um pouco esmagado e de cor branca. Além do mais, outras espécies foram cultivadas nos territórios beluneses como mandoloi, milanesi, bianco tondo e negro. Todos os feijões eram considerados importantes para os camponeses, seja para alimentação de diversos pratos e também para exportação, que era vendido a peso. O feijão era semeado juntamente com o milho e sua colheita acontecia na metade de setembro. As espécies de feijão temiam muito as geadas e as secas. Outra dificuldade de plantação acontecia durante a primavera, quando se desenvolvia nos campos uma quantidade de insetos que atacava, comia e destruía todas as folhas.

Ressalta-se que este produto e suas espécies aparecem constantemente em todas as entrevistas coletadas no norte italiano, como atividade principal do autoconsumo relatadas pelos entrevistados E16 e E17 da região do Vêneto e suas principais espécies:

*J – E feijão também! E que espécie de feijão se cultivava?*

*I – Aqui geralmente era **bortolotto**, aquele...*

*J – Aquele marrom?*

*I – Não, aquele branco e vermelho.*

*B – Sim, bortolotto.*

*I – Ou senão feijão nós dizemos ciaretto, aquele pequenininho amarelo.*

*J – Nós no Brasil uma pratica de um feijão escuro, pequeno escuro.*

*I – Mas nós aqui um pequeno amarelo. Aquele que é nosso praticamente agora era um feijão bortolotto. [...]*

*D – Depois tem uma zona a mais que se chama a **Lamon** não sei se ouviu na província...*

*I – Sim, sempre o mesmo feijão.*

*D – Sempre feijão que se fez um nome e se chama próprio **feijão Lamon** eh! (grifo e tradução nossa, E16, 11/12/18, p. 3-4).<sup>129</sup>*

*J – E de feijões que espécies haviam?*

*A – De **feijões era o Lamon**, lamoneti de bolas rosas que diziam, no entanto, aqui as saladas tinham, depois não, mas nós feijão e chega. Aqui assim era aquele de cima que tinha, lá de cima que se conseguia tinha um aluguel num campo que tinha dinheiro em abundância e depois tinha também uma pequena videira que fazia o vinho [...] (grifo e tradução nossa, E17, 12/12/18, p. 3).<sup>130</sup>*

Na região do Trentino Alto-Ádige o entrevistado e E20 também destaca:

*J – E feijões aqui?*

*M – Sim, o feijão sim, todas essas cultivações aqui que porém não são...obviamente não poderiam ser uma cultivacão em larga escala porque a propriedade era muito dividida entre as famílias e então não existem aqui (tradução nossa, E20, 11/01/19, p. 4).<sup>131</sup>*

Nestes fragmentos das entrevistas identifica-se que o feijão era um produto em pequena escala para consumo familiar e características de fisionomia das principais espécies, com destaque para o feijão *Lamon*. Esta espécie era utilizada principalmente para fazer sopas.

Como espécie principal nos territórios ao norte do rio Taquari, encontra-se o feijão-preto (*Phaseolus derasus*), produto importante no ciclo agrícola e na dieta alimentar dos imigrantes italianos e seus descendentes. Na província do Rio Grande do Sul tinha duas safras anuais: semeaduras em setembro-outubro (primavera) e março-abril(outono) sem necessidade de irrigação. Nos territórios ao norte do rio Taquari os plantios sempre ocorriam depois da limpeza e queima do terreno.

---

<sup>129</sup> *J – Ah fagioli anche! E che specie di fagioli si coltivavano? I – Qua generalmente **bortolotto**, quello... J – Quello marrone? I – Non quello bianco e rosso. B – Sì bortolotto. I – Oppure fagioli noi diciamo ciarretto quello piccolino giallo. J – Noi in Brasile una pratica di un fagioli nero, piccolo nero. I – Ma noi è un piccolo giallo. Quello che nostro praticamente adesso qualcuno coltivati fagioli ma allora era un fagiolo bortolotto.[...] D – Dopo c'è una zona più che si chiama **Lamon** non so si ha sentita sulla provincia... I – Sì sempre lo stesso fagioli. D – Stesso fagiolo che si fatto un nome chisà e si chiama proprio **fagiolo Lamon** eh!*

<sup>130</sup> *J – E di fagioli che specie avevano? A – Di **fagioli era g'nè il Lamon**, lamoneti di bale rose che dicea però qui l'ensalata tengo dopo non niente ma noi fazoi e basta. Qui ne panteia mel sork cosi di su che aveva questo quel però là su se si riusciva aveva in affito un campo si aveva soldi in abundada e dopo avea anche una piccola vna che faceva vino [...].*

<sup>131</sup> *J – E fagioli qua? M – Sì il fagioli sì, tutte queste coltivazioni qua che però non sono...ovviamente non poteva essere una coltivazioni su larga scala perché la proprietà era molto frazionatta fra le famiglia quindi non ci sono qua.*

Conforme os descendentes de italianos, o primeiro produto após a limpeza era o feijão, conforme o entrevistado E6:

*J – Depois que se desmatava e queimava tinha um produto que plantava primeiro?*

*T - Milho e feijão.*

*JB – De tudo se plantava.*

*M – Mas a primeira coisa que se plantava era? O feijão né.*

*J – Mas porque era o feijão? Porque era uma prática?*

*E – Porque no primeiro corte geralmente não vem quase inço e então o feijão tu plantava e dava uma quebradinha de enxada já tava quase limpo né e depois colhia o feijão. Daí no próximo ano dava mais uma roçadinha e daí dava uma abubrinha e passava e aí plantava o milho, era mais prático né (E6, 08/08/17, p. 5-6).*

Com base nas informações citadas, desmatavam e após queimavam, sendo o feijão e o milho os primeiros produtos plantados. Segundo o entrevistado E6, faziam esta prática pois era considerado mais fácil o crescimento do produto. O entrevistado E11 elenca as principais espécies plantadas por sua família:

*J: E eles desmatavam então? Faziam as casas e plantavam alguma coisa inicial? O que eles plantavam?*

*N: Na época eles plantavam o feijão por exemplo o **feijão preto**, o **feijão cavalo**, o **feijão moro** que se chamava moro.*

*J: A primeira coisa que plantavam era o feijão?*

*N: Normalmente era o feijão e depende a época também. Ou o trigo, porque o trigo, o milho era basicamente (grifo nosso, E11, 14/08/19, p. 9).*

O feijão tinha um valor considerável para os descendentes italianos, pois além de produzido para a subsistência familiar, na alimentação e nas sopas, também era vendido para o comércio local da região. O transporte das sacas de feijão era feito pelas tropas de mulas. Na Barra do Jacaré, colônia de Encantado, no ano de 1913 teve-se altos índices de exportação de feijão (LIVRO DE ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO, 1913, s/p). Castoldi (2016) em sua monografia informa que na década de 1920, no processo para descascá-lo, utilizavam o equipamento chamado de “manguá”.

O manguá (FIGURA74) era um instrumento utilizado para bater e debulhar os produtos como feijão e trigo. Entretanto, somente recorriam a esse procedimento quando era em pequenas quantidades, já que exigia esforço físico e tempo. Esta informação vem ao encontro do relato do descendente E4 (05/02/16, p. 2): “*se batia o feijão, pra bate o feijão tinha o manguá aquele né*”. Em uma das saídas de campo para realização dos dados da tese encontrou-se em uma família um manguá antigo (E4, 05/02/16, p.2)

Figura 74 - Manguá feito com madeira e couro de animais



Fonte: Projeto Identidades Étnicas, 2018.

Deste produto nos territórios ítalo-brasileiros tinha diversas espécies plantadas, porém destaca-se no norte ítalo o Lamon e ao norte do rio Taquari o preto. Na Itália era plantado com alternância do milho e ao norte do rio Taquari assim que eram feitas as primeiras limpezas das áreas. Uma similaridade interessante é que eram semeados durante a primavera. Com objetivos comuns, tornaram-se referentes à mesa e também para o comércio.

Nesta primeira parte sobre as atividades agrícolas e principais produções os relatos dos italianos e dos imigrantes italianos e descendentes foram muito relevantes. Assimilar as semelhanças e diferenças tornaram-se parte do método da história oral, em que “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 1992). Os testemunhos narrativos são essenciais, as histórias de vida facilitam a compreensão das informações.

### **6.3 Atividades pecuaristas nos territórios pesquisados**

Neste item aborda-se as principais atividades pecuaristas nos territórios ítalo-brasileiros, bem como suas características. Assim como na agricultura, a pecuária apresenta

diversidade e também significância na vida dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes. Inicialmente as atividades eram desempenhadas em pequena quantidade e muitos dos animais domésticos forneciam os principais alimentos, auxílio na produção agrícola e transporte dos produtos.

Na região do Vêneto, província de Beluno, os principais animais criados são bovinos, ovinos, caprinos, suínos, equinos, abelhas e coelhos (PERCO, 1986). O Vêneto e em particular a região montanhosa são caracterizados pela riquíssima oferta de produtos leiteiros (GAL PREALPI E DOLOMITI, 2008). No Trentino Alto-Ádige Battisti (1912) aponta que a extensão das cabanas e pastagens proporcionaram entre os anos de 1869-1910 a intensificação da pecuária com bovinos, ovinos e caprinos. Consequentemente aumentou a produção de laticínios e a diversificação dos produtos: manteiga, queijo e ricota, também colocados para a comercialização.

Paralelamente com as demais atividades agrícolas, tinha-se os campos e pradarias que alimentavam os gêneros pecuários. A criação bovina do século XIX era uma atividade econômica e prevalentemente familiar. No início do século XX as culturas de forragem sofreram dificuldades ambientais devido às dimensões restritas de produção nos sistemas de criação. Assim, de 1869 a 1900 a pecuária no norte italiano caracterizou-se pela criação de ovelhas, cabras, porcos, asnos, mulas e cavalos (GROSSELLI, 1989).

No Rio Grande do Sul, tanto no período do Império como no da República, a economia da pecuária era voltada para uma única produção – a de charque. Com a vinda dos imigrantes e sua alocação em lotes coloniais, configura-se uma nova diversificação primária na economia (BENEDUZI, 2004). Novamente tem-se a influência do imigrante na economia, pelo sentido de contribuição e construção de um sistema agrário, pastoril e industrial.

Inicialmente os imigrantes italianos e descendentes estavam desprovidos de animais domésticos e com a organização familiar logo adquiriram como primeiros animais o boi e o cavalo, que ajudaram na agricultura. Os animais domésticos foram conseguidos conforme o tempo que as famílias foram se aprimorando nas propriedades e por ocasião do casamento. Uma família de colonos imigrantes normalmente tinha um cavalo, vaca, bois, algumas galinhas, porcos, cachorro e gato (DE BONI; COSTA, 1982).

O cavalo era utilizado como meio de locomoção e de muitas viagens. Os bois e vacas empregados nos terrenos acidentados, que exigiam a força para o transporte dos cereais. Também o arrasto a bois com várias juntas possibilitava o transporte das torras mais pesadas,

geralmente pinheiros para tabuinhas e fabricação de tábuas (COSTA, 1976). As vacas forneciam os diversos alimentos como leite, queijo, nata, ricota.

O transporte pesado principalmente na época da vindima era realizado por carroças pesadas que exigiam muitas mulas. O grupo de carreteiros transportava diversos produtos citados nos itens anteriores, como milho, feijão e cereais em geral, bem como suínos, fazendo parte da dinâmica econômica regional. Também as casas de comércio expediam as mercadorias através de carreteiros, que tinham na maioria das vezes suas próprias carretas e carreteiros. Os transportes menores contratavam o frete de carreteiros independentes, que realizavam o transporte das mercancias para os devidos destinos, em especial o Porto de Muçum, principal ponto de escoamento da produção colonial de Guaporé (BALNINOT; TEDESCO, 2020).

Na colônia de Encantado até os anos da década de 1910 tinha como principais atividades o expressivo número de suínos, seguido de bovinos, muares, equinos, caprinos e ovinos. A banha e carne de porco tinham grande contribuição econômica e com isso o surgimento de frigoríferos e matadouros. Além do mais a diversidade dos tipos era constatada pela criação do gado, vacas e produção de leite, galinhas, ovelhas, cabras, cavalos, muar e desenvolvimento da pesca.

Segundo interlocutores descendentes de italianos, ao norte do rio Taquari alguns animais tais como uma vaca, porcos e galinhas eram adquiridos geralmente como presentes, compra ou troca por ocasião do enlace matrimonial. Os animais como bois e cavalos eram utilizados para o trabalho nas lavouras e outros como vacas, porcos e galinhas para o consumo próprio no decorrer do tempo nos diferentes pratos e seus derivados (D1 de 19/12/13, D5 de 21/10/16, D6 de 28/06/17 e D8 de 01/09/17).

Durante o inverno, na medida em que as pastagens se deterioravam ou eram atingidas pelas geadas frequentes de julho e agosto, havia então o recurso do estábulo – “estrabaria”, como acontecia no norte italiano. Assim, exigia-se do colono a aplicação de forragem e integração de certos produtos agrícolas (cana-de-açúcar, folhas de mandioca, etc.) ou florestais (folhas da palmeira jerivá, por exemplo) para alimentação dos animais (RELLY, 2019). No transcorrer do tempo, outra fisionomia paisagística presenciada com a construção de poteiros fechados a pedras – *taipas*, iniciando a criação do gado com a alimentação de ervas como serralha, caruru e milhã (BATTISTEL; COSTA, 1982).

Feito esse panorama dos principais tipos de pecuária ítalo-brasileira, vejamos de que forma aconteciam e sua contribuição. As principais atividades envolvendo a pecuária vinculam-se à produção familiar de subsistência e renda familiar. Os principais animais destinados para essas atividades eram bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos.

### 6.3.1 Vacum

A criação de gado sempre constituiu uma importante fonte de rendimento para a família de camponeses que se dedicavam com muita atenção. As cabeças mais importantes eram sem dúvida as vacas, principalmente para a economia da família (BERNARD, 2017). No norte italiano, conforme o tamanho da propriedade tinha-se o desenvolvimento quantitativo dos animais bovinos.

Nas possessões pequenas os estábulos são compostos de um sortimento de animais bovinos, isto é, um ou dois bois, algumas vacas e bezerros e nas propriedades maiores o número era proporcionalmente maior. Perco (1986) informa que na Província de Beluno, Vêneto, as principais espécies de bovinos criadas eram de pelo escuro, vermelho, branco e cinza. Tanto com vacas como com bezerros tinha-se como hábito leva-los a pastar nas altas montanhas durante o verão. As pastagens eram próximas das casas e estábulos, quando muitas vezes se recorria também aos campos longes.

O desenvolvimento das culturas de forragem intensificou a criação bovina a caráter dos estábulos, principalmente a partir do século XVIII e XIX. Antes dos rigorosos invernos os *contadini* recolhiam o feno e guardavam nos estábulos para alimentar os bovinos e demais animais durante todo o inverno. É também no inverno que toda a família *contadini* estava quase sempre nos estábulos (BENEDUZI, 2004). Corroborando com esta ideia, Perco (1986, p, 200) ainda informa o seguinte:

Não é por isso raro o caso que um estábulo seja cheio de pessoas. E lá se faz o amor, se discute, se canta, se lê, se trabalha e se joga a tombola. Além disso que as crianças, especialmente se chove, se neva, ou se faz muito frio fazem de outras coisas no estábulo, e que as mães amamentam e trocam seus leites lá nos estábulos, se preocupam de fazer portar fora todas as coisas ruins<sup>132</sup> (tradução nossa).

---

<sup>132</sup> *Non è quindi raro il caso che una stalla sia tutta piena zeppa di gente. E là si fa all'amore, si discorre, si canta, si legge, si lavora, e si giuoca la tombola. Si aggiunga che i fanciulli, specialmente se piove, se nevica, o se è molto freddo fanno di altre cose nelle stalle, e che le madri allattano, nettano, e cambiano i loro tosati da lat là appunto nelle stalle, né si curano di farne portare fuori le immondizie*

Neste trecho encontra-se toda uma questão também cultural italiana. Além de recolherem-se nos estábulos junto com os animais devido ao frio (FIGURA 75), desempenhavam outras atividades como cantorias, leituras, trabalhos como a fiação, conversas e jogos. Quando acaba o inverno os bovinos eram soltos nas pastagens e os italianos iniciam os trabalhos nas roças.

Figura 75 – O estábulo



Fonte: Museu Etnográfico Bruno Caracristi, s/d.

A entrevistada italiana E21 frisa que era necessário preparar e recolher o feno antes do inverno, quando muitas vezes buscavam nas montanhas:

*J – E esta atividade de feno também se fazia muito? Como era para fazer isto?*

*B – Sim, precisava fazer o feno depois as vacas lentamente chegavam a 7, 8 em estábulo, por isso precisava andar. No município se plantava milho, batata e feijão naturalmente junto com o milho e em vez depois se andava a trabalhar para cima, sob a montanha para fazer o feno<sup>133</sup> (tradução nossa, E21, 09/02/19, p. 5).*

A criação de bovinos desempenhava vários papéis: os bois auxiliavam nos trabalhos da agricultura (FIGURA 76), os bezerros eram vendidos para os açougues e as vacas forneciam o leite e seus derivados. Segundo Bernard (2017) as vacas de fato tinham diversas

<sup>133</sup> *J – E questa attività di fieno anche si faceva tanto? Com'era questo da fare? B – Sì bisogna fare il fieno perché dopo le mucche pian piano sono arrivati a 7, 8 in stalla perciò bisognava andare. Nel paese si mettevano grano turco, patate, i fagioli naturalmente dentro di grano turco e invece poi si andava lavorare in su, sulla montagna per fare il fieno.*

utilidades relevantes: forneciam o leite e derivados, o esterco para fertilizar a terra, concediam os bezerros, puxavam carros e arados, eram vendidas para os açougues e com sua pele faziam cabos de instrumentos de trabalho.

Figura 76 – Bois e vacas no auxílio da agricultura



Fonte: Bonfadini; Castagione; Sordi (2001, p.173).

Interessante que os bois precisavam ter de cinco a três anos para suportar as viagens em montanha que eram longas e perigosas. Mais tarde, também existiam vacas que puxavam carros e ajudavam nos serviços agrícolas. Muitas famílias criavam os bezerros para venda, onde o leite era necessário para sua alimentação, restringindo sua destinação para produzir queijo e ricota. Quase todos os colonos também vendiam manteiga e trocavam por sal para os animais, bem como mantimentos para a casa.

Além do auxílio nos trabalhos de aradura, as vacas forneciam uma diversidade de produtos para a alimentação que mais tarde também foram comercializados. As regiões montanhosas são caracterizadas pela qualidade dos produtos leiteiros. O entrevistado E18 de Trento, destaca também algumas espécies: “*S – E depois andar a mais com paisagens de montanha, de pastagens de montanha e então para fazer o feno e para produzir o leite, principalmente com as vacas originais que é de pelagem cinza e marrom alpina, própria para a produção do leite com qualidade, é particular*<sup>134</sup> (tradução nossa, E18, 08/01/19, p. 2).

A entrevistada E19 informa a quantidade de vacas que sua família possuía e os derivados que produziam:

*J – E as vacas quantas uma ou duas?*

<sup>134</sup> *S – Per poi andare a oltre con di paisagge di montagna, di alpeggie e quindi per fare il fieno e per produrre il latte principalmente con le mucche originale che è la grisa e la bruna alpina propria per la produzione di latte con la qualità è particolare.*

*C – Eram pelo menos três vacas de leite, porque... ou duas pequenas assim.*

*J – E se fazia com o leite, queijo?*

*S – Sim, se trazia o leite do escritório e se fazia o queijo, talvez alguma vez com tudo o leite fazia queijo junto, talvez com cinco ou seis formas assim.*

*J – E manteiga fazia também?*

*C – Sim, mas o vendiam porque não tinha e vendiam pedaços por pouco<sup>135</sup> (tradução nossa, E19, 10/01/19, p. 2).*

Percebe-se que a criação bovina fazia parte do cotidiano italiano principalmente para a subsistência, contendo pouca quantidade em suas propriedades. Em decorrência da expansão do capitalismo, os excedentes e derivados foram destinados ao consumo econômico e também para trocas de outros produtos.

A história do gado *vacum* foi um pouco diferente na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. O gado *vacum* foi introduzido no Brasil pelos portugueses no século XVI e no Rio Grande do Sul com os jesuítas no final do XVI e início do XVII. Os animais eram criados de forma extensiva, aproveitando as pastagens naturais (ZARTH, 2002).

Durante o período de imigração italiana, a criação extensiva de animais não foi uma atividade que culminou apesar do gado ser um elemento importante de transporte nas colônias (GIRON; HERÉDIA, 2007). O emprego do boi era generalizado para as lavouras e para o serviço da agricultura, nas áreas mais montanhosas no deslocamento das carroças em relevo íngreme e acidentado, presente em grande parte das propriedades. Além disso, como já vimos, o boi era mais acessível em termos financeiros para os colonos que as mulas e cavalos, sendo também empregado na tração de arados e moendas italianas. (COSTA, 1986; BALBINOT; TEDESCO, 2020).

Segundo Barden e Ahlert (2003), como alternativa à retração no cultivo do milho, da mandioca e na suinocultura, os agricultores ao norte do rio Taquari encontraram na produção de leite outra opção econômica. Segundo os autores, com o crescimento da atividade leiteira a fabricação de queijo se expandiu. A produção leiteira nos territórios ao norte do rio Taquari sempre fez parte da rotina das famílias de descendentes de italianos, principalmente algumas vacas para ter o leite e o queijo (D9 de 01/09/17 e D10 de 13/07/18).

Também na memória da emigrante vêneta que se encontra ao norte do rio Taquari, relata que no início do estabelecimento no lote colonial por ter temperaturas muito frias, sua

---

<sup>135</sup> *J – E le mucche quanti 1 o 2? C – sono stati al meno 3 mucche da latte perché...o 2 piccole così. J – E si faceva con latte formaggio? C – Sì, si spotava da latte da case d'ufficio e si faceva il formaggio, magari qualcuna volta con tutto il latte faceva formaggio insieme magari con 5 o 6 forme così. J – E burro faceva anche? C – Sì, però lo vendavano allora perché non c'era e vendevano un pezzetino per poco.*

família ficava dentro da estrebaria juntamente com as vacas para obter o calor animal e esquentar as roupas para depois colocar no corpo (D7 de 20/07/17). Além do mais, encontrou-se em outro relato de descendente E10 sobre a quantidade de vacas em uma família:

*J: E daí assim não tinha muitas vacas né?*

*R: Não.*

*J: Tinha o que umas duas?*

*R: Seis, sete, cinco, seis. Uma vez eu tinha dez, mas era demais pra fazer queijo quase.*

*J: E daí fazia o que? Queijo, nata?*

*R: Nata, manteiga, eu fazia até ....*

*J: Puína não?*

*R: De vez em quando eu fazia puína (E10, 29/06/18, p. 15).*

A continuidade envolvendo esta prática econômica, tais como o leite e seus derivados, queijo, nata, manteiga, ricota também foi semelhante ao norte italiano. Com base nos dados apresentados encontram-se outras familiaridades no que se refere à continuação desta atividade pecuária mantida por descendentes de italianos que continuam como seus antepassados: a utilização da força animal como meio de transporte de seus produtos, devido aos difíceis acessos montanhosos e por ora como auxílio nos trabalhos de roça. A engorda dos bezerros para a alimentação da carne, bem como sua venda.

Ao norte italiano, todo o ambiente *contadini* também permeava na produção da alimentação dos bovinos como o feno, tendo suas épocas principais. Durante o inverno a vida cultural dos italianos era nos estábulos, situação também encontrada com os descendentes ao norte do rio Taquari.

### **6.3.2 *Il maiale*: os suínos e seus derivados**

Outra atividade relevante na vida dos italianos, dos imigrantes italianos e seus descendentes foi a suinocultura. Nos territórios ítalo-brasileiros essa atividade era principalmente destinada para o consumo familiar da carne e seus derivados, que em decorrência do capitalismo viu-se a banha como um produto altamente rentável.

Em quase todas as famílias de camponeses criavam porcos, sendo destinado para alimentação um importante reserva de proteínas e gordura por todo o ano. Durante a produção, a criação era em determinados espaços livres (FIGURA 77) ou fechados, sempre distantes um pouco das casas.

Figura 77 – Criação de suínos em espaços livre no norte italiano



Fonte: Fonte: Bonfadini; Castagione; Sordi (2002, p. 220).

Na região do Vêneto, as famílias não tinham um número expressivo de porcos. Perco (1986) informa que os suínos desempenharam importância para as famílias ítalas: as porcas vinham com muitos filhotes e vendiam os porcos para os açougues. Os filhotes antes de serem vendidos eram castrados e o comércio de porcos acontecia durante todo o ano na Feira de São Martinho. Os *contadini* preferiam comprar os porcos melhores domesticados, com pelo puro e fino, focinho não muito longo, orelha comprida e rabo sutil. Os porcos se alimentavam praticamente com produtos da colônia: com grama, soro, milho, pera, abóbora, batata e outras ervas que os animais bovinos não comiam.

Na região da Lombardia, por exemplo, a criação de porcos tinha uma importância muito grande na alimentação conforme o entrevistado E24 apresenta:

*A – [...] os porcos era fundamental, o porco. Isto é, o porco, roubar um porco da família era como roubar um carro porque era um bem precioso, porque se conservava o salame que se conservavam, no entanto, também depois qualquer mês depois que matavam o porco, havia também o salame para comer com polenta, esquentar sobre a polenta.*

*J – Banha também?*

*A – Banha, isso. Portanto o porco era fundamental<sup>136</sup> (tradução nossa, E24, 25/03/19, p. 3).*

<sup>136</sup> *A – [...] i maiali era fondamentale il maiale. Cioè il maiale, rubare un maiale su famiglia era come rubare un auto perché era un bene prezioso, perché si conservava il salami che si conservavano quindi anche dopo qualche mese dopo che uccisano il maiale aveva ancora il salame per mettere la polenta mangiare, scaldare sulla polenta. J – Strutto anche? A – Strutto ecco. Quindi il maiale era fondamentale.*

Um dos principais alimentos derivados da carne suína era a linguiça e o salame<sup>137</sup>, comidas consideradas substanciais. A carne era cortada em pedaços e colocadas na máquina de triturar, para depois ensacá-los e conservavam. O relato da entrevistada E16 destaca a produção de salames:

*J – E vocês produziam também porcos?*

*I – Sim. Os animais de casa era praticamente a vaca, galinha, coelhos e porco. E compravam o porco pequeno talvez criavam até que era o momento e depois com o porco se fazia salame.*

*B – Se comia.*

*J – Sim, salame, a carne.*

*I – Sim a carne todo o sistema<sup>138</sup> (tradução nossa, E16, 11/12/18, p.7)*

Nesta outra entrevista a interlocutora E21 destaca os processos de conservação da linguiça e outros derivados do porco:

*J – E como se fazia assim de conservar os alimentos, não sei se por exemplo tinha o porco e se produzia também o salame não sei, se fazia para comer aquela época, como era isso?*

*B – O porco vinha gordo, fazia linguiça e a banha, uma espécie de bacon que era da barriga e se comia tudo do porco e também as orelhas. Tudo se comia! [...] o osso também, e si colocava toda a carne para fazer mais linguiça porque era aquilo que durava um bom tempo. E depois o osso se cozinhava com o “crauti” (repolho), ou então se fazia um sopão e colocava dentro um pouco de osso para dar um sustento. Aqui nós usávamos muita sopa com carne dentro, mesmo?<sup>139</sup> (tradução nossa, E21, 09/02/19, p. 12).*

Conforme apresentado, praticamente tudo era aproveitado dos suínos. Os principais derivados eram a linguiça, salame, bacon e banha. Conforme os relatos italianos, o porco tinha grande destaque para as famílias, era considerado um “bem precioso” e fornecia diversos produtos para sua alimentação.

Concomitante, a criação de suínos no início da colonização era destinada para a subsistência, principalmente porque as famílias eram grandes e aproveitavam praticamente tudo deste animal para alimentação. Matavam o porco diante de duas necessidades: quando não tinham mais banha e quando o porco estava gordo (TROMBINI, 2016). A matança

<sup>137</sup> Linguiça é o processo logo após ser feito, alimento fresco. Já o salame, após ser curado em um processo de mais de 7 dias é considerado salame.

<sup>138</sup> *J – E voi producevano anche il maiale? I – Sì. Le bestie di casa era praticamente di mucche, il galline, coniglie e maiale e acostavano maile piccolo forse allevava fino che era il momento e poi con maile si faceva salami. B – Si magiava. J – Sì, salami, la carne. I – Sì la carne tutto lo sistema.*

<sup>139</sup> *J – E come si faceva così di conservare gli alimenti, non so si per esempio c’era il maiale e si produceva anche il salumi non so, si faceva di mangiare quella epoca com’era questo? B – Il maiale veniva abbassiato, fatte salsiche e fatto lardo, una specie di panchetta che c’era della panchia e si mangiava tutto del maiale e anche le orecchie. Tutto si mangiava! [...] l’ossa anche e si portava tutta la carne per fare di più salsiche perché era quello che durava un bel po’. E poi l’ossa si cucevano con il crauti oppure quando si faceva il minestrone e metteva dentro magari un paio di ossa per dare un po’ di sustento. Da voi usano tanto minestra con dentro la carne, davvero?*

aconteciam normalmente em dias de chuva para não perder um dia de serviço na roça e muitas vezes em dias mais frios, o que possibilitava a carne não ficar estragada. Dos porcos aproveitava-se quase tudo: do sangue faziam a “*mursilha*”, proveniente do sangue cozido com a adição de temperos verdes, das tripas do animal lava-se para fazer o salame, a cabeça era cozinhada, os miolos eram fritos na banha com ovos para fazer a “omeleta”. Aberto o porco pela metade retirava o toucinho para fazer a banha e o “*codeguins*” (BATTISTEL; COSTA, 1983).

Outro alimento derivado deste processo era o queijo do porco, feito com o couro, as miudezas, a salsa, a canela, o cravo, o sal, a pimenta e o alho, todos estes ingredientes colocados dentro do bucho do porco, que era costurado e cozinhado na água. As orelhas, o couro cru e as patas eram limpas para serem colocados nas feijoadas. O salame era feito da carne moída, um pouco de toucinho e sal, ensacados nas tripas. Após este preparo eram pendurados em ripas, secados uns três dias no calor do fogão e depois de oito a dez dias poderiam ser consumidos (BATTISTEL; COSTA, 1983).

Ao norte do rio Taquari os interlocutores destacam que no tempo de seus antepassados, a quantidade de porcos não era expressiva sendo em torno de cinco, os quais eram adquiridos por presente de matrimônio ou compravam. As famílias criavam, carneavam e tinham como sistema de conservação cozinhar a carne e guardar nas latas juntamente com a banha ou cortar em tiras e salgavam. O porco era produzido solto em mangueirão e era vendido na região. Os principais produtos mencionados pelos descendentes era a carne, banha e o salame (D7 de 20/07/17, D9 de 01/09/17, D10 de 13/07/18).

Paralelamente, a produção de banha tinha grande relevância econômica e movimentava o comércio. Segundo Pesavento (1983), a cultura do milho esteve em grande parte associada à criação de porcos. O milho era utilizado para a alimentação destes animais, que visava o seu engorde para a produção de banha. A criação de suínos objetivava a produção de banha e também de toucinho, que passou, nos anos de 1890, a ser introduzida no mercado interno gaúcho e mais tardar para o nacional.

O cônsul de Porto Alegre, Francisco de Veluttis, destacou em 1908 que “O porco dá a banha, o toucinho, a carne salgada, o presunto, o salame, o torresmo; todos os gêneros que se vendem relativamente bem. [...] O principal produto das colônias que pode sustentar as

despesas de transporte é a banha de porco”<sup>140</sup> (tradução nossa, EMIGRAÇÃO E COLÔNIA, 1908, v. III, Parte I, p.335). Observa-se que economicamente os derivados suínos estavam sendo bem desenvolvidos no início do século XX, em que a banha tem destaque na produção.

Nas colônias de Encantado e Guaporé este produto tinha uma extrema importância, principalmente no início do século XX, isto porque prosperaram intensamente sendo chamada nas colônias como “ouro branco”. Na colônia Guaporé, a banha era o principal produto de exportação municipal, tanto em quantidade como valor total de exportação. De acordo com Balbinot e Tedesco (2020), Guaporé exportou pelo porto de General Osório 1.270.521 kg de banha, no valor de \$800 ao quilo, um valor total de 1.016:416\$800 réis. Encantado por determinado tempo foi chamado de região do ouro branco, chegando nos anos da década de 1910 a ter próximo de 75 mil suínos e uma produção de banha de 1.069.692 Kg, de carne de porco de 290.945 e de salame 142.160 (LIMA; BERTASSO,1950).

Novamente este tipo de atividade pecuária foi comum com diversos aspectos semelhantes entre os territórios ítalo-brasileiros. A diversidade de produtos derivados destinados à alimentação, principalmente a carne e o salame. Como gênero comercial destacava-se a importância da banha.

### 6.3.3 Ovelhas e cabras

A criação de ovelhas sempre foi uma atividade presente na Itália e teve declínios devido à falta de comércio e de meios econômicos. As ovelhas e cabras forneciam a certa quantidade de carne e também leite para a fabricação de queijos. As ovelhas proporcionavam a lã, usada para confecção de roupas principalmente devido ao frio. Os ovinos eram levados para os pastos, mas nem todos os possidentes possuíam grandes pastagens e muitas vezes eram criados juntamente com os bovinos, que se alimentavam do feno e outros alimentos como casca de uva e feijão. No início da primavera eram soltos e alimentam-se nas pastagens próximas das casas (PERCO, 1986; VOLPI, 2002).

O número de ovelhas nas famílias *contadini* era numeroso - de sete a dez, principalmente aquelas próximas a colinas e montanhas, onde as pastagens eram maiores. O corte da lã era realizado duas vezes ao ano, uma logo após o inverno e outra próxima do parto.

---

<sup>140</sup> *Il porco dà lo strutto, il lardo, la carne salata, i prosciutti, il salame, il cuoio; tutti i generi che si vendono relativamente bene. [...] Il principale prodotto delle colonie che può sostenere le spese di trasporto è lo strutto di maiale.*

O nascimento dos filhotes começa na metade de fevereiro e em todo março, quando o leite era considerado importante para a produção dos agricultores. Nos meses de abril e maio vendia-se os filhotes.

Durante as viagens das ovelhas até as pastagens enfrentavam-se alguns perigos: aconteciam da perda de alguma por roubo, morte natural, cair em penhascos ou eram capturadas por ursos e lobos. São dois tempos de venda de ovelhas: uma em agosto e outra na feira de São Martinho (PERCO, 1986).

Muitos dos interlocutores ao norte do rio Taquari relataram que suas famílias tinham produção de ovelha para o consumo próprio, mas também não eram grandes quantidades. Uma família de descendentes tinha em torno de cinco ou seis ovelhas (D6 de 28/06/17). Nas figuras 78 e 79, tem-se os ovinos nos territórios ao norte ítalo-brasileiros.

Figuras 78 e 79 – Criação de ovinos nos territórios ítalo-brasileiros



Fonte: Museo Etnografico Dolomiti, século XIX.



Fonte: Projeto Identidades Étnicas, 2017.

Em relação aos caprinos no norte da Itália não existiam em grande quantidade e grandes territórios tinham entre 30 e 40 cabras de leite. Praticamente as cabras viviam em terrenos abertos e florestas. Com a venda de muitos fundos municipais, os locais de domesticação de cabras ficaram limitados, principalmente destinados à subsistência. A vida dos caprinos é muito semelhante à dos ovinos, as cabras ficam prenhas em setembro e nascem em fevereiro. Os filhotes na grande maioria são destinados ao açougue e a maioria da produção era destinada para o leite.

O leite das cabras é considerado de boa qualidade, superior ao das vacas e ovelhas, sendo que bem tratadas podem fornecer um litro pela manhã e outro pela noite. O leite de

cabra era misturado com leite de vaca, que originavam excelentes queijos. Também a carne era considerada mais saborosa que a de ovelha, principalmente dos animais mais novos (*capretti*), utilizada nos festejos de Páscoa, e a carne misturada com carne de porco para fazer salsicha. A pele tinha pouco valor comercial, mas muitos camponeses usavam como proteção da chuva e frio e as peles dos filhotes para fazer luvas. As cabras se alimentavam das ervas das pastagens e muitas vezes comiam diversas espécies das florestas que estavam nascendo e crescendo como acácia, abeto e lariço. No começo do verão, os caprinos deslocavam-se às pastagens de montanha (PERCO, 1986).

Com base nos dados encontrados, as atividades que envolviam ovinos e caprinos eram mais expressivas no norte italiano do que ao norte do rio Taquari. A criação destas espécies tinha como destino a subsistência como a carne, o leite, queijo, lã e couro.

#### **6.3.4 Muar e cavalos**

Na Itália os cavalos eram importados de outras regiões e países vizinhos, como Croácia, Alemanha e Hungria, e mais tarde nasciam no país. Perco (1986) justificava que na província de Beluno não era intensa a criação de cavalos, pois as características ambientais não favoreciam: o território montanhoso, propriedades pequenas e praticamente encontrava-se toda trabalhada, quando não se tinha grandes pastagens e espaço para criação de cavalos. Outra dificuldade era que não havia grandes estábulos.

O uso principal dos cavalos era para o transporte dos gêneros usuais ou de madeiras até as serrarias e ferrovias. Para isto, os cavalos deveriam ser gordos e fortes, capazes de mover grande peso. Existiam também mercados para compra de cavalos, quando muitas vezes a carne era destinada para fazer linguiça, servindo também para a alimentação.

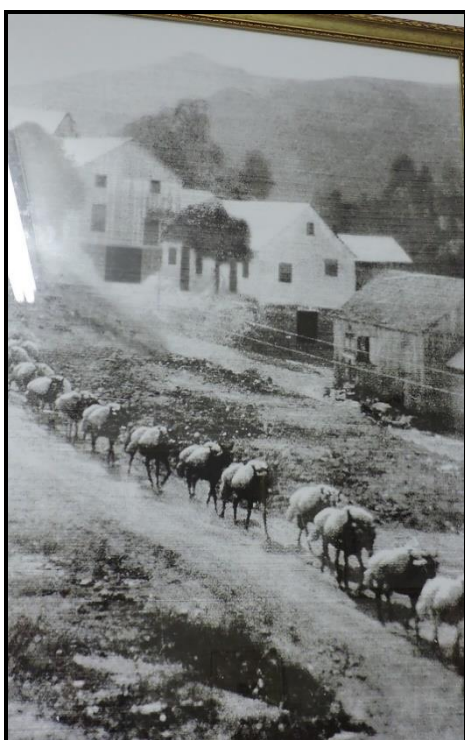
Os asnos eram preferidos em relação aos cavalos, pois eram considerados mais resistentes aos trabalhos agrícolas e recebiam uma alimentação facilitada pela produção que tinham nas colônias. Era utilizado para buscar o milho na roça e ir aos mercados vizinhos. Da mesma forma as mulas, não se tinha uma produção própria e eram utilizadas para o transporte de madeira. O entrevistado E23 da região da Lombardia destaca sobre a quantidade e uso das mulas e asnos em sua comunidade:

J – Sim, entendi. E também na pecuária tinham outros animais que se criavam *ou não?*

*A – Tinha as mulas porque tinham as serrarias, cortavam as madeiras e depois as mulas transportavam a serraria, tinha pouca quantidade de mulas, depois algum que tinha o asno<sup>141</sup> (tradução nossa, E23, 23/03/19, p. 3).*

Ao contrário das regiões norte ítalas, a mula teve grande importância na vida do imigrante italiano nas colônias, principalmente para o transporte. As mulas eram consideradas melhores que os cavalos por terem mais força para o transporte de mercadorias distantes (FIGURA 80) e os cavalos eram utilizados para viagens particulares mais longas.

Figura 80 – Tropas de mulas e comércio no distrito de Nova Bréscia – colônia Encantado



Fonte: Museu municipal “Dolci Ricordi, 1915.

Nesta imagem encontra-se diversas mulas, que transportavam em sacas uma quantidade relativamente alta de produtos. Já o transporte de cavalos era muito utilizado como meio individual ou de até duas pessoas. Quando as viagens eram muito longas, faziam paradas em casas comerciais para dormir. Na figura 81 a seguir, apresenta-se a pousada dos tropeiros no distrito de Arvorezinha, na colônia Encantado em 1912.

<sup>141</sup> *J – Sì, ho capito. E anche di bestiame c'erano naltro animale che si allevava o no? A – C'era i muli perché c'erano le segherie, tagliavano i legnami e poi muli trasportavano da segheria, c'era pochi quantità di muli poi c'era qualcuno che aveva l'asino.*

Figura 81 – Pousada dos Tropeiros no distrito de Arvorezinha



Fonte: Museu Histórico Municipal de Arvorezinha, 1912.

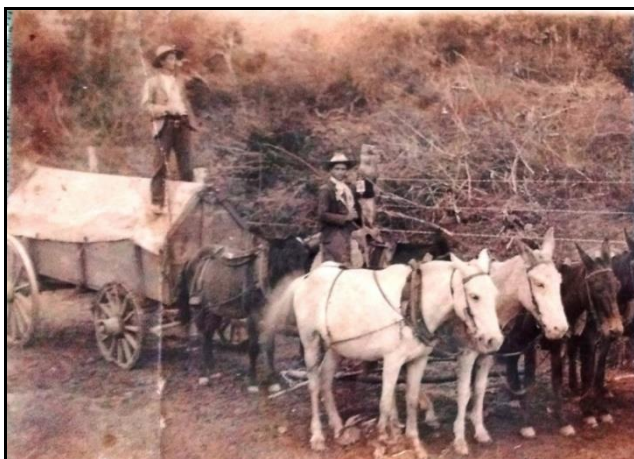
Nessa configuração territorial encontram-se aspectos ambientais ao fundo da imagem, como a presença da araucária bem como algumas habitações e sete pessoas a cavalo, reforçando a ideia da contribuição de núcleos comunitários e a circulação de pessoas e mercadorias. Ao norte do rio Taquari, as mulas também desempenharam o transporte das toras dos lotes coloniais até o engenho pelas carretas puxadas a bois ou mulas. Depois de serradas, eram novamente transportadas com o auxílio das mulas até o porto de General Osório e seguiam destino até Porto Alegre pelo rio Taquari (BALBINOT; TEDESCO, 2020). Da mesma forma o trigo que era colhido nas propriedades do colono era transportado ao moinho no lombo das mulas. O agente consular Petrocchi cita sobre os tropeiros na colônia Guaporé:

Raramente os tropeiros (caravanas de mulas) que vem de Guaporé andam nesta via, porque todos carregam e descarregam as mercadorias em Muçum, de onde, pela água, se vá, dizem, em seis horas a Lajeado, por meio de barcos, que recebem também os passageiros que vem com a diligência de Guaporé, para depois transbordados pelos barquinhos<sup>142</sup> (tradução nossa, BOLETIM DA EMIGRAÇÃO, 1904, n. 8, p. 10)

<sup>142</sup> *Raramente i truppieri (mulattieri) che vengono dal Guaporé battono quella via, perchè tutti caricano e scaricano le loro mercanzie al Mussun, da dove, per acqua, si va, dicono, in sei ora al Lageado, per mezzo di barconi, che ricevono anche i passeggeri venuti con la diligenza dal Guaporé, per po trasbordali sui vaporini.*

Neste trecho o agente consular chama a tropa de mula de “tropeiros” e também apresenta a importância desta atividade pecuária para o transporte de mercadorias nos principais portos, como o de Muçum (General Osório). Além disso, as tropas de mulas e carretas proporcionaram o surgimento da profissão de carreteiro para o comércio ou a venda de produtos (TEDESCO; BALBINOT, 2015). Muitas famílias italianas ao norte do rio Taquari possuíam mulas e cavalos, como a família do descendente de imigrante italiano na Vila Progresso, distrito de Lajeado (FIGURA, 82).

Figura 82 – Tropa de mulas e cavalos



Fonte: Acervo família Bergonsi, s/d.

Karam (1992) destaca que havia dificuldades nas estradas e no decorrer dos transportes. Além dos atoladores, as estradas e caminhos tinham difícil trânsito por existirem trechos estreitos, serras íngremes e ladeiras acentuadas. Outra questão era o constante perigo de animais, em especial abelhas e cobras, que poderiam atacar o terno de tração e o condutor. Devido às características geográficas montanhosas, tentava-se evitar descidas ou subidas muito acentuadas, dificultando a condução das carretas. A viagem da colônia Guaporé até o Porto de Muçum era um trajeto de aproximadamente quarenta quilômetros que durava de dois a três dias. Em meio a esta distância formaram-se hotéis, casas de pasto e pequenas hospedarias (BALBINOT; TEDESCO, 2020).

Com base nos dados apresentados, encontra-se similaridades nos territórios ítalo-brasileiros na utilização principal dos muares: o transporte e locomoção de pessoas e produtos. Como disparidade tem-se que no norte da Itália a carne de cavalo fazia parte da dieta alimentar o que não se encontrou no norte do rio Taquari. A quantidade dos animais

também é diferente, onde no norte italiano constatou-se número inferior que ao norte do rio Taquari.

Finalizando, vale salientar que as atividades extrativistas, agrícolas e pecuárias tiveram diversos aspectos similares entre ambos territórios. Também como parte das informações analisadas, a história oral foi de suma importância na coleta de lembranças presentes na memória de nossos interlocutores italianos e dos descendentes de italianos para que junto com as produções bibliográficas e documentos fosse possível analisar e construir a História Ambiental nos territórios ítalo-brasileiros. Conforme Le Goff (2003) a história oral traz novas possibilidades ao pesquisador no sentido de produzir uma história no tempo presente.

Nas atividades extrativistas constatou-se que as práticas e ações desempenhadas para exploração madeireira envolviam principais espécies da flora. Do lado norte italiano as florestas e bosques tinham bioma Alto-montanha com espécies de abeto (*Abies*), faia (*Fagus*) e lariços (*Larix*). Ao norte do rio Taquari o bioma Mata Atlântica principalmente com a araucária (*Araucaria angustifolia*). Nas análises em ambos territórios as principais aproximações desempenhadas foram a exploração, desmatamento e serrarias, voltadas para lenha, construção, limpeza das áreas para plantio, estradas e expansão urbana. Para realização de tais atividades eram utilizados instrumentos semelhantes como *segon*, machado, serrote e facão.

Uma espécie não comum entre os territórios foi a erva-mate (*Ilex paraguarienses*), adaptada ao cotidiano dos imigrantes italianos e seus descendentes do contato com outros grupos, como indígenas e caboclos. Os imigrantes aprenderam processos de corte, manuseio e de secagem das folhas: o carijo e barbaquá. A erva-mate foi uma atividade econômica e comercializada nas colônias de Encantado e Guaporé, presente atualmente nas famílias de descendentes de italianos.

Referente à analogia das atividades agropecuárias, constatou-se que inicialmente aconteceram para subsistência e após os excedentes eram vendidos. Outra questão foi que conforme o tamanho e fisionomia da propriedade, algumas atividades desempenhadas eram diferentes. Por exemplo, as pequenas propriedades nas montanhas do norte da Itália faziam rotação de terras e pousio com diferentes produtos. Outras extensas nas planícies contavam com diversidade de produtos e sistemas de irrigação. Já ao norte do rio Taquari as propriedades eram maiores, iniciando com a limpeza das áreas, após queimavam e iniciavam as plantações. Depois de alguns anos somente iniciavam a rotação de terras, deixando descansá-la.

Os trabalhos no campo e preparação dos plantios eram realizados manualmente com principais instrumentos em comum como a pá, restel, enxada e o uso de bois ou vacas com arado. Os principais produtos agrícolas identificados em comum foram o milho, uva, trigo e feijão. O milho foi um produto identificado com similaridades nos territórios ítalo-brasileiros: a principal espécie era o milho amarelo plantado em terrenos de até 700m para a polenta. Porém os ciclos de plantio e colheita eram diferentes sendo no norte italiano durante a primavera-verão e ao norte do rio Taquari no inverno-primavera. O trigo foi outro cereal em comum, sendo na Itália alternado com outros cereais e no ciclo outono-verão. Ao norte do rio Taquari faziam duas colheitas anuais e foi uma atividade continuada pelos descendentes, principalmente para o autoconsumo. Constante foram os dados encontrados por diferentes animais que depredavam as lavouras de milho e trigo ao norte do rio Taquari, como formigas, gafanhotos, macacos.

A viticultura foi uma atividade entre ambos territórios que apresenta diversas espécies de uva, entre elas a principal foi a uva Isabel em terrenos de até 900m. Também o cultivo das uvas era de consumo familiar como o vinho e o vinagre, mas também representou índices econômicos que permeiam até a atualidade. Porém, não se encontrou dados efetivos de produção econômica ao norte do rio Taquari, sendo mais destinado para as famílias. Concomitante, foram as dificuldades em comum para o cultivo, como as “pragas” peronospera e a filoxera e o uso de sulfato de cobre com as máquinas de sulfatar.

E por último destaca-se como atividade semelhante a produção do feijão. No norte italiano a principal espécie era o Lamon, com alternância do milho e ao norte do rio Taquari o preto, sendo plantado após as primeiras limpezas das áreas. Uma similaridade interessante é que eram semeados durante a primavera e também foram comercializados. A sericultura com o bicho-da-seda era constante no norte italiano, porém houve tentativas dessa atividade nas colônias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A criação dos animais domésticos fez parte do contexto histórico, social e econômico nos territórios ítalo-brasileiros e apresentam muitas similaridades. As atividades envolviam a preparação com a alimentação com destaque para o feno. O vacum tinha relevância nas práticas envolvendo os trabalhos no campo com arado e transporte de produtos. Também engordavam os bezerros para comercializar o adquirir carne. Os derivados do leite eram a manteiga, ricota e queijo, eram destinados para família e também comercializados. Os suínos representavam fonte para a alimentação e praticamente tudo era aproveitado com derivados da carne, salame e banha.

Os ovinos e caprinos tinham quantidades maiores no norte italiano do que ao norte do rio Taquari, e eram destinados para a carne, leite, queijo, lã e couro. O mular tinha funções para o transporte de pessoas e produtos. Na Itália os cavalos também eram direcionados para a carne na alimentação e ao norte do rio Taquari, principalmente como meio de transporte entre as comunidades das colônias. Também ao norte do rio Taquari foi significativa a utilização das mulas – os carreteiros, como transporte de produtos dos imigrantes italianos e descendentes até os portos, como o de General Osório (Muçum).

Com a soma dos dados desta tese, percebe-se que muitas das atividades desenvolvidas pelos italianos, imigrantes italianos e descendentes nos territórios transoceânicos estão diretamente relacionadas com a perspectiva ambiental e também econômica. Destaca-se, por fim, que os impactos ressaltados neste capítulo estão ligados à vida do emigrante italiano, ou seja, à ocupação das terras e conseqüentemente para efetuar as atividades agropecuárias. As práticas realizadas e utilizadas desde a época de seus antepassados, e vividas por esses descendentes, foram o desmatamento, a queimada, a exploração madeireira, rotação de terras e a utilização de substâncias químicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado procurou analisar a partir da História Ambiental os territórios ao norte italiano e ao norte do rio Taquari identificando suas aproximações e diferenças a partir das movimentações transoceânicas dos italianos e descendentes. Como continuação da pesquisa de mestrado, ampliou-se o recorte espacial delimitado a partir de relações próximas emigratórias entre o norte italiano – Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige com territórios das colônias ao norte do rio Taquari – Conventos, Encantado e Guaporé. Os dados pesquisados foram obtidos na revisão bibliográfica, fontes documentais e fontes orais geradas com famílias italianas, de imigrantes italianos e descendentes em ambos territórios que se designou espacialmente nesta tese como “ítalo-brasileiros”.

Como parte do ambiente que viveram italianos, imigrantes e descendentes, analisou-se elementos essenciais e ações que fizeram parte do contexto entre as questões migratórias e socioeconômicas dos anos de 1860 até meados da década de 1910. Do ponto de vista histórico, o cenário político-econômico e social italiano do século XIX contribuiu expressivamente para que muitos italianos emigrassem ao Brasil. Simultaneamente a questão política, social e econômica do Império e primeiros anos da República no Brasil favoreceu para que os imigrantes italianos ocupassem e adquirissem terras, sobretudo em áreas do Brasil Meridional.

Foram tais situações associadas aos anseios migratórios desde o momento da “partida” do norte italiano, a vida dos *contadini* e *fittavoli*, longa travessia dentro dos navios, percepções do ambiente e as atividades econômicas desenvolvidas, que possibilitaram significativas informações ítalas para o corpo desta tese. Após, com a chegada aos territórios para onde foram “destinadas” no Brasil Meridional e no norte do rio Taquari, a fisionomia

vegetal encontrava-se praticamente coberta por “grandes florestas”, no qual era possível aos imigrantes italianos e descendentes encontrar a “*cocanha*”.

Entende-se que a tese propôs aproximações em territórios distintos, em ambos os lados do Oceano Atlântico, em que o elo norteador da análise foram conexões e relações vividas por este grupo observando historicamente a relação homem e natureza. Com perspectiva interdisciplinar, partindo da Área das Ciências Ambientais, dialogou-se com as Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas precedida de aprofundamento teórico e procedimentos metodológicos para acolher a complexidade proposta na problemática. Os problemas da tese abrangem as relações dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes com o ambiente a partir das semelhanças e distinções nos territórios ítalo-brasileiros, envolvendo situações ambientais, sócio-políticas e atividades econômicas agropecuárias. A partir destas informações elencadas e vivenciadas por este grupo, constatou-se a continuidade das relações e práticas similares à terra de origem – no norte italiano, em espacialidades diferentes – ao norte do rio Taquari.

A Tese proposta foi de que os territórios ítalo-brasileiros possuem alguns aspectos ambientais similares, mas outros distintos no que se relaciona a características geográficas, ambientais, sócio-políticas e atividades econômicas. Assim, desenvolveu-se uma investigação nos territórios ítalo-brasileiros por meio da revisão bibliográfica, pesquisa documental e de incursões à campo envolvendo pesquisa com fontes orais. Constatou-se, dessa forma, que se tem elementos geográficos e ambientais semelhantes e distinções em relação ao clima, relevo, hidrografia, flora e fauna. Nas situações sócio-políticas foram encontrados elementos relacionados à terra e à Primeira Guerra Mundial. E nas atividades econômicas possuem afinidades que são resultantes dos impactos como o desmatamento para as atividades agropecuárias como a exploração madeireira, vitivinicultura, milho, feijão, trigo, gado e suinocultura, as quais eram voltadas para atividades de subsistência e comercial, sendo permeadas pelo imaginário do homem domesticando a natureza.

Conforme demonstrado no capítulo dois, o estudo foi construído a partir de semelhança e diversidade de aspectos ambientais e atividades econômicas encontradas por meio das fontes nos territórios ítalo-brasileiros. O levantamento e utilização das fontes impressas e digitais foi fundamental para a compreensão da organização social dos ítalos e descendentes, oportunizadas também pelas saídas de campos, observações *in loco* registradas em diários de campo e entrevistas orais possibilitaram alcançar os objetivos propostos no trabalho. O método da história oral foi essencial para coletar e registrar fragmentos de

memórias e de histórias individuais e coletivas dos entrevistados, com vista a possibilitar uma melhor compreensão das vivências no ambiente e formas de trabalho.

Assim, ao utilizar a história comparada e confrontar elementos tornou-se possível uma nova forma de ver e fazer história (BARROS, 2007) e também produzir resultados para verificação e analogias. Foram realizadas comparações dos aspectos investigados no que diz respeito às familiaridades ou estranhamentos de realidades ambientais, características socioeconômicas e também de organizações políticas. Deste modo, propor e pensar questões a partir de dois territórios distintos: norte italiano e ao norte do rio Taquari, puderam apresentar ou não mesmas características geográficas, conjuntura social-política e atividades no ambiente. Pelas observações e realidades verificadas nos elementos identificados, a comparação ofereceu informações que foram se mantendo como ações antrópicas (desmatamento, rotação de terras e caça), ou variando no decorrer do tempo de meio século analisado como as formas de produção.

Apoiado em um estudo comparativo os três pilares propostos foram: ambiente, território e atividades agropecuárias. Pensar e fazer História Ambiental determinou investigar as compreensões, discursos e explicações entre aspectos naturais e das organizações sociais. A partir das interações entre homem e natureza procurou-se observar como as mudanças ambientais se evidenciaram, muitas delas visíveis atualmente. Esse processo ambiental e histórico analisado no período proposto para investigação também possibilitou refletir a respeito dos desdobramentos e resultados antrópicos dos domínios socioeconômicos e degradações ambientais advindos das relações entre os italianos, imigrantes italianos e seus descendentes com os elementos da natureza.

Neste sentido foi imprescindível perceber a formação das espacialidades estudadas bem como os processos históricos que ocorreram. Conceitos fundamentais sobre espacialidades, território, região, lugar e colônias. Partindo de dados sobre a Itália recém-unificada, com modelos em transformação da ruralidade a industrialização e sua formação geopolítica presente nas regiões. Dentro do processo histórico e territorial, somente após o fim da Primeira Guerra Mundial tem-se a anexação da região do Trentino Alto-Ádige. Já o Brasil Império do ponto de vista geopolítico, tinha um vasto território dividido em províncias, em algumas das quais instituiu o processo de colônias para o estabelecimento de estrangeiros. Com a proclamação da República, em 1889, as províncias do ponto de vista jurídico e institucional transformaram-se em Estados e nas suas áreas de jurisdição porções territoriais foram

denominadas de municípios. Vale salientar que todas estas transformações no espaço territorial da Itália e do Brasil foram construídas historicamente e socialmente.

Baseado nisto, as atuações das relações e práticas realizadas por italianos, imigrantes italianos e descendentes, procurou-se elencar suas atividades agropecuárias em comum refletindo também sobre o desenvolvimento. Aqui ressalta-se novamente que o conceito de desenvolvimento é tido como complexo e muitas vezes está relacionado ao pensamento de termos quantitativos, de crescimento. Todas as atividades econômicas praticadas por este grupo, geraram excedentes direcionados para consumo familiar e comercial. Tais atividades contribuíram também aos anseios econômicos dos recentes Estados Nacionais constituídos no século XIX – Itália e Brasil, que estavam em fase de mudanças e crescimento econômico, relacionados ao progresso, aquisição de bens e serviços, a partir de suas produções agropecuárias.

Os seis capítulos que compuseram o texto da tese procuraram abranger aspectos dos territórios ítalo-brasileiros desde o ambiente, sociedade, política e economia. Os problemas apresentados surgiram da possibilidade de apresentar semelhanças e diferenças ambientais referentes às relações no decorrer do processo histórico. A pertinência de uma investigação científica sobre este tema justifica-se por um estudo inovador e ao mesmo tempo comparativo entre migrações transoceânicas, decorrente da falta de trabalhos acadêmicos que refletem sobre a perspectiva da História Ambiental entre ambos os territórios.

O estudo foi desenvolvido com o objetivo principal de analisar de forma comparativa o ambiente e as atividades agropecuárias entre os territórios ítalo-brasileiros durante os anos de 1860 a meados da década de 1910, apontando principais comparações para melhor entendimento da História Ambiental deste grupo étnico. Conforme analisado, confirmou-se a tese proposta que os territórios ítalo-brasileiros possuem semelhanças e diferenças ambientais no que se associa aos aspectos geográficos, sócio-políticos e econômicos. Mesmo em espacialidades diferentes, as relações e ações deste grupo se aproximam com continuidades como àquelas da terra de origem, construídas a partir das realidades ambientais, as quais também geraram modificações nestas espacialidades e contribuíram economicamente.

Quando se destacam as relações entre homem e natureza, isto é, dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes em espacialidades ítalo-brasileiras entende-se que foi indispensável construir uma História Ambiental entre os territórios pesquisados para o entendimento desta tese. Primeiramente buscou-se conhecer quais eram as características

geográficas e ambientais nos territórios, partindo de uma geografização listada pelo clima, relevo, hidrografia e vegetação.

Os tipos de clima nos territórios ítalo-brasileiros recebem denominações diferentes: no norte italiano é mediterrâneo e ao norte do rio Taquari é subtropical úmido. Mesmo assim as temperaturas destes climas principais têm aspectos associados a verões quentes e invernos rigorosos. O que também é diferenciado no norte italiano refere-se à presença da neve no inverno, durante alguns meses, processo que envolveu também o modo de vida diferenciado por baixas temperaturas, poucas produções e permanência em estábulo. Ao norte do rio Taquari encontrou-se somente um registro de neve na década de 1960.

Referente ao relevo tem-se características em comum por ter planícies próximas aos seus rios e produções mais pontuais, sendo a maioria extensas planícies, terras mais aproveitadas para a agropecuária. Ambos possuem regiões montanhosas, porém no norte italiano encontra-se a fisionomia diferenciada com os Alpes, com até 4 mil metros. Enquanto ao norte do rio Taquari possuem regiões montanhosas de até 800 metros. Isto também tem relações particulares quanto a flora e fauna, pois dependendo da fisionomia tem-se as espécies, que foram elencadas no corpo desta tese.

Em relação aos rios, nas regiões pesquisadas tem-se em modo similar um rio principal que se articula seja por sua natureza, extensão e importância no escoamento das atividades econômicas. No norte da Itália o rio Pó apresentou uma relevância por sua extensão, pesca, navegabilidade e irrigação. O rio Taquari foi fundamental para a demarcação das terras vendidas e compradas pelos italianos, imigrantes italianos e descendentes, bem como para o deslocamento populacional, transporte de madeiras e produtos e portos. Mas no norte italiano encontra-se uma quantidade maior de rios, com três principais: Pó, Ádige e Piave enquanto ao norte do rio Taquari, somente o rio Taquari. Uma atividade também em comum foram os transportes de madeiras pelos rios, com *zattere*, *menadas* e jangadas.

Quando se elencou elementos da flora e fauna encontrou-se um amplo espaço de estudo. O bioma principal italiano é o Alta-montanha com as espécies - abeto (*Abies*), a faia (*Fagus*) e pioppo (*Populus*). Já ao norte do rio Taquari bioma que se encontra é o Mata Atlântica com variadas espécies de araucária (*Araucaria angustifolia*), erva-mate (*Ilex paraguariensis*), a cabriúva (*Myrocarpus frondosus*), cedro (*Cedrus*), louro (*Laurus nobilis*), canela (*Cinnamomum zeylanicum Blume*), angico (*Anadenanthera sp*) e timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*).

Mesmo com tantas diferenças destas biodiversidades transoceânicas foram encontradas algumas espécies pertencentes à família das coníferas da ordem Pinaceae como o abeto (*Abies*) e a araucária (*Araucaria angustifolia*). Destacou-se uma espécie nova encontrada pelos imigrantes italianos e descendentes ao norte do rio Taquari no bioma Mata Atlântica - a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). A partir do contato com outros grupos que já estavam explorando esta espécie, os imigrantes italianos e descendentes incorporaram essa atividade econômica, aprendendo seu processo de corte, preparação com o carijo e barbaquá e inseriram-se também na rede comercial.

Também pela diversidade biológica e das relações com a flora a exploração madeireira foi uma prática semelhante e estava vinculada principalmente à construção, abertura de estradas, lenha, às serrarias e venda da madeira e erva-mate. De fato, ações antrópicas foram ocasionadas como desmatamento e conseqüentemente foram criadas legislações para a preservação das espécies. Encontrou-se somente a atividade da queimada ao norte do rio Taquari, como ação para iniciar as roças. Também diversos instrumentos e utensílios semelhantes para exploração como serrote, machado, facão, foice, *segon*, picão, cunha, entre outros.

Referente à fauna são diversas as espécies principais entre os territórios, que foram separadas em três grupos representativos: mamíferos, aves e peixes.

No norte italiano, as principais espécies encontradas na faixa montanhosa e subalpina são os mamíferos, como o camoscio (*Rupicapra*), cervo (*Cervidae*), corça (*Capreolus capreolus*), javali (*Sus scrofa*), lobo (*Canis lupus*), urso (*Ursidae*), raposa (*Vulpes vulpes*), texugo (*Meles meles*), marmota (*Marmota monax*), esquilo (*Sciurus vulgaris*), fuinha (*Martes foina*), arminho (*Mustela erminea*). Das aves, são inúmeras espécies, como exemplos tem-se poiana (*Buteo buteo*), gavião da Europa (*Accipiter nisus*), açor (*Accipiter gentilis*), cucucanoro (*Cuculus canorus*) e coruja (*Athene noctua*). Referente à pesca espécies de enguias (*Anguilla anguilla*) e em seus afluentes era muito comum camarão e pequenos peixes. Nos lagos encontram-se diversas espécies como truta (*Oncorhynchus mykiss*), enguia (*Anguilla anguilla*) e barbo (*Barbus barbus*) e outros pequenos peixes. A espécie de urso (*Ursus*) é predominante na região do Tretino Alto-Ádige.

Ao norte do rio Taquari descobriram uma rica fauna de novas espécies que foram destacadas pela atenção, curiosidade, medo e alimentação. Diferentes tipos foram encontrados, com ênfase em alguns, como onças (*Panthera onca*), graxaim (*Lycalopex gymnocercus*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), quati (*Nasua*), tamanduás (*Myrmecophaga*

*tridactyla*), macacos (*Primates*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), anta (*Tapirus*), lebre (*Lepus*), e aves como saracura (*Aramides saracura*), tucano (*Ramphastidae*), periquito (*Melopsittacus undulatus*), sabiá (*Turdus*) e peixes como dourado (*Salminus brasiliensis*), bagre (*Siluriformes*), curimatá (*Grumatã Prochilodus lineatus*).

Na fauna entre ambos territórios, deparou-se com espécies semelhantes dos mamíferos, como aquela da família dos Cervidae - o capriolo (*Capreolus capreolus*) e o cervo (*Cervidae*), da família Canidae - o lobo (*Canis lupus*), lobo guará (*chrysocyon brachyurus*) e o graxaim (*Cerdocyon thous*), da família Leporidae - a lebre (*Lepus*) e da família dos Sciuridae - o serelepe (*Sciurus ingrami*). Na ordem das aves foram encontradas apenas duas espécies semelhantes que se destacam: a coruja (*Athene noctua*) pertencente à família Strigidae e as espécies perdiz (*Alectoris rufa*) da família Phasiidae e jacu (*penelope*) da família Cracidae, mas que pertencem à ordem das Galliformes.

Uma atividade recorrente pela rica fauna nos territórios ítalo-brasileiros foi a caça. A caça pode ser considerada uma atividade indispensável como fonte de alimentação e integração de proteína e de dieta. Conforme analisou-se, está vinculada à predação de animais e à produção, quando muitas espécies despertavam medo nas famílias e também êxito aos caçadores. A época de caça era realizada depois do inverno até a primavera, respeitando muitas vezes a época de reprodução. Como proteção e para captura, os italianos e descendentes utilizavam para caçar diferentes armadilhas, armas de fogo e o auxílio dos cães. Porém, encontrou-se algumas estratégias diferentes de caça no norte italiano, como a caça ao canto, a *uccellazione* e *roccolo*. A intensidade desta atividade proporcionou a extinção de espécies de mamíferos e aves.

Relativo as espacialidades pesquisadas e por tratar de movimentações migratórias entre dois Estados Nacionais, enfatizou-se as porções territoriais deste trabalho por uma similaridade geográfica de proporções designadas como “norte”. Desde o primeiro momento identificou-se esta localização, procurando trazer aspectos que contemplassem tal situação. Partiu-se do pressuposto que grande parte dos descendentes de italianos que ainda moram em porções do norte do rio Taquari, possuem antecedentes e origem com cidades ou regiões do norte italiano: Vêneto, Lombardia e Trentino Alto-Ádige. A maioria destes descendentes conforme a amostragem feita são vênnetos, bem como os *gemellaggio* que se encontram. Refletir sobre toda essa formação histórica também foi instigante com suas aproximações e diferenças, fazendo parte da vida deste grupo étnico.

Na temporalidade pesquisada, encontram-se politicamente três *regiões* no norte italiano concomitante com os três maiores *territórios e colônias* também ao norte do rio Taquari. A porção territorial italiana é muito maior que o norte do rio Taquari, mas deve-se considerar que a densidade demográfica italiana era alta. Do outro lado do Atlântico as terras localizadas ao norte do rio Taquari eram consideradas “desabitadas” e deveriam ser ocupadas. Mesmo não sendo formações territoriais iguais, acredita-se que não ocorreram problemas de adaptação dos imigrantes italianos e descendentes. Dentro desta configuração espacial ítala encontrou-se regiões, províncias, *comune* e *paese*, já ao norte do rio Taquari, a terra desconhecida tinha a formação chamadas de colônias. Com o passar dos anos surgiram desdobramentos e originaram novos municípios. Toda a ocupação dos italianos, imigrantes italianos e descendentes em ambos territórios foram em porções de terras mais acidentadas, que também condizem com a movimentação dos italianos.

Interessante também a reflexão desses movimentos, em que migrar já era hábito dos italianos principalmente uma *migração temporária* para outras regiões e Estados Nacionais durante o inverno. Com pressupostos sociopolíticos e econômicos a *emigração permanente* ao Brasil iniciou-se em 1875 para as antigas colônias oficiais da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, como Caxias, Conde d’Eu e Dona Isabel. Em busca de novas terras, a migração ao norte do rio Taquari foi *internamente* por intermédio de companhias colonizadoras e particulares direcionado em espacialidades das colônias de Conventos, Encantado e Guaporé.

Um dos principais anseios italianos era “tornar-se proprietários de terras”. Dentro desta questão, as formas de propriedades e tamanhos eram distintas. No norte italiano existiam na região montanhosa terras de até cinco hectares e nas planícies de até cem; os sistemas de locações com os proprietários – *contratos e cascina*, nas quais eram também praticadas as parcerias. O colono imigrante italiano e também seus descendentes quando chegam ao Rio Grande do Sul e nos territórios ao norte do rio Taquari, deparam-se com áreas traçadas em linhas e travessões para serem ocupadas com uma porção territorial de 15 a 25 hectares, que poderiam adquirir e pagar em contratos de até cinco anos.

O ambiente rural entre os territórios pesquisados era formado por diferentes trabalhadores como os camponeses, *contadini*, colonos, *mezzadri*, *fittavoli*. Assim, nestes territórios existiram documentos similares como investigações – *Inchiesta Scopoli e Jacini*, e *relatórios consulares* nas colônias, importantes documentos registrados para conhecer a população e as condições sociais dos habitantes. Situações precárias, de miséria e doenças

estavam associadas às emigrações italianas que procuraram nas terras sulinas melhores condições de sobrevivência. As formas de comunicação e notícias das famílias pelas cartas estavam condicionadas nos relatos escritos pelo êxito ou dificuldades, situações encontradas nas colônias brasileiras e durante a Primeira Guerra Mundial.

Outra relação histórica similar nos territórios ítalo-brasileiros foi a Primeira Guerra Mundial que repercutiu de formas diferentes. A Itália estava mais envolvida politicamente e economicamente nos dois lados da guerra, teve grandes perdas humanas e somente após o final, teve anexada a região do Trentino Alto-Ádige. Já o Brasil em posição de neutralidade, tendo relações comerciais ao lado da Tríplice Entente. Ademais, a Primeira Guerra Mundial despertou sentimentos de nacionalismo e atritos com outros grupos étnicos. Deparou-se também com movimentos emigratórios ao norte do rio Taquari ocasionados pela difícil situação deste momento sociopolítico.

Uma atividade econômica semelhante nos territórios ítalo-brasileiros foi a agropecuária com seus principais tipos: extrativistas, agrícolas e pecuárias. Todas contribuíram fortemente para as atividades das famílias e a economia. Muitas destas práticas identificadas foram continuadas e ressignificadas após a emigração ao sul do Brasil e norte do rio Taquari. Dentre os principais produtos que se destacaram e foram analisados nesta tese, tem-se milho, trigo, uva, bicho-da-seda e feijão.

Todas as características de formas de plantio e diferentes produções passaram por processos de preparação, ou seja, limpeza das roças e trabalho com variados instrumentos. Tanto nas propriedades pequenas como nas planícies eram utilizados arados puxados por um ou dois animais como vacas, bois, cavalos e mulas. Os trabalhos eram todos braçais, com auxílio da enxada, machado, pá, restel, serrote, foice, arado. Com estações diferentes em épocas do ano, os trabalhos eram realizados antes do inverno. No norte italiano, muitas atividades estavam relacionadas à alimentação dos animais para o inverno que era a preparação do feno – *fienagione*.

Outra característica encontrada semelhante foi a rotação de terras e produtos. Devido à forma intensiva da utilização do solo para as plantações e em alguns casos, propriedades com porções de terras reduzidas para o plantio, viabilizou italianos, imigrantes italianos e descendentes a introduzir a técnica de rotação de terras deixando o solo descansar de dois a três anos e após plantar novamente. Assim, como intercalavam produtos diferentes, fazendo rotações trienais. Como diferença encontrou-se nos territórios ao norte do rio Taquari, a queima para limpeza das roças.

Os principais produtos que tomaram destaque foram: milho, trigo, uva, bicho-da-seda e feijão. O desenvolvimento dos cereais tais como o milho e o trigo foi uma das principais atividades econômicas pelo intenso povoamento da campanha e a difusão das culturas nas terras pelas subsistências e também o mercado.

Foram encontradas diferentes espécies de milho nos territórios ítalo-brasileiros, sendo a similar principal o milho amarelo destinado para a polenta e produzido em territórios montanhosos de até 700 metros. Porém o ciclo de preparação e plantação acontece em épocas diferentes: no norte italiano na primavera e verão e ao norte do rio Taquari no final do inverno e primavera. Os trabalhos manuais desempenhados eram similares, quase sempre cultivado perto das casas e com auxílio de instrumentos como a enxada e animais domésticos para arar e transportar às casas e moinhos. O milho era um produto anual, com a necessidade de rotação de terras ou alternância de produção. Alguns problemas entre ambos territórios por ora são semelhantes como os parasitas e predadores.

Referente ao trigo tem-se algumas familiaridades na dieta com base em pães e massas, principalmente para o autoconsumo. No norte da Itália era plantado com alternância de outros cereais e em campos específicos de pequenas dimensões durante o outono e verão. Já ao norte do rio Taquari aconteciam no inverno e faziam duas colheitas anuais, destinado também para a forragem, alimentação dos animais e exportação.

Nestes dois tipos de cereais deparou-se com algumas dificuldades encontradas pelos imigrantes italianos e descendentes nas produções ao norte do rio Taquari: o ataque constante nas roças de macacos (*Mammalia*), ouriços (*Erinaceus europaeus*), pássaros, ratos e cotias (*Dasyproctidae*). Também formigas cortadeiras (*Atta - Saúvas e Acromyrmex - Quenquéns*), entre os quais comiam muito milho. A presença das nuvens de gafanhoto (*Schistocerca paranensis*) foi recorrente a partir do século XX nas lavouras de trigo e milho, devastando completamente as produções.

Na vitivinicultura as produções eram destinadas ao consumo familiar como vinho e vinagre, com diversas espécies entre ambos territórios sendo em comum a espécie *Isabela*. Na Itália a tradição da vitivinicultura já era predominante e foi continuada nos territórios ao sul do Brasil, gerando maiores excedentes e investimentos para comércio do vinho. Os territórios de produção de uva eram semelhantes pela altitude de até 900 metros, porém ao norte do rio Taquari não se encontrou números economicamente significantes. Interessante e similares foram os dados referentes às dificuldades de produção por causa dos ataques às folhas da uva: parasitas, míldio (peronospera) e também filoxera (*Viteus vitifoliae*). Para combater essas

“pragas” utilizavam irradiação de sulfato de cobre, com máquinas de sulfatar. Ao norte do rio Taquari tem-se registros de insetos como as larvas (*Diloboderus*) e besouros (*Coleoptero*) e outros animais, como o sabiá (*Turdus*), o lagarto (*Tupinambis tegurius*) e o gambá (*Dydelpys*).

A sericultura desenvolveu-se mais no norte italiano que ao norte do rio Taquari. A fiação e tecelagem era um trabalho artesanal integrativo das famílias camponesas italianas, principalmente nos estábulos quando permaneciam durante o inverno. A alimentação do bicho-da-seda era com as folhas das amoreiras (*Morus*), espécie mais presente no norte italiano. Os italianos e descendentes tinham conhecimento sobre a sericultura e o ambiente contribuíram, porém tentaram continuar com este tipo de produção nas antigas colônias, mas não teve resultados satisfatórios, principalmente para uma produção comercial.

E por último tem-se a produção de feijão, com espécies específicas em cada território: no norte italiano o *Lamon* e ao norte do rio Taquari o *preto*. Nas regiões do norte italiano o feijão era plantado com alternância do milho e ao norte do rio Taquari um produto inicial após a limpeza das áreas. Uma similaridade interessante é que eram semeados durante a primavera. Utilizados para alimentação e com os excedentes, destinavam-se para o comércio.

Assim como na agricultura, a pecuária apresenta diversidade e também importância na vida dos italianos, imigrantes italianos e seus descendentes. Inicialmente as atividades eram desempenhadas em pequena quantidade e muitos dos animais domésticos forneciam os principais alimentos, auxílio na produção agrícola e transporte dos produtos. Como tipos principais de pecuária deparou-se com o vacum, equinos, suínos, caprinos e ovinos. Além desses, encontrou-se produção de abelhas, coelhos, pombas e galinhas.

Na questão do vacum foram situadas continuidades envolvendo esta prática, tais como o leite e seus derivados, queijo, nata, manteiga. Esta atividade pecuária em ambos territórios utilizavam a força animal como meio de transporte de seus produtos, devido aos difíceis acessos montanhosos e por ora como auxílio nos trabalhos de roça. A engorda dos bezerros para a alimentação, bem como sua venda.

Os suínos também tinham uma representatividade pela diversidade de produtos derivados destinados à alimentação, principalmente a carne e o salame. Outro gênero que tomou destaque em ambos territórios foi a banha, que ao norte do rio Taquari teve um papel importante no comércio. A criação de ovelhas e cabras era mais expressiva ao norte italiano

do que ao norte do rio Taquari. A criação destas espécies tinha como destino a subsistência, como a carne, o leite, queijo, lã e couro.

Referente aos equinos encontra-se similaridades nos territórios ítalo-brasileiros na utilização principal dos muares: o transporte e locomoção de pessoas e produtos. Ao norte do rio Taquari tem-se todo um envolvimento social e econômico com as tropas de mulas, que desenvolveu profissões como carreteiros e desenvolvimento econômico pelo transporte da produção. Como diferença tem-se que no norte da Itália a carne de cavalo fazia parte da dieta alimentar, o que não se encontrou no norte do rio Taquari. A quantidade dos animais também é diferente, onde ao norte italiano é inferior que ao norte do rio Taquari.

De maneira geral, os objetivos propostos para investigação foram atingidos à medida que os dados foram articulados de forma comparativa a respeito de diversos assuntos, tendo como suporte os pressupostos da História Ambiental, espacialidades e atividades econômicas. Assim, confirmou-se a tese apresentada que se tratando de um estudo comparativo, os territórios ítalo-brasileiros possuíam alguns aspectos ambientais semelhante, mas outros distintos no que se relaciona a características geográficas, sócio-políticas e econômicas. Identificou-se que as principais ações dos ítalo-brasileiros nos territórios ocupados geraram impactos em ambas espacialidades, como desmatamento, rotação de terras, queimada e extinção de animais.

Sendo assim, as especificidades ambientais em ambos os territórios exigiram uma negociação do homem com a natureza para sua sobrevivência e com vista à (re)produção econômica, muitas vezes utilizando-se de práticas destrutivas dos ecossistemas como por exemplo, o desmatamento. Vale salientar que as relações com o ambiente envolveram práticas de atividades agropecuária voltadas para subsistência e comércio, tais como o cultivo do milho, videiras, trigo, feijão, vacum, porcos, muar, cavalar, ovinos e caprinos. Para os interlocutores em ambos territórios a concepção destas atividades está associada ao progresso e crescimento de aquisição de bens e serviços a partir de suas produções agropecuárias.

Conclui-se então que este estudo comparativo, se obteve a comprovação da tese apresentada, encontrando muitos aspectos e dados que foram vinculados a semelhanças ambientais, como: a localização geográfica “norte”, o clima rigoroso, relevo montanhoso, principais rios (Pó e Taquari) e espécies de flora e fauna. Na conjuntura sócio-política tem-se questões relacionadas à terra e ao momento da Primeira Guerra Mundial. As afinidades em situações econômicas das atividades agropecuárias foram a exploração madeireira, vitivinicultora, milho, feijão, trigo, gado, suinocultura e muares, as quais eram voltadas para

atividades de subsistência e comercial. E diferenças ambientais, tem-se ao norte italiano a presença dos Alpes e diferentes espécies de flora e fauna. Nas situações sócio-políticas tinham situações difíceis pelos altos impostos e doenças. Na parte das atividades econômicas encontrou-se o desenvolvimento da sericultura. De forma geral, encontrou-se maior quantidade de semelhanças do que disparidades devido às questões continuadas e ressignificadas por este grupo em territórios distintos mais que se aproximam, sejam pelas relações ambientais, sociais e econômicas.

Para encerrar, expressa-se que os dados e discussões apresentadas na investigação perseguindo a ótica multidisciplinar sobre as ações dos ítalo-brasileiros foram operantes e geraram modificações em ambos territórios. Por fim, espera-se ter contribuído para com os estudos ambientais ítalo-brasileiros, bem como para futuros trabalhos que possam surgir no campo das espacialidades.

## REFERÊNCIAS

### Documentais

3º DISTRITO de Lajeado, Bela Vista do Fão em 1910. 1 fotografia. Disponível em: <http://lauramertenpeixoto.blogspot.com/2012/07/bela-vista-do-fao-1904-2012.html>. Acesso em: 5 maio 2020.

ACERVO Documental. **Projeto Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas: História, Movimentações e Desdobramentos Socioambientais**. Lajeado: Univates, 2017 a atual.

ACERVO fotográfico. Museo degli usi e costumi della gente trentina. San Michele All'adige, Trento, Itália.

ACERVO fotográfico. Museo della Civiltà Contadina - Cascina: Il Cambonino Vecchio, Cremona, Itália.

ALTOVASTESE. **Espécie de pioppo (*Populus*)**. [19--]. Disponível em: <http://www.altovastese.it/flora-2/la-neve-dei-pioppi-le-4-specie-presenti-in-italia/>. Acesso: em 21 jan. 2020.

ANCARINI, Humberto. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione. Anno 1905, n. 19. Roma, Bertero, 1905. La colonia italiana di Caxias, in Rio Grande do Sul, Brasile. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.) **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 612-642. Tomo IV.

ANTA. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres**. Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. p. 153.

ANTONELLI, Pietro. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Lo Stato di Rio Grande do Sul e l'Emigrazione italiana. Roma, MAE, 1899. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti;

ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.). **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 228-245. Tomo I.

ARMADILHAS utilizadas pelos camponeses no norte ítalo durante século XIX. [18--]. Acervo Museo degli usi e costumi della gente trentina, San Michele all'Adige, Trento, Itália.

ARMADILHAS utilizadas pelos italianos e descendentes ao norte do rio Taquari. [19--]. Acervo Museu Histórico Municipal Padre Luchinio Viero, Muçum/RS.

AVES de Rapina Brasil. **Coruja**. [19--] 1 fotografia. Disponível em: [http://www.avesderapinabrasil.com/bubo\\_virginianus.htm](http://www.avesderapinabrasil.com/bubo_virginianus.htm). Acesso em: 28 de jan. 2020.

BALSA sobre o rio Taquari na colônia Guaporé. *In*: COSTA, Rovílio. **Antropologia visual da imigração italiana**. Porto Alegre: EST, 1976. p. 171.

BENKEUSTEIN, João Luiz. **Relatório de subintendência de Encantado, João Luiz Benkeusteins, 9 de março de 1906**. Museu Municipal de Encantado, Rio Grande do Sul.

BEVERINI, Giovanni. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione. Anno XII, agosto de 1913, n. 10, Roma. Nella zona coloniale agricola del Rio Grande do Sul (Appunti e osservazioni). *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 776-795. Tomo IV.

BOIS e vacas no auxílio da agricultura. *In*: BONFADINI, Giovanni; CALTAGIRONO, Fabrizio; SORDI, Italo. Paul Scheuermeier: La Lombardia dei Contadini 1920-1932: **Lombardia orientale, le province di Brescia e Bergamo**. V. I. Grafo edizione: 2001. p. 173.

BOLLETTINO Consolare. Ministero per gli Affari Esteri. Il Re D'Italia. L'emigrazione italiana nel biennio 1877-1878. Volume XV, Parte I. Roma, Fratelli Bocca, 1879. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.). **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 82-116. Tomo I.

BRASIL. **Decreto n.º 5.663, de 17 de junho de 1874**. Autoriza a celebração do contracto com Joaquim Caetano Pinto Junior para importar no Imperio 100.000 immigrants europeus. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5663-17-junho-1874-550343-publicacaooriginal-66255-pe.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto n.º 6.129, de 23 de fevereiro de 1876**. Organiza a Inspectoria Geral das Terras e Colonização. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-6129-23-fevereiro-1876-549093-publicacaooriginal-64440-pe.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890**. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-norma-pe.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 601, de 18 de setembro de 1850.** Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em:  
[http://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-36\\_26.pdf#page=10](http://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-36_26.pdf#page=10). Acesso em: 12 abr. 2020.

BRICHANTEAU, Edoardo dei Conti Campans de. Emigrazione e colonie. Rapporti Agenti Diplomatici e Consolari. Ministero degli Affari Esteri. Roma, MAE, 1893. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.). **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 174-195. Tomo I.

BUGIU. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres.** Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994, p. 83.

CAÇA com cães ao norte do rio Taquari. [19--]. 1 fotografia p&b. Acervo Museo Municipal Dolci Ricordi, Nova Bréscia, RS.

CAÇAS no norte ítalo, século XIX. [18--]. Fotografias p&b. Acervo Museo Etnografico della provincia di Belluno e del Parco Nazionale Dolomiti Bellunesi, Cesomaggiore, Beluno, Itália.

CAMARA, Patricio Correa da. **Relatório do Vice-Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Comendador Patricio Correa da Camara na Abertura da Assembleia Provincial em 11 de outubro de 1857.** Porto Alegre: Tipografia do Mercantil, 1857. Disponível em:  
[http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1857&item\\_id=4544#?h=1857&c=4&m=23&s=0&cv=1&r=0&xywh=-192%2C1832%2C2465%2C1738](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1857&item_id=4544#?h=1857&c=4&m=23&s=0&cv=1&r=0&xywh=-192%2C1832%2C2465%2C1738). Acesso em: 18 ago. 2020.

CARTA enviada a cunhada Maria. **Carta para Maria.** 10 abr. 1915. 2 folhas. Localizado em: Acervo Museo Etnografico della provincia di Belluno e del Parco Nazionale Dolomiti Bellunesi, Cesomaggiore, Beluno, Itália.

CIAPELLI, Enrico. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. 1899. Indice. Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasile). Roma, MAE, 1899. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 217-227. Tomo I.

CIAPELLI, Enrico. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Lo Stato di Rio Grande do Sul nel Brasile e l'Immigrazione italiana. Roma, MAE, 1900. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 246-270. Tomo I e II.

CIAPELLI, Enrico. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione. Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasile) e l'immigrazione italiana. Anno 1901, n. 4, Roma. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.) **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 361-373. Tomo II.

CICLO do bicho da seda. [19--]. Exposto no Acervo Museo degli usi e costumi della gente trentina, San Michele all'Adige, Trento, Itália.

CICLO do bicho da seda. [19--]. Exposto no Museo della Civiltà Contadina - Cascina "Il Cambonino Vecchio, Cremona, Itália.

CIVICO di Storia Naturale. **Martora**. [19--] 1 escultura. Original. Exposta no Museo Civico di Storia Naturale, Cremona, Itália.

COLHEITA de erva-mate no barbaquá da família Auler. [19--]. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Histórico Municipal de Arvorezinha/RS.

CORNOS e cabeças de camurça (*Rupicapra rupicapra*) e capriolo (*Tragulus*). [18--]. 1 fotografia. Acervo Museo degli usi e costumi della gente trentina, San Michele all'Adige, Trento, Itália.

CORRESPONDÊNCIA da Câmara Municipal de Estrela, 21 mar 1883. **Correspondência expedida pela Câmara Municipal de Estrela. 1882-1889**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

CORRESPONDÊNCIA da Câmara Municipal de Taquari, 31 jan. 1853. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

CORRESPONDÊNCIA Oficial com a Inspeção de Geral de Terras de Colonização de 1885-1887. **Correspondência, Inspeção Geral das Terras e Colonização, dos anos de 1885 a 1887**. C037- Comissão de Terras e Colonização: Registro da Correspondência Oficial com a Inspeção Geral de Terras e Colonização (Taquari, Estrela, Dona Isabel), 1885-1887. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Imigração, Terras e Colonização.

CORUJA. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo delle Scienze, Trento, Itália.

CRIAÇÃO de ovinos Beluno. [18--]. 1 fotografia p&b. Acervo Museo Etnografico della provincia di Belluno e del Parco Nazionale Dolomiti Bellunesi, Cesomaggiore, Beluno, Itália.

CRIAÇÃO de suínos em espaços livre no norte ítalo. 1 fotografia. *In*: BONFADINI, Giovanni; CALTAGIRONO, Fabrizio; SORDI, Italo. Paul Scheuermeier: La Lombardia dei Contadini 1920-1932: **Lombardia orientale, le province di Brescia e Bergamo**. V. I. Grafo edizione: 2002. p. 220.

D1 – DIÁRIO DE CAMPO de 19/12/2013. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Viena, Anta Gorda/RS. **Acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado: Univates. 19 dez. 2013. 6 p.

D2 – DIÁRIO DE CAMPO de 13/06/2015. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Santo Antônio, Progresso/RS. **Acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado: Univates. 13 jun. 2015. 3 p.

D3a – DIÁRIO DE CAMPO de 12/02/2015. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Tigrinho, Nova Bréscia/RS. **Acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado: Univates. 12 fev. 2015. 4 p.

D3b – DIÁRIO DE CAMPO de 11/09/2019. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha

Tigrinho, Nova Bréscia/RS. **Acervo do Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 11 set. 2019. 3 p.

D4 – DIÁRIO DE CAMPO de 26/06/2016. Visita a descendente imigrante de italiano. Três Saltos Alto, Travesseiro/RS. **Acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado: Univates. 26 jun. 2016. 3 p.

D5 – DIÁRIO DE CAMPO de 11/10/2016. Visita a descendente imigrante de italiano. Barra do Fão, Pouso Novo/RS. **Acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado: Univates. 11 out. 2019. 4 p.

D6 – DIÁRIO DE CAMPO de 28/06/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Paredão, Sério/RS. **Acervo do Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 28 jun. 2019. 4 p.

D7 - DIÁRIO DE CAMPO de 20/07/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Alegrete, Dois Lajeados/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 10 jul. 2017. 6 p.

D8 - DIÁRIO DE CAMPO de 01/09/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 1 set. 2017. 4 p.

D9 - DIÁRIO DE CAMPO de 01/09/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha São José, Arvorezinha/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 1 set. 2017. 5 p.

D10 – DIÁRIO DE CAMPO de 13/07/2018. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 13 jul. 2018. 5 p.

D11 - DIÁRIO DE CAMPO de 23/06/2018. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Alegre Alta, Coqueiro Baixo/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 23 mar. 2018. 3 p.

D12 - DIÁRIO DE CAMPO de 29/06/2018. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Jacarezinho, Encantado/RS. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado: Univates. 29 jun. 2018. 5 p.

DOLOMITI Belunesi Parco Nazionale. **Capriolo**. [20--]. Disponível em: <http://www.dolomitipark.it/it/mammiferi-dettaglio.php?id=3>. Acesso em: 30 jan. 2020.

DOLOMITI Belunesi Parco Nazionale. **Espécie de faia (*Fagus*)**. [20--]. Disponível em: <http://www.dolomitipark.it/it/page.php?id=44>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DOLOMITI Belunesi Parco Nazionale. **Espécies de abeto (*Abies*)**. [20--]. Disponível em: <http://www.dolomitipark.it/it/page.php?id=44>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DOLOMITI Belunesi Parco Nazionale. **Perdiz**. [20--]. Disponível em: <http://www.dolomitipark.it/it/mammiferi-dettaglio.php?id=3>. Acesso em: 29 jan. 2020.

DOM João Batista. 1904. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Municipal de Encantado, Encantado, RS.

E1 - Entrevistado 1: relato [20 jan. 2014, 1h:31min,18p]. Linha Viena, Anta Gorda/RS. Entrevistadores: Evanilson de Moraes e Ana Paula Castoldi. Anta Gorda (RS): s.e., 2014. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto **Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado, RS, Univates.

E2 – Entrevistado 2: relato [08 mai. 2015, 1h:48min, 37p]. Linha Tigrinho, Nova Bréscia/RS. Entrevistadores: Ana Paula Castoldi, Júlia Leite Gregory e Janaíne Trombini. Nova Bréscia: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado. Univates.

E3 – Entrevistado 3: relato [13 nov. 2015, 1h:06min, 31p]. Linha Santo Antônio, Progresso/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini. Progresso/RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado. Univates.

E4 - Entrevistado 4: relato [05 fev. 2016, 1h:07min:55s, 26p]. Três Salto Alto, Travesseiro/RS. Entrevistadores: Ana Paula Castoldi, Júlia Leite Gregory e Janaíne Trombini. Travesseiro/RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari**. Lajeado. Univates.

E5 - Entrevistado 5: relato [31 jan. 2017, 52min:35s, 22p]. Barra do Fão, Pouso Novo/RS. Entrevistadores: Cibele da Rosa e Janaíne Trombini. Pouso Novo/RS: s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado. Univates.

E6 - Entrevistado 6: relato [08 ago. 2017, 1h:02min, 15p]. Linha Paredão, Sério/RS. Entrevistadores: Cibele da Rosa, Natália Sarmiento e Janaíne Trombini. Sério/RS: s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado. Univates.

E7 – Entrevistado 7: relato [29 ag. 2017, 1h:12min, 25p]. Linha Alegrete, Dois Lajeados/RS. Entrevistadores: Ana Paula Castoldi e Janaíne Trombini. Dois Lajeados/RS: s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado. Univates.

E8 – Entrevistado 8: relato [09 nov. 2017, 1h:55s, 27p]. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini e Ramon Scheid. Ilópolis/RS: s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas**. Lajeado. Univates.

E9 – Entrevistado 9: relato [09 nov. 2017, 1h:05min, 29p]. Linha São José, Arvorezinha/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini e Ramon Scheid. Arvorezinha/RS: s.e., 2017. 1h:05min, 29p. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado. Univates.

E10 – Entrevistado 10: relato [29 jun. 2018, 45min:30s, 22p]. Linha Alegre Alta, Coqueiro Baixo/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini e Maurel Schlosser. Coqueiro Baixo/RS: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado. Univates.

E11 – Entrevistado 11: relato [14 set. 2018, 1h:20min, 37p]. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini e Maurel Schlosser. Ilópolis/RS: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado. Univates.

E12 – Entrevistado 12: relato [14 set. 2018, 1h:15min, 23p]. Linha Jacarezinho, Encantado/RS. Entrevistador: Janaíne Trombini e Maurel Schlosser. Encantado/RS: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado. Univates.

E13 – Entrevistado 14: relato [28 jan. 2018, 28min:22s, 7p]. Trichiana, Região Vêneto/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Vêneto/Itália: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E14 – Entrevistado 14: relato [30 jan. 2018, 20min:46s, 13p]. Auronzo di Cadore, Região Vêneto/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Vêneto/Itália: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E15 – Entrevistado 15: relato [30 jan. 2018, 37min:29s, 11p]. Auronzo di Cadore, Região Vêneto/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Vêneto/Itália: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E16 – Entrevistado 16: relato [11 dez. 2018, 34min:11s, 13p]. Mel, Região Vêneto/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Vêneto/Itália: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E17 – Entrevistado 17: relato [12 dez. 2018, 35min., 10p]. Lentiai, Região Vêneto/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Vêneto/Itália: s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E18 – Entrevistado 18: relato [08 jan. 2019, 20min:46s, 7p]. Pressano di Lavis, Região Trentino Alto-Ádige. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Trentino Alto-Ádige/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades**

**Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E19 – Entrevistado 19: relato [10 jan. 2019, 24min:20s, 8p]. Rumo, Região Trentino Alto-Ádige/Itália: Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Trentino Alto-Ádige/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E20 – Entrevistado 20: relato [11 jan. 2019, 26min:39s, 7p]. Caldonazzo, Região Trentino Alto-Ádige/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Trentino Alto-Ádige/Itália: s.e., 2019, Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E21 – Entrevistado 21: relato [09 fev. 2019, 47min:56s, 13p]. Canal San Bovo, Região Trentino Alto-Ádige/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Trentino Alto-Ádige/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado. Univates. 22p.

E22 – Entrevistado 22: relato [16 mar. 2019, 44min:34s, 9p]. Fanagno Olano, Região Lombardia/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Lombardia/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E23 – Entrevistado 23: relato [23 mar. 2019, 27min:19s, 8p]. Região Borno, Região Lombardia/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Lombardia/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

E24 – Entrevistado 24: relato [25 mar. 2019, 55min:03s, 11p]. Cremona, Região Lombardia/Itália. Entrevistador: Janaíne Trombini. Região Lombardia/Itália: s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. **Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas.** Lajeado, RS, Univates.

FAMÍLIA Bergonsi. **Carreiros de mulas.** 1920. 1 fotografia. 13,5 cm x 8 cm. Coleção particular.

FAUNA Digital Rio Grande do Sul. **Cervo.** [20--]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-cetartiodactyla/familia-cervidae/cervo-do-pantanal-blastocerus-dichotomus/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FAUNA Digital Rio Grande do Sul. **Graxaim.** [20--]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-carnivora/familia-canidae/cerdocyon-thous-graxaim-do-mato/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FILOXERA. [19--]. 1 cartaz color. Acervo Museo degli usi e costumi della gente trentina, San Michele all'Adige, Trento, Itália.

FORMAÇÃO da Itália logo após a Unificação de 1871. Adaptação a partir de: <http://www.storiologia.it/apricrono/storia/a1866n.htm>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GALO LIRA. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

HIDROGRAFIA. **Os rios Pó, Ádige e Piave no norte ítalo**. Disponível em: [https://d-maps.com/pays.php?num\\_pay=305&lang=pt](https://d-maps.com/pays.php?num_pay=305&lang=pt). Acesso em: 10 jan. 2020.

INAUGURAÇÃO do distrito de General Osório. [19--]. 1 fotografia p&b. Arquivo Municipal de Guaporé.

INSTRUMENTOS para o corte das madeiras. [19--]. Acervo Museu Municipal Dolci Ricordi, Nova Bréscia, RS.

INSTRUMENTOS para o corte das madeiras. Século XIX. [18--]. Exposto no Acervo Museo Etnografico della provincia di Belluno e del Parco Nazionale Dolomiti Bellunesi, Cesomaggiore, Beluno, Itália.

ITALIANOS e o desmatamento. *In*: ASSOZIAZONE BELLUNESI NEL MONDO. **Tutti i mestieri del mondo: um secolo di emigrazione bellunese**. 2016. p.16.

JAGUATIRICA. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres**. Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994, p. 121.

LEBRE DA MONTANHA. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

LEBRE. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo Civico di Storia Naturale, Cremona, Itália.

LEGGE 1901. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Parte Amministrativa. Legge 1901, n. 23. Anno 1901, n. 85. Roma, MAE, 1901. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 217-227, tomo II.

LEGRENZI, Angelo Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Parte Amministrativa e Notiziario. L'immigrazione nello Stato do Rio Grande del Sud (Brasile). Roma, MAE, 1895. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 196-200. Tomo I.

LEIS, **Atos e Decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul – 1900**. Porto Alegre: Officina Typographica d'A Federação, 1907. AHRGS. Legislação. Códice L633.

LIVRO de Estatística de Produção, 1913. Estatística das Exportações deste município durante o anno de 1913. **Livro de Estatística de Produção (exportação) do município**. Fazenda. 1913. Arquivo Histórico de Lajeado, Rio Grande do Sul.

LIVRO de Estatística de Produção, 1913/1918. Estatística das Exportações deste município durante o ano de 1913-1918. **Livro de Estatística de Produção (exportação) do município.** Fazenda. 1913/1918. Arquivo Histórico de Lajeado, Rio Grande do Sul.

LOBO. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

MADEIREIRAS em territórios ao norte do rio Taquari no início do século XX. [19--]. 1 fotografia p&b. Acervo Casa de Cultura Lucchino Viero, Muçum/RS.

MADEIREIRAS em territórios ao norte do rio Taquari no início do século XX. [19--]. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Memórias Ilopolenses, Ilópolis, RS.

MAPA da colônia Guaporé e seus distritos. *In*: KARAM, Elaine Maria Consoli. **Raízes da Colonização:** em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados. Porto Alegre: CORAG, 1992. p. 72. Adaptação.

MAPA da região norte italiana estudada. [20--]. Disponível em: <https://historiadigital.org/recursos/unificacao-italo-alema-20-recursos-para-voce-aprender-mais/>. Acesso em: 12 nov. 2019. Adaptação.

MAPA das Companhias Colonizadoras e particulares em territórios à margem direita e norte do rio Taquari. *In*: KARAM, Elaine Maria Consoli. **Raízes da Colonização:** em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados. Porto Alegre: CORAG, 1992. p. 68. Adaptação.

MAPA relevo da região íta. [20--]. 1 mapa, color. 9,87x12,64. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@44.4913642,10.4243378,572545m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 19 dez. 2019.

MÁQUINA de sulfatar. [19--]. Exposto no Acervo Museu Municipal Dolci Ricordi, Nova Brésia, RS.

MÁQUINA de verderame e solfatrice. [19--]. Exposto no Acervo Museo Torre Civitate Camuno, Brésia, Itália.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. **Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 4ª sessão ordinária da 3ª legislatura em 20 de setembro de 1900.** Porto Alegre, Oficinas Typographicas d'”A Federação”, 1900. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1900&item\\_id=4641#?h=1900&c=4&m=111&s=0&v=1&r=0&xywh=-3%2C624%2C2354%2C1660](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1900&item_id=4641#?h=1900&c=4&m=111&s=0&v=1&r=0&xywh=-3%2C624%2C2354%2C1660). Acesso em: 8 maio 2020.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. **Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 1ª sessão ordinária da 4ª legislatura em 20 de setembro de 1901.** Porto Alegre: Oficinas Typographicas d'”A Federação”, 1901. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/182#c=0&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-126%2C1728%2C2443%2C1723>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. **Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 2ª sessão ordinária da 4ª legislatura em 20 de setembro de 1902.** Porto Alegre: Oficinas Typographicas d'’A Federação”, 1902. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item\\_id=4643#?h=1902&c=4&m=113&s=0&cv=1&r=0&xywh=-19%2C1651%2C2117%2C1493](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item_id=4643#?h=1902&c=4&m=113&s=0&cv=1&r=0&xywh=-19%2C1651%2C2117%2C1493). Acesso em: 22 jul. 2020.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. **Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 3ª sessão ordinária da 5ª legislatura em 20 de setembro de 1907.** Porto Alegre: Oficinas Typographicas d'’A Federação”, 1907. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item\\_id=4648#?h=1902&c=4&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-102%2C1478%2C2111%2C1489](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item_id=4648#?h=1902&c=4&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-102%2C1478%2C2111%2C1489). Acesso em: 22 jul. 2020.

MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. **Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 4ª sessão ordinária da 8ª legislatura em 20 de setembro de 1920.** Porto Alegre, Oficinas Typographicas d'’A Federação”, 1920. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/182#?c=0&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-126%2C1728%2C2443%2C1723>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MELLO, João Baptista. Mapa de alguns productos coloniaes exportados pelos principais portos do município: Lageado, S. Gabriel, Arroio do Meio e Encantado. **Relatório Apresentado pelo intendente João Baptista de Mello:** Conselho Municipal, 1911. p. 36. Arquivo Histórico de Lajeado, Rio Grande do Sul.

MEZZACASA, Domenico. **Carta aos tios.** 20 jan. 1911. 2 folhas. Localizado em Acervo Museu Dolci Ricordi, Nova Bréscia/RS.

MUSEU ENCANTADO – Dom João Batista em Encantado em 1904.

NEVE ao norte do rio Taquari. [196-]. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Memórias Ilopolenses, Ilópolis, RS.

O ESTÁBULO. 1867. 1 fotografia p&b. Museu Etnográfico Bruno Caracristi, Rumo, Itália.

PANTANO, Edoardo. Bollettino dell’Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell’Emigrazione. Relazione della Commissione parlamentare di vigilanza sul Fondo per l’Emigrazione, presentata dal Ministro degli Affari Esteri alla Camera dei deputati il 25 giugno 1904, n.11. Roma, Editora Bertero. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.). **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 386-502. Tomo III.

PARREIRAL de vinho no Vêneto. In: VIGOLO, Maria Teresa; SANGA, Glauco; PERCO, Daniela. A; COLLA, Paul Scheuermeier. **Il Veneto dei contadini: 1921-1932.** [S. l.]: [s. n. ], 2011.

PAROBÉ, João Pereira. **Relatório apresentado ao Presidente da Província do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Dr. Júlio Prates de Castilhos, pelo Secretpario de Estado dos**

**Negócios das Obras Públicas, João Pereira Parobé em julho de 1897.** Porto Alegre: Oficinas Typographicas d'A Federação, 1897.

PÁSSAROS Nativos. **Nambu.** [20--]. Disponível em: <http://www.passarosnativos.com.br/site/produto.php?id=231>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PÁSSAROS Nativos. **Tucano.** [20--]. Disponível em: <http://www.passarosnativos.com.br/site/produto.php?id=231>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PERROD, Enrico. Bollettino Consolare. Ministero per gli Affari Esteri. Le colonie Brasiliane. Conte D'Eu e Donna Isabella. Roma, Fratelli Bocca, Volume XIX. Parte I, 1883. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (Orgs.). **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 117-142. Tomo I.

PETROCCHI, Luigi. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione, 1904, n. 13. Le colonie italiane del distretto di Bento Gonçalves. Roma, 1904. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 374-510. Tomos II e III.

PETROCCHI, Luigi. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione, Le colonie italiane del distretto di Bento Gonçalves. Roma, 1905, n. 8. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 514-529. Tomo III.

PLANTA de José Francisco dos Santos Pinto do ano de 1878 - Propício, J. Planta das terras concedidas pelo Governo Geral a José Francisco dos Santos Pinto. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1878. Escala 1:120.000.

PLANTA do Povoado de Nova Bréscia. Acervo Museu municipal Dolci Ricordi, Nova Bréscia/RS, 1900.

POUSADA dos Tropeiros no distrito de Arvorezinha. 1915. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Histórico Municipal de Arvorezinha/RS.

PREPARAÇÃO da terra e semeadura do trigo. [19--]. 1 fotografia p&b. Museo M9, Mestre, Beluno, Itália.

PRODUÇÃO de milho na pré-montanha. *In*: BONFADINI, Giovanni; CALTAGIRONO, Fabrizio; SORDI, Italo. Paul Scheuermeier: La Lombardia dei Contadini 1920-1932: **Lombardia orientale, le province di Cremona e Mantova.** V II. Grafo edizione: 2002. p. 244.

QUATI. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres.** Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. p. 96.

RAPOSA. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

RED List. **Perdiz**. [20--]. Disponível em:

<https://www.iucnredlist.org/species/22678711/131873456>. Acesso em: 30 jan. 2020.

REGISTRO de Casamento de Encantado de 1896. **Registro Paroquial**, n.º 1, ano 1986.

REGISTRO de Immoveis de Lajeado de 05/06/1894. Transcrição de Immoveis n.º 3, ano 1894. **Rural**, n.º 5 de 5 de junho de 1894. p. 1.

REGISTRO de Immoveis Lajeado de 24/09/1899. Transcrição de Immoveis n.º 3 A, ano 1898. **Anta Gorda**, n.º 842 de 24 de setembro de 1899. p. 37.

REGISTRO de Immoveis Lajeado de 30/09/1901. Transcrição de Immoveis n.º 3 A, ano 1898. **Arroio Jacaré**, n.º 1036 de 30 de setembro de 1901. p. 77.

REGISTRO de Immoveis. Transcrição de Immoveis n.º 3, ano 1894. **Quatro colônias de terras**, n.º 530 de 24 de março de 1898. p. 119.

REGISTRO de Immoveis. Transcrição de Immoveis n.º 3B, ano 1910. **Município de Lajeado, 3º distrito – Fão**, n.º 1826 de 17 de novembro de 1910, p. 64.

REGISTROS de Lotes e títulos definidos de Dona Isabel - 2º Distrito (Bento Gonçalves e linhas). **Comissão de Descrição e Terras, Medição de Lotes e Estab.lecimento de Imigrantes**. Colônia Francisco Glgeerés. Sa119, Bento Gonçalves, anos 1879-1908. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

RELEVO da bacia do rio Taquari-Antas, no Rio Grande do Sul. **Rio Taquari e seus afluentes**, [20--]. Disponível em: <http://www.aguaesolo.com/Cases/CERAN>. Acesso em 15 jan. 2020.

REPRESENTAÇÃO de uma família no porto de Gênova. [18--]. Acervo Museu del Mare, Gênova, Itália.

SCHEUERMEIER, Paul da. [**Carro de Cargas para madeiras longas**]. Il lavoro dei contadini. Milano, 1980. 1 fotografia. Acervo Museo degli usi e costumi della gente trentina, San Michele all'Adige, Trento, Itália.

SERELEPE. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo Civico di Storia Naturale, Cremona, Itália.

SERRARIAS na província de Beluno. *In*: ASSOZIAZONE BELLUNESI NEL MONDO **Tutti i mestieri del mondo**: um secolo di emigrazione bellunese. 2016. p.17.

SERRARIAS na província de Beluno. [18--]. 1 fotografia p&b. Museo M9, Mestre, Beluno, Itália.

TAMANDUÁ. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres**. Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. p. 31.

TATU. *In*: SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres**. Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. p. 41.

TEXUGO. [19--]. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

TROMBINI, Janaíne; KREUTZ, Marcos. **Espacialidades das colônias de Conventos, Encantado e Guaporé**. 2020.

TROMBINI, Janaíne; KREUTZ, Marcos. **Mapa físico da região norte a ser estudada**. [20--]. Disponível em: <http://www.italia-viagem.com/mapas/mapa-fisico.htm>. Acesso em 02 out de 2018. Adaptação.

TROMBINI, Janaíne; KREUTZ, Marcos. **Mapa relevo ao norte do rio Taquari**. 2018.

TROPAS de mulas e comércio no distrito de Nova Bréscia. s/d. 1 fotografia p&b. Acervo Museu Municipal Dolci Ricordi, Nova Bréscia, RS.

URSO. 1916. 1 escultura. Original. Exposta no Museo dele Scienze, Trento, Itália.

VELUTTIS, Francesco de. Emigrazione e colonie. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato Dell'Emigrazione. Raccolta di Rapporti dei RR. Volume III: America. Parte I: Brasile. Roma: Cooperativa Tipografica Manuzio, 1908. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 697-775. Tomo IV.

VITALONI, Gerolamo. Ministero per gli Affari Esteri di S. M. Il Re D'Italia. Alcuni Cenni statistici sulla Provincia di San Pedro do Rio Grande do Sul e sulla condizione dei coloni che vi si dirigono al invito e a spese del governo del Brasile. Volume XIII. Parte II. Roma, Fratelli Bocca, 1877. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 59-81. Tomo I.

ZATTIERE no rio Piave. [20--]. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://www.museozattieri.it/Ita/Home/index07e4.html?idCanale=11&ID=526&idRigaMenu=526>. Acesso em: 14 set. 2020.

WIKI Aves. **Jacu**. [20--]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/doku.php?id=inicio&do=search&q=jacu>. Acesso em: 30 jan. 2020.

## Bibliográficas

AGUIAR, Marcos Daniel Schmidt de; SOUZA, Osmar Tomaz de; FILIPPI, Eduardo Ernesto; BEROLDT, Leonardo. Do desenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável: os rumos da Região do Vale do Taquari no início do século XXI. **Análise**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p.84-103, jan./jun. 2009.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei T. Povoamento e desenvolvimento econômico na região

do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**, Lajeado, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVIM, Zuleica. **Brava gente**: os italianos em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANDRADE, Daniel Caixeta. Economia e meio ambiente: aspectos teóricos e metodológicos nas visões neoclássica e da economia ecológica. **Leituras de Economia Política**, n.14 p.1-31, 2008.

ANDRADE, Rodrigo; ANDRADE, Ironi Gozzi de. **Arvorezinha, minha terra! um resgate. histórico interessante**. Passo Fundo: Editora do Autor, 2006.

ASSOCIAZIONE Laboratorio Sagron Mis; COOPERATIVA di Ricerca Testo. **Tra agricultura e allevamento**: L'uso del suolo a Sagron Mis negli ultimi due secoli. 2013.

ARRUDA, Gilmar. Bacias hidrográficas, territórios, paisagens e a história ambiental. In: **Revista Porto**, Natal, v. 1, p. 11-32, 2011.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Comissão dos Assuntos Municipais**. Evolução municipal do RS 1809-1996, Porto Alegre, 2002.

AZEVEDO, Thales. **Italianos e Gaúchos**: Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio grande do Sul. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.

BALBINOT, Giovani. **Desenvolvimento econômico do município de Guaporé**: a agroindústria da banha e do couro (1892-1980). Orientador: João Carlos Tedesco. 2014. 167 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade de Passo Fundo - UPF, Passo Fundo, RS, 2014.

BALBINOT, Giovani; TEDESCO, João Carlos. A colônia Guaporé, o porto fluvial de Muçum e as companhias de navegação: nordeste do RS – 1982-1950. In: TEDESCO, João C; NEUMANN, Rosane M. (Org.). **Colonos, colônias e colonizadoras**: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015. p. 217- 245.

BALBINOT, Giovani; TEDESCO, João Carlos. **A Colônia Guaporé**: configuração territorial, política e econômica (1892-1940). Porto Alegre: EST Edições, 2020.

BARDEN, Júlia Elisabete; AHLERT, Lucildo. Fluxos migratórios e distribuição interna na evolução da economia do Vale do Taquari no período de 1930-70. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 10, n. 2, p. 7-32, 2003.

BARROS, Eliane C.; LANDO, Aldair M; Capitalismo e Colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 9-33.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada: Um modo de ver e fazer história. **Revista de História Comparada**, v. 1, n. 1, p. 1-30, 2007.

BARROS, José D'Assunção. História comparada: atualidade e origens de um campo disciplinar. **História Revista**, v.12(2). p. 279-315, 2009.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-67.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, v. 2, 1983.

BATTISTI, Cesare. **Guida di Primiero**. Trento, Monauri, 1912.

BENEDUZI, Luis Fernando. **Mal di paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu (1884-1925)**. Orientadora: Sandra Jatahy Pesavento. 2004. 324f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

BENEDUZI, Luís Fernando; VECCHI, Roberto. A exclusão não está longe daqui: a natureza como potencial operador biopolítico em algumas etapas da formação do Brasil. **Educação**, v. 33, p. 35-45, 2010.

BERGAMASCHI, Heloisa. Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **Terra e Homens: Colônias e colonos no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BERNARD, Lois. **Cose di vecchie case**. Attrezzi e ambienti di vitta della famiglia contadina. Edizioni DBS: Seren del Grappa, 2016.

BERNARD, Lois. **Piedi in erba, mani in pasta**. Attrezzi e ambienti di vitta della famiglia contadina. Edizioni DBS: Seren del Grappa, 2017.

BERNARD, Lois. **La strategia del seme**. Attrezzi e ambienti di vitta della famiglia contadina. DBS: Seren del Grappa, 2018.

BERNARDI, Aquiles. **Vita e stòria de Nanetto Pipetta**. Porto Alegre: 10º ed. Porto Alegre: EST/CR, 2009.

BEROLDT, Leonardo Alvim; GRISEL, Pierre-Nicolas; SCHMITZ, José Antônio Kroeff. Evolução e diferenciação da agricultura no Vale do Taquari: um estudo comparado de dois sistemas agrários. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 11-42.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BERTONHA, João Fábio. A imigração internacional como fator de política externa. Os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política externa da Itália, 1870-1943. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 123-164, 1999.

BEVILACQUA, Piero. **Tra natura e storia: ambiente, economie, risorse in Italia**. Roma: Donzelli, 1996.

BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. **Relações de poder coronelistas na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul durante o período borgista (1903-1928)**. Orientadora: Núncia Santoro de Costantino. 2011, 380p. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011.

BIAGIOLI, Giuliana. La Mezzadria poderale Nell'Italia centro-cettentrionale in età moderna e contemporanea (secoli XV-XX). **Rivista di storia dell'agricoltura**. V 42, n°2, 2002, p.53-101.

BLOCH, Marc. “**Comparasion**”. In. Revue de Synthese Historique, 1928, p. 31-39.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: **História e historiadores**: textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. São Paulo, Brasílioise, 1981.

BONAN, Giacomo. Temi e problemi di storia forestale nella montagna veneta dell'Ottocento. **ATENE VENE TO**, 2018, 17, p. 127 – 143.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, **Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BONFADINI, Giovanni; CALTAGIRONO, Fabrizio; SORDI, Italo. Paul Scheuermeier: La Lombardia dei Contadini 1920-1932: **Lombardia orientale, le province di Brescia e Bergamo**. V. I. Grafo edizione:2001.

BONFADINI, Giovanni; CALTAGIRONO, Fabrizio; SORDI, Italo. Paul Scheuermeier: La Lombardia dei Contadini 1920-1932: **Lombardia orientale, le province di Cremona e Mantova**. V II. Grafo edizione:2002.

BONOLDI, Andrea. **La risorsa mutevole**. L'Adige nell'economia della regione trentino-tirolese. In: Il fiume, le terre, l'immaginario : l'Adige come fenomeno storiografico complesso', Rovereto, Accademia Roveretana degli Agiati, Osiride: 219-250, 2016.

BOZZETTO JUNIOR, André. **Ilópolis**: Origens e raízes. Lajeado (RS): Grafocem, 2004.

BRANDMAYR, Pietro. Ambiente e fauna nel paesaggio italiano. In: MINELLI, Alessandro et al. **La fauna in Italia**. Touring Club Italiano. Milano e Ministero dell'Ambiente e della Tutela del Territorio. Roma: 2002, p. 30-45.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II**. v 1. São Paulo: EDUSP, 2016.

BUBLITZ, Juliana. **Forasteiros na floresta subtropical**: uma história ambiental da

colonização européia no Rio Grande do Sul. Orientador: José Augusto Pádua. 2010. 203f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

BUBLITZ, Juliana; CORREA, Silvio. **Terra de Promissão: Uma introdução à eco-história da colonização européia no Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul, Edunisc; Passo Fundo, UPF, 2006.

BUBLITZ, Juliana. A Eco-História da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. **Revista Méti**s, EDUCS, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 179 – 200, 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem.** Bauru: EDUSC. 2004.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1-2, p. 141-155, abr./out. 2007.

CABRAL, Diogo de Carvalho; CESCO, Susana. Notas para uma história da exploração madeireira na mata atlântica do sul-sudeste. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 33-48, 2008.

CABRAL, Diogo Carvalho de. **O ‘bosque de madeiras’ e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX).** Orientadora: Gisela Aquino Pires do Rio. 2012. 246f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

CABRAL, Diogo de Carvalho. No mutirão da vida: pensando como um historiador ambiental. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v.31, p.139-154, 2014.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. A História Comparada e suas vertentes: uma revisão historiográfica. **História Rio Grande**, vol. 2, n. 3, p. 187-195, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia** (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375-400.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História.** Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. cap. 18, p. 401-417.

CAREGLIO, Valter; ELLENA, Lilliana. **Pietro Osella: Un contadino nella grande guerra Diario (1916-1920).** Frossasco: L'Altromodo, 1995.

CARPI, Leone. **Dell'emigrazione italiana all'estero nei suoi rapporti: coll'agricoltura, coll'industria e col commercio.** Florence: [s. n.], 1871.

CASTOLDI, Ana Paula. **Imigrantes italianos e seus descendentes nas Microrregiões Norte e Leste do Vale do Taquari/RS e suas relações com a História Ambiental.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari

- Univates, Lajeado, RS, 2016.

CELETTI, David. **Il bosco nelle provincie venete dall'Unità ad oggi**: struttura e dinamiche economiche in età contemporanea. Padova: Libreria Editrice Università di Padova, 2008.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 4. ed. Lajeado: Univates, 2020.

CHEMINI, Claudio; TAGLIANTI, Augusto Vigna. Gli animali delle alte quote. *In*: MINELLI, Alessandro *et al.* **La fauna in Italia**. Touring Club Italiano. Roma: Milano e Ministero dell'Ambiente e della Tutela del Territorio, 2002. p. 46-73.

CIUFFOLETTI, Zeffiro; NANNI, Paolo. Le origini della «dieta mediterranea» e la tradizione alimentare contadina. *In*: CIANFERONI, Reginaldo; CIUFFOLETTI, Zeffiro; ROMBAI, Leonardo. **Storia dell'agricoltura italiana**: III, L'età contemporanea, 1, Dalle «rivoluzioni agronomiche» alla trasformazioni del Novecento. Firenze: PolistampaAccademia dei Georgofili, 2002. p. 463-480.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **O outro lado do meio ambiente**: uma incursão humanista na questão ambiental. Campinas, SP: Millennium, 2002.

CONSIGLIO Provinciale del Land Tirolo. Disponível em:  
<http://www.europaregion.info/it/tiroler-landtag.asp>. Acesso em: 7 ago. 2020.

COPPINI, Romano Paolo. L'Inchiesta Jacini. *In*: I GEORGOFILI. **Le inchieste agrarie in età liberale**. Firenze: Polistampa, 2017. p. 41-59.

COSTA, Rovílio et al. **Antropologia visual da imigração italiana**. Porto Alegre: EST, 1976.

COSTA, Rovílio; BORGES, Stella; GARDELLIN, Mário, BORTOLAZZO, Paulo. **Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1997.

COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/Funarte, 1995.

CONSIGLIO REGIONALE DEL VENETO E CAMERA DI COMMERCIO ITALIANA RIO GRANDE DO SUL – BRASIL. **Ditte di oriundi italiani nel Rio Grande do Sul**. 2003.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianos, maragatos e pica-paus. *In*: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1996. v. 3. p. 225-236.

CORRÊA, Marcelo Armellini. **Dos Alpes do Tirol à Serra Gaúcha**: a questão da identidade dos imigrantes trentinos no Rio Grande do Sul (1875 – 1918). São Leopoldo, RS: OIKOS, 2018.

COTTINI Michela; ROTTOLI Mauro. I carboni di legna e le piante coltivate. *In*: VISENTINI, Paolo. Bannia-Palazzine di Sopra. Una comunità preistorica del V millennio a.C. **Quaderni del Museo Archeologico del Friuli occidentale**. Perdenone: [s. n.], 2005, p. 129-145.

COUTINHO, Leopoldo Magno. **Biomias Brasileiros**. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2016.

COVA, Alberto. La vita agricola dei dipartimenti lombardi nell'inchiesta Scopoli sui costumi, le tradizioni, le tecniche agrarie e i dialetti delle popolazioni del Regno Italico. **Annuario del Centro Studi CISL**, n. 2, p. 207-219, 1964.

CRISTO, Tuani de. **História ambiental envolvendo indígenas Guarani e Jesuítas nas reduções da Província do Tape, século XVII**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2018.

CHRISTILLINO, Cristiano. Uma riqueza nas matas meridionais: a extração da erva-mate no século XIX na província do Rio Grande do Sul. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 149-168, 2015.

CRISTÓFOLI, Itacir. **Histórico de Nova Bréscia**. Nova Bréscia: Prefeitura Municipal de Nova Bréscia, 1993.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900**. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2008.

DE BONI, Luis Antônio; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, Editora Vozes Ltda, 1982.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIEDRICH, Melissa Heberle. **Topônimos e História Ambiental no Rio Grande do Sul**. 2019. 385 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2020.

DOLOMITI BELLUNESI. Disponível em: <http://www.dolomitipark.it/index.php>. Acesso em: 24 jul. 2020.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUCATTI NETO, Antonio. **A vida nas colônias italianas**. Porto Alegre: Grafosul, 1979.

ESPINDOLA, Haruf. Salmen. Sociedade, natureza e território: contribuição para a história ambiental. *In*: NODARI, Eunice. Sueli.; KLUG, João (Orgs.). **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2012.

ECKHARDT, Rafael Rodrigo.; REMPEL, Claudete; SALDANHA, Dejanira Luderitz; GUERRA, Teresina; PORTO, Maria Luiza. Análise e diagnóstico ambiental do Vale do Taquari – RS – Brasil, utilizando sensoriamento remoto e técnicas de geoprocessamento. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2007.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. Música e guerra: impactos da Primeira Guerra Mundial no cenário musical carioca. **Revista Brasileira De História**, v. 37, p. 23-44, 2017.

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lendo Memórias: 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional**. Lajeado: Ed. da Univates, 2009.

FARIAS, Claudio Vinicius Silva. A indústria vitivinícola e o desenvolvimento regional no RS: uma abordagem neoinstitucionalista da imigração italiana aos dias atuais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR)**, v. 5, n. 2, p.64-93, 2009.

FAROLFI, Bernardino; FORNASARI, Massimo. **Agricoltura e sviluppo economico: il caso italiano (secoli XVIII-XX)**. Bologna: Dipartimento di Scienze economiche DSE, 2011.

FÁVARO, Cleci Eulália. Os “italianos”: entre a realidade e o discurso. *In*: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, v. 2 – Império, 2006. p. 301-319.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. **Corede**. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

FERRI, Gil Karlos. A micro-história do imigrante Giuseppe Luigi Ferri e a sua interação com o meio ambiente italiano e brasileiro (1881 – 1969) *In*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES, 4., 2015, Florianópolis. **Anais...** Santa Catarina: 2016. p. 55-73.

FERRI, Gil Karlos; RADIN, José Carlos. Notas sobre a história ambiental e sua trajetória na Itália. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 30, p. 116-128, 2018.

FERRI, Gino. **Encantado Centenário**. Encantado, RS: BT Indústria Gráfica Ltda, 2015.

FERRI, Gino. **Encantado: sua história sua gente**. Encantado: Editora B.G.LTDA, 1985.

FERRI, Gino. **Gemellaggio: Valdástico – Encantado**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1991.

FERRI, Gino. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado, RS: Grafen, 1996.

FERRI, Gino. **Muçum: princesa das pontes**. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Muçum, 1988.

FERRI, Gino; TOGNI, Ana Cecília. **A história da Bacia Hidrográfica Taquari- Antas**. Lajeado: Ed. da Univates, 2012.

FOX, Elio; SARDI, Luigi. **Il Trentino e L'Italia 1861-2011: 150 Anni fra Cronaca e Storia**. Trento: Tipolitografia TemiTrento, 2011.

FRANZINA, E. **A Grande Emigração**. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Unicamp, 2006.

FREITAS, Inês Aguiar. História ambiental e geografia: natureza e cultura em interconexão. **Geo UERJ**, v. 2, n. 17, p. 20-33, 2007.

FREITAS JÚNIOR, Augusto Teixeira. **Terras e colonização**: anotados e editados por TFJ Rio de Janeiro: Garnier, 1882.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de Formação e Evolução de uma Comunidade Ítalo-Brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FRUCI, Gian Luca. L'apoteosi del Risorgimento di massa: i plebisciti di annessione (1848-1870). In: BOLZON, Irene. **I centocinquant'anni dello Stato Unitario Italiano**. Editrice Universitaria Udinese: 2011, p. 31-44.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

GAL PREALPI E DOLOMITI. **Uno sguardo alle tradizioni rurali del Feltrino e della Val Belluna**. Il melo, il castagno, il noce, la vite. Santa Giustina, BL: Dolomiti Stampa, 2008.

GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da erva-mate**. 2013. 290 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.

GERHARDT, Marcos. **Imagens, natureza e colonização no Sul do Brasil**. In: ARRUDA, Gilmar (Org.). *Natureza, fronteiras e territórios: imagens e narrativas*. Londrina: Eduel, 2005.

GERHARDT, Marcos. História ambiental, colonização e genealogia. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 124-140, jan./jun. 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Airto Francisco. **Relvado: 100 anos depois...** Relvado: Grafen, 2004.

GOMES, Vanderlisa Ferreira. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2008.

GOOCH, John. **A unificação da Itália**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1991.

GRECO, Simona. **Una foresta di carte**. [S. l.]: [s. n.], 2012.

GREGORY, Júlia Leite. **Terra, fortuna e família: a atuação de Antonio Fialho de Vargas no mercado da terra (Segunda metade do século XIX)**. 2019. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2019.

GROSSELLI, Renzo. **Dove cresce l'araucaria dal primiero a novo Tyrol: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane**. Parte III. Paraná: Litografia EFFE e ERRE, 1989.

GROSSELLI, Renzo Maria. Trentamila Tirolesi in Brasile: storia, cultura, cooperazione allo sviluppo. *In*: GROSSELLI, Renzo Maria (a cura di). **Atti del convegno: Trentamila Tirolesi in Brasile** – Storia, cultura, cooperazione allo sviluppo. Trento, 2-3 febbraio 2001. Trento: Regione Trentino-Alto Adige/Südtirol, 2005, p. 29-58.

HAESBERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**, Caxias do Sul, n. 3, p. 1-24, jan./jun. 2010.

HERÉDIA, Vania. A historiografia da emigração italiana no Rio Grande do Sul: os boletins do ministério do ministério de relações internacionais do Reino da Itália. *In*: RUGGIERO, Antonio de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti, BERAUSSE, Alberto (Orgs.). **História e Narrativas transculturais entre Europa Mediterrânea e América Latina**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS, 2017. p. 14-40.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Contexto histórico da Itália antes da unificação. *In*: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza; POZENATO, José Clemente. (Orgs.). **Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes, 25 anos do ECIRS**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p. 299-304.

HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; PAVIANI, Neires M. S. **Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil**. Porto Alegre: EST, 2003.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo. **Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2016.

HESSEL, Lothar Francisco. **Município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria.html>. Acesso em: 18 ago. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. (Manuais técnicos em Geociências n. 1).

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, vista através dos relatórios consulares**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

IOTTI, Luiza Horn (Org.). **Imigração e colonização: legislação de 1747-1915**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS; Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

INVERNIZZI, Marina. **Kaingang em territórios da bacia hidrográfica do Taquari-Antas e Caí, Rio Grande do Sul: relações socioculturais e ambientais**. 2016.144 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2016.

KARAM, Elaine Maria Consoli. **Raízes da Colonização: em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados**. Porto Alegre: CORAG, 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2008.

LABORATÓRIO DE IMIGRAÇÃO, MIGRAÇÃO E HISTÓRIA AMBIENTAL - LABIMHA. Disponível em: <https://labimha.ufsc.br/>. Acesso em: 10 out. 2020.

LA SALVIA, Flávia; HANDSCHUCH, Nilbiamater S. B. Processo de colonização no Rio Grande do Sul. **Revista da Secretaria da Agricultura**, Porto Alegre, n. 17, 1974.

LAZZARINI, Antonio. Amministrazione statale e boschi pubblici della montagna veneta nel primo ottocento. **Archivio veneto**, Belluno, serie V, CXXX, (CLII), p. 45-85, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LIMA, Mário de Almeida; BERTASSO, Henrique D'ávila Bertaso. **Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1950.

LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS,

Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 165-184.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 6. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2014.

LORUSSO, Daniele. Coltura della vite, produzione e commercio del vino in Valtellina (secoli XIX-XX). **Territoires du vin**, 2014. Disponível em: <https://preo.u-bourgogne.fr/territoiresduvin/index.php?id=827>. Acesso em 14 ago. 2020.

MAESTRI, Mário. **Os senhores da Serra**: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: UPF, 2000.

MAGNO, Alessandro Marzo. **Piave**: cronache di un fiume sacro. Saggiatore: 2010.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MANTOVANI, Sandra. La cultura della cascina cremasca: le sorelle Bettinelli. *In*: BERTOLOTTI, Guido; SILVANA, Roberto Leydi. **Mondo popolare in lombardia 7**: Cremona e il suo territorio. Milano: Editoriali, 1979. p. 25-195.

MARCHI, Paolo de. **Il Veneto tra Risorgimento e unificazione Partecipazione volontaria (1848-1866) e rappresentanza parlamentare**: deputati e senatori veneti (1866-1900). Cierre Edizioni: Consiglio Regionale del Veneto, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARMOCCHI, Francesco Costantino. **Descrizione dell'Italia**. Firenze: Poligrafia Italiana, 1846.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental: um olhar prospectivo. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 24, n. 1, p. 23-35, jan./jun. 2011.

MARONGIU, Gianni. La tassa sul macinato: un nome vecchio per un'imposta nuova. **Rivista di Storia dell'Agricoltura** - v. XLIX, n. 2, p. 25-98, 2009.

MORANDINI, Matteo. **"Il voto universale"**: Il plebiscito del 1866 a Padova. Padova: Università di Padova, 2012.

NAFZIGER, E. Wayne. **Economic Development**. 4. ed. New York: Cambridge University Press: New York, 2006.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

NICOLINI, Melissa. Bosques e territórios na Lombardia do Oitocentos. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 12, n. 13, p. 97-106, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 12, 1993.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre migração**: direito internacional sobre migração. Genebra, n. 22, 2009.

PACHECO, M. F. de Souza Docca. Colonização no Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 1, p. 6-16, jul./ago. 1955.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, [S.l.], v. 68, n. 24, p. 81-101, 2010.

PÁDUA, José Augusto. A Mata Atlântica e a Floresta Amazônica na construção do território brasileiro: estabelecendo um marco de análise. **Revista de História Regional**, v. 20, n. 2, p. 232-251, 2015.

PAOLONI, Giovanni; RICCI, Stefania. **L'archivio della Giunta per l'Inchiesta agraria e sulle condizioni della classe agricola in Italia (Inchiesta Jacini) - 1877-1885 Inventario**. Stampa Fratelli Palombi. Roma: 1998.

PARÓQUIA SÃO CAETANO. **Jubilei de outro da paróquia São Caetano de Dr. Ricardo**. Doutor Ricardo: [s. n.], 1989.

PAZZAGLI, Carlo. Colture, lavori, tecniche, rendimenti. *In*: CIANFERONI, Reginaldo; CIUFFOLETTI, Zefiro; ROMBAI, Leonardo. **Storia dell'agricoltura italiana**, III, L'età contemporanea, 1, Dalle «rivoluzioni agronomiche» alla trasformazioni del Novecento. Firenze: PolistampaAccademia dei Georgofili, 2002. p. 53-94.

PAZZAGLI, Rossano. **Agricoltura e paesaggio**: l'agricoltura costruttore e custode del território. Campobasso: Editora di Molise, 2015.

PERCO, Daniela. Antonio Maresio Bazolle. **Il possidente Bellunese**. Centro per la Documentazione della Cultura Popolare, Feltre: 1986. v. 1.

PERCO, Daniela. Antonio Maresio Bazolle. **Il possidente Bellunese**. Centro per la Documentazione della Cultura Popolare, Feltre: 1987. v. 2.

PESAVENTO, Sandra. RS: **Agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PIGNAT, Romeo. **Tutti i mestieri del mondo**: un secolo di emigrazione Bellunese. Belluno: Bellunesi nel mondo edizione, 2016.

PINSETTA, Ana Paula. **Os limites do Vale do Taquari**: o antigo porto de Muçum. 2010. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2010.

PIRES, Karen Daniela. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS** – final do século XIX. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2016.

PIRES, Paulo de Tarso de Lara; LOPER, Ailson Augusto; MENDES, Carlos José; PETERS, Edson Luiz; MAIA, Gabriela Nicolau; ABREU, Lucas Moura de. **Dicionário de termos florestais**. Curitiba: FUPEF, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POSSAMAI, Paulo César. O processo de construção da identidade ítalo sul-riograndense (1875-1918). **Revista Unisinos**, v. 11, n. 1, p. 49-57, 2007.

POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

REDE BRASILEIRA DE HISTÓRIA AMBIENTAL - RBHA. Disponível em: <http://www.historiaambiental.org>. Acesso em: 19 out. 2020.

RECH, Gelson Leonardo. Educação e italianidade: a opção pelas congregações religiosas italianas. **Conjectura: Filos. Educ.**, v. 23, p. 157-180, 2018.

RECH, Tamara; RECH, Marco. **Scrivere per non dimenticare**. L'emigrazione di fine 800 nelle lettere della famiglia Rech Checonét. Feltre: Libreria Pilotto Editrice, 1996.

RELLY, Eduardo. **Floresta, capital social e comunidade**: imigração e as picadas teuto-brasileiras (1870-1920). 183 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2013.

RELLY, Eduardo. **Wald e Urwald**: transferências agrícolas e florestais entre Brasil e Alemanha através da emigração (1849-1880). 2019. 331 f. Tese (Doutorado em História) - Freie Universität Berlin, Alemanha, 2019.

RIO GRANDE DO SUL. **Ato Estadual n.º 06, de 5 de janeiro de 1892**. Encantado, 2º distrito de Lajeado.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araújo; MENDES, Vera Lúcia Peixoto Santos. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discursos**

**Fotográficos**, v. 12, n. 20, p. 98-120, 2016.

RIZZON, Luiz Antenor; MIELE, Alberto; MENEGUZZO, Júlio. Avaliação da uva cv. Isabel para a elaboração de vinho tinto. **Ciência Tecnológica Alimentícia**, v. 20, n. 1, p. 115-121, 2000.

ROCHA, Olavo Acyr de Lima. Atividade agrária. Conceito clássico. Conceito moderno de Antonio Carrozza. **Revista Da Faculdade De Direito**, n. 94, p. 35-43, 1999.

ROGARI, Sandro. Agricoltura e contratti agrari nell'Italia liberale. *In*: I GEORGOFILI. **Le inchieste agrarie in età liberale**. Firenze: Accademia dei Georgofili, 2017. p. 11-24.

RUFFO, Sandro; TAGLIANTI, Augusto Vigna. Generalità sulla fauna italiana. *In*: MINELLI, Alessandro et al. **La fauna in Italia**. Touring Club Italiano. Milano e Ministero dell'Ambiente e della Tutela del Territorio. Roma: Touring Club Italiano, 2002. p. 24-30.

SALONON, Marlon. **O saber do espaço**: ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2002.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. O país da cocanha: emigração italiana e imaginário. *In*: GROSSELLI, Renzo Maria (a cura di). **Atti del convegno: Trentamila Tirolesi in Brasile – Storia, cultura, cooperazione allo sviluppo**. Trento: Regione Trentino-Alto Adige/Südtirol, 2005. p. 149-162.

SANTOS, Ana Maria Smith. **História oral e etnografia**: convergências e contribuições em uma pesquisa sobre o Outro e suas demandas de políticas públicas em Breves-PA. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2016, Porto Alegre-RS. **Anais**. Do encontro Nacional de História Oral. Porto Alegre, 2016.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, João Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, n. 1, p. 1-14, jul. 2009. Disponível em: [http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf). Acesso em: 25 jul. 2017.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

SENO, Annamaria Bagatella. **Lana e canapa nei documenti uf! ciali e nelle testimonianze storiche, in Canapa e lana**. *In*: PERCO, Daniela. Tecniche tradizionali di produzione e lavorazione nel Feltrino. Feltre: [s. n.], 1981.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **Geusp**, São Paulo, v. 33, p. 168-185, 2013.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e Identidade étnica. **Revista de Antropologia**, v. 29, p. 57-71, 1986. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111143> Acesso em: 14 ago. 2017.

SCHIERHOLT, Jose Alfredo. **Estrela: ontem e hoje**. 2. ed. Lajeado: Prefeitura Municipal, 2002.

SCHNEIDER, Fernanda. **Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação guarani na bacia do Taquari-antas, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2019. 385 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2019.

SCHNEIDER, S.; SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SILVA, Flávio. **Mamíferos Silvestres - Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994.

STOCH, Fabio; GENOVESI, Piero. **Manuali per il monitoraggio di specie e habitat di interesse comunitario in Italia** (Direttiva 92/43/CEE): specie animale. ISPRA, Serie Manuali e linee guida 141/2016. Italia: Ministero dell'ambiente, 2016.

TEDESCO, João Carlos. **Colonos, carreteiros e comerciantes: a região do Alto Taquari no início do século XX**. Porto Alegre: EST, 2000.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. 2 ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

TONET, Charles. **Vale do Taquari: história e personagens**. Caxias do Sul. RS: Kallós Editora Multimídia, 2019.

TOSCHI, Augusto. **Fauna d'Italia. Mammalia** (Lagomorpha, Rodentia, Carnivora, Ungulata, Cetacea). Bologna: Editrice Calderini, 1964.

THOMÉ, Lauro Nelson Fornari. **O município de Encantado através do tempo**. Encantado: [s. n.], 1967.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988. p. 77-98.

TROMBINI, Janaíne. **Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e elementos culturais**. 2016. 229 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2016.

TROMBINI, Janaíne; LAROQUE, Luís Fernando da Silva; CASTOLDI, Ana Paula. As companhias colonizadoras no processo da imigração italiana em territorialidades do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Pernambuco, n. 35, p. 178-200, 2017.

VALENTE, Laura. **L'archivio dell'imperial regia Delegazione provinciale austriaca di Vicenza**. Inventario analitico anni 1820-1867. Relatore: Andrea Desolei. Correlatore: Dorit

Raines. Laurea (Corso di Laurea magistrale in Storia e gestione del patrimonio archivistico e biblioteconomico). Venezia: Università Ca'Foscari, 2017.

VEDOY, Moisés Ilair Blum. **Contatos interétnicos: sesmeiros, fazendeiros, imigrantes alemães e indígenas Kaingang em territórios das bacias hidrográficas do Taquari-Antas e Caí**. 2015. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2015.

VENDRAME, Maíra Inês. “Com tinta do meu sangue”: redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano”. In: BENEDUZZI, Fernando; DADALTO, Maria Cristina.

**Mobilidade humana e circularidade de ideia: diálogos entre América Latina e Europa**. Venezia: Edizioni Ca'Foscari – Digital Publishig, 2017a, p. 67-78.

VENDRAME, Maíra Inês. Em busca da República de Deus: revoltas camponesas e agentes de emigração no norte italiano (século XIX). **Revista Tempo**, v. 23, n. 1, p. 23-42, jan./abr. 2017b.

VENDRAME, Maíra Inês. O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**, v. 10, n. 20, p. 263-286, jul./dez. 2018.

VENDRAME, Maíra Inês. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas culturais de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)**. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH, 2016.

VENDRAME, Maíra Ines; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Imigrantes italianos no Brasil meridional: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 128-149, 2014.

VILLA, Deliso. **Storia dimenticata**. Porto Alegre: Sagra DC Luzatto, 1993.

VISCONTI, Agnese. **La pianura Padana irrigua: storia e prospettive, terra, acqua, lavoro**. Italia: Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani e Italia Nostra, 2016.

VOLPI, Alessandro. La circolazioni dei prodotti. In: CIANFERONI, Reginaldo; CIUFFOLETTI, Zefiro; ROMBAI, Leonardo. **Storia dell'agricoltura italiana**, III, L'età contemporanea, 1, Dalle «rivoluzioni agronomiche» alla trasformazioni del Novecento. Firenze: Polistampa Accademia dei Georgofili, 2002, p. 285-332.

ZANINI, Maria Catarina. Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (Brasil). **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 3, p. 140-163, jul. 2009. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/743>. Acesso em: 3 jan. 2021.

ZARTH, Paulo Afonso. Agricultura e impactos ambientais. In: NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João (Org.). **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 54-76.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

ZARTH, Paulo Afonso. **História Agrária do Planalto gaúcho**. 1850-1920. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1997.

ZAT, Olímpio. **Memórias da família Zat/Zatt**. Ilópolis, RS: [s. n.], 2016.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, p. 157-170, 2009.

WOLF, Sidnei. **Arqueologia Jê no Alto Forqueta e Guaporé/RS: um novo cenário para um antigo contexto**. 2016. 353 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2016.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 - Roteiro de questões semi estruturadas

- 1) Há quantas gerações a família trabalha com a agricultura e/ou pecuária?
- 2) As terras ocupadas e utilizadas atualmente são propriedade da família há quanto tempo?
- 3) Em relação às práticas que vocês utilizam hoje, elas foram passadas pelos familiares ou foram adquiridas com outras pessoas?
- 4) Como eram as práticas realizadas no campo? E hoje como são?
- 5) A família ainda permanece com as mesmas atividades? Como são essas atividades (manejo do solo, utilização de máquinas, agrotóxicos, destino dos dejetos...)?
- 6) Que tipos de árvores e animais existiam no passado? E hoje como é? Quais continuam?
- 7) Vocês se lembram dos tempos de infância, como era para ir na escola, como era o comércio, as relações entre os vizinhos e a comunidade?
- 8) Como era o comércio? Como é hoje?
- 9) Quais as principais mudanças que ocorreram na agropecuária e no meio ambiente? No local as famílias falam um dialeto específico ou gramatical?
- 10) Quanto as comidas típicas, quais eram e continuam?
- 11) Na sua opinião, o que se pode fazer para resolver os problemas ambientais?
- 12) Tem alguma história marcante que queiram dividir?

## APÊNDICE 2 - Domande semi-strutturati della

- 1) Da quante generazioni la famiglia lavora con l'agricoltura oppure con l'allevamento di bestiame?
- 2) Il terreno occupato e attualmente utilizzato è di proprietà della famiglia da quanto tempo?
- 3) Per quanto riguarda le pratiche che usate oggi, sono state trasmesse dai familiari o sono state acquisite da altre persone?
- 4) Come erano eseguite le pratiche sul campo? Ed oggi come sono?
- 5) La famiglia svolge ancora le stesse attività? In che modo queste attività (gestione del suolo, utilizzo di macchine, pesticidi, smaltimento dei rifiuti ...)?
- 6) Quali tipi di alberi e animali esistevano in passato? Ed oggi com'è? Quali ci sono ancora ?
- 7) Vi ricordate dei tempi dell'infanzia, cos'era per voi andare a scuola, com'era il commercio, i rapporti tra i vicini e la comunità?
- 8) Com'era il commercio? Com'è oggi?
- 9) Quali sono stati i principali cambiamenti avvenuti nell'agricoltura e nell'ambiente? Le famiglie locali parlano un dialetto specifico o l'italiano grammaticale?
- 10) Per quanto riguarda i cibi tipici, quali erano e quali ci sono tuttora?
- 11) Secondo te, cosa si può fare per risolvere i problemi ambientali?
- 12) Avete qualche storia interessante che vorreste condividere?

### APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu,....., aceito participar com fornecimento de informações para o Projeto de Pesquisa “**Identidades Étnicas em espaços territoriais da bacia Taquari-Antas/RS: História, Movimentações e Desdobramentos Socioambientais**”, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES coordenado pelo Professor Luís Fernando da Silva Laroque, tendo como pesquisador a professora Margarita Rosa Gaviria Mejía e pesquisadores voluntários os professores Fernanda Pinheiro Brod e Tiago Weizenmann e Neli Teresinha Galarce Machado, como bolsistas acadêmicos Jéferson Schaffer, Natalia Sarmento e Maurel Neimar Schlosser e como voluntária a doutoranda Janaíne Trombini, cujo objetivo geral é analisar ocupações, dinâmicas de movimentações e desdobramentos socioambientais envolvendo identidades indígenas, de europeus e seus descendentes, americanas e africanas localizadas em territórios da Bacia-hidrográfica do Taquari-Antas e adjacências no decorrer do processo histórico.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro como entrevistado(a) a concordância em participar desta pesquisa e de uma possível continuidade da mesma, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita à propriedade, previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico e fílmico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me a participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Nome do entrevistado(a)

---

Assinatura do entrevistado(a)

---

Nome do entrevistador  
Telefone:

---

Assinatura do entrevistador

APÊNDICE 4 - CONSENSO GRATUITO CHIUSO (TCLE)

Io, ....., sono d'accordo a partecipare e fornire delle informazioni al progetto di ricercare "**Identità etniche in spazi territoriali del bacino Taquari-Antas / RS: Storia, movimentazioni e sdoppiamenti socio ambientali**", dell'Università della Vale do Taquari - UNIVATES coordinato dal professor Luis Fernando da Silva Laroque, e come ricercatore la Prof.ssa Margarita Rosa Gaviria Mejía e volontari ricercatori i docenti Fernanda Pinheiro Brod, Tiago Weizenmann e Neli Teresinha Galarce Machado e come colleghi accademici Jéferson Schaffer, Natalia Sarmento, Maurel Neimar Schlosser e come volontaria la dottorata Janaíne Trombini, il cui obiettivo generale è quello di analizzare le occupazioni, i movimenti dinamici e gli sviluppi ambientali che coinvolgono le identità degli indios, europei e dei loro discendenti, americani ed africani situati nel territorio del bacino dei fiumi Taquari-Antas e dintorni del processo storico.

Con questo termine di consenso dichiaro come convenuto all'accordo di partecipare di quest'indagine e una possibile continuazione di essa, dopo essere informato chiaramente e in dettaglio degli scopi e giustificazione del progetto, e delle procedure relative alla dichiarazione dei dati. La partecipazione avverrà attraverso le informazioni che verranno fornite al momento della visita alla proprietà, in precedenza prevista, attraverso interviste registrate e documentazione fotografica e filmica.

Sono consapevole che l'unico disagio possibile è la disponibilità di tempo per effettuare la raccolta dei dati e posso richiedere chiarimenti prima e durante il corso della ricerca, avendo la libertà di rifiutare di partecipare o di ritirare il mio consenso in qualsiasi momento.

La mia partecipazione è fatta da un atto volontario, il che mi rende consapevole che la ricerca non mi porterà alcun sostegno finanziario, danno o spesa e che le informazioni contenute nelle interviste ed i risultati dello studio possono essere utilizzati per la pubblicazione, la diffusione eventi e riviste scientifiche, avendo la garanzia di sigillo che assicuri la massima privacy.

Questo consenso verrà firmato in duplice copia, di cui una resterà con il (la) intervistato(a) e l'altra con i ricercatori.

Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

---

Nome dell'intervistato(a)

---

Firma dell'intervistato(a)

---

Nome dell'intervistatore  
telefono:

---

Firma dell'intervistatore



**UNIVATES**

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil  
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000  
[www.univates.br](http://www.univates.br) | 0800 7 07 08 09